

DA AUTORA BESTSELLER DE A GUARDA-COSTAS

KATHERINE CENTER

FELICIDADE PARA PRINCIPIANTES

Singular

A vibrant, stylized illustration at the bottom of the cover. It features a large red flower with yellow petals on the left, a smaller pink flower with a blue center in the middle, and a range of purple mountains on the right. The background is a solid orange color.

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.com

DA AUTORA BESTSELLER DE A GUARDA-COSTAS

KATHERINE CENTER

FELICIDADE PARA PRINCIPIANTES

Singular

A vibrant, stylized illustration at the bottom of the cover. It features a large red flower with yellow petals on the left, a smaller pink flower with a blue center in the middle, and a blue flower with a yellow center on the right. In the background, there are purple mountains and green leaves.



© Skylar Reeves

Katherine Center nasceu em 1972 em Houston, no Texas, onde ainda hoje vive com o marido e os filhos.

Autora de várias comédias românticas com um toque agridoce, já foi por isso considerada sucessora de Jane Austen e Nora Ephron, tendo figurado nas tabelas de bestsellers do *The New York Times*.

Após o sucesso assinalável de *A Guarda-Costas*, chega agora ao catálogo da Porto Editora *Felicidade para Principiantes*, adaptado pela Netflix em 2023.

Felicidade para Principiantes

Katherine Center

Publicado em Portugal por

Singular®

Divisão Editorial Literária – Lisboa

Email: info@singulareditora.pt

Título original:

Happiness for Beginners

© 2015, Katherine Center

Publicado por acordo com St. Martin's Publishing Group, em parceria com
International

Editors & Yañez'Co. Barcelona

Tradução: Elga Fontes

Design da capa: © Olga Grlic

Imagens da capa: Stock.Adobe.com; Shutterstock.com

1.^a edição em papel: março de 2024

Rua da Restauração, 365

4099-023 Porto

Portugal

www.portoeditora.pt

ISBN 978-989-789-044-4

Para o meu marido, Gordon, no nosso vigésimo ano juntos.

Obrigada por seres tão bom a amar.

Capítulo 1

Se quiserem arruinar-me o dia, façam-me ir a uma festa onde não conheço ninguém. E se desejarem ser especialmente cruéis, encham o lugar de universitários bêbedos, certificando-se de que metade deles consegue entornar uma bebida em cima de mim. Não me avisem da festa, para eu aparecer de fato de treino e totós. E, já agora, com uma transportadora de gato cor-de-rosa debaixo do braço. Com uma mini cão-salsicha rezingona lá dentro.

Pensando melhor, não o façam. Porque aí seriam o meu irmão Duncan. E acreditem: não querem ser o Duncan.

Eis o que ele fez desta vez. Disse que ficava com a minha cadela, a *Pickle*, enquanto eu estivesse três semanas fora. Avisei-o de que ela adorava morder tornozelos e que não era lá grande fã de humanos. Ou de cães. Ou de seres vivos no geral. Ainda assim, o Duncan assegurou-me que o queria fazer com tanta convicção que, mesmo conhecendo-o há anos, acabei por concordar. Garantiu-me que cuidaria dela o tempo todo em que eu estivesse ausente. Até brincou, dizendo que ia acender uma vela com cheiro a carne para que ela se sentisse em casa.

Acordámos que eu deixaria a *Pickle* na noite anterior à minha partida, mas, quando chegou a hora, o Duncan simplesmente esqueceu-se do plano como se este nunca tivesse existido. Em vez disso, decidiu organizar uma «pequena confraternização entre bons amigos» com o colega de casa, o Jake, a servir de *barman*. O Jake, por sua vez, inventou uma bebida chamada «Lambada» misturada com aguardente caseira que, segundo ele, garantia uma noite de sexo a quem quer que lhe pegasse.

De repente, havia cem pessoas amontoadas num apartamento do tamanho de um frigorífico. E eu era uma delas.

O pior nem era o facto de o Duncan fazer sempre este tipo de coisas. Era eu continuar a cair na esparrela. E, agora, o meu animal de estimação emocionalmente perturbado tinha de sofrer com isso.

Como sempre nestes momentos, não havia sinal do Duncan.

Abri caminho até ao quarto dele, que estava vazio. Não vazio de *boxers* sujos no chão, ou de caixas de comida chinesa de há três semanas, ou de pósteres com raparigas em biquíni – apenas vazio do Duncan. No canto, a poltrona que ele resgatara do lixo albergava uma pilha de roupa suja mais alta do que eu. Um novelo de luzes do Natal de há seis meses estava pendurado num prego deprimente, a piscar como se estivéssemos em Las Vegas.

Abri caminho até à cama por fazer, pousei a transportadora da *Pickle* e olhei para ela. O lábio superior preso nos dentes, as orelhas caídas, os olhos a faiscar de traição.

– Não queres mesmo ficar aqui, pois não? – perguntei-lhe.

Para minha surpresa, uma voz respondeu atrás de mim.

– Não me importo. – Era o Jake. Colega de casa, *barman* e melhor amigo do Duncan desde o décimo ano. Mas levei um segundo a reconhecê-lo, e não foi só porque estava num canto, meio escondido. Ele parecia diferente, radicalmente diferente desde a última vez que eu o tinha visto. Quando teria sido isso? Não fazia ideia. Mas fora há tempo suficiente para ele crescer uns bons centímetros, ganhar músculo nos sítios certos – como nos ombros e nos braços – e arranjar um corte de cabelo muito melhor, espetado para cima. Sabia que era o Jake, claro, mas o que vi estava tão distante da imagem que tinha dele, nas raras vezes em que me lembrava da sua existência, que precisei de confirmar:

– Jake?

Ele ergueu a mão.

– Olá, Helen.

– Estavas escondido aí atrás?

– Não estava escondido – esclareceu, franzindo a testa. – Estava no covil.

– No covil?

– Sim. – Virou-se para apontar para trás. – Transformámos o armário num recanto para jogar, ouvir música... Eu uso-o mais para ler.

– Tu e o Duncan construíram um covil?

– É brutal. Parece uma nave espacial lá dentro. Queres ver?

Lancei-lhe um olhar: *a sério?* Nunca fora grande fã do tipo. Tudo

o que me irritava no Duncan, o Jake tornava-o ainda pior. Desde que o Duncan o conheceu, fazia metade das limpezas, metade dos trabalhos de casa e fumava o dobro da erva. Esperei que perdessem o contacto quando fossem para a universidade, mas acabaram a viver juntos. Durante quatro anos. Estávamos agora no verão após o seu último ano de curso – apesar de o Duncan ainda não se ter formado – e continuavam a viver como adolescentes.

Ao que parecia, o Duncan não tinha tempo para se formar, mas tinha tempo para construir um esconderijo parecido com uma nave espacial. Não, não queria ver o covil. *Nunca na vida*.

O Jake estava a olhar para mim como fazia sempre que estávamos na mesma sala: a boca ligeiramente aberta, como se não estivesse apenas a olhar para mim, mas a *contemplan-me* de alguma forma. Vindo de qualquer outra pessoa, teria sido lisonjeiro.

Por fim, tive de dizer alguma coisa.

– Cortaste o rabo de cavalo.

Ele assentiu, lembrando-se.

– Iá – respondeu. – Sim. Peguei numa tesoura e cortei-o. O Duncan guardou-o numa caneca na prateleira e diz que é o nosso animal de estimação.

Seguiu-se uma pausa, enquanto o Jake continuava a assentir.

– Foi para a formatura? – perguntei finalmente.

– Não – respondeu ele, abanando a cabeça em conformidade. – Foi no primeiro ano.

Aquilo chamou-me a atenção.

– Tens o cabelo curto desde o primeiro ano? Já não nos vimos um monte de vezes desde essa altura?

– Oh, sim. Bastantes vezes.

Não me lembrava de quando fora a última. Com certeza, não tinha reparado que ele cortara todo aquele cabelo desganhado e o espetara num visual sombrio à *Speed Racer*. Acho que por vezes criamos uma ideia de uma pessoa na nossa mente e depois é isso que vemos quando olhamos para ela, independentemente do que aconteça.

– Pode ser dos óculos – sugeriu.

Eu franzi o cenho.

– Os óculos novos – indicou ele, batendo neles. – Nunca usei óculos antes deste ano.

– Oh – disse eu. – Certo.

Estava a tornar-se bastante claro para mim – e provavelmente também para o Jake – que nunca tinha realmente olhado para ele. Ele podia ter insistido que sempre usara uma pala de pirata e eu não teria argumentado.

– Gosto deles – disse então.

– São muito à moda da administração Nixon – observou ele. – O Duncan começou a chamar-me «Apollo 13».

Então era isso: corte de cabelo, óculos *hipster* e o misterioso acréscimo de todos os tipos de músculos. Três era mesmo um número mágico.

– Bem – disse eu, desviando o olhar. – Está mil vezes melhor.

– Obrigado.

Nova pausa.

– Estás à procura do Duncan? – perguntou então o Jake.

– Sim! – respondi, e voltou-me tudo à memória: o quanto estava zangada. – Era suposto ele tomar conta da minha cadela.

– Aquilo ali é uma cadela? – Ele espreitou. A *Pickle* rosnou.

A música fora do quarto pareceu ficar mais alta.

– Estava combinada uma entrega para esta noite – expliquei. – O Duncan não devia estar a organizar uma festa ao estilo *Girls Gone Wild*¹.

O Jake franziu o nariz com ar apologetico.

– Deve ter-se esquecido.

– Claro que se esqueceu – disse eu. – É o *Duncan*. E é por isso que estou de saída. Mas, primeiro, queria agradecer-lhe muito por me ter desapontado. Outra vez.

O Jake assentiu como se realmente entendesse.

– Ele é muito de prometer, mas nem sempre cumpre.

Abanei a cabeça perante a minha própria estupidez.

– Nunca devia ter concordado com isto.

– É complicado – disse o Jake. – Ele é sincero quando se oferece. Só tens de te treinar a rejeitá-lo. Até tenho uma tatuagem para me lembrar: DIZ SEMPRE NÃO AO DUNCAN.

Inclinei a cabeça.

– A sério?

Ele sorriu como se eu fosse adorável.

– Estou a brincar.

Suspirei.

– A propósito, belos totós – acrescentou.

Nesse momento, a *Pickle* começou a ladrar alto, vezes sem conta.

– Sabes onde está o Duncan? – perguntei. Ele assentiu.

– Está no meu quarto. É por isso que estou aqui.

Abanei a cabeça.

– E porque é que nenhum dos dois está a *assistir* à própria festa?

– Bem – disse o Jake, virando os olhos para o teto com ar pensativo. – Como vou a meio de um ótimo livro, fiz uma pausa a servir bebidas para ver o que acontece a seguir, mas entretanto acho que o Duncan pode estar a safar-se com uma miúda.

Levei a mão à testa.

– Por favor, diz-me que estás a brincar outra vez.

– Népia – disse ele. – Parece que fui *sexizilado*.

Baixei a mão para olhar para ele.

– Quando és exilado do teu quarto – explicou. – Porque alguém está a fazer sexo lá.

– Eu sei o que é *sexizilado* – disse. – Já usavam essa palavra quando eu andava na universidade.

O Jake assentiu, em aprovação.

– Porque é que o Duncan está no *teu* quarto? – perguntei.

Ele fez um gesto à sua volta como se fosse óbvio.

– Não se pode trazer raparigas para aqui.

Olhei para os pósteres das raparigas em biquíni.

– Mas para o teu pode-se?

Ele encolheu os ombros.

– O meu nível de sujidade é menor.

Suspirei novamente. Eram poucas as coisas que o Duncan poderia estar a fazer que eu não estivesse disposta a interromper, mas «a safar-se com uma miúda» era uma delas.

– Podes entregar-lhe uma mensagem minha? – perguntei.

– Claro – disse o Jake. – O que quiseres.

– Diz-lhe que é um idiota e que escusa de tentar lambe-me as botas para eu o desculpar.

Jake assentiu enquanto memorizava.

– Entendido.

– Não te esqueças – disse eu, baixando-me para pegar na caixa da *Pickle*.

Ele fez uma cruz sobre o coração.

– Não me vou esquecer – disse. – Sobretudo a parte de te lambe.

Ele estava a *atirar-se* a mim? Era dez anos mais novo do que eu! Um comportamento atrevido daqueles pedia um olhar gélido. Mas, por respeito a ter cortado aquele rabo de cavalo oleoso, deixei passar.

Estava a sair quando ele disse algo que me fez parar.

– Já agora, obrigado pela boleia.

Voltei-me com a mão ainda na maçaneta.

– Que boleia?

O Jake pareceu confuso por um momento, depois franziu o cenho.

– A boleia? Amanhã?

– Desculpa – pedi. – Na verdade, amanhã vou sair da cidade, por isso não te posso dar boleia para lado nenhum. – Também não queria, sendo sincera. Será que alguma vez o tinha levado a algum sítio? No que estaria a pensar?

– Eu sei – disse ele. – Vais para o Wyoming. Fazer caminhadas. Num curso de sobrevivência.

– Exato – confirmei, surpreendida por o Duncan lhe ter passado tantos detalhes corretos.

– Eu também vou para o Wyoming amanhã. Fazer caminhadas...

Senti uma vaga de apreensão ao perceber o que ele ia dizer a seguir.

– ... No mesmo curso de sobrevivência.

Pus a *Pickle* no chão.

– Desculpa. O quê?

– Vamos para o mesmo sítio – explicou, como se tudo fizesse sentido. – O Duncan disse que não te importavas de me dar boleia.

Só que nada fazia sentido. Porque haveria este miúdo, o Jake, de

ir na mesma viagem que eu? Como é que o universo o poderia permitir? Isto era algo que eu ia fazer por mim, sozinha. Nada mais nada menos do que um curso da Empresa de Sobrevivência no Interior. Os cursos da ESI eram famosos pela sua intensidade, enorme exigência e ocasionais perigos. Era importante para mim. Era suposto ser uma jornada espiritual. Simbolizaria o meu renascimento após o pior ano – ou seis – da minha vida. O amigo pateta do Duncan não podia vir também. Ele não estava convidado.

– Mas isto é algo que vou fazer sozinha – expliquei com naturalidade, num tom de sintonia mental que resultava sempre com os alunos do primeiro ano da minha turma.

– Bem – disse ele –, são doze pessoas além do instrutor, por isso não estarás propriamente sozinha.

Portanto, o Jake não era um aluno do primeiro ano.

– Quero dizer, *sozinha* como *por minha conta*.

– Por tua conta com mais onze pessoas – confirmou. – E comigo. Aquilo era uma loucura.

– Como é que vens na minha viagem?

– Na verdade, *tu* é que vens na *minha* viagem – contrapôs. – O Duncan só soube do curso de sobrevivência porque eu ia.

O *Duncan*. Tudo culpa dele. Outra vez. Como sempre.

– Mas ele nunca disse nada sobre tu ires – insisti.

– Acho que na altura em que te inscreveste, pensei em desistir, achei que não podia ir... Mas agora tenho a certeza de que posso. – Encolheu os ombros, parecendo satisfeito.

Este não era o plano. O plano, como eu o imaginara nos últimos seis meses, era conduzir até ao Wyoming e ter uma aventura corajosa com um grupo de estranhos que mudaria por completo não só a minha vida, mas toda a minha personalidade. O plano era partir sozinha para o mundo, conquistá-lo e regressar a casa como uma versão mais forte e mais destemida de mim mesma. O plano não incluía mais ninguém além de mim – e, mesmo que incluísse, com certeza não seria o Jake.

Fiz uma expressão apologetica.

– Lamento muito – disse, como se isso resolvesse as coisas. – Mas é suposto eu ficar com a minha avó durante a viagem.

– A avó GiGi? Ela adora-me.

– Impossível – rebati. A minha avó GiGi não adorava ninguém além de mim. E do Duncan. Às vezes.

– É verdade. Juro. Liga-lhe.

– Não vou ligar-lhe. Tenho coisas para fazer. Na viagem de volta, tenho de ir a um *bar mitzvah* para rever velhos amigos.

Ele assentiu.

– O filho do teu ex-namorado e da tua melhor amiga do liceu, certo? Porque haverias de ir a isso?

Fiquei boquiaberta. Este miúdo sabia demasiado sobre a minha vida.

– Vou – disse – porque agora somos amigos no Facebook, porque me pediram e porque não é saudável guardar rancor.

– São amigos no Facebook?

– Sim. Só que eu nunca, nunca entro no Facebook. – Pestanejei. – Como é que sabes disto tudo?

– O Duncan contou-me – justificou-se, com um encolher de ombros. – Está bem. Também não preciso de boleia para voltar. Só para ir.

– Não vais voltar?

– Um dia terá de ser – considerou ele. – Mas primeiro vou para Baja. Tipo, quatro dias depois do fim da viagem da ESI. Voo de Denver. – Fez uma pausa. Acho que estava à espera que eu lhe perguntasse porquê.

Não perguntei.

Ele continuou:

– Consegui um estágio como assistente de pesquisa para um estudo de campo sobre baleias.

Olhei para ele.

– Vamos remar até aos seus locais de reprodução em barquinhos de pesca e observar como interagem com os humanos.

Deixei-me levar pela curiosidade.

– Porquê?

– Porque é fascinante.

– Ah, é?

– Sim. As baleias nadam até aos barcos, voluntariamente. As

peessoas acariciam-nas.

– Porquê?

Ele franziu o sobrolho como se a pergunta fosse disparatada. Como se eu devesse entender. O que, na verdade, até entendia. Porque é que alguém acaricia uma baleia? *Porque ela quer.*

– É uma experiência poderosa – respondeu-me. – As pessoas ficam emocionadas. Algumas até começam a cantar.

– A cantar?

– Dizem que nunca mais são as mesmas.

– Não vejo o que há de tão especial em acariciar uma baleia.

Ele olhou fixamente para mim.

– Vês, sim.

– Não, na verdade não vejo.

Fixámo-nos mutuamente.

Momentos depois, ele continuou, como se aquele desvio sobre as baleias tivesse resolvido a questão da viagem para o Wyoming.

– Então é só a ida. Nem vais dar pela minha presença. Até posso sentar-me no banco de trás, se preferires. Ou podes amarrar-me ao tejadilho. Pensei em fazer uma *playlist*, mas depois supus que tivesses a tua própria música, por isso, vou apenas ficar quieto e não fazer barulho e ouvimos o que tu quiseses. Até a Carly Simon, ou o que seja...

– Não! – quase gritei. Senti um pânico crescente. Ali estava a minha vida a avançar sem o meu consentimento. Outra vez. – Olha, não sei o que o Duncan te disse ou prometeu, mas não posso dar-te boleia. Lamento. Vais ter de ir noutra viagem..

– Mas não me reembolsam por esta.

Eu sabia disso, claro.

– Então vais ter de apanhar o autocarro. Ou algo do género.

O Jake estudou-me o rosto.

– Está bem – disse. – Sem problemas.

Suspirei.

– Ótimo. Fantástico! Vemo-nos no Wyoming. – Agachei-me para pegar na transportadora da *Pickle*.

– Exceto... – acrescentou ele.

Levantei-me de mãos vazias.

– Exceto o quê?

– É que... estou um pouco apertado de dinheiro – explicou ele. –

Não tenho o suficiente para um bilhete de autocarro.

Fechei os olhos.

– Estás sem dinheiro?

Ele encolheu os ombros.

– Gastámos mais do que o previsto no covil.

Olhei para o pequeno espaço como que em busca de confirmação. Depois voltei a olhar para ele como quem pergunta: *A sério?*

– E os teus pais? – perguntei.

– Pai – corrigiu. – É só o meu pai.

– Ele não te pode ajudar?

– Vive no Texas – explicou, encolhendo os ombros como se o Texas fosse noutro planeta. – E nem sabe que estou a planear esta viagem.

Pousei as mãos na cintura, tentando encontrar outra resposta. Qualquer uma. Lá em baixo, junto aos meus tornozelos, a *Pickle* estava a ganir.

– Não faz mal – disse ele. – Vejo que não funciona. Vou tentar ir à boleia.

– Não vais pedir boleia a estranhos – disse.

– Não seria a primeira vez...

– *Não* vais pedir boleia a estranhos – repeti, com o meu tom assertivo de professora, e, por um segundo, antes de me aperceber de que acontecera o oposto, parecia que vencera.

– Está bem – concordou ele, encolhendo os ombros. – Vou contigo. – Depois lançou-me um meio sorriso que, não pude deixar de notar, revelou uma covinha de alto calibre. – Já que insistes.

¹ *Girls Gone Wild* foi um *franchising* de vídeos de entretenimento para adultos, ativo entre 1997 e 2011. (N. do E.)

Capítulo 2

São cerca de 1600 km de Boston a Evanston. Pode ser feito num dia, um dia longo. Quinze horas, de acordo com o Google.

Por isso é que eu queria sair cedo – antes de o sol nascer. Por isso é que queria que a *Pickle* tivesse ficado com o Duncan na noite anterior. Se chegasse a casa depressa, ganhava uma visita demorada à minha avó. A minha avó, que me criou a mim e ao Duncan quando a nossa mãe perdeu o interesse. A minha avó nada-menos-do-que-fabulosa, que usava um carrapito com pauzinhos e a quem eu adorava. Mas, assim sendo, tive de esperar que o veterinário abrisse para deixar lá a *Pickle*.

A *Pickle* já era difícil de agradar, e ir ao veterinário deixava-a positivamente suicida. Quando me despedi com uma falsa alegria, senti um aperto de remorsos e questionei-me se, afinal, não a devia ter deixado em casa do Duncan. Mas não o podia ter feito. Aquela cadela não sabia a sorte que tinha. No mínimo, a festa de ontem à noite provavelmente salvara-lhe a vida. Se a tivesse deixado com o Duncan, é certo que teria regressado semanas mais tarde para um monte de pelo dessecado e um irmão com ar confuso, a coçar a cabeça e a dizer: «Bem me *parecia* que ela andava muito calada.»

A caminho do meu *Subaru*, depois da entrega, apercebi-me de que estacionara com tanta pressa que deixara um pneu parcialmente em cima da berma. Não tinha dado por isso na altura, mas, agora, o pneu torto foi a primeira coisa que vi. A segunda foi o Jake, mesmo ao lado dele, com um café da *Starbucks* na mão.

– Belo estacionamento – disse ele, entregando-me o copo.

– O que estás a fazer aqui? – perguntei-lhe.

– Pensei em poupar-te o trabalho de me ires buscar.

– E se nos tivéssemos desencontrado?

– Bem, isso teria sido o oposto de te poupar trabalho – admitiu. – Mas não foi o que aconteceu.

Olhei para ele: cabelo despenteado, calças *cargo* sem cinto e uma *T-shirt* surpreendentemente justa com o *Snoopy*. Tinha a mochila

encostada ao carro.

– Estás com medo de que saia da cidade sem ti? – perguntei. Ele sorriu.

– Podes crer – respondeu.

– Cheguei a considerá-lo – disse.

Ele remexeu na mochila e tirou um livro com uma baleia na capa.

– Vou ler o tempo todo – anunciou. – Nem te vais aperceber de que estou aqui.

Olhei para ele.

– Claro.

– Pronta para ir?

– Nem por isso – disse, mas destranquei a porta na mesma.

Enquanto o via enfiar a mochila no porta-bagagens, perguntei-me como é que ele soubera onde me encontrar, mas depois lembrei-me do pacote da *Pickle* que tinha preparado para o Duncan, com um mapa a assinalar com destaque o caminho para o veterinário.

– O Duncan mostrou-te o pacote – disse eu.

Jake acenou com a cabeça e fechou o porta-bagagens.

– És muito detalhista.

E era. Para ser franca, tinha exagerado um bocado. Deixara cartas de explicação ao veterinário e ao Duncan, o que era mais informação do que alguém precisava. Senti uma pontada de vergonha, que se transformou em ressentimento contra o Duncan por me forçar a ser assim.

– Quando se trata do Duncan, sou mesmo.

– Queres que eu conduza?

– Não.

Claro que não! Se dependesse de mim, o Jake ficaria no porta-bagagens com a mochila, e eu à frente, sozinha, com toda a música que tinha reunido para a viagem: Joni Mitchell, Nina Simone, Indigo Girls. O plano era cantar a plenos pulmões durante a viagem para oeste, acompanhar toda a gente, desde Annie Lennox a James Brown, e entoar todas as emoções do repertório humano. E depois, com sorte, quando chegasse ao Wyoming, já teria ultrapassado todas elas.

Mas é claro que não iria cantar à frente do Jake. Não é o tipo de coisa que se faça com um estranho. Ou com um amigo do teu irmão. Olhei-o de soslaio. Conduzir 1600 km em silêncio, sem cantar, enquanto este miúdo jogava videojogos no telemóvel não era o que eu antecipara.

Mas é assim. A vida nunca te dá bem aquilo que queres. O que não alterava o facto de estar na hora de irmos. Apertámos os cintos e conduzi-nos para a estrada.

– Então – disse, enquanto nos juntávamos ao fluxo de carros. – São mil seiscentos e dez quilómetros daqui até Evanston.

– Mil seiscentos e dez?

– Aproximadamente. – Assenti. – O Google diz que são quinze horas e vinte e dois minutos – continuei, olhando para o relógio no painel – e já passam onze minutos das nove, graças ao Duncan, por isso não vamos chegar a tempo do jantar. Devemos chegar a casa da minha avó...

– Depois da meia-noite – terminou ele.

– Certo – disse eu, com um suspiro. Perguntei-me se devia telefonar e dizer à avó GiGi que não nos esperasse. Ela era notívaga, mas não era exatamente uma coruja.

– Aposto que conseguimos pôr-te lá a tempo do jantar – considerou o Jake. – Pelo menos, de um jantar tardio. – Conseguia vê-lo a pensar. – O Google parte do princípio de que estamos a conduzir a cem quilómetros por hora. Mas iremos a cento e trinta ou cento e quarenta, pelo menos.

– Cento e vinte – corrigi. – Ou o que quer que seja o limite de velocidade.

– Está bem – disse ele, ainda a fazer cálculos. – Vais conduzir de acordo com o limite de velocidade, e eu vou conduzir ao que nos leve a uma média de cento e trinta. – Virou-se e verificou o banco de trás. – Sim. O Duncan previu que ias trazer uma geleira com *snacks*.

Senti-me como se estivesse a ser gozada, mas não tinha bem a certeza sobre o quê.

– Então – continuou ele –, não vamos ter de parar para comer, o que nos vai poupar algum tempo. – Inclinou a cabeça para trás,

fixando o teto enquanto fazia contas. – Mil seiscientos e *dez* quilómetros a cento e vinte por hora são mais ou menos doze horas. Menos, se urinarmos para dentro de garrafas.

– As raparigas não conseguem fazer chichi assim – disse eu.

Ele olhou para o lado.

– Aposto que tu conseguias. Se tentasses.

Ele estava a elogiar-me ou a insultar-me? Abanei a cabeça.

– É aí que traço o meu limite – disse eu.

Ele cedeu com um aceno de cabeça.

– É capaz de ser um bom limite.

– Mas adorei o resto do plano – continuei, acrescentando um pequeno encolher de ombros ao perceber que era verdade.

Ele pareceu satisfeito consigo mesmo.

– Obrigado.

Portanto, tinha uma atitude positiva. Fora por isso que me trouxera um *cappuccino* e estava disposto a fazer chichi numa garrafa: para que eu chegasse a tempo a casa da minha avó. Além do mais, tinha de admitir que o sol matinal que nos rodeava era insistentemente alegre. Afinal talvez a viagem não viesse a ser assim tão má. Levantei o meu café e bebi um gole no preciso momento em que ele decidiu iniciar mais uma conversa:

– Então – começou –, como vai a vida sem o idiota do teu ex-marido?

A minha resposta foi engasgar-me com o café de forma tão violenta que o Jake teve de pegar no copo com uma mão e agarrar o volante com a outra.

– Desculpa – pediu-me quando eu retomei o controlo do volante.

– Suponho que seja um assunto delicado.

– Não – respondi, esfregando os meus olhos lacrimejantes em tom de desafio. – Não é um assunto delicado.

E, para o frisar, recorri a outra voz favorita dos professores – a da Mary Poppins. Esta implicava que todos os problemas tinham uma solução, que, no fundo, o mundo fazia todo o sentido, era reconfortante e agradável, e que, se mantivesses uma atitude adequadamente otimista, até podias um dia dar por ti a viajar sobre Londres agarrada à haste do guarda-chuva.

A Mary Poppins era a única voz que usava para falar do meu casamento falhado, e endireitei-me para a executar corretamente.

– O tipo com quem casei – continuei, canalizando Julie Andrews com tanto afinco que quase fiz o sotaque britânico – acabou por se tornar num alcoólico agressivo. Quando o problema dele começou a afetar o nosso casamento, dei-lhe várias oportunidades para se recompor. Infelizmente para todos, ele não conseguiu.

Para concluir, tomei com sucesso um gole de café, como se dissesse: *Vitória, vitória, acabou-se a história! E agora estou a desfrutar de uma deliciosa bebida quente.*

– Então, divorciaste-te – disse o Jake.

– Então, divorciei-me – confirmei. Não acrescentei: *Depois de ter perdido o nosso primeiro bebé às treze semanas de gravidez. E de não encontrar o meu marido em lado nenhum.*

– Há um ano – acrescentou, como se quisesse fazer-me saber que estava a par de todos os pormenores.

– Há um ano – confirmei. Quase ao dia. E eu estava bem agora. Relativamente.

– E como está a ser? – perguntou o Jake.

– Como está a ser o quê?

– Estar solteira.

– É bom – respondi. – Ótimo. – Mas dificilmente poderia ser considerada algo tão adorável como «solteira». Estava apenas sozinha.

– Estás bem? – Jake franziu-me o sobrolho.

– Eu estou sempre bem – assegurei-lhe.

– Ninguém está *sempre* bem.

– Eu estou – reiterei.

Esta conversa era mais do que inútil. É claro que eu não estava bem, não «sempre», e ultimamente nem sequer «muitas vezes». Mas mesmo que quisesse discutir as infinitas formas como me sentira completamente devastada este ano – o que não queria –, Jake, o *barman* que inventara a «bebida proibida do amor», seria a última pessoa a quem recorrería.

Senti o seu olhar a percorrer-me o rosto.

Endireitei-me ainda mais. Mantive os olhos na estrada. Imaginei

o ângulo do queixo de Julie Andrews e levantei o meu até esse ponto.

– Está bem – disse ele por fim, pouco convencido, mas disposto a não insistir. – Se tu o dizes.

– Sim, digo.

– Porque estava a perguntar-me se te quererias matar.

Tossi.

– Eu, matar-me?

– Em que estavas a pensar, afinal? Ao inscreveres-te num curso da ESI?

Abanei a cabeça.

– Não sei. Provavelmente, no mesmo que tu.

– Não estavas a pensar no mesmo que eu, de todo – contrapôs ele, como se a ideia fosse ridícula.

Fiz por ignorar a sensação.

– Quero um desafio. Tentar fazer algo realmente difícil. Quero superar as minhas limitações.

– Ou talvez queiras apenas matar-te.

Olhei para ele.

– Não me quero matar.

– Há sempre pessoas a morrer nestas viagens.

– Não, não há.

– De todos os cursos de aventura ao ar livre que podias ter escolhido, optaste pelo mais aterrador, o mais imprudente, o mais letal de todos. O que pretendes com isso?

– Foi o Duncan que o sugeriu – argumentei.

– O Duncan sugeriu-te *um* curso. Não *este* curso.

– Ele mostrou-me o catálogo.

– Nunca fazes nada que o Duncan sugere. – O Jake abanou a cabeça. – Porquê começar agora?

Era verdade. Mas o facto de o Duncan o ter sugerido fora um acaso. O que realmente me motivara fora uma história que lera na revista *People*, numa noite agitada, sobre um homem que tinha perdido uma perna no Afeganistão e conseguira superá-lo após ter completado este mesmo curso. Com uma perna! Não só conseguira chegar ao fim como fora bom o suficiente para ganhar um dos

premiados «Certificados», que apenas eram atribuídos aos três melhores participantes. O artigo ecoara na minha cabeça durante dias. O homem dissera: «Sentia-me perdido, mas foi ali que me encontrei.»

Se eu me sentia perdida? Tecnicamente, não. Mas perdera algo que nem sequer conseguia articular – e passara demasiado tempo sem o encontrar. Estaria à minha espera na imensidão do Wyoming? Provavelmente não. Mas tinha de começar por algum lado.

Claramente, o Duncan também pensava que eu nunca fazia nada do que ele sugeria. Quando lhe dissera que me tinha inscrito, ele engasgara-se de incredulidade e tentara dissuadir-me, insistindo que um curso como este não era lugar para alguém como eu. Na sua opinião, era demasiado extremo e um tanto falso. Atraía os piores dos piores. Segundo ele, os verdadeiros praticantes de caminhadas sabiam o que estavam a fazer e organizavam as próprias viagens. A ESI era para os aspirantes a caminhantes. Não queriam estudar o terreno, nem comprar o equipamento adequado, nem despendar tempo a inteirarem-se do que estavam a fazer – só queriam inscrever-se e andar. O que fazia deles não apenas temerários, mas temerários preguiçosos.

Olhei de relance para o Jake.

– Tu também te inscreveste.

– Eu vou acampar todos os anos com o meu pai desde os três anos. Tenho muita experiência. Além disso, sou coordenado.

– Estás a dizer que eu não sou coordenada?

Ele inclinou a cabeça. Sim. Era isso. E não estava errado.

– Tenho acampado – resmunguei por fim.

– Quando? – indagou o Jake.

– Fui de carro até ao Colorado com o meu namorado de liceu.

– Isso não é acampar. É uma festa de pijama. Aposto que comeram manteiga de amendoim com pão branco.

– Não! – neguei. Afinal, tínhamos comido carne seca. E *Oreos*.

– A questão é que – continuou o Jake – isto é demasiado para ti.

– Eles aceitaram a minha candidatura. Deixaram-me participar.

– Isso é porque eles não se importam se morreres.

De facto, várias pessoas haviam morrido – ou pelo menos sofrido

mutilações – em viagens com este grupo. O Duncan fizera uma pesquisa no Google na esperança de me convencer a fazer a Outward Bound² em vez disso – ou qualquer coisa mais sã e razoável. Mas eu não queria algo são ou razoável. Eu queria loucura e irracionalidade. Queria surpreender toda a gente, eu inclusive. A minha própria campanha pessoal de choque e espanto.

– Agora têm uma nova gestão – argumentei.

– Acho que eles *gostam* quando as pessoas morrem – observou Jake. – Esses tipos monopolizaram o mercado de aspirantes a radicais, e uma ameaça de morte eminente só lhes aumenta o apelo. Para pessoas loucas.

Estaria a referir-se a mim? Talvez.

Eu já tinha assinado cerca de meia dúzia de declarações, em que isentava a ESI de qualquer responsabilidade por todas as situações de risco de vida que eu pudesse encontrar, incluindo ataques de ursos, avalanchas, hipotermia e «diarreia fatal».

Nada neste curso me deveria ter agradado. A ESI era famosa por percorrer as encostas mais íngremes, seguir os caminhos mais rochosos e explorar os locais mais remotos. Uma simples pesquisa no Google devolve-nos dezenas de artigos sobre clavículas partidas, desabamentos de rochas, ataques de animais selvagens, caminhantes desaparecidos e episódios de hipotermia. Foi assim que se tornaram os santos padroeiros dos malucos, dos caçadores de emoções e das pessoas sem nada a perder. O que, escusado será dizer, não era o meu caso. Eu era uma professora do primeiro ano, por amor da santa!

Não conseguia acreditar no tom de voz do Jake.

– Porque me estás a questionar? Isto não tem nada a ver contigo.

– Bem – disse ele –, até tem. Já que estou aqui...

– Eu não te pedi para estares aqui!

Ele fechou a boca e desviou o olhar.

– Vou conseguir um Certificado – declarei.

– Achas que vais ser uma dos três primeiros desta viagem? – perguntou ele, num tom de dúvida.

– Sim.

– Bem, eu não acho. Acho que terás sorte se sobreviveres.

– Isso é porque estás a olhar para o meu antigo eu. Este – dei uma palmadinha na minha cabeça – é o antigo eu. O eu em que me estou *prestes a tornar* é completamente diferente. Não te atrevas a ser condescendente com ela. Arrancava-te os olhos e dava-os a comer ao cão.

– Mal posso esperar para a conhecer.

– Ela vai arruinar-te a vida, meu.

– Não duvido – disse o Jake.

E apesar da troça descarada na sua voz, outro tom, mais baixo e áspero, também se insinuou. O que me fez questionar se ele poderia, talvez, pensar mesmo que a outra «eu» o faria.

² A Outward Bound (OB) é uma rede internacional de organizações de educação ao ar livre, fundada no Reino Unido em 1941, e que atualmente existe em mais de 35 países. O seu objetivo é promover o crescimento pessoal e as competências sociais dos participantes através de expedições ao ar livre cheias de desafios. (N. do E.)

Capítulo 3

Ficámos em silêncio à medida que nos afastávamos da cidade. O Jake estava concentrado no seu livro sobre baleias, deixando-me com a difícil tarefa de navegar pelas estradas e rotundas de Boston, que eram tão intrincadas que o meu ex-marido, o Mike, costumava brincar, afirmando que pareciam ter sido desenhadas por furões.

Ex-marido. Demorara tanto a acostumar-me à palavra «marido», mas «ex-marido» parecia estar a demorar ainda mais. Ao pensar nele, senti um aperto familiar no peito, como se todas as tristezas do último ano ainda ali estivessem, a colapsar para dentro, como se eu possuísse o meu próprio buraco negro intergaláctico.

O Mike. Ele era a razão desta viagem louca, embora não estivesse propriamente a fugir dele, mas sim da pessoa em que me tinha tornado após o nosso casamento. Conhecera tantas mulheres este ano que juravam que os seus divórcios tinham sido a melhor coisa a acontecer-lhes. Já era altura, mais do que altura, de eu me tornar uma dessas mulheres. Precisava de fazer algo selvagem, corajoso e desconcertante, embora ainda não estivesse certa de como acabara por escolher um curso de sobrevivência.

Em retrospectiva, parecia demasiado literal.

Mas era a cura que eu escolhera, e ia esforçar-me ao máximo para a executar bem.

Revi mentalmente a minha lista de objetivos para as próximas semanas. Na verdade, dera-me ao trabalho de os registar em papel de carta antigo. Na minha melhor caligrafia, escrevera: «Na Natureza Pretendo», e depois, em baixo, uma lista com caixinhas otimizadas para assinalar:

- ☐ *Estabelecer uma ligação espiritual mais profunda com a natureza*
- ☐ *Ultrapassar as minhas limitações físicas e emocionais*
- ☐ *Erguer-me das minhas próprias cinzas como uma fénix*
- ☐ *Tornar-me mais forte*
- ☐ *Tornar-me incrível*

- ☐ Arrasar na natureza selvagem
- ☐ Ganhar um maldito Certificado

Eu queria mesmo, mesmo, mesmo um Certificado.

Queria mesmo, mesmo, mesmo ser o tipo de pessoa que se pode atrever a querer um Certificado sem parecer completamente ridícula.

Queria mesmo, mesmo muito um pedaço de papel que provasse, finalmente, que eu estava bem.

Só queria ser boa. E competente. E forte. E, em última análise, qualquer pessoa menos... eu. Estava farta de ser um desastre, farta de ser uma flor espezinhada. Queria ser *incrível*. Não era pedir muito, pois não?

A minha primeira iniciativa depois de me registar tinha sido escrever os meus objetivos, e passara muito tempo a remexer em várias caixas de arrumação na cave até encontrar o papel perfeito para os anotar: cartões de notas da faculdade com HELEN • CARPENTER estampado no topo. Até agora, ter recuperado o meu antigo nome fora a melhor parte do divórcio. Porque adivinhem qual era o apelido do Mike? Dull³. Está bem: a pronúncia original era Dool, mas até a família acabara por desistir de tentar corrigir as pessoas.

Admira-me que tenha estado disposta a aceitar um nome como aquele. Teria sido tão fácil manter o Carpenter. Mas o Mike queria que tivéssemos o mesmo apelido, argumentando que, de outra forma, não nos sentiríamos parte de uma família. E eu queria sentir-me parte de uma família com ele, a sério. Não será uma escolha razoável quando se está a começar uma vida com alguém? Tentar agradar-lhe e esperar que tente agradar-nos de volta?

O Duncan estava sempre a gozar comigo por causa do nome. Eu revirava os olhos, mas era inegável que era um alvo fácil. Helen Dull era horrível. Tentei encará-lo como um desafio pessoal – provar que não correspondia à verdade, fosse de que ângulo fosse. No final, falhei: a Helen Dull fora uma versão muito inferior da Helen Carpenter. Mas a culpa não era do apelido. É preciso muito mais do que um simples nome para nos fazer descer tão baixo.

Por isso, tanto a lista como o papel em que estava escrita

pareciam-me profundos, apesar de ter decidido, à última hora, cortar o meu nome do topo da página por uma questão de anonimato. Como não tinha bolsos, guardei a lista dobrada no sutiã, saboreando a sua aspereza contra a minha pele mais macia, e a subtil ousadia de usar a minha roupa interior como um cofre. E foi assim, meus amigos, que parti para a natureza: levando um tributo à pessoa que fui em tempos e uma pequena lista de objetivos para a super-heroína em que planeava tornar-me, dobrada e enfiada na minha copa C.

Nesse momento, se estivesse sozinha, como planeado, puxaria da lista – nem que fosse só pelo prazer de pousar os olhos nela. Mas não estaria sozinha. E algures perto de Framingham, a pessoa que me impedia de estar a sós terminou o seu livro, fechou-o e decidiu iniciar mais uma conversa.

– A propósito, gostei do sorriso que me deste lá atrás – disse, de repente.

Sobressaltei-me ao ouvir a voz dele.

– Que sorriso?

Gesticulou para a cidade atrás de nós.

– Na cidade. Sorriste para mim.

– Ah, sim? – admirei-me. – Foi sem querer.

– Eu sei – disse ele. – Isso tornou-o ainda melhor.

– Está bem.

– Achas que podes sorrir-me novamente? – perguntou. – Porque aquilo foi como um raio de sol.

Ele tinha de estar a tramar alguma.

– Estou só a comentar. Devias sorrir mais.

– Eu estou sempre a sorrir – disse eu, sem sequer erguer os cantos da boca. – Constantemente. Desde que acordo até ao momento em que vou para a cama. Às vezes fico com câibras nas bochechas de tanto sorrir.

Ele sabia que eu estava a gozar, mas desconhecia o quanto.

– Posso contar pelos dedos de uma mão as vezes que te vi sorrir – continuou ele –, incluindo na noite do teu casamento.

– Só me vês quando estou com o Duncan – disse eu. – Que me irrita.

– É bem verdade – concordou o Jake. – És a irmã mais velha mais mazinha que conheço.

– Não sou má – refutei. – Na vida real, sou simpática.

– Se tu o dizes.

– Salvei a *Pickle*, não salvei? E cedo a passagem no trânsito. E aplaudo sempre muito alto nas peças de teatro.

– Essa é a tua noção de simpatia? Bater palmas num espetáculo?

– Não, não é a minha *única* versão.

– E seres simpática para o Duncan? – perguntou ele. – Como é que isso seria?

Como é que passámos do silêncio para isto?

– Estás a querer discutir comigo?

– Não, estou só a fazer conversa.

– Não estavas a falar assim há dez minutos – atirei.

– Há dez minutos ainda não tinha acabado o meu livro.

Olhei de relance para o livro fechado sobre a coxa dele.

– Não tens outro?

– Não.

– Então, tenho de falar do Duncan porque não tens mais nada para ler?

– É uma longa viagem até Evanston.

– E tu estás a alongá-la ainda mais.

– Parece-me um tema interessante – disse ele.

– Bem, não é – atalhei. – É banal.

O Jake inclinou a cabeça para mim como se ambos soubéssemos que aquilo não era verdade.

– É por causa do que aconteceu na tua família?

Ele sabia? Fitei-o.

– A que te referes?

O Jake estudou-me, como se não tivesse a certeza de como o enunciar.

– À tragédia – disse por fim.

Ah! Então ele sabia da fatalidade que ocorrera no seio da nossa família. Claro que sabia. Era o melhor amigo do Duncan.

– O *que* é por causa da nossa tragédia? – perguntei.

– O facto de não gostares do Duncan.

Com isto, o Jake resvalou para uma área restrita.

– Eu gosto do Duncan! – disparei. – E não vou falar da nossa tragédia contigo.

– Porque não?

– Porque não falo disso com ninguém.

– Talvez devesses – sugeriu ele com um encolher de ombros animado.

Tentei não me irritar.

– Julgas que és o quê? – perguntei. – Um terapeuta?

– Não – disse Jake. – Mas até que não é má ideia. – Pensou nisso durante uns instantes. Depois, continuou: – Então, o que é que se passa convosco?

Suspirei. Entre «o Duncan» e «a tragédia», o Duncan era sem dúvida o menor dos males da conversa.

– O que se passa – disse eu – é que o Duncan é um chato do caraças.

– Podes crer.

– E faz-me perder a cabeça. Ele não te faz perder a cabeça? Quando não sabe das chaves? Ou por nunca chegar a tempo a lado nenhum? Ou por não acabar o que começa? Ou quando falta a uma promessa?

– Não são os seus pontos fortes – admitiu Jake. – É verdade.

– E, no entanto, vocês são melhores amigos há uns cinco anos.

– Sete.

– Porquê?

Jake ponderou.

– Ele tem outras qualidades.

Eu sabia que tinha, claro. Mas não me conseguia lembrar de nenhuma naquele momento.

– Como?

– Como o facto de ser a pessoa mais engraçada que alguma vez conheci.

Franzi o sobrolho. Não havia nada de engraçado no Duncan.

– Não podes estar a falar a sério – disse eu.

Jake encolheu os ombros.

– Às vezes faz-me rir tanto que o almoço me sai pelo nariz. Uma

vez foi um fio de esparguete inteiro.

Afastei aquela imagem da mente e procurei uma memória do Duncan a fazer-me rir, qualquer que fosse.

– O Duncan nunca me faz rir.

– Isso é porque estás sempre zangada com ele.

– Não é verdade! Há muitas vezes em que não estou zangada com ele. Para ser franca, não estou zangada com ele *a maior parte do tempo*.

– Desde que ele não esteja perto de ti, queres tu dizer.

Errado não estava.

– É justo.

O Jake sorriu. Lá estavam aquelas covinhas outra vez.

– Mas tu pareces dar-te muito bem com ele – disse eu, mudando o foco.

Ele encolheu os ombros.

– Não tenho irmãos nem irmãs.

– Então escolheste o Duncan?

– Na verdade, foi ele que me escolheu.

Não sabia disso.

– Ele desafiou-me – prosseguiu. – Apostou que eu não conseguia atirar uma bola de pingue-pongue contra a parede do ginásio e apanhá-la com a boca.

– E conseguias?

– Claro.

– E fizeste-o?

– Óbvio.

– Foi assim que se tornaram amigos? Por causa de um desafio?

Ele assentiu.

– Sim. Não consigo resistir a um aposta. Além disso, ele ofereceu-se para me ensinar a fazer malabarismo.

– Não sabia que o Duncan fazia malabarismos.

– Não faz. Mas, quando percebi, já era tarde de mais. Já éramos amigos.

– Um *bromance* – observei, só para ver se o irritava.

Ele concordou com a cabeça.

– Do mais alto nível.

– E o Duncan é um bom amigo?

– O melhor. Defende-me sempre.

Não conseguia imaginar o Jake a precisar de ser defendido.

– De?

– Mim próprio, principalmente – disse ele, abrindo aquele meio sorriso.

– E de que é que tu defendes o Duncan?

Jake franziu o sobrolho.

– Da morte, acho.

Engasguei-me com o susto.

– Da *morte*?

– Oh – acenou o Jake –, sabes como é. Quer saltar de um telhado às três da manhã, e eu sugiro que talvez não seja a melhor ideia. Ou quer atirar um fósforo para uma caixa de petardos para ver o que acontece. Ou quer ficar a olhar para uma lanterna até começar a ter convulsões. Esse tipo de coisas.

– Sempre pensei que essas ideias fossem tuas – comentei.

– Não, não, não. É tudo da cabeça do Grande D.

– Portanto, tu és o tipo certinho.

Ele pensou naquilo.

– Em relação a não acabar morto, sim, sou.

– Mas não és *sempre* o tipo certinho?

– Acho que fazemos turnos – admitiu.

Ele estava tão sério. Tão pensativo sobre tudo aquilo. Não era nada o que eu teria imaginado, se alguma vez tivesse parado para pensar.

– Então o Duncan contribui para a vossa relação com experiências de quase morte... – comecei.

Jake confirmou com um aceno.

– É a área dele.

– Qual é a tua área?

Ele encolheu os ombros.

– Tudo o resto. Falar com raparigas. Dançar *swing*. Harmonizar. Sotaques.

– Porque é que tens de fazer sotaques?

– Não *tenho* de os fazer. É apenas divertido.

Soubera tão pouco sobre o Jake durante tantos anos que quase tudo o que ele disse me surpreendeu. Ele sabia fazer sotaques? Dançar *swing*? Conseguia falar com raparigas? Quem diria!?

Sem querer, passei para o modo de perguntas e respostas, lançando-lhe questão atrás de questão como se estivéssemos na televisão. Em parte, era uma jogada ofensiva para tirar o foco de mim. Mas, tenho de confessar, também tinha ficado curiosa. Enquanto viajávamos para oeste na I-90, fui reunindo uma série de informações sobre o Jake. Por exemplo, ele era alérgico a amêndoas e nozes, mas não a amendoins. Formara-se em duas especializações, Inglês e pré-Medicina, e escrevera a sua tese sobre Nathaniel Hawthorne. Acabara de entrar para a faculdade de medicina, mas decidira ir ver o mundo em vez disso – a começar agora. Pelo Wyoming. A seguir, ia para Baja para fazer festas às baleias. Depois, as cavernas de gelo em Juneau. As montanhas Tianzi na China. As minas em ruínas da Cornualha. A Floresta Negra. O Taj-Mahal. As luzes do Norte. Não necessariamente por essa ordem.

– Vais tirar um ano sabático? – perguntei. – Antes de ires para Medicina?

– Na verdade – disse ele –, apenas não vou.

– O que queres dizer com «não vou»?

– Não vou. De todo.

Lá estava ele a surpreender-me outra vez.

– Entraste na tua primeira opção, mas não vais? Mesmo?

– É isso.

– Porque não?

Olhou pela janela.

– Percebi que não era para mim.

Foi a resposta mais vaga que ele me deu o dia todo.

– Passaste anos a fazer o curso e a preencher os pré-requisitos, fizeste os exames e deste-te ao trabalho de te candidatares, *entraste* e agora decides que não é para ti?

– Exato – disse ele, como se tivéssemos acabado a conversa.

– Mas o que é que mudou?

– Eu mudei.

Estava pronta para o pressionar a dar-me mais explicações. Era,

como o próprio Jake salientara, uma longa viagem até Evanston, e se ele me podia obrigar a falar sobre o Duncan, então, eu tinha todo o gosto em fazê-lo falar sobre o que me apetecesse. Mas ele devia querer mesmo mudar de assunto, porque antes que lhe pudesse fazer outra pergunta, arranjou uma distração.

– Sabes que mais? – disse. – Preciso de mudar a água às azeitonas. – Quando dei por mim, ele estava a abrir a janela e a esvaziar a garrafa de água meio cheia.

O vento entrou com um rugido.

– O que estás a fazer? – gritei.

– A esvaziar isto – gritou ele.

– Não vais fazer chichi aí dentro!

– Claro que vou!

– Não, não! Há uma saída mesmo ali!

– Não te preocupes! Tenho boa pontaria!

– *Preocupo-me*, sim!

– Mas eu não tenho problemas em usar a garrafa!

– Mas podes ter a certeza de que eu tenho!

A garrafa estava agora vazia e ele voltou a fechar a janela. De repente, o carro parecia demasiado silencioso.

– Vou fazer um escudo com o meu livro – sugeriu ele. – Nem sequer vais ver.

– Para com isso! – pedi-lhe. – Não desabotoes, não abras a braguilha, não te atrevas sequer a pensar nas tuas calças. Vamos encostar!

Jake abanou a cabeça.

– É uma perda de tempo.

– Sabes que mais? – disse eu, sem estar propriamente a mentir. – Também preciso de ir à casa de banho. E precisamos de gasolina, por isso, vamos parar na mesma.

– Oh – disse ele, deixando as mãos caírem do botão de cima das calças. – Suponho que tenhas razão.

Desviei-me para a saída sem sequer ligar o pisca. Isto, lembrei a mim mesma, era justamente o problema. Este rapaz não era apenas um jovem de vinte e poucos anos: era uma criança, e nem sequer deixara ainda bem as fraldas! Por momentos, esquecera-me com

quem estava a lidar. Toda aquela conversa sobre Nathaniel Hawthorne e a faculdade de medicina obscurecera os factos essenciais: este miúdo não era alguém com quem me pudesse relacionar. Ele adorava o meu terrível irmão. Abandonara a ideia de ir para Medicina sem razão aparente. E estivera a pontos de abrir o fecho das calças e aliviar-se numa garrafa de *Evian*. No banco do passageiro do meu *Subaru*.

Saindo da via de acesso, virei à direita, depois à direita outra vez, e parei junto a uma bomba na estação de serviço.

– Quando disse que o meu limite era urinar em garrafas, referia-me a nós os dois – disse, puxando o travão de mão e virando-me para o encarar. – Para isto funcionar – acrescentei –, vais ter de manter as calças vestidas.

Ele reprimiu um sorriso como se eu fosse muito engraçada.

– Entendido? – insisti, cedendo ao impulso de me aproximar e bater-lhe na testa.

– Entendido – respondeu, e o seu sorriso abriu-se. – Prometo manter as calças vestidas – disse, fazendo uma pequena saudação. – A menos que me ordenes o contrário.

3 Aborrecido, desinteressante. (*N. da T.*)

Capítulo 4

Chegámos a casa da avó GiGi antes das nove, superando todas as expectativas.

O Jake não queria conduzir à noite – algo relacionado com os seus óculos novos – e por isso, depois da paragem para descansar, fez os restantes turnos do dia e manteve-nos a 140 km por hora. Quando o sol se pôs e eu reduzi a velocidade para 110, estávamos impressionantemente adiantados. Ficámos tão satisfeitos que nos cumprimentámos à chegada com um «dá cá mais cinco». Na verdade, abraçámo-nos sem querer.

Mas quando batemos à porta da avó GiGi, ela não respondeu. Tive de ir à procura da chave escondida no jardim. E, quando entrámos, em vez de vermos a minha avó de cabelos brancos no seu quimono vermelho, com um copo de *pinot noir* na mão e o seu anel de libélula, encontrámos um bilhete na mesa da cozinha:

O Duncan diz que arrancaram tarde e não vão conseguir jantar. Fui ao clube de leitura. Não esperem por mim!

Beijinhos!

GG

P.S.: Helen, despenteia o cabelo desse bonitão por mim.

O Jake leu o bilhete por cima do meu ombro.

– Eu disse-te que ela me adora.

– Não te vou despentear o cabelo – avisei-o.

– Se não o fizeres, faço queixa.

– Ele despenteia-se sozinho – contrapus. – Não precisa de mim.

O jantar – esparguete à bolonhesa – estava no forno quente.

Havia uma garrafa de vinho em cima da mesa.

– Este vinho é ótimo – disse o Jake, examinando o rótulo.

– Estou demasiado cansada para beber vinho.

– Para este, não, não estás.

Revirei os olhos para o Jake e deixei-me cair numa cadeira da cozinha.

– Tu não percebes nada de vinho.

– Percebo, sim. Tirei um curso.

Franzi-lhe o sobrolho.

– Porquê?

Mas percebi de imediato e, antes que ele me respondesse, dissemos em uníssono:

– Para engatar miúdas.

– É isso mesmo – confirmou Jake. – A mesma razão pela qual aprendi a fazer malabarismo. E tive aulas de *swing*. E li *O Mito da Beleza*⁴.

– Para engatar miúdas?

– Sim.

Pus a mão sobre os olhos.

– Usaste *O Mito da Beleza* para o mal?

– Não! – negou o Jake, desviando o olhar. – Para o bem. Para um monte de bem.

– Vou para a cama – declarei.

– Não – disse ele. – Vamos jantar – e, enquanto o dizia, levou dois pratos encavalitados no braço até à porta das traseiras e saiu. Quando não o segui, voltou a meter a cabeça para dentro. – Anda.

– Onde vais? – perguntei, mas ele desapareceu outra vez.

Um minuto depois, voltou para vir buscar o vinho.

– Vamos fazer um piquenique – sugeriu, puxando-me pela mão.

Saímos pela porta das traseiras e atravessámos o quintal até à velha casa da árvore que o meu avô construíra quando a minha mãe era criança.

Detive-me na base e olhei para cima. A pouco menos da altura dos ombros, a casa da árvore não era tão alta como me lembrava, mas, ainda assim, era mais alta do que qualquer coisa que me apetecesse escalar.

– Não vou lá acima.

As palavras mal me tinham saído da boca quando o Jake baixou o ombro para pegar em mim e me apoiar sobre ele. Ergueu-me e pousou-me cuidadosamente no chão da casa da árvore antes que eu

pudesse protestar. Um segundo depois, aterrou ao meu lado, entregando-me um prato e um copo de vinho, como se comêssemos assim todas as noites.

– Estás muito animado – disse eu.

– Adoro esta casa na árvore – respondeu. – O Duncan e eu costumávamos passar fins de semana inteiros aqui. Foi aqui que dei o meu primeiro beijo.

– Não ao Duncan, espero.

– À Leah Pearson. Ruiva. Tentei dar-lhe um beijo francês e ela mordeu-me a língua.

– Já gosto dela.

O jantar estava quente, e a noite estava fresca. Estar lá fora, ao ar livre, despertou-me. Peguei no copo de vinho e levantei-o na direção do Jake.

– Aos mordedores – disse eu. Brindámos e bebemos um gole.

– Aos primeiros beijos.

– A conduzir desenfreadamente.

– A deixar o amigo chato do teu irmão mais novo ir contigo para o outro lado do país.

– Não me importo – disse, apercebendo-me de que era verdade.

Ficámos em silêncio durante alguns minutos enquanto olhávamos para a casa da GiGi. Era uma verdadeira «casa na pradaria» ao estilo de Frank Lloyd Wright, que os meus avós haviam comprado por uma ninharia nos anos sessenta, quando constava da lista de demolições. O meu avô, que morreu antes de eu nascer, era arquiteto, e ele e a GiGi mantiveram a casa no seu estado original de 1912, com exceção de algumas reformas na cozinha e na casa de banho. A GiGi criara ali os quatro filhos antes de me acolher a mim e ao Duncan. Tinha toda a seriedade de uma casa antiga e imponente que já vira de tudo e mais um pouco.

Há muito tempo que não a visitava e, enquanto ouvia os grilos estivais, balancei os pés para trás e para a frente no parapeito da casa da árvore, como uma criança. A lua brilhava, e as estrelas também, e as luzes da cozinha emitiam um fulgor quente nas janelas do quintal. Mesmo antes de nos mudarmos definitivamente, eu passava muitas noites em casa da avó GiGi, e aquele quintal

guardava quase todas as ligações que me restavam à infância.

– Obrigada por me trazeres até aqui – disse eu passado algum tempo. – Já me tinha esquecido desta casa na árvore.

– Sabes outra coisa de que me lembro em estar aqui fora?

– O quê?

– De ti – afirmou. – Na tua janela.

– Dá para ver a janela do meu quarto daqui?

– Oh, sim.

– Vocês observavam-me ou assim?

– Eu tentava – revelou Jake, com um aceno de cabeça. – Sempre que vinhas cá de visita. – Bebeu um gole de vinho e acrescentou: – O Duncan não. Só eu.

– Porquê?

Estava suficientemente escuro para que os nossos rostos fossem apenas uma coleção de sombras. Mas, ainda assim, ele estudou o meu.

– Porque tinha uma paixoneta por ti.

– Tinhas? – perguntei. – Não sabia.

Ele anuiu.

– Uma paixoneta má.

Abanei a cabeça.

– Mas eu era casada.

– Eu sei. Conheci-te no dia do teu casamento.

– Eu lembro-me. Não foste convidado.

– Mas o Duncan levou-me como acompanhante.

– Ele fez isso para me irritar.

– Só soube disso mais tarde.

– Fiquei chateada durante anos.

– Bem, teve o efeito oposto em mim.

– Vires ao meu casamento, queres tu dizer?

– É uma coisa poderosa – disse o Jake – quando a primeira vez que pões os olhos numa mulher ela está a usar um vestido de noiva de seda, um véu e uma liga. Sobreretudo quando tens dezasseis anos e és novo na cidade. E a tua mãe só morreu há um ano.

– Lamento – disse.

– Não lamentos. Naquele dia despertaste-me.

- Se soubesse, teria sido mais simpática contigo.
- Foste bastante simpática.
- Provavelmente ter-te-ia desencorajado.
- Não é assim que as paixonetas funcionam.
- Não, suponho que não.
- Porque julgavas que estava sempre a olhar para ti de boca

aberta?

- Acho que pensei que eras dos que respiram pela boca.
- Não – disse ele. – Paralisia de paixoneta.

De alguma forma, a garrafa de vinho estava quase vazia. Levantei o meu último copo para fazer outro brinde.

- Às paixonetas.
- Às mulheres em vestidos de noiva.
- E aos rapazes adolescentes que as apreciam.

Voltámos a brindar, e o Jake susteve o meu olhar por um segundo a mais, antes de emborcar o resto do seu copo de uma só vez.

De volta ao meu quarto de adolescente, vesti uma velha túnica do *Garfield* que tirei da minha cómoda e abri a cama. A almofada parecia macia, fresca e convidativa. Mal me deitei, o Jake bateu à porta.

- Vai-te embora – resmunguei. – Quero dormir.

Mas ele abriu a porta à mesma e espreitou.

- Jake, já é tarde.
- São dez da noite.
- Como eu disse.

– Só te quero fazer uma pergunta – disse ele, aproximando-se. Tinha acabado de tomar banho, estava de calças de pijama e sem camisa.

Desviei os olhos do seu torso nu de jovem universitário.

– O que queres? Porque já sou velha, e os velhos não podem beber vinho sem ficar com sono.

– A pergunta é se queres jogar *Scrabble* – e estendeu-me uma caixa do jogo em formato de viagem.

De tudo quanto era possível, logo havia de ser o meu jogo

favorito.

– Estou demasiado cansada – retorqui. Mas ele aproximou-se e sentou-se na cama. Endireitei-me, sentindo-me estranhamente nua sem o sutiã para uma conversa, e puxei os cobertores para cima, ajeitando-os em redor da cintura. – Porque é que trouxeste isso?

Ele levantou as sobrancelhas.

– Para o caso de queres jogar.

Senti um suspiro resignado a escapar-me do peito. Algo em Jake parecia despertar-me.

– Por acaso adoro jogar *Scrabble*.

– Também eu – disse ele, e pousou a caixa entre nós. Ainda tinha algumas gotas de água perto das clavículas.

– Vais vestir uma camisola? – perguntei-lhe.

Ele olhou para cima, como se a ideia não lhe tivesse ocorrido.

– Achas que devo?

– Não tens frio? – perguntei, o meu olhar a desviar-se para as madeixas de cabelo húmidas no seu pescoço.

– Nenhum.

– Não te sentes um pouco nu?

– Não.

Suspirei.

– Bem, sinto-me com frio e nua só de olhar para ti.

Isso fê-lo sorrir. Depois deixou-me na cama, com as minhas peças, desapareceu, e voltou um segundo depois vestindo uma *T-shirt* com HARVARD escrito.

– Foste rápido – observei.

– Bem – disse o Jake –, não quero que tenhas frio nem que te sintas nua. – Olhou-me nos olhos por um instante.

Lá estava ele outra vez. A atirar-se a mim. Estaria a desafiar-me a ficar ofendida?

Ignorei-o.

– Bela *T-shirt* – comentei finalmente.

– Achei que te podia intimidar – explicou, batendo com o indicador na cabeça.

– Poderia intimidar-me, se tivesses estudado mesmo em Harvard.

– Mas eu estudei em Harvard.

Olhei para ele com um ar de «sim, claro».

Ele olhou-me nos olhos e aquiesceu.

– Eu estudei *mesmo* em Harvard.

Abanei a cabeça.

– Mas o Duncan andou na Universidade de Boston.

– Verdade.

– Então, como é que podiam ser colegas de quarto se não andavam na mesma universidade?

Ele encolheu os ombros.

– Alojamento fora do *campus*.

– Mas porquê?

– Bem – começou ele –, prometi que seria colega de quarto do Duncan. Mas depois ele não entrou em Harvard.

– Claro que não! Passava o tempo a fumar ganzas.

– Verdade.

– E tu também, por sinal.

Jake abanou a cabeça.

– Por acaso, não.

– Não andavas na passa? – Descrente, levantei uma sobrancelha.
– Todas aquelas vezes em que eu chegava a casa e tu estavas no quarto dele e havia fumo a sair por baixo da porta, era só o Duncan?

Ele encolheu os ombros.

– Eu estava a fazer os trabalhos.

– Ele estava pedrado e tu a *estudar*?

– Acho que posso ter ficado um bocadinho pedrado por acidente, sabes, por inalação passiva. Mas, ainda assim, maioritariamente fazia os trabalhos de casa.

– Então, como é que entraste em Harvard?

Voltou a encolher os ombros.

– Sou muito inteligente. E determinado. E focado.

Olhei para as minhas peças.

– Já te sentes intimidada? – perguntou ele.

– Estou menos «desintimidada», se é isso que queres dizer.

– Não te preocupes. Vou jogar como uma pessoa normal.

– Ótimo.

– O Duncan e eu não aceitamos aquelas não-palavras do *Scrabble* quando jogamos – explicou ele em seguida. – Só palavras em inglês. E dizemos sempre que qualquer palavra que seja sexual, ou que possa ser interpretada de uma forma sexual, tem pontuação dupla.

Libertei uma gargalhada e esfreguei os olhos.

– Típico do Duncan.

– Sim, mas é uma excelente regra – argumentou Jake. – Porque assim podes ganhar pontos pelo estilo.

«Pontos pelo estilo» era um dos meus conceitos favoritos.

– Então – disse eu, pensando –, uma palavra como «tomates» seria de pontuação dupla?

– Exato. Perfeito. «Tomates» é tão boa que até pode ser tripla. – Ele inclinou a cabeça. – Queres jogar assim?

– Não vou ganhar só com a minha habilidade, génio.

– Pretendes ganhar?

– Sim.

– Costumas ganhar?

– Sim.

– Então, estás muito confiante? Mesmo contra a minha *T-shirt*?

– Os licenciados em Harvard não são as únicas pessoas inteligentes do mundo – rebati.

– Queres apostar?

Olhei para ele.

– Não, a sério – insistiu o Jake. – Queres apostar?

Olhei em volta.

– Apostar o quê?

Percebi pelo arquear da sobrancelha que ele estava a tramar alguma.

– Talvez – propôs –, se eu ganhar, tenhas de me ajudar em alguma coisa. E se ganhares, eu ajudo-te a ti.

Estreitei os olhos.

– Com o quê?

Ele encolheu os ombros, todo inocente.

– Qualquer coisa – disse. – Toda a gente precisa de algum tipo de ajuda.

– Eu não.

– Aposto que em algum momento nas próximas semanas vais precisar de ajuda nas caminhadas – aventou o Jake.

– E o que vais fazer nesse caso? – perguntei. – Carregar-me?

– Possivelmente – respondeu ele. – Se precisares. Ou dar um nó que não consegues dar. Ou ensinar-te sobre mapas topográficos. Há montes de habilidades na natureza em que te posso ajudar. És uma verdadeira principiante.

– Estás a aproveitar-te da minha inexperiência.

– Estou a tornar-me útil.

– E em que raios poderia eu ajudar-te?

– Bem – disse ele, respirando fundo –, na verdade...

– O que quer que seja – interrompi – não o vou fazer. Pela tua cara, digo-te já que não.

– Quero que me ensines a beijar.

– O quê?

– Ensina-me a beijar – repetiu com um pequeno aceno de cabeça, como se não fosse o pedido mais absurdo do mundo. – Sou péssimo a beijar. A sério. Preciso de ajuda. De muita ajuda.

Impossível. Um tipo tão giro não pode ser péssimo a beijar. A ideia era ridícula. Disse-lhe:

– O que te faz pensar que sou qualificada para isso?

E ele sorriu.

– És qualificada. Eu sei que és.

A ideia passou-me pela cabeça.

– Uau. Não.

– Porquê?

– Porque isso é uma loucura. Não é assim que se aprende a beijar.

– Como é que se aprende então?

– Praticando. Com uma pessoa de quem gostes mesmo.

– Eu gosto mesmo de ti.

– Uma namorada, Jake. Sabes o que é?

– Mas a ideia é melhorar antes.

Fez sentido. Por um segundo. E depois:

– Não. Nem pensar.

– Não queres?

– Definitivamente, não.

– Então, ganha o jogo e não terás de o fazer. – Ele estava a provocar-me. – Ganha-me e nas próximas três semanas, quando houver um momento em que estejas totalmente exausta e sobrecarregada, só terás de erguer uma sobancelha e eu apareço para te salvar.

Abanei a cabeça em câmara lenta.

– Pensa nas bolhas que vais ter! Nas meias molhadas! Nos ombros doridos! Pensa no cansaço que vais sentir ao fim de quilómetros de subidas e no quanto não vais querer ir a coxear até ao riacho gelado para ir buscar água.

Enquanto ele falava, a minha cabeça parou de abanar sozinha. O meu cérebro sabia que não devia concordar, mas tinha absorvido meia garrafa de vinho na casa da árvore e não estava a funcionar em pleno. Perscrutei-o. Calculei que conseguia ganhar-lhe. Afinal, se o Duncan era o seu principal adversário, quão difícil poderia ser?

– Está bem – ouvi-me a concordar. – Aceito a aposta. Mas só porque não vais ganhar.

Adivinhem o que aconteceu? O Jake ganhou.

E nem sequer fez batota! Venceu-me com pura habilidade e insinuações sexuais. Consegui setenta e quatro pontos com um «levantar» muito bem colocado, mas ele deu-me uma tarefa com «duro» e «pegajoso», já para não falar de «engolir», que lhe valeu pontos em triplo.

– À melhor de duas ou nada – desafiei, mas ele levantou os braços acima da cabeça num grande e bocejante alongamento.

– É tarde – disse.

Olhei para ele.

– Ainda nem são onze horas.

– Tu quase te deitaste às dez!

– E, se o tivesse feito, não estaria nesta confusão.

Ele guardou todas as peças de *Scrabble*, pôs a caixa na mesinha de cabeceira e aproximou-se.

– Uma aposta é uma aposta – disse.

A questão é que ele era giro – e agora não conseguia perceber

como é que isso me tinha escapado durante todos estes anos. O cabelo escuro e ondulado em madeixas contra o seu pescoço. Os olhos castanhos de cachorrinho. Os lábios carnudos. Os dentes brilhantes, uniformes, de quem tirou o aparelho há pouco tempo. Não podia dizer que não era atraente. Se desligasse a parte do meu cérebro que me fazia revirar-lhe os olhos desde que ele tinha dezasseis anos, até era uma espécie de galã.

O Jake aproximou-se. Eu fiquei muito quieta. Ele colocou o rosto a poucos centímetros do meu, e pude vê-lo a percorrer os meus lábios com o olhar.

Mas isto era loucura! O que é que estávamos a fazer? O meu lado de irmã mais velha mazinha tinha de intervir. Encostei a mão ao peito dele.

– Está bem – disse, tanto para mim como para ele. – Isto é apenas para fins educacionais.

Ele assentiu, aceitando os termos.

– Já agora, não contamos ao Duncan – acrescentei, com um pequeno empurrão no peito para dar ênfase. – Nunca.

– Concordo.

Ele inclinou-se novamente, mas a minha mão ainda estava sobre o peito dele, e parei-o.

– Quem é que vai beijar quem? – perguntei.

– Agora estás a empatar.

– Não estou.

– Se estás a tentar torturar-me, estás muitos anos atrasada.

– Estou a tentar fazer isto como deve ser – argumentei.

– Eu beijo-te a ti, pode ser? – Ele levantou uma mão e encaixou-a na minha nuca, os seus dedos no meu cabelo. Mas depois, no instante em que olhou para os meus olhos, hesitou. Passou-se um segundo, e depois outro. Juro que ele estava a suster a respiração. Aquela pausa foi o suficiente para eu temer que ele se fosse acobardar. O que me fez perceber que não queria que ele se acobardasse.

– Esta semana, um dia destes? – instiguei, desafiando-o antes que perdesse a coragem.

– És impaciente, não és?

Inclinei a cabeça, como quem diz: *Poupa-me. Nem por sombras.* Pareceu-me muito importante deixar isso bem claro. Mesmo que estivesse, de facto, impaciente. Era informação privada que o Jake não iria receber, nunca. Uma mulher não cede todo o seu poder tão facilmente. Muito menos a um jovem de vinte e dois anos.

Além disso, é uma máxima elementar sobre os amigos do nosso irmão mais novo: não nos envolvemos com eles. Por razões muito simples. Para começar, eles admiram-nos. Têm fantasias connosco, precisamente porque não estamos disponíveis. Se nos virássemos e disséssemos: «Vamos fazê-lo», eles sairiam a correr da sala. Mas nós nunca o faríamos – *nunca, nunca* –, e eles sabem-no. Pomo-los na mesma categoria de chatos e irritantes do nosso irmão, e isso faz parte do nosso encanto. E estar completamente fora da liga deles também é divertido para o nosso ego. Todos ganham. Desde que cumpramos as regras.

Durante seis anos, nunca questionei isto. O Jake estava firme na sua devida categoria. Mas, agora, completamente por acaso, ao longo de um único dia, ele já não se encaixava lá. De repente, já não sabia bem como o classificar – e ele estava a abusar dessa vantagem. Agora, contra todas as regras, ele ia beijar-me. E eu, contra todo o bom senso, ia deixá-lo. Era uma transgressão genuína. Deve ter sido isso que o tornou tão inebriante. Isso e o vinho. O melhor amigo do meu irmão mais novo estava prestes a beijar-me. O pior de tudo é que eu queria que ele o fizesse.

O Jake aproximou-se ainda mais.

– Está bem – disse. – Aqui vamos nós. – Os seus lábios estavam quase a tocar nos meus. O hálito dele fez-me cócegas.

Fechei os olhos. O ar nos meus pulmões parecia esvair-se.

Então, mesmo antes do momento do impacto, ouvimos a porta da frente a bater. Depois, a voz da GiGi, em tom cantado:

– Helen! Não me digas que já estás a dormir!

Ficámos paralisados, os narizes quase a tocarem-se, as bocas a dois centímetros de distância. O Jake disse então:

– A GiGi voltou.

– A sério!?

Ainda mal tinha dito as palavras quando bateram à porta do

quarto.

Saltámos para lados opostos da cama e estávamos a recompor-nos quando a GiGi entrou.

Tinha vestido um casaco azul-glacial com gola e usava o cabelo preso num carrapito baixo, com pauzinhos. Esta noite também tinha os seus óculos com padrão de leopardo. Os meus favoritos.

Olhou para nós, por um momento, com um sorriso que deixava claro que sabia exatamente o que tínhamos andado a fazer. Ou quase. Seria muito típico dela comentá-lo, e esperei que começasse a provocar-nos, mas optou por ir na direção oposta.

– Minha querida – disse, aproximando-se para me dar um beijo na face. – Estás deliciosa.

Virou-se para o Jake e estendeu a mão para lhe despentear o cabelo.

– Não está?

O Jake fez que sim com a cabeça, sem me encarar.

A GiGi deteve-se a olhar de um para o outro. Naquele segundo, pareceu-me que ela tinha decifrado tudo.

– Bem – disse então, virando-se para a porta –, vou fazer descafeinado. Juntem-se a mim e eu conto-vos tudo sobre o meu clube de leitura para adultos.

– Estás num clube de leitura para adultos? – perguntou o Jake.

A GiGi parou à porta e lançou-nos um piscar de olhos travesso.

– Sou o membro mais novo, com oitenta e seis anos. Temos de arranjar motivos para continuarmos vivos.

Foi um grande choque darmos por nós, de repente, na cozinha da GiGi, a ouvir a sua opinião sobre a saga picante que andavam a ler – um passeio obsceno pela Inglaterra chauceriana.

O Jake e eu sentámo-nos cautelosamente em extremos opostos da mesa da cozinha, enquanto a GiGi pesava os prós e os contras.

– Eu sou muito a favor do sexo, não me interpretem mal. Na minha idade, aproveito o que consigo ter.

O Jake e eu limitámo-nos a acenar com a cabeça.

– E consigo perdoar a falta de rigor histórico durante a orgia de Maypole.

O Jake e eu olhámos um para o outro de relance.

– Mas faltou desenvolver as personagens.

– Foi isso que te dissuadiu? – perguntei – O desenvolvimento das personagens?

A GiGi anuiu.

– E se calhar isto faz-me parecer antiquada, mas não percebo o cabedal e os chicotes.

– O teu clube de leitura está a ler um romance sobre sadomasoquismo? – perguntei.

– BDSM chauceriano? – acrescentou o Jake.

GiGi assentiu.

– Fui eu que escolhi! Admito que estava curiosa. Mas agora que já o li, sinto-me um bocado tacanha. É que, a meu ver, já há dor suficiente no mundo... embora não haja prazer suficiente. Suponho que, quando já tiveste umas quantas pedras nos rins, cera de vela quente nos mamilos se torne menos apelativa.

Ela acabou por nos resumir o enredo, e não posso dizer que não tenha sido emocionante. Sobretudo ouvir palavras como «mordança» e «amarras» da boca da minha avó altamente refinada. Quando demos por nós era meia-noite. A GiGi deixou-nos no corredor enquanto se dirigia para o quarto principal, dizendo:

– Não me acordem de manhãzinha. Vou dormir até tarde.

O Jake seguiu-me até à porta do meu quarto, depois da porta do quarto do Duncan, onde iria dormir. Pus a mão na maçaneta e hesitei. Algo naquele momento, apesar de todos os instantes demasiado íntimos que tínhamos passado juntos naquele dia, me deixou nervosa, como se ele tivesse acabado de me acompanhar a casa depois de um encontro.

Esperei que dissesse algo arrogante, como: «Ainda me deves um beijo», mas não o fez. Ao invés, inclinou-se ligeiramente para mim, como se tencionasse dizer alguma coisa, mas ficou em silêncio. Senti-me como se estivesse prestes a ser beijada, certa de que, se eu desse a mais leve indicação nesse sentido, o Jake o faria. Mas agora que tivera tempo para pensar nisso, não estava certa de que fosse uma boa ideia. E, sem algum tipo de encorajamento da minha parte, ele não conseguia fazê-lo. Eu continuava a ser a adulta aqui. Ainda mais na casa da GiGi, onde tínhamos passado tanto tempo nos

nossos papéis de intocáveis e intocados, ele não conseguia avançar.

Então, tomei a iniciativa.

Estendi-lhe a mão num cumprimento.

– Boa noite – disse-lhe.

Ele olhou da minha mão para o meu rosto.

– A sério?

Encolhi os ombros.

O Jake pegou-me na mão, mas, em vez de a apertar, segurou-a por um momento, virando-a de lado como que a estudá-la. Eu sustive a respiração.

Quando ele a largou, tive de disfarçar.

– Podes pôr o alarme do Duncan para as cinco? – pedi. – O meu está avariado.

– Cinco da manhã?

– Temos um grande dia pela frente – lembrei.

Ele não me contrariou.

– Está bem – acedeu. – Às cinco da manhã será.

A seguir, virou-se e foi deitar-se no quarto do meu irmão, que tinha o mesmo aspeto de sempre. Os pósteres das raparigas dos anúncios de cerveja ainda estavam nas paredes, a coleção de tampas de garrafa ainda ocupava a maior parte da secretária, e o terrário com as plantas mortas ainda estava junto à janela. Fora aqui que o Jake passara a maior parte do liceu. Onde ambos tentaram construir uma guilhotina com paus de gelado, fizeram moldes de gesso dos seus pés e inventaram o seu próprio videojogo sobre canibais, intitulado *Banquete das Bestas*. Onde haviam tentado construir uma floresta tropical no armário do Duncan e feito experiências intermináveis com gelo seco. Ah, e não nos esqueçamos do verão inteiro que passaram ali fechados a tentar construir uma réplica funcional do R2D2 a partir de um caixote do lixo, um corta-relva desmantelado e um computador velho.

Ao ver o Jake entrar, lembrei-me de quem ele era. O velho Jake regressou-me à mente e apagou a pessoa que eu quase deixara beijar-me. Ele fechou a porta com um estalido e eu virei as costas com a sensação de, por pouco, ter evitado um desastre. Foi então que fechei a porta atrás de mim. Manter as coisas simples. Eu

dormiria no meu quarto e o Jake, no quarto do Duncan. Exatamente onde devia.

⁴ Livro de 1991, da autoria de Naomi Wolf, um *bestseller* internacional que desafiou a indústria da cosmética e a existência de padrões irrealistas de beleza. (*N. do E.*)

Capítulo 5

Não estávamos na estrada nem há cinco minutos quando o Jake disse:

- Devíamos falar sobre a noite passada.
- Oh – respondi, apoiando-me no volante com ambas as mãos. –

Tem mesmo de ser?

- Vamos só pôr tudo em pratos limpos.
- É melhor não.
- Só quero dizer-te que não te vou cobrar nada.

Aquilo captou-me a atenção.

- Não vais?
- Não. A aposta está cancelada.
- Ótimo – disse, sentindo-me estranhamente desapontada. – Boa.
- Ótimo – corroborou ele. – Está resolvido.

E foi isso. Resolvido.

Depois, os nossos tópicos de conversa variaram entre dónutes, *Pulp Fiction*, as melhores festas de aniversário que tivemos, talentos ocultos, óvnis, viagens no tempo, se a política atrai idiotas desde o início ou se transforma pessoas normais em idiotas, países que queríamos visitar, como as baleias respiram quando estão a dormir, medos de infância, como fazer *enchiladas*, gatos *versus* cães e o aquecimento global.

O que é que não abordámos? O vinho que bebemos, a paixoneta que o Jake confessou ter por mim e os beijos que quase trocámos.

No início, pensei que não íamos falar sobre isso porque era um assunto demasiado sério. Mas, à medida que o dia passava, e o Jake me contava tudo sobre a grande história de amor do seu pai escocês com a sua mãe texana, os seus livros favoritos (*O Senhor dos Anéis* e *Lonesome Dove – Na Trilha da Solidão*) e a tese que escrevera a respeito das cartas de amor chocantemente picantes de Nathaniel Hawthorne para a mulher, Sophia (ela teve de cortar passagens inteiras com uma tesoura), perguntei-me se não seria apenas sério para mim. Ele certamente não parecia estar a pensar nisso. Talvez

estivesse, no fundo, mas apenas a fingir por fora. Ou talvez beijar não tivesse a mesma importância na geração dele que tinha na minha.

E nem sequer nos tínhamos beijado!

Mas ele quisera. Ou, pelo menos, eu pensava que ele quisera. Se calhar tinha sido eu a querer. E aí é que estava o problema: eu embarcara nesta viagem para me tornar uma versão melhorada de mim mesma – e regressara. O poema do fluxo de consciência da minha vida – que eu esperava transformar em algo parecido com um *haiku* sobre a natureza, entrecruzado com um filme do Chuck Norris – fora reduzido a: *Será que ele gosta de mim? Ohmeudeus!*, no espaço de vinte e quatro horas. E não esse era o objetivo desta viagem. Quando o Duncan me falara pela primeira vez deste curso de sobrevivência, eu estava a planear ir a Paris. Tinha desistido de *Paris* pela sabedoria da natureza selvagem. Mas agora não estava nem na cidade-luz nem na natureza selvagem. Estava no liceu.

Quanto mais avançávamos, mais eu sabia que teria de desenvolver uma tolerância ao Jake. A começar agora. Não ia apenas desistir da aposta, ia bloqueá-la por completo. Tinha um objetivo mais elevado do que esse. Passara por demasiadas tormentas no último ano para me contentar com uma amostra de ressurreição.

Pensei na noite em que expulsara o Mike. Nesse dia, tinha ido fazer um exame de gravidez e, em vez de receber uma pilha de imagens ecográficas para colar no frigorífico, recebera a notícia de que estava a sofrer um aborto espontâneo. Ao que parece, o meu corpo tinha «interrompido a produção», como descrevera a enfermeira, e o médico mandou-me para casa. Alertou-me de que teria muitas câibras na semana seguinte e instruiu-me a encontrar alguém que me trouxesse chá e sacos de água quente. Essa pessoa, claro, devia ter sido o Mike, que também devia ter estado comigo na consulta. Ou que teria estado lá se não se tivesse esquecido completamente de aparecer.

Mais tarde, descobri que ele tinha bebido uns copos num almoço de negócios, que durante a tarde andara meio embriagado pelo escritório e que depois fora para a *happy hour* com «alguns colegas

de trabalho». A *happy hour* dera lugar a uma bebedeira até altas horas, e ele só chegara a casa depois de eu já estar a dormir. Nessa tarde, conduzira até casa num turbilhão e, como se o meu corpo estivesse à espera de autorização, começara a abortar a sério à noite.

Na manhã seguinte, acordei o Mike para lhe contar o que tinha acontecido e anunciei-lhe que desistira do nosso casamento. Fiz tudo em cerca de dez minutos, sem lágrimas, tristeza ou arrependimento. Tudo isso veio mais tarde. O Mike estava demasiado humilhado – e demasiado resacado – para discutir. Limitou-se a baixar os olhos e a acenar com a cabeça. Quando nos separámos, surpreendi-me com a minha convicção: expulsá-lo fora o mais acertado. As coisas estavam tão más há tanto tempo que, depois de ele ter saído, nunca pensei seriamente em pedir-lhe que voltasse. E mesmo com alguns telefonemas e encontros logísticos, o Mike nunca fez uma tentativa séria nesse sentido. O que não significa que não fiquei completamente destruída. Fiquei – e muito. Mas a partir desse dia, tornou-se claro para mim que, por muito más que as coisas fossem sem o Mike, teriam sido ainda piores com ele.

O último ano foi assim – um pêndulo que oscilava entre o pânico e os «e se» inerentes a desistir de um projeto de vida, e a sensação de choque, ampla, entorpecida e intermitente, que preenche todos os espaços intermédios. Tenho a certeza de que também houve momentos de alívio, mas, quando penso nesse ano, lembro-me de uma coisa: eu, sozinha, sob as luzes fluorescentes da mercearia, música de elevador no fundo e ruído ambiente em primeiro plano, a empurrar um carrinho estridente cheio de sopa *Campbell*. A minha triste tentativa de comida de conforto.

Estava definitivamente farta de luzes fluorescentes e música de elevador. O ano prolongara-se demasiado, mas por fim acabara. Estava pronta para me surpreender, raios! Pronta para algo profundo! Para viver uma experiência transcendente! E o Jake e os seus lábios, por mais deliciosos que pudessem ser, não se qualificavam. Como a adulta que era, recusei-me a voltar sequer a pensar nele.

Até que parámos para pernoitar.

O Jake insistiu em levar as nossas malas. No quarto do motel, deixou-as cair com um baque. Depois disso, virou-se para mim, cruzou os braços e estragou tudo.

Disse-me:

– Lembras-te de ter dito que a aposta estava cancelada?

– Sim.

– Já não está.

– Não podes voltar atrás!

– Claro que posso.

Pus as mãos nas ancas e assumi a minha pose mais autoritária.

– Nem sequer foi uma aposta a sério. Aliciaste-me com vinho e esparguete à bolonhesa.

– Eu não aliciei ninguém. Tu aliciaste-te a ti mesma.

– Não importa! Eu estava bêbeda!

– Não estavas nada bêbeda. No máximo, estavas um bocadinho tocada.

– Jake – disse eu, perfeitamente consciente de que, se um quase beijo me podia perturbar tanto, um beijo a sério virar-me-ia totalmente do avesso –, isso não é mesmo boa ideia.

– Eu discordo.

– De facto, é uma ideia terrível, jocosa e ridícula.

– Porquê?

– Porquê? Porque sim! Porque és o melhor amigo do Duncan. E eu nem sequer te conheço. E amanhã vamos juntos para o meio do nada. E porque tens metade da minha idade.

– Dois terços.

– Tanto faz.

– Ainda não ouvi uma boa razão da tua parte.

– Jake – disse logo a seguir, com toda a certeza de estar a mentir –, não quero e pronto.

Foi o suficiente. Ele olhou para baixo. Soltou um lento suspiro de derrota. Depois, acenou com a cabeça.

– Está bem – acedeu. – É uma boa razão.

A seguir, pegou na bacia da camisola e puxou-a para cima, sobre a cabeça, e tirou-a de uma só vez.

– Vou tomar banho – anunciou.

Fê-lo de propósito. Àquela distância, eu não conseguia não olhar para os músculos do flanco que se contraíam e flexionavam enquanto o Jake procurava os artigos de higiene pessoal no saco. Nem podia deixar de admirar a sua figura masculina absolutamente perfeita enquanto caminhava para a casa de banho. Parecia um mergulhador olímpico ou assim – e mal isso me ocorreu, uma imagem dele a saltar de uma prancha alta com uns *Speedo* assomou-me à mente antes que pudesse impedi-lo.

Meu Deus. Tentei recompor-me com uma palmada na testa enquanto o Jake fechava a porta. Mas não resultou. De facto, tudo o que consegui foi ficar quieta enquanto a minha mente delirava sem permissão. Ainda me encontrava no mesmo lugar quando o Jake saiu do banho, agora com as calças de pijama e a *T-shirt* de Harvard que usara na noite anterior. O cabelo secado com a toalha formava os mesmos pequenos crescentes húmidos junto ao pescoço.

Passou por mim, subiu para a cama e abriu um livro.

O livro da baleia. O único que tinha trazido.

Eis o problema. Eu queria mesmo beijá-lo. Era uma ideia cem por cento terrível, e disso eu estava certa, mas, por algum motivo, não conseguia importar-me. Nem quando fui tomar banho. Ou quando estava a secar o cabelo. Ou quando lavei os dentes e vesti a minha *T-shirt* de dormir. Quando saí da casa de banho e parei à porta para o observar, já sabia que era inútil. E assim, do mesmo modo que se vê uma mão a pegar numa bolacha que o cérebro sabe que não se deve comer, vi-me a caminhar até ao Jake e a demorar-me ao seu lado.

Ele não olhou para cima.

– Estás a começar o mesmo livro do início – observei. Ele manteve os olhos na página.

– Sim.

Fiquei a vê-lo ler durante uns instantes. Ou a fingir que lia.

– Anda cá – disse eu, por fim, deixando escapar um suspiro de derrota. O Jake olhou para mim, mas não se mexeu, como se me desafiasse a dizê-lo com intenção. – É bom que venhas antes que eu mude de ideias.

E foi aí que ele se pôs em sentido. Deixou cair o livro tão

depressa que este embateu no chão.

– Vamos fazer como na escola – comecei, abanando a cabeça perante o que estava prestes a acontecer. – Eu dou a aula, e tu podes tirar apontamentos mentais.

Ele dirigiu-me aquele seu sorrisinho.

– Adoro tirar notas com a mente. Sou um grande fã de apontamentos mentais.

– Isto é apenas para fins educacionais.

– Também sou muito fã da educação. Sou um aluno exemplar.

Ficámos de frente um para o outro e, naquele momento, não me lembrei de alguma vez ter estado tão perto dele. Tive aquela sensação de vertigem que se tem depois de se tomar uma decisão que vai mudar a nossa vida. Estaria mesmo prestes a dar uma aula de beijos? O que iria sequer dizer? Tentei encontrar algo que parecesse sensato.

– A questão dos beijos é que é um equilíbrio entre agarrar e largar.

– Isso é que é um começo filosófico – disse o Jake.

– Como em tudo na vida – continuei –, há um empurrão e um puxão. Lembro-me de beijar um rapaz no sétimo ano que enfiou a língua na minha boca e a empurrou como se fosse um peixe morto. Isso não foi um bom beijo.

O Jake assentiu.

– Tu não beijas assim, pois não? – perguntei.

Ele abanou a cabeça.

– Ótimo – disse eu. – Quando se beija alguém, é tudo uma questão de dar e receber. Aproximarmo-nos. Afastarmo-nos. Não se trata apenas de fazer oitos com a língua. Porque o empurrar e o puxar refletem as emoções.

– Pensaste mesmo nisso – observou ele.

– Eu *nunca* tinha pensado nisso – retorquii. – Mas parece que me estou a tornar perita.

Ele voltou a estudar-me com aquele seu jeitinho.

Decidi continuar.

– E não te limites a ficar no mesmo sítio – acrescentei. – Explora.

O seu olhar desviou-se para a minha boca.

– Tipo da boca dela para o pescoço?
– Para todo o lado. Pescoço. Garganta. Clavículas. – Pausei. – E usa os dentes.

– Queres que eu a morda?
– Quero dizer, usa os dentes para contrastar. Os lábios são macios, os dentes são duros. – Pude vê-lo a pensar.

Continuando.

– Muito bem: mãos. Onde ficam?
– Na mama? – Ele encolheu os ombros, como se soubesse que estava errado.

– Incorreto! Em qualquer sítio menos aí! Na nuca. Ou no cabelo. Ou nas costas. – Apontei para ele. – Na mama, não! Tens de ganhar esse direito.

Ele anotou-o na sua mente de Harvard. Depois pôs as mãos, uma de cada vez, nas minhas ancas.

– Eu não disse «ancas» – comentei, só para o repreender. Ele inclinou a cabeça.

– Ainda não te estou a beijar.

– Questionário! – anunciei. – Quanto tempo é demasiado para um beijo?

Ele virou aqueles olhos de cachorrinho para o teto e pensou mesmo no assunto.

– Trinta minutos?

– Errado! Quando se beija, não existe *demasiado tempo*.

– Mas, mais cedo ou mais tarde, ela pode querer passar para outras coisas.

– Se estiveres a fazer tudo bem, certamente quererá.

– Não quero que fique frustrada.

– Frustração é bom! – disse-lhe. – Dentro do razoável.

Era a conversa mais estranha de sempre. Estávamos a falar de uma mulher hipotética na terceira pessoa quando ambos sabíamos que era a mim que nos referíamos. Ou, pelo menos, a mim daqui a uns minutos. *Eu* estava a dizer-lhe para *me* frustrar. E explorar. E morder. E mais, a minha voz estava a falar, mas o meu corpo estava a *ouvir*. E a prestar muita, muita atenção. E a revelar-se também uma espécie de aluno exemplar.

De alguma forma, tínhamos reduzido a pequena distância entre nós. Ele estava mesmo ali. A centímetros de distância. Sentia o calor do seu corpo e a ligeira agitação do ar que a sua respiração produzia.

– Frustração é *desejo* – prossegui, tentando manter a minha postura de professora. – E desejar é sempre melhor do que ter.

– Sempre?

Detestei ter de revelar a terrível verdade.

– Sempre – afirmei.

– Parece tortura.

– Não, não, não. Querer sem esperança é tortura. Querer *com* esperança é antecipação.

Ele estava fixo na minha boca.

– Então, beijar é antecipação?

Anuí, consciente da sua proximidade. Ele tinha a *T-shirt* um pouco gasta, como se a tivesse lavado milhares de vezes. Cheirava a sabonete e a hortelã-pimenta.

– Beijar é pura antecipação.

– O que é que isso faz da antecipação do beijo?

Mas a minha voz falante estava a sucumbir ao meu corpo ouvinte. O sentimento sobrepunha-se ao pensamento. O olhar dele desorientava-me. Eram demasiadas emoções para formular uma resposta.

– Tenho muito mais a dizer, mas não me consigo lembrar do quê.

– Nem eu.

Seguiu-se uma pausa e, com ela, atingimos o ponto que dispensava o uso de palavras. E assim foi. Depois de toda a frustração, desejo e tortura, a antecipação deu lugar a mais antecipação.

O Jake inclinou-se até a sua boca estar a um centímetro de distância, mas quando pensei que ele ia beijar-me, deteve-se, como se quisesse saborear o momento. Conseguia sentir o seu hálito a pasta de dentes nos meus lábios, e permaneci ali, à beira do precipício. E depois, por fim, ele ergueu uma mão para a minha nuca e encostou a boca à minha. Foi tão quente, íntimo e certo, tal como eu esperava. Ele revelou-se ótimo a seguir instruções.

Empurrou para dentro e depois recuou. Roçou a língua e depois afastou-se. Pressionou e depois abrandou. Era um ritmo agradável, como ser puxada pelas ondas do mar.

– Oh, meu Deus – disse eu. – És mesmo um aluno exemplar.

– Eu avisei-te – gabou-se. – Já agora, desde o primeiro momento em que te vi que queria fazer isto. Tudo o que eu queria era chegar ao pé de ti e fazer isto.

– Queres dizer, quando estava a caminhar para o altar? Para me casar?

Ele acenou com a cabeça.

– Isso teria sido estranho – considerei.

Mas o Jake estava a falar a sério.

– Sempre me arrependi de não o ter feito.

– És demasiado jovem para te arrependeres de alguma coisa.

– Acredita – disse ele –, não sou.

Depois, voltou a beijar-me e, naquele momento, a escola estava oficialmente encerrada. Já não tinha nada para ensinar a este miúdo. Há anos que não era beijada assim. Ou talvez nunca tivesse sido.

O Jake empurrou-me de volta para a cama, e eu deixei-o; ri-me baixinho enquanto tentávamos beijar-nos e deitar-nos no colchão ao mesmo tempo. Relaxei contra as almofadas, retribuindo o beijo, sem fôlego e perdida. Ele desceu até à curva do meu pescoço, usando os dentes para fazer o contraste, como o grande aluno da Ivy League que era. O meu corpo inteiro pareceu absorver todas as sensações.

Por entre a névoa, ouvi-me dizer:

– Mentiste-me.

Ele levantou-se.

– Hã?

Olhei para ele. Tinha o cabelo menos húmido, mas estava desgrenhado e caído para a frente. Os seus olhos estavam vítreos.

– Disseste-me que não sabias beijar – acusei-o. – Disseste-me que eras terrível.

– Oh – disse ele. – Desculpa lá isso. – Depois regressou ao meu pescoço, fazendo movimentos giratórios quase insustentáveis.

– Sabia que estavas a mentir.

Ele sabia que eu sabia. Nem sequer tentou fingir.

– Na verdade, sou muito bom.

Se fiquei zangada por ele me ter mentido? Oh, não, *de maneira nenhuma!*

Ele prosseguiu, falando de encontro ao meu ombro, a voz ligeiramente embargada.

– Nunca o farias por diversão. Nem se te desafiasses. E certamente nunca o farias por querer. – Depois, voltou a subir pelo meu pescoço, pela curva sob o meu queixo. Levantou a cabeça. – Tinha de ser por caridade. Eu sabia que o farias por caridade.

Ele não estava errado.

– És muito mais matreiro do que eu pensava – disse eu.

Ele voltou ao meu pescoço.

– Só quando tenho de ser.

– Não tinhas de ser – retorqui. – Apenas escolheste sê-lo.

Ele levantou a cabeça.

– Tinha de ser.

Antes que pudesse perguntar o que queria ele dizer com aquilo, o Jake beijou-me outra vez, até que tudo na minha vida pareceu fora de foco, exceto aquela coisa deliciosa. E continuou:

– Eu queria-te. Sempre que te via, ou ouvia falar de ti, ou via a tua fotografia no quarto do Duncan.

– E agora que me tens, qual é a sensação?

– Demasiado boa para ser verdade – disse ele. Um segundo depois, acrescentou: – E pura agonia.

Eu não sabia o que isso significava, mas sabia o seguinte: ele tinha-me mesmo. Se me estava a enganar, eu estava a deixá-lo enganar-me. Se isto era apenas uma conquista juvenil da irmã mais velha do melhor amigo, eu fora conquistada. Em parte, foi o ataque de beijos que me deixou atordoada. Mas foi sobretudo a expressão de total seriedade no seu rosto. Se estava a representar, era o melhor ator do mundo.

Agonia, dissera ele. Eu não queria que ele sentisse agonia. Queria que sentisse todas as coisas boas que eu sentia.

Levantei-me, enganchei as mãos na nuca dele e puxei-lhe a boca para a minha. Já não estava a brincar aos professores. Era apenas

eu, o verdadeiro eu, a beijá-lo e a tentar fazer o melhor trabalho possível. Comecei a fazer ao seu pescoço exatamente o que ele fizera ao meu. O que eu sabia ser, com toda a certeza, o oposto de agonia.

Quando ele voltou a levantar a cabeça, parecia não acreditar no que estava a ver.

- Estou feliz por me teres convencido a beijar-te – disse.
- Eu também – disse ele.
- Há muito tempo que não me divertia tanto.
- Eu também.
- Mas deves ter muitas namoradas.
- Ultimamente não – admitiu ele com um abanar de cabeça. –

Não estou interessado.

Depois fiz uma pergunta que nunca me teria atrevido a fazer se não estivesse tão embriagada de beijos – e se ele não tivesse passado a última meia hora a convencer-me de que eu já sabia a resposta.

- Mas estás interessado em mim?
- Sim – disse ele. – Contigo é diferente.
- Jake, eu gosto mesmo de ti. Como é que isso aconteceu?

Os seus olhos percorreram o meu rosto com a maior das gratidões.

- Não faço ideia.

Olhou para mim como se estivesse a memorizar todos os pequenos detalhes – da mesma forma que, imaginei, um pintor devia olhar para uma musa. Era puro afrodisíaco. Então, ocorreu-me algo: não estivera com ninguém além do Mike, em todos os anos em que estivemos casados, nos anos em que namorámos antes disso e em todo este ano inacreditavelmente longo em que já não era casada. De repente, queria muito estar com alguém, e que esse alguém fosse o Jake. Não me importava que fosse demasiado novo para votar nas últimas eleições presidenciais e que fosse amigo do Duncan. Não me importava com nada naquele momento, a não ser conseguir uma dose maior do que quer que aquilo fosse.

Fiz deslizar a mão para baixo e procurei o cordão do pijama dele.

Ele interrompeu o beijo e olhou para mim.

– O que estás a fazer?

Olhei para cima.

– A desapertar-te as calças.

Ele abanou a cabeça.

– Não podes fazer isso – disse. – Se começares, não sei se consigo parar.

– Porque terias de parar? – perguntei. Tinha encontrado o cordão na cintura dele e comecei a desatá-lo.

– Helen – disse ele –, não podemos. – Pôs a mão sobre a minha.

– Claro que podemos.

– Helen. Helen... – pediu. – Não faças isso. Eu menti-te. Era impossível ganhares aquele jogo de *Scrabble*. Eu pertenci a uma *equipa*. Joguei em *torneios*.

– Devo gozar contigo agora ou mais tarde?

– A questão é que já tinhas perdido antes de começarmos.

– E depois?

– As minhas intenções eram desonestas. Até a ideia do *Scrabble*. Sabia que não resistirias ao jogo. O Duncan contou-me. Foi por isso que o trouxe.

– Está bem, isso é desonesto – disse. – Mas deste-me uma saída. – Beijei-o outra vez.

– Estou a tentar fazer a coisa certa.

– Não faças a coisa certa – murmurei-lhe no pescoço, ao mesmo tempo que lhe soltava o nó do pijama. – Não quero que faças o que está certo.

Foi então que ele se aproximou e me beijou tão ferozmente que quase perdi o fôlego. Pensei que já nos tínhamos beijado antes, mas nesse momento percebi que nem sequer havíamos começado. O que era certo, o que era errado, nada disso importava. Dissolvi-me no momento, converti-me em nada mais do que toque e movimento. O que quer que o estivesse a reter desaparecera, e agora estávamos envolvidos numa onda de desejo. Pronto. A decisão estava tomada. Íamos fazer a coisa errada, e não havia nada que alguém pudesse fazer para o impedir.

Até que o telemóvel tocou.

O meu telemóvel. Mesmo na mesa de cabeceira, a centímetros de

distância. Parámos, entreolhámo-nos e esperámos que parasse.

Parou. Mas depois voltou a tocar. Também esperámos que parasse, imóveis, exceto pela nossa respiração.

Quando o toque começou pela terceira vez, tive de verificar. Três chamadas são sempre uma emergência. Ou, ao que parece, um ex-marido.

Estiquei a mão em câmara lenta para atender e ambos vimos o nome do Mike no pequeno ecrã.

– Não atendas – sussurrou o Jake.

Abanei a cabeça.

– Tem de ser.

Ele virou-se de costas, derrotado.

O quarto estava silencioso, em silêncio absoluto, quando encostei o telemóvel ao ouvido.

– Mike?

– Ellie?

Odiava quando ele me chamava Ellie.

– Posso ir aí?

Sentei-me para me debruçar sobre o telemóvel.

– O que se passa contigo? Não estou na cidade.

A voz dele vibrava com aquele trejeito que ele só tinha quando se sentia assoberbado.

– Acabei de tomar um gole de *Jack* e *Coca-Cola* – disse ele.

A sua bebida favorita.

– Porque me estás a ligar? Porque não ligas ao teu padrinho?

– Não o consigo encontrar. Ele não atende.

Cruzei o olhar com o do Jake e encolhi os ombros num pedido de desculpas. Ele desviou o olhar.

– Espera – disse para o Mike.

Levantei-me e alisei a minha *T-shirt* de dormir para me recompor. Senti os olhos do Jake sobre mim enquanto me dirigia para a casa de banho e fechava a porta.

– Quanto é que bebeste?

– Cuspi-o – disse ele. – Estava numa festa e vi um copo meio vazio junto ao lava-loiça. A bebida de outra pessoa meio consumida. Peguei nele e bebi. Mas depois não engoli. Cuspi.

Baixei a tampa da sanita e sentei-me sobre ela.

– Mas isso é ótimo, Mike. Estiveste muito bem.

– Não me sinto bem. Sinto-me péssimo.

– Onde estás tu?

– Por aí. Tinha de sair.

Inclinei-me para a frente sobre os meus joelhos nus e tentei adaptar-me à mudança de cenário. Da cama confortável com o Jake, mergulhada num turbilhão de algo que só podia ser descrito como *felicidade*, para a casa de banho dura, fria e fluorescente, sozinha, em quinze segundos. Uma mudança e tanto. Não sabia o que dizer ao Mike. Não falava com ele há meses.

– Acho que isso faz parte – disse eu por fim. – É esse o processo.

– Embora não fizesse ideia de qual era o processo.

– Não posso ir aí um bocadinho? Tenho saudades tuas.

– Já te disse, estou fora da cidade. A caminho do Wyoming.

Ele parou.

– Porquê?

– É uma longa história – respondi. – Vou fazer caminhadas.

– Vais fazer caminhadas? – repetiu. – Alguma vez fizeste caminhadas?

– Não. O objetivo é esse. Tentar uma coisa nova.

O Mike soltou um longo suspiro.

– Helen. Nem acredito no quanto adoro ouvir a tua voz.

Aquilo amoleceu-me. Acreditei nele.

– Lamento que estejas a passar por tantas dificuldades.

E com aquele pequeno momento de ternura, um dos mais verdadeiros que partilhávamos há anos, o Mike fez algo que nunca tinha feito em todo o tempo em que tínhamos sido casados. Começou a chorar. E, quando começou, não parou mais. Chorou com abandono – com um fervor que eu nunca lhe ouvira. Chorou como se fosse a primeira vez que o fazia. Ou como se pudesse ser a última. A intensidade foi paralisante. Não me conseguia mexer sob o peso do dilúvio. Quando ele finalmente acabou de chorar, já eu estava enfiada na casa de banho há uma hora.

O que posso dizer? Da próxima vez que o teu ex-marido decidir finalmente libertar todas as emoções reprimidas durante seis anos

de casamento, veremos com que eficácia o consegues calar. Porque é que ele escolheu este momento específico? Terá pressentido que eu tinha, de alguma forma, começado finalmente a tornar-me numa pessoa nova, fora do seu alcance? Terá algum radar no cérebro dele avisado que eu estava prestes a entregar-me a outra pessoa? O *timing* foi verdadeiramente estranho. Não podia ter escolhido melhor momento se tivesse posto escutas na sala.

Quando finalmente saí, o Jake estava novamente a ler o livro sobre baleias. Não olhou para cima.

– Deve ser dos bons – comentei, com um gesto.

– Desta vez estou a sublinhar – esclareceu ele, com uma caneta na mão.

Podia muito bem ter subido para a cama, encostado a minha boca à sua e ter-nos atirado de volta ao turbilhão. Podíamos ter recomeçado onde tínhamos ficado. Mas uma hora é muito tempo. Inclusive, até parece mais tempo se estiveres ao telefone com o teu ex-marido. Ou, no caso do Jake, sozinho com os teus pensamentos.

Ambos tivéramos uma longa oportunidade para pensar.

– Então – comecei, demasiado longe para obter a resposta que pretendia. – Achas que devíamos retomar onde ficámos?

O Jake manteve os olhos no livro.

Perscrutei-o.

– Já não queres – percebi.

– Quero – disse ele. – Nem imaginas o quanto.

– Então qual é o problema?

– Nunca devia ter começado isto. Estava a ser egoísta.

– Então sê egoísta – retorqui. – Eu não me importo.

– Devias importar-te – disse ele. – Não precisas de outro homem assim.

Claro que o Duncan lhe tinha contado tudo sobre o Mike.

– Está bem – acedi. – Tem sido um ano difícil. Ou seis. Não posso fazer algo divertido agora?

– Não comigo.

– Estás chateado por eu ter atendido a chamada.

Ele abanou a cabeça.

– Não. Compreendo porque o fizeste.
– Ele não tem nenhuma importância para mim – declarei.
– Bem – disse o Jake –, alguma importância ele tem.
– Sim – admiti. – Claro. Mas o que quero dizer é... – parei. Não sabia bem como dizer isto. – Já não estou presa a ele.

– Eu sei. Não é isso.

– Então o que é?

– Acho que tive demasiado tempo para pensar.

Fui até à janela e voltei.

– Então agora dizes que não? Desde Boston que te estás a fazer a mim, a autopromoveres-te de forma exemplar, a olhar para mim como se eu fosse uma sobremesa de fazer crescer água na boca, e agora vais pôr um fim a tudo?

Ele estava a fazê-lo outra vez. A memorizar o meu rosto.

– Jake? É isso?

– Tenho de o fazer – respondeu ele.

– Estás assim tão avariado? – indaguei.

Ele estava com um ar muito sério.

– Mereces alguém melhor.

– Não foi o que disseste ontem! Nem o que disseste há uma hora!

– Conhecia muitos tipos assim. Que só te queriam quando não te podiam ter. Raios, até casara com um.

– Não sei como te explicar – disse ele, sentando-se.

– Espera... – Recuei alguns passos. – Isto é uma piada? – Senti uma pontada de humilhação perante a possibilidade. – O Duncan desafiou-te ou assim? – Olhei em volta. – Estavas a filmar isto para a Internet?

– Não! – exclamou ele. Depois esfregou os olhos. – Nunca pensei que funcionasse, está bem? Pensei que ias revirar-me os olhos como fazes sempre. Não pensei que me beijasses, ou que te deitasses assim na cama, ou que olhasses para mim como se eu pudesse significar alguma coisa para ti. Com certeza não previ essa tua *T-shirt* de dormir. E absolutamente nunca imaginei como seria beijar-te.

Continuei a andar de um lado para o outro. Tudo o que me tinha parecido tão certo ainda há pouco era agora o oposto. Fui outra vez à janela. Não havia mais nenhum sítio para onde ir.

– És linda – disse ele.

Mas a minha paciência esgotara-se. Senti uma raiva ardente a rugir dentro de mim. Virei-me e aponteí para ele.

– Cala-te! Isto tudo é uma merda, e o objetivo de ter vindo aqui foi para *me livrar* deste tipo de coisa. Por isso, a não ser que me consigas explicar o que se passa, em palavras simples que um não-campeão de *Scrabble* possa entender, estamos conversados, e quero dizer mesmo conversados, do tipo *não quero que fales mais comigo*.

Ele olhou para baixo. Não consegui interpretar-lhe a expressão. Parecia... não sei... ansioso. Ou nervoso. Ou assoberbado. Ficou a olhar para o nada durante vários minutos.

– Então? – perguntei-lhe por fim. – Consegues?

Ele olhou-me nos olhos, mas não disse nada.

Esperei o tempo que qualquer pessoa que se preze consegue esperar.

– Está bem – disse por fim. – Então é isso. – Sentia a desilusão estampada no meu rosto, o que só piorava a situação. – Espero que tu e o Duncan se divirtam quando lhe contares.

– Não é nada disso – negou ele. – Eu nunca vou contar isto ao Duncan.

Não sabia o que fazer com a tristeza na sua voz, ou com a forma como os seus ombros pareciam descaídos para a frente, como se lhe tivessem arrancado o coração. Não sabia o que fazer com nada daquilo. Por isso, fiz a única coisa que me ocorreu.

– Por favor, sai da minha cama – ordenei, na minha voz de irmã mais velha mazinha. – Vou dormir.

Capítulo 6

Depois disso, ignorei-o.

Ignorei-o enquanto dormíamos. Ignorei-o quando o telemóvel tocou para nos despertar. Ignorei-o quando lavámos os dentes, fizemos o *check-out* e fomos para o carro. Ignorei-o como a durona em que me estava a tentar tornar.

A manhã estava luminosa e o Jake ofereceu-se para conduzir. Sentei-me no canto mais afastado do banco do passageiro e encostei a cabeça à janela. Enfiei os auriculares nos ouvidos e, apesar de o meu *iPod* não estar carregado, fingi que estava a ouvir música durante as quatro horas seguintes, enquanto deixávamos o motel – e a própria civilização – para trás.

Agora já sabia com o que estava a lidar. O Jake só me queria quando não me podia ter, um tipo de homem que vivia sob o lema de nunca pertencer a um clube que o aceitasse como membro.

Eu conhecia o género.

Em todos aqueles anos com o Mike, ele só me amava quando eu estava chateada. Ou distraída. Ou ocupada. Adorava a *caçada*, mas assim que o deixava *capturar-me*, sentia-se sufocado. Aprendi cedo que tinha de continuar a fugir para o manter interessado. No entanto, acabei por me cansar desse joguinho. Depois de algum tempo, só queria ser apanhada.

Quando nos conhecemos, eu não tinha a certeza de estar interessada. Mas o Mike fez de tudo para me seduzir: flores, jantares, cartas de amor. Ao fim de algum tempo, fiquei apanhada. Porém, na altura em que começava a esperar que ele ligasse, ele deixava de telefonar. Era como se o Mike o pressentisse. Quando me apercebi de que ele estava a perder o interesse, fiz questão de me manter ocupada – com projetos e amigos, e por vezes com outros encontros. Mas assim que conseguia remetê-lo para segundo plano, ele recomeçava a telefonar mais frequentemente.

Claro que houve muitos momentos entre os extremos durante os quais nos demos muito bem. Só que tudo o que fazíamos acontecia

de acordo com este padrão maior, e demorei muito tempo a aperceber-me disso. Quando percebi, demorei ainda mais tempo a parar de tentar mudá-lo. Ou de exigir que ele o mudasse. Ou de esperar que um conselheiro matrimonial alterasse a situação. Mas há coisas nas pessoas que não mudam. Por mais que racionalmente soubesse que o problema era dele, nunca fui capaz de me livrar da sensação de haver algo de errado comigo.

Seria excessiva? Demasiado emocional? Ou muito carente? Nunca antes pensara em mim dessa forma, mas suponho que parecemos sempre normais aos nossos olhos porque não sabemos o que é ser outra pessoa.

Conseguia ver as montanhas ao longe, enquanto o Jake conduzia. Pareciam mesmo de cor púrpura, e perguntei-me que truque de física teria provocado aquilo. Ter deixado o Jake apanhar-me ontem à noite tinha sido, verdadeiramente, um ato de coragem. Em toda a minha recente experiência, ser apanhada significava ser deixada.

No entanto, aqui estava, na manhã seguinte, e os factos pareciam bastante evidentes. O Jake perseguira-me, apanhara-me, depois olhara em volta, franzira o nariz e dissera: «Na verdade, sabes que mais? Esquece.» Ou eu era, de facto, demasiado, ou algo em mim atraía homens que apenas queriam muito pouco.

Quem sabe?

Quem é que quer saber?

Três anos de aconselhamento matrimonial haviam-me ensinado que esta questão em particular não era solucionável. Por sorte – *sorte, caramba* –, o Jake pusera-nos um travão. Era menos uma coisa com que me debater. Menos uma coisa de que me arrepender. Devia estar a agradecer-lhe por nos ter impedido. Mas não me apetecia agradecer-lhe. Apetecia-me castigá-lo por nos ter feito começar antes de tudo.

E assim decorreu toda a viagem de carro de manhã.

Quando chegámos à histórica casa senhorial de madeira e pedra que servia de sede à Empresa de Sobrevivência no Interior, já eu erguera um muro imaginário bastante sólido entre nós.

Quando o Jake puxou o travão de mão, virei-me para ele.

– Olha – disse. A minha primeira palavra em quatro horas.

– Sim?

– Fazes-me um favor?

Ele olhou-me nos olhos.

– Claro.

– Não nos conhecemos.

– Ah, não?

– Não viemos juntos de carro.

– Não viemos?

– E tu nunca meteste a tua língua na minha boca.

Ele assimilou aquilo.

– Isso vai ser complicado.

– Estou a tentar fazer algo importante aqui – disse-lhe. – Não é uma piada para mim.

– Para mim também não.

– Vim nesta viagem por um motivo, e não foi para me meter com o amigo pateta do meu irmão mais novo.

Ele inclinou a cabeça como se eu o tivesse magoado um bocadinho.

– Está bem.

– O que quer que tenha sido aquilo ontem, não interessa. – Estava frustrada, porque quatro horas seguidas a fingir que não me importava com nada não tinham dado grande resultado. Queria *tanto* não me sentir humilhada. E rejeitada. E patética. Já tivera a minha dose de sentimentos desses para uma vida inteira. Eu devia estar a transformar-me numa super-heroína poderosa – não numa adolescente chorona. Só tinha de acabar com tudo isto. Por qualquer meio necessário.

– Nunca gostei muito de ti – afirmei. Depois olhei para ele, muito séria, e acrescentei: – E gostava que o dia de ontem nunca tivesse acontecido.

O Jake desviou o olhar.

– Eu também gostava que nunca tivesse acontecido.

Eis algo surpreendente. Apesar de ter acabado de dizer aquelas exatas palavras, sem qualquer sentimento, o som delas a rebentarem-me no rosto foi muito intenso. Falei com um tom de

falsa animação:

– Ótimo. Concordo contigo. Então, vamos a isso.

Ele franziu o sobrolho.

– A isso o quê?

– Podemos fingir que ontem nunca aconteceu.

Jake tentou ler a minha expressão.

– É mesmo isso que queres?

– O que eu quero mesmo é que não estejas aqui. E que nunca tenhas estado aqui. – Ele encolheu os ombros. – Pois. Por isso, vou ficar com a segunda melhor opção. Seremos estranhos.

– Mas nós não somos estranhos.

Tão verdade.

– Mas só nós é que sabemos isso.

– Queres fazer de conta que não nos conhecemos?

– Tão bem que até nós acreditamos nisso.

Ele respirou fundo e depois olhou-me nos olhos, como se estivesse a tentar decidir algo sobre mim.

– Vou fingir por ti, Helen – acedeu ele por fim. – Mas não há hipótese de eu acreditar nisso.

A sua intensidade ofuscou-me um pouco.

– Está bem. Pode ser. – Depois não soube bem o que fazer a seguir. Estendi-lhe a mão. – Acho que isto é um adeus, então.

Ele olhou para a minha mão um segundo antes de a agarrar. Apertou-a.

– Adeus – disse ele, sem me encarar. Saiu do carro. E depois, sem mais nem menos, tornámo-nos estranhos.

O Jake revelou-se bom a fingir. No *check-in*, manteve-se atrás de mim a uma distância higiénica. Quando subi as escadas para levar as minhas coisas para o quarto, não ficou a olhar para mim. Não voltei a vê-lo até à reunião de integração, nessa tarde, onde me sentei ao fundo e ele se sentou mesmo à frente, como se nem sequer se apercebesse da minha presença.

Ótimo, pensei. *Perfeito*.

Mas nada parecia ótimo ou perfeito. À medida que via a sala a encher-se, sentia-me cada vez mais deslocada. Eram todos

universitários, o que, pensando bem, fazia sentido. Quem mais tem este tipo de tempo livre no verão? Ou em qualquer outra altura? Enquanto apareciam na entrada, umas atrás das outras, jovens de vinte anos, altas e magras, a semelhança entre elas atingiu-me. Usavam o mesmo tipo de *T-shirt*, com letras gregas a anunciar festas, calções de *nylon* e ténis num qualquer tom de néon. Usavam o mesmo tipo de batom e aplicavam o delineador de olhos de igual forma. Exibiam todas o mesmo tom de bronzeado. Os cabelos pelos ombros eram igualmente lisos. As raparigas eram todas apenas variações ligeiras do mesmo modelo de vinte anos.

É ridículo pensar que eram todas iguais, claro. Com o passar das semanas, passaria a vê-las como nitidamente diferentes, por mais que tentassem não destoar umas das outras. Mas, na altura, não me serviu de nada.

Parecia haver apenas dois tipos de pessoas a juntarem-se para a viagem: todos os outros e eu. Eu, pálida, sardenta, com o cabelo ondulado, um cruzamento entre vermelho e castanho, torcido num nó nas costas. Tinha vestidas calças de ginástica pretas, chinelos pretos simples e um *top* sem costas com um estampado da *Old Navy*. Gostava muito dele quando o comprei, quando o embalei e até quando o vesti naquela manhã. Agora sentia que era o que me ia impedir de me integrar. Isto é, até que uma lista mental de todas as outras coisas que iam impedir-me de me integrar começasse a escrever-se a si mesma na minha mente: a minha idade, o divórcio, o facto de cada uma das minhas unhas dos pés estar pintada com uma cor diferente do arco-íris. Eu não era nada como aqueles miúdos. Estava condenada.

Onde estavam os adultos? Os tipos com crises de meia-idade? Os corretores da bolsa com fantasias de lenhador? As mães com algo a provar aos seus treinadores pessoais? Esperava pelo menos mais um ou dois desses. Mas não nesta viagem. Esta viagem era uma grande festa de república. Mais valia termos trazido um barril de cerveja para comemorar.

Quero que fique registado que, aos trinta e dois anos, eu não era «velha». Trinta e dois não é «velho». É apenas adulto. Uma idade muito boa, na verdade. Nunca me desagradara ter trinta e dois anos.

Até agora.

Rodeada apenas por universitários, decidi que não era grande fã. Eram demasiado confiantes para o meu gosto – demasiado orgulhosos de si próprios. Eram a Geração da Autoestima, e eram todos *espetaculares*. Onde estava a dúvida? A angústia? O autodesprezo?

Eu não podia ser literalmente a pessoa mais velha da viagem. Fiquei à espera de que o instrutor entrasse. Com certeza ele – ou ela – seria um adulto, certo? Algum tipo da montanha, já de idade e de pele grisalha, com uma camisa de flanela, um joelho em mau estado e uma cicatriz, escondida pela barba, de uma luta com um urso? Eu teria adorado um instrutor assim: sábio e reconfortante, ao estilo de «Grizzly» Adams⁵.

Mas não foi isso que me calhou. Às três da tarde em ponto, um aluno do liceu apareceu à porta e olhou para a sala, sem entrar. Ninguém reparou nele a não ser eu. Fiquei a observá-lo durante vários minutos antes de me decidir a falar e a dirigi-lo para a reunião da escola secundária do outro lado do corredor – precisamente quando ele se apresentou como sendo o nosso instrutor.

Fiquei boquiaberta. Ele não podia ter mais de dezasseis anos. Não com aquela barbicha e um corpo crescido desprovido de músculos. Era magro, pálido e um bocadinho borbulhento, com cabelo oleoso e um gorro de malha caseiro cor de beterraba. Eu tê-lo-ia tomado por um programador de videojogos, ou um empregado de uma sala de cinema, ou até um distribuidor de jornais inadaptado. Mas nunca, jamais, pela pessoa que me ia guiar na maior viagem da minha vida.

A voz dele era tão fina como os seus pelos faciais.

– Ouçam bem, pessoal – começou ele. – Está na hora de aprenderem.

Não consegui evitar. Levantei a mão.

– Não é altura para perguntas – disse ele.

– És tu o instrutor? – perguntei.

Ele apontou para um emblema na alça da mochila.

– Isto é um emblema de instrutor?

– Não sei – admiti. – É?

– É – respondeu ele – e, sim, sou.

– Que idade tens? – perguntei. Saiu-me. Ele endireitou-se.

– Idade suficiente – respondeu.

Mas não tinha. Não tinha mesmo. Senti um arrepio de alarme.

O rapaz voltou-se para a sala.

– Sou o Beckett – disse. – E, durante as próximas três semanas, sou o vosso único elo de sobrevivência. – Cruzou os braços e semicerrou os olhos à medida que a informação era absorvida, e depois prosseguiu: – Estou prestes a apresentar-me, ao nosso programa e à natureza selvagem. Mas quero que sejam vocês a fazê-lo primeiro. – Sentou-se numa cadeira vazia e inclinou-se para a frente, instruindo-nos a todos a dizer os nossos nomes, idades e o que nos trouxera ao certo até aqui.

Parecia ser uma pergunta pertinente, esta última. O que me trouxera até aqui? Continuava a debater-me com essa questão. Não sabia como respondê-la a mim própria, quanto mais a um grupo de miúdos com excesso de confiança.

Ele esperou por voluntários. Por fim, uma modelo da J. Crew com um *top* de alças levantou a mão – mostrando uma total ausência de gordura na parte superior do braço. Esta, reparei, era um pouco diferente das colegas. Tinha cabelo louro comprido e não usava maquilhagem. Claro que era tão atraente que não precisava, mas mesmo essa pequena variante foi suficiente para me chamar a atenção.

– Chamo-me Windy – disse. – E estou aqui porque o meu irmão mais velho fez a mesma viagem há cinco anos, e disse que lhe mudou a vida. Não é que a minha vida precise de mudar!

O Beckett acenou com a cabeça.

– Que idade tens, Windy?

– Vinte e um.

Era tudo o que o Beckett queria, afinal. Eu voltara a pensar demasiado. Ele não precisava das nossas histórias de vida, nem das nossas esperanças e sonhos. Apenas do nome, da idade e de um resumo de uma frase. De certa forma, isso era mais fácil – e simultaneamente muito mais difícil. A Windy pareceu esperar mais

perguntas, mas o Beckett passou ao voluntário seguinte: um tipo alto com um boné de baseball virado para trás.

– Chamo-me Mason – disse ele. – Estou no primeiro ano da Universidade da Carolina do Norte. Vou fazer este curso para obter créditos universitários e espero ter uma experiência de quase morte.

– Quantos de vocês estão aqui para obter créditos? – perguntou o Beckett. Quase todas as mãos se levantaram. Outra razão para haver tantos universitários: é muito mais difícil para os adultos obterem créditos por seja o que for.

– Sou a Kaylee – disse uma rapariga a seguir, quando as mãos voltaram a baixar. – Estou no segundo ano em Auburn, sou uma Pi Phi e espero voltar uma autêntica durona.

Assim deram o mote. Um a um, os miúdos começaram a falar, usando aquele mesmo molde. Nome, ano, universidade, república e um objetivo de dez palavras ou menos para a viagem. Estavam todos no segundo e terceiro anos. Andavam todos em grandes universidades do Sul. Os rapazes esperavam uma experiência de quase morte, enquanto as raparigas, de uma forma geral, esperavam que três semanas intensas no deserto as fizessem regressar a casa mais magras. Estavam todos aqui por uma razão estúpida.

Todos, isto é, exceto eu, e acho que aquela rapariga, a Windy, também. E possivelmente o Jake. Embora me tenha ocorrido que não fazia ideia do porquê de ele estar aqui.

Deixei-me estar. Afinal, a minha vida não se enquadrava naquele molde, e receava ter de o anunciar publicamente ao grupo. Achei que devia esperar para ver o que o Jake dizia, e talvez colar-me a ele. Mas o Jake também não se estava a voluntariar. Parecia estar à minha espera.

Quando todas as pessoas já tinham falado, exceto nós os dois. O Beckett olhou de um para o outro e disse:

– E então? Quem se segue?

O Jake apontou para mim.

– Ela.

Toda a gente se virou na minha direção – os rapazes com as suas *T-shirts* A VIDA É BOA, casacos de cabedal e colares de dentes de tubarão, as raparigas com os seus rostos artificialmente bronzeados

e batom. Observei o grupo. Não eram, para dizer o mínimo, o que eu esperara. Era possível que estivesse em negação, tendo em conta tudo o que o Duncan dissera sobre o tipo de pessoas que se inscreviam num curso como este, mas estivera à espera de *hippies* que não tomam banho. E de fanáticos pela natureza. Clientes da Whole Foods. Leitores da revista *Outside*. Entusiastas do cânhamo. Atletas. Talvez um poeta ou outro. Em vez disso, estava rodeada pelo mesmo género de miúdos que se veem nos *reality shows* sobre as férias de primavera: adolescentes prototípicos aterradores, egocêntricos e insensíveis, como só se é antes de a vida nos empurrar para o chão e se sentar na nossa cabeça durante algum tempo.

Era a minha vez. *Quem era eu? Porque estava ali?*

O tempo passou. Eles ficaram a olhar.

Por fim, forcei algumas palavras – quaisquer que fossem.

– Chamo-me Helen – disse. – Não ando na universidade. Quero dizer, já não. Licenciiei-me há muitos anos. Andei em Vassar, quando tinha a vossa idade, mas não estava numa república nem nada porque lá não havia. – Já perdera estes miúdos. Eu era de outro planeta. – Tenho trinta e dois anos – continuei, enterrando-me mais –, e a minha vida desmoronou o ano passado.

Eles pestanejaram, como se não fizessem de todo a menor ideia do que poderia significar a vida de alguém desmoronar-se. Mas isso não podia ser verdade. Toda a gente, por mais cuidado que tenha com o delineador, conhece alguma desilusão ou perda. Dito isto, quanto mais velhos ficamos, *mais* sabemos sobre essas coisas. Talvez não fosse por não saberem nada – talvez fosse apenas por não saberem *o suficiente*.

Algo naqueles olhares indiferentes me fez avançar e querer forçá-los a perceber, embora, claro, isso fosse contra a física da vida humana: as pessoas não podem compreender as coisas antes de as *compreenderem*.

– Divorciei-me, na verdade – ouvi-me enunciar. – Estávamos a tentar criar uma família, mas a situação descarrilou.

Olhei de relance para o Jake, que abanou a cabeça discretamente, como se me urgisse a parar com aquilo. Mas não

consegui. Não encontrei forma de parar. Estavam todos tão calados. Eu surpreendera-os, não no bom sentido, e a minha boca recusava fechar-se até encontrar uma espécie de redenção.

– Lembro-me de que no liceu – continuei, baixando o volume para corresponder ao silêncio da sala – tinha uma paixão louca por um rapaz que era completamente fora do meu alcance. Ele era bonito como um deus grego, e eu era apenas uma simples mortal ligeiramente desajeitada. Não tinha nada que gostar dele, mas ele ajudara-me a levantar uma vez quando tropecei nas escadas, e eu não conseguia esquecer isso. Um dia, na sala de estudo, enquanto o olhava de soslaio, decidi que o ia beijar na cerimónia de formatura. Faltavam três anos, mas fiz esse voto solene a mim mesma. E não o ia fazer porque achava que isso o faria apaixonar-se por mim de repente. Ia fazê-lo por mim. Como um presente. Porque me recusava a suspirar tão dolorosamente por ele durante tanto tempo sem nunca conseguir nada com isso. Imaginei-o vezes sem conta. Planeei diferentes formas de ataque. E adivinhem? – O meu olhar tinha caído para o chão e não olhei para cima nem esperei por uma resposta. – A formatura chegou, e eu nunca o fiz. Não me acobardei, propriamente. Apenas percebi, quando chegou o dia, que a realidade iria estragar a fantasia. E *escolhi* a fantasia. E sabem que mais? Encontrei-o há cerca de um ano na estação de serviço e nem sequer o cumprimentei. – Olhei para cima, finalmente. – Ainda não entendem isto, mas a maior parte da vida é assim: quebrar as promessas que fazemos a nós próprios.

E com isso, bati no fundo. A minha tentativa de redenção – de dizer-lhes algo sábio e útil – acabou com o tipo de silêncio que se faz à senhora maluca dos gatos quando ela nos conta que o *Sr. Mittens* comeu uma barata. Acho que se a única pessoa com quem processamos as coisas é a nossa cadelinha malvada com rabo de rato, é natural que às vezes saia tudo ao contrário.

Aparentemente, era tudo o que eu precisava: um silêncio esmagadoramente embaraçoso e um súbito vislumbre de mim mesma através dos olhos do grupo. Tinha de perder toda a esperança, e isso libertou-me, de alguma forma.

– Então, suponho que é por isso que aqui estou – disse por fim. –

Para me tornar mais forte e mais resistente. Para me preocupar menos. Para me erguer das cinzas da minha existência como uma fénix durona e mostrar finalmente o dedo do meio à vida.

Depois de uma pausa demasiado longa, o Beckett virou-se para o Jake.

– Certo – disse ele, esticando o som do «o» num tom de «és completamente passada». – E tu?

Todos nos virámos para o Jake. Foi aí que olhei para ele pela primeira vez em contexto, e reparei que ele não se parecia nada com o resto dos rapazes. Estavam todos com bonés de basebol, bermudas e *T-shirts Patagonia*. Apesar das variações individuais de tamanho, cor e comprimento de cabelo, eram todos parecidos – as versões masculinas das raparigas ali presentes. Mas não o Jake, com a sua *T-shirt* havaiana vermelha *vintage*, calças caqui gastas e chinelos. Usava um chapéu de pescador esfarrapado com uma isca artificial presa, que deveria fazer com que ele parecesse um completo palerma. Mas, de alguma forma, não fazia. Talvez fosse o poder implícito de todos os seus músculos. Ou os óculos modernos, que lhe conferiam uma presença de estrela semelhante à de Cary Grant. Ou talvez a graça daquele chapéu tenha provado, sem sombra de dúvida, que ele não se importava mesmo com o que os outros pensavam dele. Mas toda a sala, incluindo eu, estava a pensar o mesmo em simultâneo: *Este tipo vai ser o chefe disto tudo*.

O Jake lançou um grande sorriso de galanteio ao grupo.

– Porque é que eu estou aqui? – Depois apontou para mim com o polegar e disse estas palavras: – Aquilo que ela disse.

A sala inteira soltou uma gargalhada alta e aliviadora de tensão. Até eu me ri por um segundo. Até que me apercebi de que ninguém se estava a rir *comigo*.

– Na verdade – continuou o Jake, quando todos se calaram. – Agora a sério. – Olhou em volta. – Eu concordo com a ruiva. – Olhou para mim, estreitando os olhos. – Ou loura-morango. – As gargalhadas que ainda restavam diminuíram, e alguns miúdos olharam na minha direção. – A não-sei-quantas não está errada. A vida *vai* dar cabo de todos nós. Toda a gente aqui. Eu incluído. E acho que estou aqui para aprender a sobreviver a isso. E a aguentá-

lo como um homem. Ou talvez para aprender a ripostar um bocado. – Voltou os olhos para mim. – Como ela. – Com isso, talvez só com aquele olhar, salvou-me. – Ah, e o meu nome é Jake, já agora – acrescentou. – E eu não andei em Vassar. Mas acabei de me formar em Harvard.

Um segundo silêncio abateu-se sobre a sala – mas este era de admiração. Naquele momento, o Jake tornou-se o nosso alfa oficial. Deles, porque era fixe, confiante, descontraído e amigável, e acabara de se formar – o que fazia dele um veterano, em suma. E meu também. Porque, mesmo tendo sido tão má para ele o dia todo, ele ainda se dera ao trabalho de me salvar.

Porém, o Beckett não queria que o Jake fosse o nosso alfa. Levantou-se o mais depressa que pôde para recuperar a sua posição de líder e, quando o Jake se voltou a sentar, perguntou, com uma voz que soou subitamente mais profunda:

– Alguém sabe onde estamos?

Os miúdos olharam todos em volta. Será que alguém *não* sabia onde estávamos?

– Mais importante ainda – continuou o Beckett, agora que tinha a nossa atenção –, alguém sabe para onde vamos?

– Para a natureza selvagem – disse um rapaz.

– Para lugares ermos – disse outro.

– Para o meio do nada – disse um terceiro.

– Vamos à Disneylândia? – perguntou o Beckett ao grupo, olhando em redor.

– Não – responderam todos, entrando no ritmo.

– É isso mesmo – concordou o Beckett. – Vamos para o oposto da Disneylândia. Vamos para as montanhas Absaroka. Já agora, não se pronuncia como se escreve. Digam comigo: «Ab-SÓR-cas».

– Ab-sór-cas – repetimos todos.

– Uma das cordilheiras mais íngremes, selvagens e sanguinárias dos Estados Unidos. Mastiga-vos e cospe-vos como caroços de cereja. Isto não é para meninos, malta. Se querem ter alguma esperança de sobreviver – fez uma pausa para dar ênfase –, vão seguir as minhas regras à risca.

Perguntei-me se aquilo era verdade, ou se ele estava apenas a

tentar voltar ao topo.

– Esta tarde, vamos à Equipagem arranjar o material de que ainda precisam. Depois disso, vamos à Despensa para encher as nossas mochilas e, a seguir, após um bom jantar, e recomendo o restaurante mexicano na State Street, vão tomar o vosso último duche, usar uma sanita pela última vez e passar a vossa última noite numa cama.

O Beckett parecia encantado por dar a notícia.

– Estão prestes a ser massacrados diariamente. Não vamos para o Four Seasons, pessoal. O Motel 6 vai parecer um cruzeiro de luxo quando eu tiver acabado com vocês. Querem saber para onde vamos? Para uma terra sem papel higiénico. – Assentiu com a cabeça, satisfeito com as expressões de choque. – É isso mesmo. Durante as próximas três semanas, vão limpar o rabo a uma pinha. Vão ficar absolutamente imundos. Não há chuveiros lá fora, amigos. Não há champô, nem desodorizante, nem gel de cabelo. Vão ficar com um aspeto horrível e a cheirar como doninhas. Não sei quem pensam que são ou porque julgam que conseguem fazer esta viagem. Talvez se achem incríveis. Talvez pensem que são uns durões. Mas digo-vos uma coisa: o único durão nas Absarokas é a Mãe Natureza, e ela vai limpar o chão com os vossos traseiros.

Olhei para a sala. Os miúdos estavam entusiasmados com a ideia de levarem uma tarefa.

O Beckett tirou uma mochila modelo e começou a mostrar-nos como fazer a mala.

– É assim que vivemos nas Absarokas – continuou. – Não levamos nada, *nada*, de que não precisemos. Cada grama conta quando carregamos toda a nossa vida às costas. Têm direito a uma escova de dentes, duas doses de pasta de dentes e um saco de plástico para cuspir. Podem levar protetor solar, batom e um pente. Não é permitido maquilhagem, loções, joias ou aparelhos eletrónicos de qualquer tipo. E sabem que mais? Não deixamos nada a não ser pegadas. Tudo o que levamos connosco, trazemos connosco. Meninas, se é a vossa altura do mês...

– Que nojo! – gritou um dos rapazes.

– Irão guardar os vossos produtos femininos usados em sacos

duplos e trazê-los convosco. Levam, trazem. Não podem atirar os vossos produtos femininos usados para a floresta e escapar impunes. Deixar tampões no trilho é motivo de expulsão.

Aquilo era um problema? As mulheres nestas caminhadas andavam a espalhar os seus tampões usados pela floresta? Era preciso falar disto no monólogo de abertura? Não tinha mesmo pensado bem nesta viagem. Não previra que não tomaríamos banho durante três semanas. Ou que não nos seria permitido levar desodorizante. Ou toda a situação de «limparem-se a uma pinha». Enquanto o meu peito se enchia de ansiedade pela terrível decisão que tomara ao vir para aqui, tentei, ao mesmo tempo, agradecer em silêncio o facto de pelo menos não ser a minha altura do mês.

Em que raio estava eu a pensar? Eu não era uma pessoa de caminhadas! Não era uma pessoa do ar livre! As minhas coisas preferidas no mundo eram camas macias, bons livros e grandes chávenas de café. Não queria levar uma tarefa – nem da Mãe Natureza nem de ninguém.

Como é que eu não tinha percebido isto antes? Esta viagem era a última coisa que eu queria fazer no mundo. De repente, senti uma pontada de desespero no estômago. Devia ter ido a Paris com um chapéu vistoso e feito uma aula de culinária! Como podia ter escolhido o Pé Grande como exemplo a seguir em vez da Julia Child?

Olhei em redor da sala para ver se mais alguém estava em pânico. Mas aqueles miúdos – aqueles miúdos idiotas! – estavam extasiados. Quanto mais assustador o Beckett soava, mais eles adoravam.

– Podem levar uma câmara pequena se couber neste bolso – disse ele, apontando para um fecho da mochila. – Podem levar mais uma *T-shirt*, mais um par de meias e mais um par de cuecas. É obrigatório trazerem um caderno para servir de diário e só podem trazer um livro para entretenimento. Ser-vos-á dado tudo o que precisarem na Equipagem. Irão fazer as vossas malas, seguindo o nosso sistema, mas nem pensem em tentar levar champô ou desodorizante às escondidas. – Olhou para todos nós, mas para as mulheres em particular. – Isso é desperdiçar espaço e aumentar

peso. Se os encontrar na vossa mochila, obrigo-vos a comê-los.

A seguir, puxou de um mapa e apontou para uma área verde com um monte de linhas onduladas como impressões digitais por cima.

– Durante as próximas três semanas, vamos percorrer esta área. – Traçou uma rota com uma esferográfica. – Dormimos em tendas, em grupos de quatro, e caminhamos juntos todos os dias. Levantamo-nos com o sol e percorremos entre dez a vinte quilómetros por dia, alguns deles na vertical. Vão ficar exaustos. É bem possível que ganhem bolhas. Vão odiar-se a vocês próprios e a todos à vossa volta. Não faz mal. Temos pena. Quando chegarmos ao acampamento, montam primeiro as lonas para dormir, depois as cozinhas. Vai haver muitos peidos nesta viagem, pessoal. É engraçado e hilariante. Superem. É resultado da comida desidratada. Pensem nisso como propulsão a jato.

Este tipo estava a falar muito a sério.

– Isto não é uma caminhada para principiantes, pessoal – concluiu ele, olhando em volta para o grupo. – Façam-se homens e aguentem.

Não era? Como assim? Ah, isso é que era!

– Na verdade, é *mesmo* uma caminhada para principiantes – aponte. – Está listado como um curso de iniciação. No catálogo.

Por um segundo, ele pestanejou como se não se tivesse apercebido disso. Depois olhou para mim.

– Percebes o que quero dizer.

Na verdade, não, não percebia.

– Certo – disse ele a seguir, batendo palmas como se já tivesse debitado tudo quanto era necessário que soubéssemos. – Por agora é tudo. Há perguntas?

O grandalhão do Mason levantou a mão.

– O que fazemos com o nosso cocó? – questionou. – Também o embalamos em sacos de plástico?

A cara do Beckett ficou séria.

– Sim. Guardá-lo na tua mochila, com o teu material de cozinha.

Com o *material de cozinha*? A sala susteve a respiração.

– Estou a brincar! – Após o minuto mais longo de sempre, o

Beckett abanou a cabeça. – Não. Não se embalam as fezes. A matéria fecal é biodegradável. Cavam um buraco com um pau, fazem o que têm a fazer, deitam um bocado de terra por cima, mexem e tapam. A Mãe Natureza fará o resto.

– Fazer o que temos a fazer? – perguntou uma rapariga. – Tipo, lá fora na floresta?

– Não – respondeu Beckett. – Nós levamos-te de helicóptero para o acampamento-base sempre que precisares de ir à casa de banho.

Lá estava. Tínhamos um comediante. Um comediante sarcástico, púbere e adepto da natureza selvagem.

O Beckett olhou em volta à espera de outras perguntas. Eu, pessoalmente, tinha mil, mas raios me partam se as faria – ou se voltaria a falar até ao fim da minha vida. Quando mais nenhuma mão se levantou, o Beckett bateu com as palmas das mãos nas coxas e levantou-se.

– Muito bem, então – disse, examinando o grupo uma última vez com um sorriso malicioso. – Que comecem os jogos.

⁵ John Boyden Adams (1812-1860), um caçador californiano famoso tanto pelas suas capturas como pela relação que estabelecia com animais selvagens, em particular os ursos-pardos. (*N. do E.*)

Capítulo 7

Na Equipagem, experimentei várias botas. O Beckett sugeriu que as alugássemos, a menos que já tivéssemos um par bem usado, o que, naturalmente, não era o meu caso. Os pares para aluguer já tinham sido bastante usados – pelos pés fedorentos de outras pessoas. Estavam tão impregnados de repelente de água que enrijeceram. Os atacadores estavam a desfiar-se, e cada par parecia irritar-me de uma forma diferente.

Dei uma olhadela ao Jake. Ele estava a ajudar a Windy, a rapariga loura, a experimentar botas. Vi-o apertar-lhe os atacadores e, de seguida, ouvi-a emitir um som de satisfação antes de desviar o olhar. Naquele momento, tive uma visão das próximas três semanas: eu ia tornar-me insuportável, excessivamente séria, autoconsciente e autocrítica. E o Jake ia piorar as coisas sendo o oposto de tudo isso. Todos o adoravam. Mal tínhamos chegado e ele já era o rei do grupo. Aparentemente, era o tipo de rapaz que tem sempre algo engraçado para dizer. Além disso, era confiante sem ser arrogante, interessado sem parecer ansioso, e descontraído sem ser desleixado. Agradava a todos. Os tipos mais radicais podiam falar de caminhadas extremas com ele. As raparigas da república podiam pedir-lhe para lhes ajustar as alças da mochila. Ele era infinitamente adorável. Para toda a gente. Exceto para mim.

Tinha plena consciência do quão absurdo aquilo era, mas quanto mais as pessoas gostavam dele, menos eu gostava. Esta devia ser a minha viagem! Parecia que ele a tinha tomado de assalto de alguma forma, deixando-me de parte. Agora éramos inimigos, pelo menos na minha cabeça. Éramos como um casal separado, com amigos que tinham de escolher lados. Exceto que nunca fôramos um casal, e não restavam mais lados porque já todos o tinham escolhido.

E pronto. Se o Jake estava feliz, eu tinha de ficar infeliz. Se ele se integrava, eu era excluída. Sobretudo, porque continuava sem falar com ele. Se o Jake era a pessoa à volta da qual todos se reuniam, eu não tinha lugar para estar.

Na Despesa, medimos e ensacámos comida desidratada para dez dias, juntamente com misturas de especiarias, leite desidratado, limonada e cacau. Recebemos a incrível notícia de que a manteiga pode durar semanas sem refrigeração e não fica rançosa, e o mesmo acontecia com o queijo. Cada grupo de cozinheiros carregaria a sua própria roda de *cheddar*, tão espessa que tinha de ser cortada com um fio, e manteiga suficiente para durar até ao reabastecimento no ponto intermédio. Ao que parecia, alguém ia subir até meio caminho das montanhas com uma carga completa de provisões numa caravana de burros.

– Burros? – perguntou o Mason.

– Nada de carros. Nada de motociclos. Apenas a natureza viva e respirante.

– E se ficarmos sem comida antes disso?

O Beckett encolheu os ombros.

– Aí comemo-nos uns aos outros.

Havia um limite para o peso das mochilas com base no tamanho de cada pessoa, e, sim, eles pesaram-nos, um a um, numa balança e anunciaram os resultados. Os tipos grandes carregavam mais do que as miúdas pequenas, razão pela qual ficaram com os fogões a gás e a roda gigante de queijo. A minha mochila pesava 35 quilos, o que parecia ser mais do que suficiente. Deram-me farinha, leite desidratado, um saco de granola caseira e chocolate quente.

De mochilas cheias, praticávamos a arte de as pôr. Não se pode simplesmente içar uma mochila tão pesada do chão diretamente para as costas. Temos de nos ajoelhar, como se estivéssemos a pedir alguém em casamento, puxar a mochila para a coxa e, depois, contorcê-la para as costas. O Beckett fez-nos praticar. Eu comecei devagar, tentei não deixar cair a mochila, não me lesionar nem me envergonhar. Porque as únicas formas que conhecia para superar os embaraços eram: (a) sair da sala; ou (b) rir-me disso com um amigo. Como não podia sair e não tinha amigos, o risco era bastante elevado.

Seria de esperar que, terminada a orientação, tivesse obtido informações simples, mas claras, sobre a natureza selvagem. Pelo menos o básico. Mas o Beckett, apesar de toda a sua postura, falava

de uma maneira um tanto confusa. Dava-nos informações com intervalos enormes pelo meio, e depois de o ouvir por cinco horas seguidas, tudo o que eu sabia com certeza era que os dentes-de-leão eram comestíveis, cantar no trilho afastaria os ursos, e tínhamos de colocar iodo nas nossas garrafas de água sempre que as enchêssemos, ou correríamos o risco de contrair uma infecção intestinal chamada giardíase, que nos faria «passar mal de ambas as extremidades».

Quando o Beckett nos dispensou para o jantar com a indicação de nos encontrarmos à entrada do alojamento às seis da manhã seguinte, não consegui livrar-me da sensação de que tínhamos apenas uma pequena parte da informação de que íamos precisar.

Perguntei-lhe sobre isso a caminho da porta, mas ele despachou-me com um:

– Está tudo nos panfletos.

– Nos dois panfletos? – insisti.

– Não te preocupes tanto.

– Sinto-me pouco informada.

– Aqui fazemos aprendizagem experiencial. Aprendes à medida que avanças.

– Mas e se houver alguma informação de que eu precise antes de a ter?

– Vais acabar por perceber.

– E se não perceber?

– Então morres – disse o Beckett, encolhendo os ombros. – E eu uso o meu único bastão de dinamite para fazer parecer que foi uma avalanche.

Levei o meu diário comigo até ao restaurante mexicano na State Street para jantar, pensando que me sentaria tranquilamente com uma tigela de guacamole e anotaria alguns pensamentos profundos pré-viagem. No entanto, ao aproximar-me da receção, ouvi uma onda de risos ao fundo. Quando os meus olhos seguiram o som, vi todos os membros do nosso grupo de caminhada, incluindo o Beckett, aconchegados para jantar em duas mesas juntas, já bem avançados na refeição.

Desviei o olhar tão rapidamente que dei meia-volta. Depois, espreguei para ver se tinham reparado em mim. Não tinham.

Senti-me como se estivesse a interromper uma festa para a qual não tinha sido convidada. Como se estivesse a persegui-los, ou a segui-los, ou a tentar ser amistosa com um grupo onde não tinha amigos. Exceto que eles também não eram amigos. Éramos todos estranhos, caramba! Como é que eles tinham formado um clube de bebida ao sul da fronteira na meia dúzia de horas desde que nos conhecêramos?

Talvez devesse tê-los acompanhado. Decerto seria isso que o Jake teria feito – teria chegado como um labrador cor de chocolate, de cauda a abanar, para se juntar ao grupo. Mas eu não era um labrador chocolate. Na verdade, naquele momento, eu era a *Pickle*: uma mini cão-salsicha de aspeto desganhado, uma cauda que nunca abanava e um temperamento difícil. Talvez por isso nos déssemos tão bem.

A *Pickle* era literalmente uma cadela, claro, mas também era uma cabra. E embora eu não me considerasse uma cabra, era certo que admirava isso nela. Há mulheres que se descrevem como cabras – frequentemente com orgulho – em *T-Shirts*, por exemplo, ou autocolantes de para-choques. Passei anos a reparar nelas pela cidade: CABRA DOCE, CABRA SEXY, CABRA LOUCA, CABRA ALFA, CABRA DO IOGA, CABRA A BORDO, CABRA SOBRE RODAS, CABRA NUMA VASSOURA. Declarações assim chamavam-me a atenção porque, na verdade, eu não as entendia. Por que razão porias isso no teu carro? Ou na *T-shirt* que usavas? O que estavas a tentar dizer sobre ti mesma? Era um aviso do tipo *cuidado com o cão* para deixar o mundo saber o quão durona eras? Porque eu não conseguia deixar de pensar que, se fosse suficientemente forte para me enquadrar na categoria de «cabra», provavelmente não precisaria de o estampar com lantejoulas no rabo.

Não havia dúvida de que a *Pickle* não precisava de um aviso. Uma olhadela para o seu focinho pontiagudo, com aquele lábio sempre preso nos dentes, e sabiam que não se deviam meter com ela. Era esse o tipo de dureza que eu queria, em especial naquele momento. O tipo de dureza que não precisava de ser explícita.

O diretor da minha escola tinha um cartaz com piadas do Chuck Norris pendurado no seu gabinete. Eu tinha lido esse cartaz mil vezes desde que ele o colocara, e lembrava-me sempre da *Pickle*.

O CHUCK NORRIS NÃO LIGA PARA O NÚMERO ERRADO. TU É QUE ATENDES O TELEFONEMA ERRADO.

QUANDO O CHUCK NORRIS FAZ A DIVISÃO, NÃO HÁ RESTOS.

O SUPER-HOMEM VESTE PIJAMAS DO CHUCK NORRIS.

Já tinha lido o cartaz tantas vezes que quase o tinha memorizado. E, apesar de saber que as piadas eram, de facto, piadas, acabei por desenvolver uma afeição bizarra pelo Chuck Norris – e também pela ideia de valentia em geral.

Por isso, esta noite, decidi encarar esta experiência de ser ignorada numa entrada decorada à mexicana como um momento de aprendizagem. O grupo deixara-me de fora de propósito, ou apenas se esquecera de mim? Isso importava? Senti que tinha duas opções: baixar os ombros, derrotada, ou ser superior, desafiante. O que faria o Chuck Norris?

Outro rugido de gargalhadas vindo do grupo lá atrás. Uma das raparigas levantou-se e começou a lançar um laço imaginário acima da cabeça, enquanto as restantes a aplaudiam.

Estava tudo bem. Não estava aqui para fazer amigos. Estava aqui para fazer o oposto disso, na verdade. Passara toda a minha vida a ser demasiado afável. Isto era bom para mim. Estava na altura de aprender a não ligar. Além disso, a última coisa de que precisava, disse a mim mesma, era de me embriagar com tequila na noite anterior à minha partida para o deserto. A ressaca não é maneira de começar uma viagem de autodescoberta.

O que faria o Chuck Norris? O que faria a *Pickle* – além de morder os tornozelos a toda a gente? A resposta era fácil. Encontraria outro restaurante e iria comer a porcaria do seu jantar.

Mas havia uma razão para o Beckett ter recomendado o restaurante mexicano na State Street: era o único da cidade. Além do restaurante chinês com a roda de carroça à frente, que se autodenominava «Bufete Chinês e BBQ Cerca Dourada» e que estava fechado às quintas-feiras. Que sorte a minha.

No final, acabei por comprar o jantar na loja de *snacks* da estação de serviço, sob a influência de duas motivações opostas: abastecer-me de combustível saudável para poder começar esta nova viagem em perfeitas condições e consumir a pior comida de plástico a que pudesse deitar a mão, caso fosse a minha última oportunidade. Foi assim que acabei num banco de jardim ao pôr do sol, equilibrando o meu «jantar» nas coxas: um saco de sementes de girassol, um pouco de carne seca apimentada, uma garrafa de água de nascente – e uma *Coca-Cola*, uma barra *Hershey* e um *Whoopie Pie* para sobremesa.

Forcei-me a apreciar o que me rodeava. A cidade tinha um perfil ocidental clássico de lojas quadradas dispostas frente a frente numa rua principal larga. Ao longe, montanhas. Tudo isso era coroado por um pôr do sol tão selvagem, misterioso e de tirar o fôlego que só podia estar a exhibir-se.

Ao vê-lo, tirei do sutiã a minha lista de autoaperfeiçoamento. Era altura de uma conversa de incentivo, e não havia ninguém para a dar a não ser eu. Tinha vindo para o sítio errado, isso era claro. Mas e então? Não era a minha primeira vez a fazer escolhas erradas. Não era por isso que aqui estava? Para superar as expectativas de toda a gente, mas sobretudo as minhas? Não importava que eu fosse a última pessoa em quem alguém apostaria. Ia ganhar um Certificado. Podia não ser a melhor exploradora do mundo, mas certamente conseguia caminhar mais do que um grupo de universitários de ressaca. Eles eram demasiado jovens para perceber o que estava em jogo. Viviam no pressuposto errado de que as suas existências eram importantes, de que a vida era essencialmente justa, de que tudo acabaria bem no final. Eu sabia o que eles não sabiam – que tudo o que nos interessa pode desaparecer, que merecer uma vida feliz não significa tê-la e que não há ninguém no mundo com quem possamos contar a não ser nós próprios. Eu dispunha da vantagem que a desilusão nos dá. Tinha o benefício da experiência de vida. Podia estar a comer *Whoopie Pies* ao jantar, mas pelo menos sabia o quanto isso era patético.

Isto era eu no precipício da minha Grande Jornada: completamente sozinha, com o colo cheio de comida de plástico e

um caderno aberto numa página, com uma única frase inútil escrita: *Se no início não tiveres sucesso, não és o Chuck Norris.*

Estava a encher a boca com sementes de girassol e a preocupar-me com a minha falta de inspiração quando o meu telemóvel tocou.

Tateei para o encontrar na mala e por pouco não o apanhei a tempo. Mike.

Nem sequer lhe disse olá. Apenas:

– Estás a ligar-me outra vez?

– Na verdade – disse o Mike –, foste tu que me ligaste.

– Não liguei nada.

– Ligaste. Sem querer. Tenho estado a ouvir o interior da tua mala há dez minutos.

Tinha de confirmar.

– Eu liguei-te sem querer?

– Há cerca de dez minutos. Acontece muitas vezes, na verdade.

– Acontece?

– Talvez uma ou duas vezes por mês.

– E o que é que tu fazes?

– Grito: «Ei! Ligaste-me sem querer!» Mas tu nunca me ouves.

– E depois?

– Depois desisto e fico a ouvir durante algum tempo antes de desligar.

– Ficas a *ouvir*? – repeti. – Consegues perceber alguma coisa?

– Bem... Num dia bom, consigo ouvir tudo.

– Mas isso é espiar! É moralmente errado – disse eu, perguntando-me o que raios teria ele ouvido.

– Ei! – abespinhou-se ele. – Tu é que me ligas.

– Não foi de propósito!

– Ainda assim. Alguma vez disse alguma coisa... – comecei.

– Incriminadora? – Ele acabou.

Fiz que sim com a cabeça para o telemóvel.

– Não – respondeu o Mike. – São sempre só caixas de supermercado. Ou o teu cabeleireiro. Ou a tua mascote. Parece que tens um cão que te come a mobília.

Voltei a fazer que sim com a cabeça.

– Uma mini cão-salsicha. É terrível.

– Livra-te dela. A vida é demasiado curta.
– Porque não me contaste que andava a ligar-te sem querer?
– Pensava que não querias saber de mim.
– Mas agora achas que quero?
– Espero que sim – disse ele. – Além disso, quero agradecer-te por ontem. Por teres sido tão bondosa.

– Não foi nada.

– Para mim foi.

Abri um saco de batatas fritas e derramei várias no colo.

– Suponho que ainda não te tenhas ido embora – prosseguiu ele.

– Correto – disse eu, mastigando as batatas fritas.

– Tens a certeza de que estás preparada para isto?

– Não – respondi, a honestidade da palavra fluindo sobre mim como uma brisa. – Mas agora não há volta a dar.

– Claro que há – disse o Mike. – Há sempre.

– Não tenho tanta certeza de que isso seja verdade.

– O Duncan parece genuinamente preocupado com a tua segurança nessa viagem.

– Falaste com ele?

– Diz que esses tipos são famosos por matar pessoas. Recrutam os mais idiotas e não os supervisionam.

– Têm uma nova direção.

– Há montes de excelentes cursos de sobrevivência por aí – disse o Mike, como se tivesse alguma autoridade para julgar. – Esse não é um deles.

– Suponho que tenhas lido sobre o ataque do urso.

– Não, mas li sobre o acidente de *rappel*. E o deslizamento de rochas. E o tipo que morreu de hipotermia.

– Eu vou ficar bem – assegurei-lhe, perguntando-me se seria verdade.

– Porque estás a fazer isto?

– Se sobreviver, talvez me deem um Certificado.

– Consegues ouvir-te a ti mesma?

– Eu quero aquele Certificado.

– O problema é que – disse o Mike – não és propriamente uma atleta.

Ele não estava errado, mas mesmo assim fiquei ressentida com o comentário.

– Há meses que ando a treinar para isto – disse, mais irritada do que o necessário. – Tenho corrido quase cinco quilómetros todas as manhãs.

– Não se trata de uma corridinha pelo bairro...

– Uma corrida de *quase cinco quilómetros* – corrigi.

– O facto de estares impressionada com cinco quilómetros prova o meu ponto de vista. A sério.

– Isso não tem piada.

– Não estou a brincar.

– Não me digas que não consigo fazer isto – retorqui.

– Helen, não podes mudar quem és.

– Claro que posso.

– É que não é do teu feitio fazeres coisas destas.

– *Não costumava* ser do meu feitio – rebati – quando me conhecias. Mas agora transformei-me num animal. Um animal sedento de sangue.

– Porquê?

– Não queres que responda a isso. – Estava a arrepender-me de ter atendido o telemóvel. Às vezes, um *alguém* qualquer não é mesmo melhor do que *ninguém*.

– Helen – insistiu o Mike –, não tens de fazer isto.

– Na verdade, tenho. A sério que tenho.

– Quero que venhas para casa.

– Eu não vou voltar para casa. Fiz um plano e estou a segui-lo.

– Não – disse o Mike. – Quero dizer, voltar para casa, para mim.

Deixei cair o telemóvel no colo. E fiquei a olhar para ele um segundo antes de voltar a pegá-lo.

– Ainda estás aí? – perguntou o Mike. – Perdi-te?

– Ainda estou aqui – disse eu, mas não tinha a certeza de que assim fosse realmente.

– Estou a falar a sério, Ellie. Mesmo.

– Nunca gostei que me chamasses Ellie.

– Desliga e vem para casa. É uma loucura estarmos separados.

Precisei de um segundo para reagir.

– Não estamos apenas separados, Mike. Estamos *divorciados*. Já lá vai *um ano*. As pessoas não voltam atrás no divórcio. Assinámos papéis, acabámos oficialmente de todas as formas possíveis.

– Eu sei, e percebo isso, e de uma certa perspetiva parece um bocado absurdo...

– De *qualquer* perspetiva, parece *muito* absurdo.

– Fizemos a escolha que tínhamos de fazer na altura. Mas agora estou melhor. Foi preciso uma chamada de atenção dos diabos, mas consegui recompor-me.

– Não foi uma chamada de atenção. Era um documento legal.

O meu telemóvel apitou. A bateria estava a acabar.

– Estou a dizer-te – continuou Mike. – Sou como o antigo eu, mas melhor. Agora posso ser bom para ti, Ellie.

Inclinei a cabeça para trás. Era tão perfeitamente típico dele dizer precisamente as palavras que eu sempre desejara ouvir... mas esperar até que fosse absolutamente tarde de mais.

Ele continuou:

– Tenho tido muitos encontros nos últimos seis meses, e sabes que mais? Ninguém se compara a ti.

– Tens tido muitos encontros? – perguntei.

– Tu não? – indagou. – O Toby mencionou qualquer coisa do género.

– Um encontro. Com um agente de seguros belga. Acho que não conta.

– Não houve mais ninguém? A sério?

Claro que sim. Um alguém muito inadequado, que o próprio Mike interrompera quando estávamos juntos. Obviamente, o Mike e o Jake conheciam-se de muitos Dias de Ação de Graças e festas de Ano Novo em casa da avó GiGi, e eu podia tê-lo chocado se tivesse dito alguma coisa sobre o assunto naquele momento, o que era tentador. Mas não o fiz. Em parte, porque eu e o Mike já não éramos suficientemente próximos para partilhar algo tão privado. E também porque eu própria não tinha a certeza se as brincadeiras com o Jake tinham sido espetaculares ou totalmente patéticas. E ainda – embora nunca o tivesse admitido, nem mesmo a mim própria – porque algo naquela quase noite com o Jake tinha aberto um lugar tão terno no

meu coração que eu sabia que não tinha outra hipótese a não ser ficar de guarda vinte e quatro horas por dia.

– Tive muitas, *muitas* oportunidades – disse eu –, mas tenho andado num período de cura.

– Eu percebo – disse o Mike.

A bateria do meu telemóvel voltou a apitar.

– Vem para casa – insistiu o Mike. – Porque tens de ser sempre tão exigente contigo mesma?

Hesitei. Isto era precisamente o nosso padrão, claro. Certas pessoas – e nem sempre aquelas que o merecem – conseguem, de alguma forma, destrancar todas as portas. Mesmo que mudemos as fechaduras ou escondamos as chaves. E o Mike sempre foi uma dessas pessoas para mim.

Até agora. Estava na altura de ser uma durona. Ia mostrar as presas da minha besta interior sedenta de sangue. Estava na altura de dizer não apenas «não», mas «nem pensar».

Respirei fundo para o fazer, finalmente – mas depois, como se fosse uma deixa, a bateria morreu.

– Mike? – chamei, mesmo sabendo que ele já lá não estava. Não obtive resposta.

A culpa não era dele, e eu sabia-o. Mas decidi acrescentar aquilo à minha longa lista de desilusões. O meu maldito ex-marido. Nunca me deixava ganhar.

Mastiguei o resto do meu jantar em câmara lenta. Não posso dizer que a proposta do Mike não me tenha abalado. Se tivesse surgido há um ano, ou mesmo há seis meses, talvez tivesse sido mais branda com ele. Mas agora era demasiado tarde. *O Chuck Norris consegue atirar com uma porta giratória*, pensei.

Eu tinha uma lata de *Coca-Cola* vazia e duas bochechas cheias da última dentada de *Whoopie Pie*, e estava prestes a arrumar as coisas e regressar ao alojamento quando o grupo – o meu grupo – veio a subir o passeio em direção ao hotel, embriagado.

Já eram todos melhores amigos, aquele tipo de amizade potenciada por cerveja mexicana e molho picante. A Windy, a que estava sempre a atirar-se ao Jake, chamou-me ao aproximar-se.

– Vamos subir ao telhado para jogar ao «Verdade ou Consequência»! – anunciou. – Queres vir?

Antes que pudesse pensar melhor, entrei no modo *Pickle* com um sarcástico:

– A sério?

O tom fora demasiado maldoso, mas ela também não estava a ouvir, porque, nesse preciso momento, um dos rapazes agarrou-a por trás e fez-lhe cócegas, tal como num anúncio a um refresco de vinho.

Já os odiava a todos.

Tentei avaliar o Jake sem olhar diretamente para ele. Estaria também bêbedo? Iria também para o telhado? Levantei-me ao pensar nisso e, quando o fiz, as embalagens do meu vergonhoso e trágico jantar caíram no chão. Apanhada. Raios partam! Mas antes sequer de me baixar, lá estava o Jake, aos meus pés, a recolhê-las. Levantou-se e aproximou-se sem me olhar nos olhos, e, quando eu pensei que me ia entregar o monte de lixo, ele, delicadamente, quase com ternura, apanhou uma última coisa – a lata de *Coca-Cola* – das minhas mãos e levou tudo para o caixote do lixo na esquina.

Fiquei a observá-lo, e não fui a única. O grupo inteiro estava à espera, como se não tivessem para onde ir sem ele. Quando se virou para eles, alguém gritou:

– Mexe-te, J-Dog! – e o Jake acelerou o passo para um trote.

J-Dog? Ele já era o J-Dog!

De repente, quis ter uma alcunha. Ou ser o tipo de pessoa a quem davam alcunhas. Que diferença faria na minha vida se, de súbito, todos me comessem a chamar H-Dog? OK, H-Dog não funcionava – mas *qualquer coisa*? Tentei lembrar-me se já tivera uma boa alcunha. O Duncan tinha cerca de cinquenta para mim, mas não contavam porque eu odiava-as todas: «Helena, «Helenita, «Holla, «Manita», «Mana, «Mana Zorra, «Mana Xana, «Mamã Grande», «Senhora Louca», «La Loca», «La Locita», «Lena», «Lane», «Lena Pena». Ele também achava que eu parecia um armadilha quando me zangava, o que deu origem a toda uma cornucópia de nomes irritantes, incluindo «Dilho» e o temido «Dildo». Mas alcunhas de que eu gostasse? Não me ocorreu nenhuma. O Mike às

vezes chamava-me «Sra. Dull» depois de casarmos, sem qualquer consciência autodepreciativa, o que me fazia arrepiar a pele, embora eu nunca lho tivesse dito. Ao fim de algum tempo, ele passou a tratar-me por «Ellie», o que, de certa forma, nunca me agradou muito, mas era uma ligeira evolução. E a avó GiGi chamava-me «Querida», mas ela chamava «Querida» a toda a gente.

Oh, pronto. Tudo bem. Eu gostava do nome Helen.

Vi o J-Dog a correr de volta para o grupo. Não sei como, mas até deitar fora o lixo ele fazia parecer fixe. O Beckett não teria aprovado aquele *Whoopie Pie*: os químicos nucleares que o compunham, o plástico em que estava embrulhado, a indústria de camionagem que o trouxera da fábrica no Kansas, ou de onde quer que fosse. Podia muito bem ter-me usado como exemplo – uma história de consciencialização sobre comida imprópria e deitar lixo para o chão. No entanto, o Jake escondera os invólucros no fundo do lixo antes de o Beckett ter sequer reparado que eu estava lá.

Eu não ia subir ao telhado. Não ia ficar lá sentada a ver um bando de putos estúpidos a jogar um jogo estúpido. Mas logo depois de o Jake se ter virado, sem qualquer motivo aparente, tive uma pequena centelha de esperança de que ele lhes dissesse para se irem embora sem ele e ficasse antes aqui, comigo.

O que não aconteceu. Claro.

O Jake ia para o telhado beber cervejas ao pôr do sol, ser o Jake otimista e descontraído como só se pode ser quando se tem vinte e dois anos. E é claro que eu ia ficar aqui sozinha. Não podia ser de outra maneira.

Só que... Quando o Jake voltou a juntar-se a toda a gente, desviou-se para o espaço entre o grupo e eu, e perguntei-me, por um segundo, se poderia tocar-me, de alguma forma, ou encontrar maneira de se encostar a mim quando passasse. Permiti-me ter esperança, só por um bocadinho – do desejado contacto humano, do reconhecimento de que eu estava aqui, de que alguém nesta terra selvagem e inóspita soubesse minimamente quem eu era.

Mas não me devia ter permitido essa esperança. O Jake passou por mim sem sequer me dirigir um olhar. Como se fosse um completo estranho. Tal como eu lhe pedira que fosse.

Capítulo 8

Ainda estava meia a dormir quando entrámos no autocarro na manhã seguinte – um velho autocarro escolar repintado de verde com o logótipo da ESI.

Escolhi um lugar à frente e sentei-me propositadamente do lado do corredor para que ninguém se pudesse sentar ao meu lado. Ou, pelo menos, para que pudesse dizer a mim mesma que era por isso que ninguém se sentava ao meu lado. Mas depois um tipo magricela chamado Hugh passou por mim e sentou-se sem sequer estabelecer contacto visual. Fiquei a olhá-lo fixamente até ele perguntar:

– Este lugar está ocupado?

– Não.

– Agora está.

Olhei para lá dele, para a janela, embora ainda estivesse demasiado escuro para ver.

– A propósito, ontem foste hilariante – disse ele.

– Ah, fui?

O Hugh assentiu.

– Hilariante... e meio triste.

Franzi o sobrolho.

– Obrigada.

– És a minha nova pessoa favorita aqui.

– Sou? – Algo na voz dele fazia parecer que tudo o que ele dizia significava o contrário.

Ele aproximou-se.

– Não sabia que este curso seria tão festa de república.

Sorri.

– Eu também não.

Enquanto os miúdos entravam à vez, o Hugh inclinou-se para mim e sussurrou insultos sobre cada um, concentrando-se imediatamente nos seus traços mais ridículos e vulneráveis: a tatuagem no tornozelo a dizer BFF, o *top* curto, os bronzeados falsos. Ele era perspicaz, tinha de admitir. E talvez um bocado

maldoso. Mas eu não estava em posição de ser exigente.

A conversa no autocarro era ruidosa e alegre – estavam todos ansiosos por começar as suas aventuras de quase morte e emagrecimento. Eu era a única, tanto quanto me apercebi, que me sentia aterrorizada e contida. A adrenalina agitava-se nas minhas veias. Esforcei-me muito para não reparar na forma como o Jake estava a liderar aquela frivolidade, mas, claro, quanto mais tentamos não reparar numa coisa, mais ela se torna o centro das atenções na nossa mente.

Sobretudo quando essa coisa é uma pessoa no lugar mesmo atrás do nosso.

O primeiro tópico da manhã foi a seleção do único livro que podíamos levar connosco. Acho que isto diz muito sobre uma pessoa: se só pudesses ter um livro contigo durante três semanas, qual seria? A maioria dos rapazes tinha trazido *thrillers* e concordado em trocá-los entre si. As raparigas demonstraram mais variedade. Uma escolhera a Bíblia. Outra trouxera um manual de exercícios. Uma terceira, um livro de receitas de *cupcakes* – quem poderia imaginar? Outra optara pelo seu livro favorito de infância, *Ana dos Cabelos Ruivos*, o equivalente literário à comida de conforto. A Windy trouxera um livro de psicologia, de um curso de verão que estava a frequentar.

Ela também estava no lugar atrás de mim – com o Jake, já agora; puxara-o quando ele estava a passar.

– Que livro trouxeste? – perguntou-me ela.

Virei-me e vi o autocarro inteiro a olhar para mim. À espera.

– Não trouxe nenhum livro – respondi.

– Ela esqueceu-se do livro! – gritou um dos rapazes, como se fosse hilariante.

– Não me esqueci – disse eu. – Escolhi não trazer um.

Mais uma afirmação incompreensível da minha parte. Um rapaz coçou o pescoço.

– Só queria, sabem, *estar mesmo aqui* e absorver cada momento – disse eu, apercebendo-me, enquanto o dizia, de como a ideia parecia estúpida. – Não queria perder nada. – Só o facto de pronunciar as palavras deu-me vontade de ir para casa e perder *tudo*.

Voltei a virar-me e desviei o olhar, mas a Windy inclinou-se para mim.

– Já agora, eu sou a Windy – apresentou-se.

– Lembro-me de ontem – disse eu.

– Com um «i».

Não estava a compreender.

– O quê?

– Não é «Wendy», como no *Peter Pan*. É «Windy», como... – Fez o movimento de voar com os braços. – *Vush, vush*.

– Oh – disse eu.

– Adivinha como se chama a minha irmã mais nova? – desafiou-me, e antes que eu pudesse adivinhar, respondeu: – Stormy.

– Com um «o»? – Não consegui evitar.

– Sim – confirmou a Windy, toda animada. – Somos da Califórnia.

Esperou um segundo, para ver se eu acrescentaria mais alguma coisa, o que não aconteceu, e assim, finalmente, voltou à conversa principal, e eu fui esquecida. O meu companheiro de lugar não demorou a adormecer e eu permaneci sentada, com as mãos cruzadas no colo. Podia fingir que estava a ouvir, mas não me apetecia. Não percebia como é que eles podiam estar todos tão indiferentes perante o que estávamos prestes a fazer. As palavras do Mike – «não és propriamente uma atleta» – ressoaram na minha mente enquanto seguíamos a sinuosa estrada de duas faixas para longe da civilização. Pouco depois, estávamos a atravessar ângulos de terra revolvida e a passar por sedimentos rochosos listrados.

As cores eram tão diferentes aqui. Na Costa Leste, as rochas eram todas cinzentas, mas aqui a terra era vermelha, roxa e laranja, a vegetação era mais escassa e a terra, mais arenosa. Fiquei a observar tudo pela janela e decidi que era a mudança de cores, mais do que qualquer outra coisa, que me fazia sentir tão longe de casa.

Quando o Beckett se posicionou com a sua prancheta para começar os anúncios, começou por dizer:

– Pessoal, hoje é sempre a subir. O dia inteiro. Cada passo. Vamos concentrar-nos. – Dirigi-lhe toda a minha atenção e até puxei do meu caderno para tirar notas. Concentrar-me, conseguia. Um dia

inteiro de subidas? Não estava tão certa.

Escrevi freneticamente enquanto o Beckett nos transmitia o plano do dia. Íamos caminhar num grupo de doze, mais o Beckett – dividir-nos-íamos em grupos de quatro todas as tardes, à medida que chegássemos aos nossos acampamentos. Cozinharíamos e dormiríamos nos nossos grupos de tendas, e voltaríamos a reunir-nos de manhã para caminhar juntos.

– Então, vamos dormir em tendas? – perguntou uma rapariga.

– Não estavas na Equipagem? – perguntou o Beckett. – Alguém aqui recebeu uma tenda?

A rapariga olhou à volta.

– Não – respondeu o Beckett. – Não há tendas. Dormimos debaixo de lonas.

– Então porque é que lhes chamam grupos de tendas? – perguntou ela.

O Beckett olhou para cima, como se já tivesse suportado o suficiente, e depois disse:

– É só um nome.

O Beckett leu os nomes dos grupos de tendas. Assim que cruzei os dedos e pensei: *Que não seja o Jake*, imediatamente comecei a repensar e a perguntar-me se não devia antes desejar tê-lo por perto. Ele era claramente a pessoa mais simpática ali. Mas também era o Jake. Alguém que eu queria por perto e, ao mesmo tempo, cuja proximidade não conseguia suportar. Claro, desejar que não fosse o Jake não significaria necessariamente evitar ficar num grupo de tendas com ele. Às vezes, questionava-me se expressar uma preferência ao universo não o desafiava a gozar comigo. Talvez fosse mais inteligente tentar um pouco de psicologia inversa nesta fase.

De qualquer forma, o Jake acabou no primeiro grupo, e eu no último – com o tal Mason, a Windy e o rapaz de cabelos claros que se sentou ao meu lado no autocarro, o Hugh.

Com os grupos de tendas definidos, o Beckett deu-nos as suas regras para o trilho, incluindo ordens não negociáveis para nos hidratarmos em cada paragem, usarmos protetor solar e prestarmos atenção aos nossos pés.

– Se sentirem um ardor dentro da bota – disse ele –, não esperem. Parem o grupo e tratem disso. As bolhas podem ser totalmente debilitantes aqui. Em casa, se têm uma bolha, enroscam-se à frente da televisão até melhorar. Aqui, caminham oito quilómetros em agonia. – Olhou em volta. – Entendido?

– Entendido – repetiu o grupo.

– Teste rápido! O que fazem se sentirem um ardor no pé?

– Tratamos disso!

Escrevi-o no meu caderno. *Zona de Calor = Trata Disso*. No entanto, senti um arrepio de medo no peito. Sentira-me tão satisfeita com os meus quase cinco quilómetros por dia. Mas fora em pavimento – e em pavimento plano. Nunca na minha vida passara um dia inteiro a subir uma colina. E se não conseguisse mesmo fazer isto? E se só conseguisse chegar a meio do caminho do que quer que tivesse de subir? E se fosse eu o elo mais fraco? Olhando em volta, não só parecia possível como provável. Esqueçam ganhar um Certificado! Que ideia ilusória. Teria sorte se conseguisse chegar ao fim. Quem era eu para pensar que podia mudar toda a minha vida só por anunciar que as coisas iam ser diferentes? Sempre fui uma daquelas crianças que era escolhida no fim nas aulas de educação física e que chegava em último nas corridas. Antes de fazer os exercícios de natação no acampamento de verão, chorava até adormecer.

A parte superior da janela do autocarro estava aberta, e o vento entrou e fez esvoaçar o meu cabelo. Encostei a cabeça às costas do banco. Claro que, na vida adulta, ninguém nos obriga a fazer exercícios de natação ou a correr uma pista de atletismo. Podemos escapar a tudo isso. A não ser, claro, que por alguma razão que honestamente não conseguimos sequer compreender, nos voltemos a sujeitar a tal tortura.

Chegámos à entrada do trilho e descemos do autocarro. Era literalmente o fim do caminho. A partir deste ponto, só havia trilhos a pé que se desdobravam em direções diferentes, assinaladas por placas de madeira com inscrições em amarelo. Os pinheiros erguiam-se imponentes, e não só os víamos e cheirávamos, mas

também os sentíamos – uma presença silenciosa por todo o lado. Era isto; ia entrar naquela floresta hoje e só sairia daqui a três semanas.

As nossas mochilas estavam presas no teto, e o Beckett subiu com uma corda e alguns mosquetões para as descer. Mas antes que tivéssemos a oportunidade de as pôr às costas, ele disse:

– Não ponham já as mochilas, pessoal. Está na hora de esvaziar a bexiga.

Procurei uma casa de banho ao redor.

– Onde? – perguntou a rapariga da tenda.

– Por aí! – disse ele, apontando para a floresta. – Encontrem um lugar! Espalhem-se! Bem-vindos ao gigantesco WC público da natureza.

Espalhámo-nos. Caminhei até não conseguir ver ou ouvir ninguém, a pensar o tempo todo que seria fácil perder-me assim. Enquanto me agachava, tentando não sujar as botas, pensei em como os rapazes tinham tantas vantagens sobre as raparigas. Claro, a ideia de rapazes a fazer chichi fez-me lembrar o Jake e o modo como ele quase o fizera no meu carro. Parecia que tinha sido há séculos, mas parte de mim desejava estar de volta àquele carro, desesperadamente. Conduzir, isso eu sabia fazer.

Todos os rapazes voltaram antes de mim – na verdade, a maioria nem saiu, apenas virou as costas e urinou onde estava. As raparigas, é claro, demoraram mais, e, quando voltámos, os rapazes estavam ansiosos para partir. Encontrei a minha mochila – era a única verde e laranja – e ajoelhei-me cuidadosamente para a pôr. Conseguira fazê-lo bem no dia anterior, mas, desta vez, com os rapazes a bater nos relógios e a gritar: «Vamos lá, miúdas!», devo ter-me apressado um pouco. Além disso, sendo totalmente honesta, estava tão assustada naquele momento, tão apreensiva com as quatro horas de subida que me esperavam, tão visceralmente aterrorizada com a perspetiva do caminho que se desenrolava diante de mim, que, juro por Deus, todo o meu corpo tremia. Então, enquanto me torcia para pôr a mochila no lugar, o seu peso real atingiu-me com mais força do que no dia anterior, e os meus joelhos cederam. Consegui aguentar-me, mas não antes de o meu joelho bater numa pedra.

Doeu. Soltei um «au!», mas pus a mochila mesmo assim e tentei

ficar em pé. Mordi o lábio para evitar praguejar. Tinha sangue a escorrer-me pela perna. Não olhei, mas consegui sentir a humidade. Oh, bem. O que faria o Chuck Norris? Trataria aquilo como um arranhão e seguiria em frente.

Estávamos finalmente a alinhar-nos para começar a caminhar, e eu já sentia o sangue a ensopar-me a meia, quando o Beckett reparou no meu joelho.

– Espera aí! – ordenou ele. – Que diabos te aconteceu?

Abanei a cabeça.

– Eu estou bem.

– Não, não estás – disse o Beckett, todo irritado. – Como é que fizeste isso? Ainda nem sequer começámos.

– Escorreguei a pôr a mochila.

– Quem tem o estojo médico? – gritou o Beckett ao grupo.

– Eu estou bem, a sério – insisti.

– Eu – disse uma voz vinda de trás. A voz do Jake.

– Vamos andando – supliquei ao Beckett.

– Se ignoras um corte como esse – disse o Beckett, apontando para mim como se eu estivesse a tentar ser malcomportada –, quando deres por ti, tens uma infeção tão grave que tens de ser evacuada de helicóptero. Ou pior. Tirem as mochilas, pessoal – gritou ele para o grupo. – Temos um ferimento.

Alguns dos rapazes lá atrás não se tinham apercebido do que se estava a passar.

– O quê? – gritou o Mason. – Ainda nem sequer começámos!

O Beckett apontou para mim.

– Ela escorregou ao pôr a mochila!

Fiquei a olhar para o chão enquanto os rapazes lá atrás soltavam grunhidos de irritação.

Quando olhei para cima, o Jake estava à minha frente. Tinha vestido aquilo que iria usar todos os dias durante as próximas três semanas: bermudas verde-escuras, uma *T-shirt* de basebol azul com gola azul-marinho, uma camisola larga azul axadrezada com fecho, aquele chapéu esquisito à pescador com a isca a balançar e aqueles óculos cinzentos de aros grossos – agora presos à parte de trás da cabeça com uma fita de neoprene.

O seu olhar era bondoso.

– Tira a mochila – pediu-me.

Sentei-me numa rocha próxima e ele deitou água oxigenada sobre o corte, assobiando ao ver o tamanho. Enquanto a víamos borbulhar, ele disse:

– É bastante profundo. E mesmo na rótula. Se estivéssemos na cidade, dizia-te para ires levar pontos.

– Mas não estamos.

– Não – concordou. – Mas vais ficar bem – disse ele, olhando para cima. – Vais só ficar com uma cicatriz. Pensa nisso como uma tatuagem da natureza selvagem.

Lá estava ele outra vez, a ser simpático para mim.

Em qualquer outra circunstância, não estaríamos nem perto um do outro neste momento. Eu estaria a tratar do meu ego ferido, e ele estaria a fazer o que quer que fosse que fazia. Contudo, ele estava ajoelhado diante de mim, a fazer-me todo o tipo de perguntas sobre o meu corpo e a tocar-me na pele à volta do joelho de uma forma muito carinhosa.

Fechei os olhos.

– Porque é que tens o estojo médico?

– Porque sou paramédico.

– Claro que és.

As mãos dele pareciam terrivelmente firmes e seguras de si. Permaneci imóvel enquanto ele cortava os pensos rápidos em formatos diferentes e formava uma pequena camada para ajudar a proteger o corte, permitindo em simultâneo que eu conseguisse dobrar o joelho.

– Já podemos ir? – gritou o Mason na nossa direção.

– Não demora nada – respondeu o Jake, sem pressa. Depois, antes de me ajudar a levantar, tirou um rolo da mochila, arrancou um pedaço de fita com os dentes e cobriu toda a ligadura com ela.

– O que é que é isso? – perguntei.

Ele franziu o sobrolho como quem diz «dah».

– Fita adesiva.

Por fim, pusemo-nos a caminho. Insisti em pôr a minha mochila sozinha outra vez – ainda nervosa, mas desta vez distraída pela dor

– e, quando estávamos todos devidamente afivelados, partimos, em fila única. Senti-me aliviada por ter finalmente entrado no trilho. A caminhada por esta cordilheira podia revelar-se uma tortura, mas pelo menos cada passo que dava era menos um que tinha pela frente.

Acabei mesmo de dizer que estava aliviada por ter entrado no trilho? Foi verdade. Durante cerca de dez minutos.

Depois, aquelas velhas e nojentas botas alugadas começaram a friccionar-me os pés. Em vários sítios. No início, pensei que era imaginação, mas, depois de meia hora, estava claramente a acontecer: estava a ficar com bolhas. No primeiro dia.

Por isso, ignorei-as. Não queria ser aquela rapariga que se queixa e faz toda a gente esperar.

Com ou sem bolhas, continuaria a ser uma das mais lentas. Mal tínhamos começado, quando perdi de vista a pessoa à minha frente, e depois fui ultrapassada, uma a uma, por quase toda a gente do grupo. Quando fizemos a primeira pausa para beber água e lanchar, cerca de duas horas depois, não pude negar que havia apenas duas raparigas mais lentas do que eu. Talvez tivesse sido uma excelente altura para puxar o Jake e tratar sub-repticiamente da minha pele irritada, mas eu pura e simplesmente não queria. Não havia mais ninguém a ficar com bolhas! Por mais estúpido que fosse, ignorei-as. Não podia ser lenta e ter bolhas. Uma já era mau o suficiente. O Beckett deu-nos um sermão sobre como nos mantermos unidos no trilho, e como só éramos tão rápidos quanto os nossos elos mais fracos. Quando disse as palavras «elos mais fracos», apontou diretamente para mim e para as duas raparigas lá atrás.

– Eu sei que é uma treta ir devagar – disse o Beckett aos rapazes –, e talvez sintam que estas raparigas em baixo de forma vos estão a atrapalhar. Mas o trabalho de equipa também é uma competência da natureza selvagem. Lembrem-se disso.

Queria acreditar que o Beckett era mais ignorante do que maldoso. Mas alguns dos outros rapazes tinham tanto de ignorantes como de maldosos. E infantis. E estúpidos. Por volta da hora de almoço, já sabia que o Mason ia dar problemas, porque estava sempre a meter-se com toda a gente e a detetar fraquezas. Quando

um tipo chamado Ron fez demasiadas perguntas sobre como ler um mapa topográfico, apelidou-o de «Ronota», a sua própria variação de «idiota». Quando o Hugh tropeçou num ramo, o Mason fez questão de lhe atirar ramos em todas as paragens, gritando: «Não tropeces!» Também insultou todas as raparigas do grupo antes da hora do almoço, passando por elas, uma a uma, enquanto caminhávamos, e dizendo: «Saíam da frente, novilhas. Está a passar um verdadeiro caminhante.» Ele excedia-se na sua própria maldade. Quase me fez ficar feliz por estar bem na retaguarda.

O trilho manteve-se plano durante quase um quilómetro e depois, como prometido, começou a inclinar-se. No começo, o ângulo era como uma rampa, mas depois parecia que estávamos a subir escadas. Foi este o momento que separou os rapazes das raparigas, o que foi mais um claro insulto da natureza. As raparigas mais baixas tinham pernas mais curtas. Tínhamos de dar mais passos do que os rapazes altos para percorrer a mesma distância. O grupo de caminhada acomodou-se nesta configuração: rapazes altos à frente, pessoas de estatura média no meio, raparigas baixas lá atrás. Eu tenho 1,62 metros e, embora não me considere baixa, parecia que as Absarokas discordavam.

– Estiquem a perna a cada passo – gritou-nos Beckett. – Assim estarão a usar os ossos para suportar o vosso peso em vez dos músculos.

Fiz o que me mandaram, mas continuava sem fôlego.

As raparigas atrás de mim não se importavam de ser as últimas. Chamavam-se Kaylee e Tracy, mas eram tão parecidas que ninguém se lembrava de quem era quem. Ao que parecia, pertenciam à mesma república universitária e, por isso, referiam-se a si próprias como «irmãs». Na primeira hora de caminhada, ficou claro qual era o estilo delas: eram meninas. Gritavam com os insetos. Não se sentavam em troncos cobertos de musgo. Queixavam-se em voz alta da injustiça de serem obrigadas a deixar toda a maquilhagem para trás. Eu não conseguia perceber o que é que elas estavam ali a fazer. Encaixavam-se ainda pior do que eu no curso.

– Não me interessa o que diz o Beckett – ouvi uma delas comentar. – *Vou lavar o meu cabelo.*

Confessou ter trazido champô, apesar de, na viagem de autocarro, nessa mesma manhã, o Beckett nos ter lembrado, mais uma vez, de que qualquer tipo de sabão era interdito – e proibira expressamente tomar banho em riachos. As bactérias nos nossos corpos, dissera-nos ele em termos inequívocos, eram o suficiente para perturbar os ecossistemas dos rios. O champô seria letal para as algas e bactérias nativas dos cursos de água, que por sua vez seriam letais para os peixes que as comiam, e letais para os pássaros e predadores que se alimentavam dos peixes, e assim por diante na cadeia alimentar.

«A sério», dissera uma das Irmãs a Beckett durante essa lição. «Uma rapariga com um champô vai acabar com toda a vida selvagem?»

«Olha para o resto do mundo», disse o Beckett. «O que é que achas?»

«Acho que não quero ficar a cheirar a doninha», retorquiu a Irmã.

«Podes lavar o corpo», disse o Beckett. «Só não o podes fazer num riacho. E não podes usar qualquer tipo de sabão.»

Alguém perguntou:

«Como é que lavamos a loiça se não temos sabão?»

«Usam terra», respondeu o Beckett, e ninguém percebeu se ele estava a brincar.

Ter de caminhar a passo lento com estas raparigas era acrescentar insultos à injúria. Eu viera para aqui pela natureza. Viera para ser transformada. E, no entanto, durante todo aquele primeiro dia de caminhada ouvi mexericos de celebridades, histórias de injustiça dentro das repúblicas femininas e dicas de dieta. O ar era mais rarefeito aqui, no alto das montanhas, e estávamos todos ofegantes enquanto subíamos a colina. As Irmãs também estavam sem fôlego, mas não deixaram que isso as detivesse. Uma tinha acabado de fazer uma limpeza só com toranjas e laxantes, o que lhe curara o acne, mas provocara uma convulsão, e a outra – juro que não estou a exagerar – passou uma hora a enumerar os benefícios dos sumos e a listar todas as frutas, legumes ou carnes que podiam ser levados à liquidificadora fosse por que

motivo fosse.

Não me tinha ocorrido que pudesse haver algo pior do que ficar em último lugar. Mas aquelas raparigas fizeram-no parecer um passeio na praia.

Para alívio das minhas coxas, parámos para montar o acampamento a meio da tarde, para que o Beckett nos instruisse sobre as técnicas corretas para pendurar a lona, ensinasse a acender e a usar os fogões a querosene e demonstrasse uma técnica de suspensão de alimentos.

– Alguém sabe o que é uma técnica de suspensão de alimentos? – perguntou ele.

Estávamos reunidos em grupo numa clareira coberta de flores silvestres para a nossa primeira «aula» de sobrevivência na natureza. Eu tinha o meu caderno na mão e anotava tudo furiosamente – a minha aluna de quadro honra interior recusava-se a aceitar a derrota –, mas mais ninguém parecia estar a escrever.

O Mason levantou a mão.

– Temos de pendurar a comida à noite, entre duas árvores, para que os ursos não a comam.

– Correto – disse o Beckett. – E porque é que isso seria mau?

O Mason franziu o sobrolho.

– Porque não queremos que os ursos nos comam a comida, meu.

O Hugh acrescentou:

– E não queremos dar aos ursos uma razão para virem ao nosso acampamento.

– Exato – confirmou o Beckett. – Também não queremos que os ursos se tornem dependentes dos humanos para se alimentarem. – Algo na forma como ele o disse me fez suspeitar de que estava mais preocupado com os ursos, os peixes e as algas do que com os humanos.

– Quem quer ser o nosso primeiro voluntário para treinar técnicas de suspensão? – perguntou o Beckett. Ninguém levantou a mão. Olhei em volta e fiquei satisfeita por ver que pareciam todos tão cansados como eu me sentia.

Por fim, o Jake avançou.

– Eu faço-o – ofereceu-se.

– Muito bem – disse o Beckett.

Após o jantar, reunimos toda a nossa comida num grande saco de *nylon*. Depois seguimos o Beckett e o Jake enquanto procuravam um bom lugar.

Eu tinha tomado notas pormenorizadas sobre a técnica de suspensão. Não bastava pendurar a comida num ramo. Os ursos eram espertos o suficiente para se desenvencilharem de um simples nó. Tínhamos de subir a uma árvore com a ponta de uma corda, enquanto outra pessoa subia a outra árvore com a outra ponta, e depois atar a corda a cada árvore, prender o saco da comida e puxá-lo para o ponto intermédio entre as duas árvores. Os ursos eram espantosos, mas não eram equilibristas.

– Vejam – disse o Beckett – e prestem atenção.

Começava a escurecer. Montar as lonas e cozinhar o jantar levava-nos, como assinalara o Beckett, «demasiado tempo». Quando o Beckett e o Jake começaram a subir às árvores, questionei-me sobre a visão noturna do Jake. Mas isso não o impediu. De facto, não era suposto a técnica de suspensão ser uma corrida, mas quando o Beckett reparou na rapidez e facilidade com que o Jake se içava, mão sobre mão, pelos ramos das árvores, começou a fazer o mesmo. E as pessoas começaram a fazer claque. O Hugh veio para junto de mim e disse:

– Aposto no Jake.

Suspirei.

– Eu também.

Ficámos os dois a olhar, de braços cruzados, de boca aberta. Não sei se o Hugh estava maravilhado com a visão, mas eu estava. Não parecia haver nada que o Jake não conseguisse fazer.

O Jake e o Beckett pararam a meio da subida, ataram as cordas com nós especiais à volta dos troncos das árvores, e depois o Beckett prendeu o saco de comida com um mosquetão à corda e deslizou-o para o meio. O saco abrandou a meio do percurso e depois parou. Toda a gente aplaudiu, até eu, e depois o Beckett e o Jake fizeram marcha atrás para voltarem a descer. Não estava assim tão escuro quando tinham começado, mas nos vinte minutos decorridos, o dia

transformara-se em noite. Talvez tivesse sido a escuridão. Ou talvez fosse apenas má sorte. Mas, de alguma forma, a meio da descida, o Jake falhou um ramo ou perdeu o pé. Ouviu-se um farfalhar rápido e antinatural quando ele caiu os últimos seis metros até ao chão, que me fez arquejar. Ele aterrou de pé, mas manteve-se imóvel durante alguns segundos muito longos. Pensei que estava mesmo magoado.

Mas depois levantou os braços sobre a cabeça em sinal de vitória e virou-se para o grupo, que irrompeu em aplausos. Com esse gesto, o Jake reescreveu o momento. Não caíra – tinha ganhado a corrida inexistente. E não saíra magoado, saíra vitorioso. Fiquei a olhar com admiração. Só o Jake conseguia fazer com que cair de uma árvore fosse algo espetacular.

Nessa noite, coloquei o meu saco-cama debaixo da lona ao lado da Windy – e o mais longe possível do Mason.

Estava demasiado cansada para vestir a *T-shirt* e os calções que constituíam o meu pijama para a viagem, mas o Beckett avisara-nos de que não podíamos de todo dormir com as camisolas com que tínhamos caminhado naquele dia. Podiam parecer secas, dissera ele, mas retinham o suor e a humidade e, se não mudássemos de roupa, íamos passar a noite a tremer.

Foi a minha primeira experiência a trocar de roupa enquanto estava deitada num saco-cama, e digamos que os meus músculos cansados não estiveram propriamente à altura.

– Pareces um furão – disse a Windy, apontando-me a sua lanterna. – Um furão com convulsões.

– É mais ou menos assim que eu me sinto – respondi.

A Windy virou-se de lado para me observar com toda a atenção. Quando finalmente tirei as roupas do dia de dentro do saco-cama e as atirei para cima da mochila, ela disse:

– Então, não trouxeste nenhum livro, certo?

– Começo a arrepender-me disso – afirmei. – A minha fantasia desta viagem estava um bocado...

– Desajustada?

Assenti.

– Sim.

– Eu empresto-te o meu livro, se quiseres – ofereceu a Windy.

– O teu manual?

– É muito fascinante.

– Tenho a certeza que sim – respondi, sem acreditar mesmo nisso.

– É para o meu seminário de Psicologia Positiva.

– Estás a estudar Psicologia?

Ela fez que sim com a cabeça.

– Com duas especializações, na verdade, em Psicologia e Sociologia. – Depois olhou para cima e sorriu. – Vou ser psicóloga de animais de estimação.

Tossi ligeiramente.

– A sério?

– Para ser exata, psicóloga de cães.

– Isso é uma profissão?

A Windy assentiu.

– E lucrativa.

– Eu tenho um cão – revelei.

– Não me digas – disse ela, semicerrando os olhos. – Um *cocker spaniel*.

– Não.

A Windy pareceu surpreendida por ter errado.

– Um *labradoodle*? – Abanei a cabeça. – Normalmente sou muito boa nisto – disse ela, semicerrando os olhos outra vez. – Havanês! – declarou ela por fim. – O cão nacional de Cuba.

– Não.

– Desisto.

– Uma *dachshund* – disse eu. – Uma mini cão-salsicha parcialmente careca, com pelo de arame, gorda como uma carraça e que odeia toda a gente, incluindo eu.

A Windy franziu o sobrolho.

– Não diria que gostavas de cães-salsichas.

– Ela também morde tornozelos – continuei. – E come literalmente tudo. Rolos de papel higiénico, esponjas, produtos femininos. Já foi ao veterinário por engolir paus de gelado, ganchos

de cabelo, marcadores. Não tem qualquer sentido de autopreservação. E tem uma doença de pele – acrescente. – Não tem pelo nenhum na cauda, como um rato. Tem péssimo aspeto.

– Aposto que sim – disse a Windy.

– Eu ponho o remédio, mas ela lambe-o e depois fica com diarreia. No meu tapete de bambu. – Abanei a cabeça. – Há tantos outros tapetes em casa, mas ela escolhe o de bambu.

Apontei a minha lanterna para o rosto da Windy, que se comprimiu num esgar de compaixão.

– Às vezes, eles têm um lugar favorito para ficarem doentes.

– Ela mastiga a mobília, os tapetes e os cabos elétricos. Odeia todos os cães e todos os humanos. Ataca e rosna a toda a gente que entra no meu apartamento e a toda a gente que passa. Tenho de esperar que as outras pessoas com animais de estimação se tenham deitado para a levar à rua. E temos de estar sempre a proteger os tornozelos. Ela é absolutamente feroz. É uma piranha canina.

– Nada bom – disse a Windy.

– Pensei que ter um cão me faria sair mais. Sabes, que iria passear com os vizinhos ao fim da tarde. Ir ao parque para cães. Confraternizar com o mundo dos amantes de cães. Mas, na verdade, é o oposto. É isolador. Ela é tão sanguinária que tenho de a manter sempre dentro de casa, e sinto-me culpada por sair.

A Windy franziu o nariz.

– Não é nada divertido.

– Ela faz da minha vida um inferno – continuei. – É o pior animal de estimação do mundo.

A Windy estudou-me o rosto e depois abriu um sorriso.

– Mas agora é demasiado tarde.

– Isso mesmo – disse eu. – É demasiado tarde. Porque já a amo.

A Windy continuava a sorrir enquanto abanava a cabeça.

– Não é horrível, o amor?

Eu não devia ter continuado, mas a Windy era tão boa ouvinte, com perguntas atrás de perguntas, que tudo acabou por sair. Como eu ficara obcecada com a ideia de ter um cão, e como entrava no *site* Petfinder.com todas as noites durante meses e meses, verificava a lista de cães de resgate, via as fotografias, os vídeos, os perfis das

suas personalidades. Queria um cão fofo, adorável, sociável e hipoalergénico, e explorara as misturas de *caniches* até à exaustão. Os palpites da Windy não tinham sido assim tão descabidos: tinha marcado nos meus favoritos inúmeros *labradoodles*, *cockapoos*, *goldendoodles*, *multipoos*, *schnoodles*. Tinha feito listas de características do meu cão ideal e pesquisado por cor, estilo de pelo, temperamento, idade e proximidade da casa de acolhimento ao meu apartamento. Estive à beira de adotar vários cães diferentes – todos eles de pelo dourado e fofos, com olhos brilhantes e bocas caninas sorridentes.

Até que, uma noite, estava pronta. Encontrara o animal de estimação perfeito. Tinha enviado um *e-mail* a um dos grupos de resgate com uma oferta para uma cachorrinha amarela e sorridente chamada *Lola*, preenchido um formulário e sido aceite, marcado uma data para ir ter com ela no final da semana e estava finalmente a dar o passo em frente – quando alguém abandonou a *Pickle* e a amarrou a um poste no passeio em frente ao meu prédio.

A primeira vez que a vi, com aquele pelo manchado e cauda esfolada, pensei que fosse um gambá.

Assim que percebi que era uma cadela, também tive a certeza de que tinha sido abandonada. E maltratada de forma inacreditável. Tinha o pelo emaranhado, a pele coberta de crostas e estava pejada de pulgas. Ela não ladrou para mim – nem para ninguém – naquele dia. Toda a sua garra havia desaparecido.

Não podia deixá-la ali naquele estado. Encontrei uma clínica veterinária com horário tardio e levei-a para lá. Revelou-se que ela também tinha uma perna partida. O tratamento ia custar trezentos dólares.

«E se eu não puder pagar isso?», perguntei.

O veterinário olhou para a *Pickle* e depois para mim.

«Então, provavelmente, o mais correto seria abatê-la.»

Paguei os trezentos dólares. E, com isso, ela passou a ser minha.

À medida que recuperava as forças, a *Pickle* recuperou também o seu ódio inabalável por todas as criaturas vivas. Em teoria, eu admirava-lhe a coragem, mas, na prática, ela era uma chata de primeira.

– Parece que ela tem uma perturbação de *stress* pós-traumático – disse então a Windy.

– Estamos a falar de uma cadela, claro – salientei.

– Quem quer que a tenha amarrado àquele poste à porta do teu apartamento fez-lhe mesmo muito mal. As estratégias de defesa que ela desenvolveu quando a sua vida era insegura faziam sentido na altura, mas agora ela não as consegue esquecer.

– Vais psicanalisar o meu cão?

– Olá? É o meu futuro trabalho.

– Bem – disse eu –, ela é inflexível. Recorri a um treinador, a setenta dólares por hora, e ele deu-me um programa completo, e eu segui-o à risca durante meses, e não resultou.

– Ele disse-te para te tornares num alfa?

– Sim.

– E porque achas que não funcionou?

– Porque a *Pickle* é a alfa – disse eu. – Ela é muito mais cruel do que eu.

– Errado! – disse a Windy. – Não funcionou porque ele te disse para seres o tipo errado de alfa.

Não conseguia imaginar o que poderia isso significar.

– Todos os preconceitos populares sobre cães são baseados em matilhas de lobos – disse a Windy. – Mas os cães não são lobos. Um lobo é um animal selvagem. Um cão é um animal domesticado. Os lobos querem estar com outros lobos, mas os cães querem estar com pessoas.

– O meu cão não – disse eu.

A Windy continuou.

– Os humanos sempre odiaram os lobos. Todas as culturas têm mitos sobre o Lobo Mau, e em todos os sítios onde os humanos e os lobos tentaram coexistir, os lobos foram exterminados.

– Isso é verdade?

– Então, como é que um dos animais mais odiados pela raça humana deu origem ao Melhor Amigo do Homem?

Não tinha a certeza se era uma pergunta retórica. Estava prestes a tentar responder, quando a Windy prosseguiu:

– Os cães evoluíram a partir dos lobos. Os lobos andavam nos

arredores das povoações humanas, sobretudo para comerem restos de comida. Mas os que eram demasiado agressivos eram mortos. Apenas os que se davam bem com as pessoas, que eram suficientemente amigáveis e não agressivos, sobreviveram para se reproduzir.

– Então estás a dizer que foi a «sobrevivência do mais amigável»?

– Exato! Há estudos que o comprovam. Os líderes das alcateias podem ser os mais agressivos e dominantes, mas os líderes das matilhas são geralmente os cães com mais amigos. – Naquele momento, não pude deixar de pensar no Jake. O simpático Jake, que se tornara claramente o alfa do nosso pequeno grupo, apesar de todos os protestos do Beckett.

– Os cães têm amigos? – perguntei eu. A minha cadela não tinha amigos nenhuns.

– É isso que estou a dizer – explicou a Windy. – Quaisquer que tenham sido as coisas horríveis que aconteceram à *Pickle*, ela desistiu de toda a gente.

Senti lágrimas nos olhos. Eu sabia, claro, que a *Pickle* tinha estado numa situação grave antes de mim, mas nunca tentara imaginar até que ponto. O que lhe teriam feito os donos anteriores?

– Então ela pensa que todos os humanos lhe querem fazer mal? – perguntei.

– Provavelmente.

– Eu não lhe quero fazer mal.

– Acho que ela sabe disso. Disseste que ela dorme contigo?

– É a única altura em que não está zangada – disse eu.

– Então deve confiar em ti até certo ponto.

– Eu salvei-a – referi. – Achas que ela sabe disso?

– Sem sombra de dúvida.

Senti necessidade de a defender.

– Até gosto da tenacidade dela. Ninguém se mete com ela.

– Mas tem medo sem motivo. Para começar, ninguém se ia meter com a tua cadela. Pelo menos não hoje em dia.

– É verdade.

– Ela perdeu a capacidade de confiar.

- Então, como é que eu a curo?
- Vais ter de a ensinar a não ter medo. Vais ter de a convencer de que está segura.
- Mas como?
- Bem – disse ela, como se ainda estivesse a pensar –, vais ter de reeducar a neurobiologia dela. O que vai exigir um grande esforço durante muito tempo. E pode não resultar. Que idade é que ela tem?
- Acham que tem cerca de três anos, mas não têm a certeza. – A *Pickle* parecia ter mil anos.
- Vai valer a pena, então.
- Achas que pode ser curada?
- Acho que pode ser *ajudada*.

Ficámos em silêncio durante alguns minutos, enquanto na minha mente surgia a imagem da *Pickle* escondida atrás da sanita, a arreganhar-me os dentes, enquanto eu lhe estendia um biscoito e dizia: «Vá lá! Vamos reeducar a tua neurobiologia!»

Então, a Windy perguntou-me:

- Ela é a tua única família?
- Sim – respondi. E depois: – Não! Tenho um irmão. E uma avó. E um ex-marido. – Parecia uma lista muito triste, mesmo para mim. Podia ter continuado: *E um pai, uma madrastra e dois meios-irmãos na Califórnia, que nunca vejo. E uma mãe de quem estou afastada.* Algo na Windy fez com que eu quisesse despejar tudo: sobre os meus pais, sobre o que tinha acontecido e sobre a Tragédia que nos empurrara a todos para caminhos inesperados, distantes e isolados.

A Windy tinha um rosto tão gentil e uma forma tão paciente de ouvir que quase respirei fundo e exalei a história toda. Quase. Mas contive-me. Era demasiado sombria para uma conversa de acampamento. Quem queria escutar uma história tão triste? Nem eu própria a queria ouvir.

- E tenho muitos amigos – disse então, como se nunca tivesse hesitado. – Professores da escola. Todos os meses organizamos uma noite de cinema com filmes de terror e temos estado a aprender a fazer croché.

A Windy assentiu, como se isso fosse bom.

- Mas a *Pickle* – concluí por fim, completando o círculo – é de

longe a minha melhor companhia.

A *Pickle* fora mesmo minha amiga este ano. A minha querida amiga malvada, irritável e grosseira. Se ela não tivesse entrado no meu quarto todas as noites, com a cauda esfolada a abanar, os olhos fixos em mim até me convencer a pegar-lhe e pô-la em cima da cama, talvez tivesse sucumbido à solidão. Eu salvei-a, mas ela também me salvou. Apesar de todas as suas falhas, a *Pickle* era – no contexto certo, nas circunstâncias certas, numa noite calma e com muita sorte – surpreendentemente boa a amar.

Capítulo 9

Acordei dorida, com os olhos inchados e tensa. Doíam-me as coxas. As barrigas das pernas. As costas e os ombros. Sentia o joelho a latejar. Tinha nódoas negras a formarem-se nas ancas, no sítio onde ficava o cinto da mochila. E as bolhas que ignorara no dia anterior? Era como se tivessem sido salpicadas com ácido.

Fui a coxear de chinelos até ao acampamento do Jake, parando apenas para vestir o meu casaco de lã. Apareci enquanto o grupo dele estava a preparar o pequeno-almoço, e ele estava a passar o café por um coador.

Levantou o olhar quando me aproximei, e o contacto visual fez-me sentir uma agitação louca na caixa torácica. Não sei se ele também o sentiu, mas voltou a olhar rapidamente para baixo e não voltou a olhar para cima até ter acabado de servir o café. Demorou o seu tempo e eu não tive outra escolha senão reparar no início de uma barba no seu rosto e pescoço. Não havia lâminas de barbear. Todos os rapazes acabariam por ficar com barba, segundo o Beckett. Eu sempre fora uma fã da barba por fazer, uma espécie de restolho de fim de semana. De certa forma, fazia os homens parecerem robustos. Particularmente, fazia com que o Jake parecesse mais velho e mais maduro – mais parecido com alguém por quem eu poderia estar apaixonada.

Inclinei-me para a frente para afastar o pensamento. Foi então que o Jake se virou para mim.

– Doença da altitude?

Ergui o olhar.

– Na verdade – disse eu, apercebendo-me de que a tinha ligeiramente –, sim.

Ele assentiu e dirigiu-se para mim, todo empertigado.

– Hoje, bebe mais água. Se piorar, podes tomar *Tylenol*.

– Está bem.

Começou a virar-se, como se já tivéssemos acabado.

– Hum – disse eu então. – Já agora? Podes ajudar-me com a

ligadura?

Enquanto o grupo da tenda olhava, ele semicerrou os olhos em jeito de pedido de desculpas.

– Desculpa, esqueci-me do teu nome.

Lancei-lhe um olhar penetrante.

– Helen.

– Ellen?

Expirei com força.

– Helen – repeti. – Com «H».

– Certo – disse ele. – Desculpa. Bem, vamos buscar o estojo de primeiros socorros, Helen com «H». Já agora, mais uma vez, chamo-me Jake. Café? – Estendeu-me o bule, como se pudesse beber diretamente dele.

– Não, obrigada. – Eu também quis dizer mal o nome dele, mas não há propriamente outro nome que soe como Jake. O que podia dizer? *Rake? Flake?*

Pus as mãos nos bolsos e decidi ser superior.

– Obrigada pela ajuda, Jake.

Ele conduziu-me até um tronco caído para que me pudesse sentar.

Era algo em que já tinha reparado na natureza selvagem: troncos de árvores caídos por todo o lado. Era o ciclo de vida de uma árvore, claro – crescer, viver, morrer e cair –, mas nunca se via nada assim na cidade. As árvores mortas eram cortadas e removidas precisamente para não caírem. Aqui, as árvores mortas ainda em pé eram chamadas de «fazedoras de viúvas».

«Não montem o acampamento ao alcance de uma fazedora de viúvas», avisara o Beckett na noite anterior. «Uma boa rajada de vento, e aquela coisa vai abaixo.»

E não estava a exagerar. Havia provas disso por todo o lado – troncos mortos espalhados aos montes, sobretudo nos nossos trilhos. No início, sentia grande prazer em pisá-los – disposta a dar-me ao trabalho de subir para poder desfrutar de um segundo de alívio ao voltar a descer. Pisar aquelas árvores fora a minha parte favorita da caminhada no primeiro dia, até que o Beckett me alertou numa paragem para descansar.

«Vocês não viram a Ellen a fazer isto», começou ele, apontando para mim para se certificar de que toda a gente sabia a quem se referia, «porque ela vem lá atrás. Mas ela tem estado a pisar os troncos que estão no caminho.»

«É Helen», corrigi. «Com H.»

Mas o Beckett estava a fazer valer o seu ponto de vista.

«Quem é que lhe quer dizer por que razão não pode fazer isso?»

O Jake gritou a resposta:

«Alguns deles estão podres», explicou, o seu olhar encontrando o meu. «Não suportam o teu peso. O teu pé vai atravessá-los.»

« É isso mesmo», confirmou o Beckett. «O que equivale a uma perna partida e a uma evacuação de emergência, estejas onde estiveres.»

«Desculpa», pedi, encolhendo os ombros.

O Beckett apontou para mim.

«Não voltes a fazê-lo.»

« Não volto a fazê-lo», garanti, fazendo beicinho como uma criança amuada, sem dizer o que queria: que este era exatamente o tipo de informação que eu gostaria de ter recebido *antes* de partirmos para a natureza selvagem.

Por isso, esta manhã, quando o Jake apontou para o tronco morto, hesitei.

Ele percebeu o que eu estava a pensar.

– Podes sentar-te nele – indicou. – O teu rabo é muito, muito mais largo do que o teu pé...

– Obrigada – disse eu.

– Por isso, distribui o peso de forma mais homogénea. Além disso, não tens a mochila, por isso pesas menos agora.

Sentei-me. E não caí.

– E, de qualquer modo – continuou ele –, não podes partir o rabo.

– Vê só – respondi.

Ele virou-se para o estojo médico, e não consegui perceber se estava ou não a esconder um sorriso.

Tirou a ligadura velha do meu joelho e examinou o corte. A crosta tinha quase três centímetros de comprimento e estava tão

escura que chegava a parecer preta. A pele à volta também parecia ferida.

– Parece pior – disse eu.

– Não, está boa – observou. – É uma ótima crosta.

– Uma *ótima* crosta?

– E as nódoas negras eram de esperar. Não vejo sinais de infeção.

Bom trabalho.

– Foste tu que me puseste a ligadura.

– Estava a falar comigo mesmo – disse ele.

– Tenho de te confessar outra coisa... Talvez tenha algumas bolhas.

– Bolhas a sério? – perguntou o Jake. Eu assenti com a cabeça. – Não pode ser. Eu vi-te a tirar apontamentos durante a aula do Beckett sobre ter «cuidado com as bolhas», no autocarro.

Acenei com a cabeça. Sabia como era suposto lidarmos com as bolhas. Encolhi ligeiramente os ombros.

– Está bem – disse o Jake, olhando para baixo. – Mostra-me.

Estendi os pés para que ele examinasse um total de quatro marcas vermelhas, sangrentas e de ar assanhado – duas em cada pé.

O Jake soltou um assobio.

Quando olhou para cima, estava muito sério.

– Porque não me disseste?

– Não queria parar o grupo outra vez.

– Durante uma pausa para descanso?

Encolhi os ombros.

– Sei que somos desconhecidos – disse ele. – Mas tens de me deixar ajudar-te.

Fiz uma pequena saudação de capitulação e esperei enquanto ele trabalhava nas bolhas com o mesmo carinho com que tinha tratado o corte. Só que, desta vez, levantou-me os dois pés e pousou-os sobre as suas coxas como superfície de trabalho.

Foi então que reparei que ele estava com uma *T-shirt* de manga curta.

– Não tens frio? – perguntei. A temperatura estava na casa dos dez graus. Porque é que ele não tinha um casaco?

– Sim – respondeu ele, deitando água oxigenada sobre as

manchas.

– Porque não tens o casaco vestido?

– Apareceste antes de eu ter tido oportunidade de me vestir.

– Então a culpa é minha?

– Não, eu... – Fez uma pausa para desembulhar um pacote de pensos para bolhas. – Só não te queria fazer esperar.

– Vai buscar o casaco!

– Estou quase a acabar.

– Estás todo arrepiado. – Ao olhar para ele para confirmar, vi um arranhão vermelho escuro e uma nódoa negra sob o braço.

– O que te aconteceu ao braço? – perguntei, mas ao proferir as palavras, soube de imediato. – Isso é de ontem!

– Eu estou bem – afirmou, ainda a tratar das minhas bolhas, sem olhar para cima.

– Eu sabia! Eu sabia que te tinhas aleijado quando caíste daquela árvore.

– Eu não caí. Desci depressa.

– Tão depressa que caíste.

Ele sugou o lábio inferior por um segundo.

– Está bem. Caí.

– Posso ver o teu braço?

– Não.

– Mas pode precisar de...

– De quê? É só uma nódoa negra. – Ele já tinha acabado as ligaduras.

Retirei os meus pés e enfiei-os nos chinelos.

– Tu podes infernizar-me por causa de umas bolhas, mas eu não posso dizer nada quando caís de uma árvore?

– Nem mais.

– Estava muito escuro para ti? – perguntei então.

– O quê? Não!

– Quero dizer, tipo a cegueira noturna. Isso preocupou-me quando estavas a subir. Que pudesses falhar um ramo ou assim. Foi isso que aconteceu? Não viste o ramo?

Ele ficou a olhar para mim enquanto eu falava, subitamente concentrado. Então inclinou-se para mais perto e disse:

– Escorreguei. Foi só isso. – Depois olhou-me diretamente nos olhos. – Por favor, não contes a ninguém sobre a cegueira noturna. Está bem?

– Está bem – acedi. – E porque não?

– Porque somos estranhos – lembrou ele. – Por isso, não há maneira de saberes.

Assenti.

– Bem visto.

– E também – acrescentou – porque não passei no exame médico.

– O quê?

Ele encolheu os ombros.

– Como podes estar aqui se não passaste no exame médico?

– Tenho um amigo na faculdade de medicina que falsificou o meu relatório.

Não sabia o que lhe dizer. Abanei a cabeça.

– Porquê?

Ele encolheu os ombros outra vez.

– Para poder vir na viagem.

– Mas é perigoso!

– Atravessar a rua é perigoso. Ir nadar é perigoso. Comer um hambúrguer é perigoso...

– Não é a mesma coisa!

Ele baixou a voz para um sussurro.

– Não fazemos caminhadas à noite. Não te preocupes.

Nunca confessaria o arrepio de ansiedade que senti naquele momento perante a perspectiva de ele não estar bem. Mas senti. Podíamos ser estranhos agora. E ele podia ter-me estragado a viagem de dez maneiras diferentes. Mas, quer eu gostasse quer não, a verdade era que o Jake era a minha pessoa favorita aqui.

Abanei a cabeça.

– Em que raio estavas tu a pensar? – sussurrei-lhe de volta.

Ele olhou para baixo e disse numa voz que eu mal consegui ouvir:

– Precisava mesmo de vir até aqui e fazer isto.

E como poderia eu contestá-lo?

O Jake obrigou-me a descalçar as botas e a deixá-lo verificar os pensos das bolhas em cada paragem. Quando o Beckett viu o estado dos meus pés, disse:

– Só podes estar a gozar. Não estavas a prestar atenção quando avisei para terem cuidado com as bolhas?

– Ela não estava apenas a prestar atenção – disse o Jake, ajustando os adesivos. – Estava a tirar apontamentos.

O Beckett pareceu espantado.

– Tiraste apontamentos?

Fiz que sim com a cabeça.

– Então, como é que te deixaste ficar assim?

Respirei fundo.

– Apenas senti que já tinha atrasado o grupo demasiadas vezes.

O Beckett assentiu.

– Bem, isso é verdade. – Observou o Jake a trabalhar nos meus pés durante uns segundos, antes de chamar toda a gente para fazer de mim um exemplo. Mais uma vez. – Ouçam bem, pessoal. Isto é o que acontece quando ignoram as minhas instruções. A Ellen tem quatro bolhas nos pés, daquelas horríveis, depois de um dia de caminhada.

– É Helen, na verdade – voltei a corrigir. – Com «H».

O Beckett olhou para mim como se eu estivesse a tentar pregar-lhe uma partida.

– Helen?

Depois o Hugh gritou, lá do fundo:

– Com «H»!

Abanei a cabeça em sinal de confirmação.

– Está bem – continuou o Beckett. – Não sejam uma *Helen*. Se sentirem um ardor, como expliquei em pormenor ontem no autocarro, tratem disso. Imediatamente.

Olhando para trás, penso muitas vezes que este foi o momento que me cristalizou como a «Rapariga do Que não Fazer» do Beckett, embora possa ter começado mais cedo. A partir de então, tornei-me o exemplo preferido do Beckett das coisas que não se deviam fazer; só durante essa semana, ele apontou a minha passada nas caminhadas, a colocação da mochila nas ancas, a quantidade de

água que bebia durante as paragens para descansar, o meu nó, a minha forma de cozinhar, a minha atitude, o meu sentido de humor e a minha compreensão da física básica do mundo natural como estando errados, errados, errados. Tinha pesadelos que começavam com a frase: «Muito bem, pessoal, juntem-se», e terminavam com: «Não sejam uma Helen.» Tinha finalmente acertado no meu nome, mas estava a usá-lo de forma errada.

A certa altura, depois de um momento de aprendizagem particularmente humilhante, aproximei-me do Beckett e disse-lhe:

– Sabes, saio-me muito melhor quando me apontam as coisas que estou a fazer *bem*.

– Faz alguma coisa bem – disse ele então –, e eu aponto.

O melhor daquela primeira semana no trilho foi a Windy. Depois da nossa conversa sobre a *Pickle*, naquela primeira noite, ela começou a procurar-me. Até começou a deixar-se ficar para trás para caminhar comigo, o que foi realmente notável, porque ela podia muito bem ter abandonado todas as pessoas do nosso grupo de caminhada à sua morte. Ela era realmente boa.

A primeira vez que levantei os olhos do trilho e a vi a caminhar mesmo à minha frente, não consegui compreender o que ela estava ali a fazer.

– Porque estás aqui atrás? – perguntei-lhe. – Devias estar lá à frente.

– Com o Mason e os seus lacaios? – respondeu ela. – Não, obrigada.

Eu já estava predisposta a não gostar da Windy porque ela era muito perfeita, e há sempre algo demasiado cansativo nas pessoas perfeitas. Era longilínea e magra, sem um pinga de celulite – aquele aspeto ideal de rapaz adolescente com mamas que as raparigas estão sempre a tentar alcançar. Nunca parecia sobrecarregada ou ansiosa. Levava tudo na desportiva – como eu supunha que faria se fosse assim tão bonita, tão elegante e tão simpática. Tinha um longo cabelo ao estilo da Marcia Brady⁶: clássico, cor de linho, e tão comprido que podia facilmente atá-lo num nó. O meu cabelo foi ficando mais rebelde e emaranhado com o passar dos dias. Mas a

Windy mantinha-se chique com o seu coque preso na nuca, e parecia ficar cada vez mais encantadora à medida que o resto de nós descambava.

Tinha sido a única pessoa nesta viagem a ser sempre simpática para mim, e senti-me bastante grata quando ela se afastou para caminhar comigo, o que fez com que o pequeno obstáculo da timidez, que muitas vezes sentia em relação a pessoas novas, desaparecesse. Caminhámos em silêncio durante um bom bocado, enquanto eu ficava cada vez mais nervosa com a possibilidade de ela se aborrecer e voltar para a frente. Então, recorri ao conselho que a avó GiGi sempre me dera para conhecer pessoas novas: fazer-lhes perguntas sobre elas próprias.

«E pergunto-lhes o quê?», questionei certa vez.

A GiGi encolheu os ombros.

«De onde são, o que fazem para se divertirem, passatempos, livros favoritos, atores preferidos, animais de estimação. Qualquer coisa. Tudo o que te lembrares.»

«Não achas que isso é ser intrometido?», perguntei.

Ela abanou a cabeça.

«As pessoas adoram falar sobre elas mesmas», disse ela. «É a única coisa em que são especialistas.»

Era um ótimo conselho e funcionava sempre. Quando me lembrava de o usar. Na maior parte das vezes, porém, esquecia-me. O nervosismo fazia com que o meu cérebro bloqueasse. Mas desta vez, como por magia, ocorreu-me.

– Então, conta-me como é ser psicóloga de animais – pedi-lhe.

– Uma *aspirante* a psicóloga de animais.

– Precisas de um diploma para isso? – perguntei-lhe.

– Se quiseres ser mesmo boa, precisas.

– E tu queres ser mesmo boa?

– Claro – respondeu a Windy. – Quero ser mesmo boa em tudo. – Enquanto caminhava atrás dela, observando os músculos das suas barrigas das pernas a flexionar e a relaxar, decidi que tinham precisamente o formato humano perfeito para barrigas das pernas, e para pernas em geral, na verdade. Senti um impulso para lhe dizer o quanto as admirava. Afinal, se alguém me estivesse a admirar, eu

quereria saber. Mas não sabia como abordar o assunto. O que podia dizer? «Já agora, tens umas belas pernas»? Podia alegrá-la, mas também podia assustá-la.

– Fala-me das tuas leituras de verão – sugeri ao invés.

– É para uma aula que estou a ter sobre o movimento da psicologia positiva.

– O que é isso?

– É o estudo da felicidade.

– Ensinam-te isso na universidade?

– Ensinam – disse ela. – A psicologia costumava focar-se nos problemas. Tu sabes: neuroses, patologias, distúrbios. A ideia era analisar as partes erradas da vida humana para as podermos curar.

– Sim – respondi. – Percebo.

– Mas há uma nova teoria que defende que devemos olhar para o que as pessoas fazem bem. Descobrir como é que as pessoas felizes e equilibradas agem.

– É disso que trata o teu manual?

Ela fez que sim com a cabeça.

– A questão é: o que é que as pessoas felizes fazem bem?

– O que é? – De repente, queria mesmo saber.

– Muitas coisas. É por isso que requer um manual inteiro.

– Certo. Por exemplo?

– Bem, por exemplo, as pessoas felizes são mais propensas a registar alegria do que as pessoas infelizes. Por isso, se pegares em duas pessoas que viveram um dia com, suponhamos, metade de coisas boas e metade de coisas más, uma pessoa infeliz vai lembrar-se mais das coisas más.

– Como uma espécie de «copo meio vazio».

– Mas não se trata apenas de uma atitude. Está genuinamente ligado à memória. Se no final desse dia perguntares às pessoas infelizes do que é que elas se lembram, só lhes ocorre as coisas más. Mas não é porque estejam a ignorar as boas memórias. Só não as retêm.

– Achas que isso é um mecanismo do cérebro? – perguntei, tentando perceber qual era o meu tipo.

– Sim, tem a ver com os circuitos cerebrais – confirmou a Windy.

– Mas parece ser algo que podes alterar. Fizeram-se experiências em que as pessoas praticam lembrar-se de coisas boas. E adivinha? Funciona.

Refleti sobre isso.

– Quanto mais coisas boas registares – continuou ela –, mais irás recordar e pensar em coisas boas. E como tudo o que te resta do passado é aquilo de que te lembras...

– Isso muda a história da tua vida.

A Windy virou-se para assentir.

– Exato. Todas as noites, escreves três coisas boas que te aconteceram nesse dia.

– E pronto? Ficas feliz?

– Mais ou menos – disse a Windy. – Tipo, que três coisas boas te aconteceram hoje?

– Acho que não te consigo dizer três.

– Talvez não te lembres delas.

– Oh – disse eu. – Acho que elas se destacariam.

– Tenta. Não tem de ser ganhar a lotaria. Basta que sejam pequenas coisas. Um momento de que gostaste. Uma brisa suave que te fez sentir bem.

Pensei durante muito tempo. Só quando a Windy perguntou: «Alô? Estás aí?», é que me ocorreu algo.

– Fiquei contente por teres voltado atrás para me acompanhares – disse eu.

– Vês! Isso é bom! Um já está!

– A papa de aveia desta manhã estava um bocadinho menos borrachenta do que a de ontem.

– Essa é menos boa – disse a Windy. – Pensa bem!

Suspirei.

– Está bem – respondi. E então, como se tivessem acabado de se acender as luzes, lembrei-me de algo real: – Adoro aquela sensação, logo pela manhã, quando ainda estás no teu saco-cama e o teu corpo está quentinho, mas a tua cara está fria do ar noturno da montanha.

– És um génio! – disse a Windy. – Tens um talento natural.

– E tu? – perguntei. – Que coisas boas vais recordar deste dia?

– Até agora? – perguntou ela. – O café à *cowboy* fervido no lume. O som do vento a agitar os ramos dos pinheiros lá em cima. O cheiro a musgo do bosque. Um pequeno miosótis a crescer na margem do riacho. Aquela sensação boa e confortável de quando pões a mochila às costas e apertas o cinto da anca. A sensação de frescura no ar. O som do riacho. A pedra em forma de coração que encontrei esta manhã perto da nossa lona. A sensação de queimadura nos meus músculos quando subimos a colina. O barulho silencioso das nossas botas no trilho. Aquele pássaro vermelho que passou a voar há uns minutos.

– És demasiado boa nisto – disse eu. – Estás a assustar-me.

– Eu só tenho mais prática – respondeu ela. – Tu consegues ser como eu.

– Provavelmente *não* como tu – contrapus. A esta altura, tinha quase a certeza de que estava fadada a ser como era.

– Disse a mim mesma antes desta viagem que ia valorizar tudo – revelou-me a Windy. – É o meu grito de guerra: *Valoriza tudo*.

Perguntei-me qual seria o meu grito de guerra neste momento. *Vê lá se me importo? Deixa-me em paz? Fala para a mão?*

– Quero um grito de guerra – retorqui.

– Partilho o meu contigo, se quiseres.

– Vou procurar um original – disse eu –, mas obrigada.

– Há outra coisa boa que vou recordar deste dia – disse então a Windy.

– O quê?

A Windy parou por um segundo.

– A incrível, deliciosa e consumidora paixoneta que tenho. – Virou-se e ergueu um pouco as sobrancelhas, sem falhar um passo.

– Tens uma paixoneta? – perguntei. – Já? Acabámos de chegar.

– Foi uma coisa do tipo obsessão à primeira vista – contou.

– Quem? – perguntei.

– Não adivinhas?

Por acaso, até adivinhava. Sabia muito bem por quem qualquer uma ou até mesmo todas as raparigas desta viagem teriam uma paixoneta. Mas esperava estar enganada.

– O Beckett! – aventei.

– Que nojo! Não!

– Não é o Mason, ou um dos seus lacaios.

– Não, não é o Mason nem um dos seus lacaios.

– O Hugh? – perguntei esperançosa.

– Acho que ele é capaz de ser g-a-y – disse ela, num sussurro encenado, embora de qualquer forma houvesse espaço suficiente entre nós e todos os outros para que ninguém a tivesse ouvido.

– Bem – disse eu, desejando que houvesse alguma forma de me afastar desta conversa. – Não consigo pensar em mais ninguém.

– A sério?

Fingi que refletia.

– Não.

Ela abrandou para me deixar alcançá-la até ficarmos lado a lado, e depois inclinou-se, ainda a caminhar, e sussurrou:

– O Jake.

– Quem é esse? – perguntei, sentindo-me transparente ao fazê-lo.

– Tu conheces o Jake! O paramédico! Ele tratou o teu joelho! E as tuas bolhas!

– Oh! – soltei. – Pensei que se chamava Jack.

– Não achas que ele é um sonho? – disse ela, deixando-me ficar atrás dela outra vez.

– Não sei – respondi. – Talvez.

– É o rapaz mais giro daqui! – disse ela, desafiando-me a contestá-la.

– Se tu o dizes.

– Consegues pensar em alguém mais giro?

Abanei a cabeça.

– Parecem-me todos miúdos da segunda classe.

– Posso contar-te como nos conhecemos?

– Hum. Está bem.

– Estava a subir as escadas naquele primeiro dia no alojamento e deixei cair a minha mochila. Rolou pelas escadas abaixo, e, quando comecei a ir atrás dela, lá estava ele. Apanhou-a. E trouxe-a até mim. Quando a entregou, pensei: «É este o homem com quem vou casar.»

Caramba.

– Sabes o que quero dizer? – continuou. – Quando vês uma pessoa e simplesmente percebes que a amas?

– Julgo que não é assim que funciona – argumentei, tentando ser a voz da razão. – Acho que o amor tem de crescer à medida que vais conhecendo melhor alguém. Leva tempo.

– Para mim, não – disse a Windy.

– Penso que isso de que estás a falar é paixão – sugeri.

– Sabias que ele faz malabarismo? E dança *swing*? E imita o sotaque escocês?

– Ele contou-te tudo isso nos degraus?

– Não. No autocarro.

– Certo.

– Consegui tirar muito proveito dele durante o «Verdade ou Consequência». Ele estava sempre a tentar escolher «Verdade». Mas nós forçámo-lo a fazer os desafios.

– Que tipo de desafios?

– Os mais ousados. – Ela virou-se e voltou a sacudir as sobancelhas. – Transformou-se num frenesim alimentar.

Um frenesim alimentar? Do que é que eles se estavam a alimentar?

– O que aconteceu?

– Jurei guardar segredo – disse ela. – Desculpa. O que acontece no telhado fica no telhado.

O quê?! , quis gritar. O que aconteceu no telhado?

A Windy andou um minuto, sem dúvida a apreciar o agradável bater das suas botas no trilho.

Depois eu disse-lhe:

– Continuo a achar que não podes amar aquele tipo, o Jack, se só o conheces há dois dias.

– Jake.

– Como queiras. É preciso mais do que um jogo de «Verdade ou Consequência» para despertar um amor verdadeiro – disse eu. – Não importa o que aconteceu no telhado.

A Windy virou-se e dirigiu-me o sorriso mais feliz que eu alguma vez tinha visto.

– Só achas isso – disse ela –, porque não estavas lá.

6 A filha mais velha em *The Brady Bunch* (1969-1974), uma série de televisão sobre uma família numerosa. (N. do E.)

Capítulo 10

À medida que a semana avançava, fomos habituando à rotina. O peso das mochilas, a comida desidratada, até mesmo as pinhas se tornaram familiares. Ajustámo-nos à altitude e aprimorámos a nossa capacidade de respiração. Atravessámos o nosso primeiro rio congelado e vimos um alce no vale. Aos homens, começaram a crescer barbas e às mulheres, pelos nas pernas. À noite, depois do jantar, tínhamos aulas sobre constelações, leitura de mapas e até aprendemos a distinguir as pegadas de ursos-negros das de ursos-pardos. Subimos ao nosso primeiro desfiladeiro, chamado «Volta-em-U», porque, ao que parecia, era comum para os caminhantes chegarem lá, vislumbrarem o terreno diante de si e darem meia-volta. Mas não nós. Estávamos a ganhar ritmo. Estávamos a entrar no espírito. Também arranjei uma solução para o meu problema de não ter trazido um livro. O Beckett tinha o manual oficial da ESI na mochila e emprestou-mo. Li-o de uma ponta à outra em dois dias. Depois li-o outra vez. A seguir voltei atrás e tirei notas. Havia uma secção inteira sobre Certificados e como ganhá-los. Ler a lista pareceu-me um pouco como fazer batota, mas o Beckett insistiu que qualquer pessoa podia lê-lo – só que mais ninguém o tinha pedido. O livro deu-me conforto. Fez parecer que a obtenção de um Certificado não seria impossível. O manual frisava que não eram necessariamente as pessoas mais fortes ou as mais rápidas que os conquistavam, mas sim as que mais se esforçavam. E isso era algo que eu sabia que conseguia fazer. Eu era boa a esforçar-me. Ter sucesso é que era uma história diferente.

Estabelecemos um ritmo diário: acordar às seis, vestir, tomar o pequeno-almoço, reunir para planear o dia, desmontar o acampamento e partir por volta das nove. Sem almoço tradicional, apenas petiscávamos qualquer coisa pelo caminho. Andávamos até às duas ou três da tarde, parávamos e montávamos o acampamento ao final da tarde. Escolhíamos sempre um local perto da água para acampar – algo de que não podíamos abrir mão. Jantar por volta

das cinco, e na cama às sete – ninguém pensava sequer em ficar acordado até tarde. Pela hora de dormir, já estávamos exaustos. As nove da noite eram a nossa «meia-noite de caminhante».

O meu corte e as bolhas sararam bem, graças à atenção autoritária do Jake. O Beckett continuou a usar-me como exemplo do que *não* se devia fazer. Pensei que conseguiria habituar-me a isso, mas nunca consegui. Havia tantas outras pessoas a fazer coisas erradas, mas ele nunca as chamava à atenção. Só a mim. A minha postura era demasiado rígida. Os meus óculos de sol não tinham proteção contra raios ultravioleta. Os meus artigos pessoais estavam mal arrumados.

Fora eu, o grupo criava laços. De alguma forma, em tão pouco tempo, a maioria das pessoas ganhara alcunhas. Pelos vistos, todos os rapazes do grupo tinham um fraquinho pela Windy, e por isso ela passara a ser a «Quebra-Corações», ou «QC» para abreviar. Até existiam «pontos Quebra-Corações»: se ela se sentasse ao teu lado, eram vinte pontos. Se falasse contigo, eram cinquenta pontos. Se conseguisses vislumbrar alguma parte do corpo de alto valor, eram cem pontos. Toda a gente sabia disto. Os rapazes anunciavam os pontos! Se a Windy tropeçasse, por exemplo, e esbarrasse num deles, este gritava: «Contacto corporal! Mil pontos!»

A Windy achava alguma piada àquilo, mas não lhes parecia dar muita importância. Creio que estava bastante habituada a esse tipo de situações, após uma vida inteira a ser um espanto.

No entanto, mesmo as pessoas menos espantosas acabaram por ganhar alcunhas. Evoluíram rápida e facilmente. As Irmãs tornaram-se «Irmã Um» e «Irmã Dois», que se transformaram em «Uno» e «Dosie». A rapariga de calções com GO GATORS! escrito no rabo ficou com a alcunha de «Caboose» e a melhor cozinheira de todo o grupo era agora a «Cookie». Quanto aos rapazes, o Mason, que nunca aprendera a abrandar e a caminhar com o resto do grupo, passou a ser o «Flash», como o super-herói. E os grandalhões eram o «Cão de Caça», o «Homem das Cavernas» e o «Vegas». Até o Hugh, que nunca falava com mais ninguém exceto comigo, se tinha tornado «Huey Lewis».

Na verdade, toda a gente tinha uma alcunha. Cada um deles.

Exceto eu. Eu era apenas a Helen – ou, com a mesma frequência, «Ellen».

Uma boa alcunha deve expressar algo sobre quem somos. Sugerir algo profundo. Ou talvez apenas engraçado. Mas, seja como for, é importante. Mostra que se é *conhecido*, que se tem uma identidade que os outros reconhecem. Mas parecia que eu não. Eu tinha o oposto de uma alcunha. Nem sequer conseguiam acertar no meu nome. Ficava louca só de pensar nisso. Eu podia ter sido apanhada por um falcão e levada para longe que ninguém teria reparado.

Era o tipo de situação em que podia ficar a remoer. Tivemos três dias de caminhada sem incidentes antes de me ter apercebido da questão das alcunhas, e poderia facilmente ter ficado a pensar nisso a cada passo do percurso. Ao invés, porém, não parava de pensar no que a Windy tinha dito sobre a felicidade: que as coisas em que pensamos determinam as coisas em que pensamos, ou seja, que quanto mais nos concentramos numa coisa, mais provável é que o nosso cérebro continue concentrado nela. Por isso, optei por não me concentrar naquilo e, em vez disso, esforcei-me por apreciar todas as maravilhas que a natureza selvagem tinha para oferecer. Como a cascata oculta que encontrámos. E as fezes de alce que vimos perto do riacho. E o salmão que se esgueirou para fora de um rio antes de voltar a desaparecer na água. E o pôr do sol fantástico com oito cores diferentes. E o facto de a minha cara ter finalmente ficado tão suja que já não me parecia suja.

Apesar de tudo, e apesar de não ser perfeito, começava realmente a sentir-me em casa no mundo selvagem. À minha maneira atrapalhada. Também aprendi a fingir que o Jake não estava lá. Exceto, claro, quando tropecei de lado, num ramo caído, ao subir o leito de um riacho, uma noite depois do jantar. A inclinação era tão acentuada que eu sabia que, se não me reequilibrasse, não teria como evitar cair até ao fundo e bater com a cabeça em cada pedra do tamanho de um pão. Aterraria numa polpa deformada e não teria outra alternativa senão morrer.

Mas não caí, e não morri, porque houve um braço que se esticou, apertou a minha cintura e me puxou para trás, e quando me virei para agradecer a quem me tinha salvado, vi que fora o Jake.

O seu rosto era todo irritação.

– Caramba, Helen, tem cuidado! Podes tentar não te matar durante cinco minutos? – Ele soltou-me tão bruscamente que pareceu um empurrão.

De onde vinha toda aquela raiva? Não se devia ser simpático para alguém que quase morreu? Endireitei-me para recuperar o equilíbrio.

– Eu estava a ter cuidado – insisti. Ainda conseguia sentir o fantasma do braço dele à volta da minha cintura.

Ele afastou-se.

– Não, não estavas.

– Estava, sim.

– Não. – Ele voltou para trás. – E cada vez que fazes uma estupidez, eu tenho de te salvar.

– Então não me salves! – atirei, agora também zangada, só porque ele o estava.

Mas o Jake já começara a afastar-se.

A minha resposta deteve-o, e ele virou-se para trás, fulminando-me com o olhar. Mantive-me firme.

– Não tens de me salvar.

Mas ele limitou-se a abanar a cabeça e a olhar-me de cima a baixo durante um longo minuto antes de dizer:

– Tenho, sim.

E depois foi-se embora.

Certa noite, após uma descontraída aula de primeiros socorros pós-jantar, o Beckett fez um anúncio.

– Vou improvisar um bocadinho. Amanhã vamos seguir caminhos separados.

Todos olharam ao redor, curiosos. O que significaria aquilo?

Passara os últimos trinta minutos a tirar notas sobre primeiros socorros, abrangendo toda a espécie de lesões ou desastres imagináveis – desde pernas partidas com ossos à mostra até afogamentos em rios gelados. Talvez fosse a minha mente já programada para o pessimismo, mas a ideia de o Beckett nos deixar a andar sozinhos não me agradou. Certo era que nada no manual

que eu decorara falava sobre dividirmo-nos em caminhadas diurnas. Pelo menos não até ao final.

Mas o Beckett estava resoluto. Precisávamos de uma mudança.

– Vocês seguem-me como se fossem patinhos. Precisam todos de melhorar a leitura de mapas. A menos que pratiquem, nunca vão dominar essa competência antes dos Solos.

Os Solos eram o ponto alto da viagem – o grande teste que avaliaria as nossas capacidades, utilizando tudo o que tínhamos aprendido. O Beckett usava muitas vezes a ideia dos «Solos» para nos assustar e garantir que estávamos atentos. E funcionava.

– Portanto – continuou ele –, amanhã vamos seguir caminhos diferentes. Vamos fazer o mesmo trilho, mas com trinta minutos de intervalo, para que não sigam atrás de mim como se estivessem hipnotizados. – Na verdade, era o *Jake* quem estávamos a seguir. Mas ninguém o disse ao Beckett.

– Mantemos os nossos grupos de tendas? – perguntei.

– Boa questão, Ellen. Não. Vou juntar os quatro mais rápidos – aqui, o Beckett apontou para os quatro rapazes mais altos –, e depois os próximos quatro – apontou para um grupo que incluía a *Windy* e o *Jake* –, e por fim os outros quatro – eu, as Irmãs e o *Hugh*. – O grupo mais rápido vai primeiro e o mais lento em último, para evitar congestionamentos.

– Tu vais com quem? – perguntou o *Mason*.

– Talvez passe um dia com os rapazes da frente.

Alguma coisa ali não me cheirava bem. Não conseguia deixar de sentir que o Beckett estava cansado de ir devagar e só queria um dia para correr pelo trilho com os mais rápidos. Mas ele mostrou-nos o caminho, e não parecia assim tão complicado. Ele tinha razão quando dizia que ninguém se esforçava muito na leitura dos mapas. O Beckett já tinha feito três sessões de treino, e as pessoas continuavam a adormecer, a ler às escondidas atrás das mochilas e a pedir para ir à casa de banho. Eu, por outro lado, estava concentrada, a tirar muitos apontamentos – em parte porque não sabia como assistir a uma aula sem me inclinar para a frente na primeira fila, como uma obcecada pelo quadro de honra, mas também porque descobri que gostava de analisar mapas

topográficos. Todos os outros viam apenas linhas tortas e manchas de cor, enquanto eu, por alguma razão, via tudo em 3D. Era sem dúvida a única coisa no curso que me surgia naturalmente. Não obstante, não quis fazer muito alarde disso. Era mais fácil seguir o fluxo como os demais.

Naquela noite, dentro do meu saco-cama, à espera de adormecer, a ideia de o Beckett nos deixar para trás, por um dia inteiro, para caminhar com os mais rápidos provocou um sentimento de alarme no meu peito. Tinha algum jeito para ler mapas, sim, mas, na prática, nunca os tinha usado num ambiente selvagem. A minha mente foi invadida por cenários de desastre em repetição. Contudo, consegui acalmar-me. Afinal, era apenas uma caminhada de cinco quilómetros – num trilho, em linha reta, terreno plano. Quão difícil poderia ser?

Na manhã seguinte, antes de sair com o primeiro grupo, o Beckett viu um pedaço de lixo.

– Calma aí, pessoal – disse ele, levantando as palmas das mãos num gesto de «alto». Atravessou o local de acampamento e agachou-se para o examinar. – A sério, malta? Lixo?

Tirou a mochila num movimento fluido, mantendo os olhos no quadrado branco. Depois estendeu a mão, pegou-lhe e segurou-o como se fosse uma coisa morta.

Todos os nossos olhos se desviaram para o quadrado branco. Parecia estranhamente deslocado do ambiente que o rodeava, pensei, e, logo a seguir a esse pensamento, tive outro: aquele lixo era meu. Era a lista de objetivos que trazia no sutiã.

– Beckett... – disse, começando a aproximar-me dele.

– Quantas vezes já falámos sobre respeitar a natureza? Quantas vezes falámos em não deixar rasto? E, no entanto, vocês estão sempre a deixar rastros de detritos, como se não tivessem ouvido uma palavra do que eu disse.

Desdobrou o papel.

Eu estava prestes a dizer-lhe que era meu – que não o tinha deixado fora, apenas o tinha perdido.

Mas antes que eu pudesse dizer alguma coisa, ele começou a ler

a lista. Em voz alta.

– *Suspirar perante o puro vigor e beleza da natureza. Cair de joelhos perante a magia do mundo. Tornar-me parte de algo muito maior do que eu.* – Os grandalhões riram-se e resfolegaram um bocado. Mas o Beckett estava a falar muito a sério. – Alguém quer reclamar isto?

Mantive-me perfeitamente imóvel. Não, já não queria. Dei graças em silêncio por ter tido o bom senso de cortar o meu nome do topo muito antes de esta viagem começar.

– O que é que estou sempre a repetir? O que é que eu vos disse logo no primeiro dia?

O Mason estava a gostar disto.

– Não será tolerado deitar lixo para o chão.

– Que mais é que eu disse? Na nossa primeira aula sobre a proteção da Mãe Natureza? O que é que eu vos disse que aconteceria se vos visse a deitar lixo para o chão?

Toda a gente olhou em volta. Por fim, a Dosie arriscou:

– Passavas-te?

– É verdade! Foi exatamente isso. *Se querem ver-me passado, atirem lixo para o chão.* – Ele puxou do isqueiro de propano que usávamos para os fogões. – Bem, parece que me queriam ver *passado*. E tudo bem! Vão ter o que pediram.

Segurou o isqueiro numa mão e a minha lista de melhorias pessoais na outra. Acendeu a chama.

– Alguém quer reclamá-lo agora?

Não.

E, sem mais uma palavra, pegou-lhe fogo.

Ficámos a olhar para a chama. O Beckett deixou-a arder quase até aos dedos, depois deixou-a cair, apagou o fogo com a bota, pegou no canto de papel que restava e meteu-o no bolso.

– O mundo não é a vossa lixeira, pessoal – declarou, olhando em redor. Todos nós ficámos a olhar para ele como se tivesse enlouquecido. – Voltem a fazê-lo – concluiu – e queimarei o mundo. – Depois assobiou ao primeiro grupo de caminhantes, como se fossem uma matilha, e conduziu-os pelo trilho.

Só depois de eles desaparecerem de vista é que todos nós soltámos um longo suspiro coletivo. O Hugh veio para junto de mim

e ficámos a vê-los afastarem-se.

– Queimar o mundo parece-me contraproducente – comentou ele.

Eu sorri-lhe.

– Adoro quando ele põe as coisas a arder – continuou o Hugh. – Fica mesmo uma brasa.

Soltei uma risadinha.

– Literalmente.

O Hugh decidiu que ia «à procura da casa de banho» antes de partirmos, e deixou-me a dar pontapés no monte de cinzas.

Alguns minutos depois, o Jake apareceu.

– O Beckett é mesmo marado – disse. Encolhi os ombros. – Era a tua lista, não era? A que guardavas no sutiã?

Como é que ele sabia aquilo? Limitei-me a encolher os ombros.

– De qualquer forma, está na altura de fazer uma lista nova.

– Ah, está? – perguntou ele.

Ergui o olhar.

– A Windy tem andado a ensinar-me a ser feliz.

Isso despertou-lhe o interesse.

– Tem?

– Pelos vistos, envolve fazer muitas listas.

– Ela é qualquer coisa, não é?

– Oh, pá – disse eu. – Adoro-a.

O Jake assentiu.

– Seja como for, trouxe-te um presente. Para substituir a tua lista perdida. – Estendeu-me um pedaço de papel dobrado.

– O que é?

– É um poema.

– Escreveste um poema?

– Não. É do Pablo Neruda. O meu poema favorito do meu poeta favorito.

– Tinha-lo na mochila?

Ele abanou a cabeça com um meio sorriso.

– Guardo-o no bolso. Embora preferisse guardá-lo no sutiã, se tivesse um.

– Já não o queres?

– Quero que fiques com ele. Com uma condição.

– Qual é a condição?

– Não o leias.

Franzi o sobrolho.

– Só posso ficar com ele se não o ler?

– É privado. Entre mim e o Pablo.

– De que serve um poema-presente se não o posso ler?

O Jake encolheu os ombros e estendeu-me o pedaço de papel.

– Não gostaria que esse teu sutiã ficasse vazio.

Lá estava ele a atirar-se a mim outra vez.

– Promete que não o vais ler – repetiu –, e o poema é teu.

– Não o vou ler. Prometo. – Na verdade, eu nem sequer o queria, mas estava demasiado surpreendida com a reviravolta dos acontecimentos para protestar. O que significava para um rapaz dar-nos um poema que não podíamos ler? Não fazia a mínima ideia.

O Jake começou a afastar-se.

– Enfim... Às vezes é bom termos algo a que nos agarrar.

– A que é que tu te vais agarrar? – perguntei-lhe.

Mas ele limitou-se a encolher os ombros.

– Hei de pensar em alguma coisa.

Senti logo a falta da Windy. O Hugh tornara-se meu amigo, mas não era lá muito falador. Todas as tentativas de travar conversa falhavam, apesar dos meus esforços. Assim, não tinha como escapar à Uno e à Dosie, que tagarelavam sem parar, como um programa de entrevistas que eu não conseguia desligar. Cantavam canções *pop*; fantasiavam sobre champôs e esfoliantes faciais; debatiam interminavelmente se tinham ou não emagrecido; e bisbilhotavam sobre toda a gente do nosso grupo de caminhada.

Ao longo da jornada, o Hugh foi-se juntando aos mexericos das raparigas, acabando por tomar a dianteira, e eu caí na minha habitual posição do último lugar.

No entanto, aprendi muito naquela manhã. Principalmente sobre os rapazes. O Beckett tinha sido deixado recentemente, tal como o Mason, mas todos os outros estavam fora do mercado, incluindo o Hugh, que elas tinham a certeza de que era *gay*.

- Tu és *gay*, certo? – perguntou uma das raparigas ao Hugh.
- Sim – respondeu ele, sem falhar um passo. – Mas solteiro.
- Então, estás no mercado – disse a Dosie.
- Só que não no *nosso* mercado – concluiu a Uno.

Decidiu-se que o Mason era demasiado juvenil e o Beckett, demasiado tresloucado. Isso deixava-os na impensável situação de não terem perspectivas românticas. Lamentaram muito este facto, revisitando vezes sem conta a possibilidade do Mason, visto ele ser, afinal de contas, bonito. Se ao menos virasse o boné de basebol para trás.

Fiquei a pensar no Jake, e no porquê de ele estar na lista dos indisponíveis, quando o Hugh se lembrou.

- E o J-Dog? Ele não anda com ninguém.

As raparigas soltaram longos suspiros.

- É trágico – disse a Dosie.

As minhas orelhas arrebitaram. O que era trágico? Teria ele revelado alguma coisa durante o «Verdade ou Consequência?» Saberiam estas raparigas algo sobre o Jake que eu desconhecia?

O Hugh não se conteve.

- O que é trágico?

– Bem – começou a Dosie –, ele é o que beija melhor no grupo todo.

- Amém a isso – disse a Uno.

Tinham-no *todos* beijado? Que raio acontecera naquele telhado?

- Mas ele está comprometido.

Comprometido?

- Comprometido? – perguntou o Hugh.

A minha respiração acelerou. O que é que o Jake lhes tinha contado? Ter-lhes-ia dito que estava comprometido para que o deixassem em paz? Ou apenas porque jurara não sair com mais nenhuma mulher, ou qualquer que fosse a cena dele? Ou pensaria mesmo que estava comprometido? Porque – e esta foi a primeira vez que o admiti, até para mim mesma – *eu* sentia-me comprometida. Com o Jake. Mesmo depois de toda esta palhaçada do «Sermos Estranhos». Mesmo tendo passado a última semana a ignorá-lo por completo. Mesmo que agora parecesse que ele era uma

espécie de maníaco dos beijos do «Verdade ou Consequência». Não havia como negá-lo.

Não fora para isto que eu viera. Não estava aqui para me envolver num romance de adolescentes. Estava aqui pelo poder e beleza da natureza. Estava aqui para me conectar com algo maior do que eu. Estava aqui para me transformar, raios! Resistência! Ferocidade! Força! Mas quem é que eu queria enganar? Essas coisas não abundavam aqui, de qualquer forma. Não se tratava de menosprezar a natureza selvagem, que era verdadeiramente inspiradora, mas de menosprezar tudo o resto nesta viagem superficial, juvenil, mesquinha, exibicionista e profundamente decepcionante.

O Jake dissera-lhes que estava comprometido? Será que ainda pensava naquela noite no motel com a mesma frequência que eu? Eu sonhava com ela, tanto acordada como a dormir. A memória alojara-se num ponto central do meu cérebro, de tal maneira que quase todos os meus pensamentos evocavam alguma associação àquela noite com ele. Lavar os dentes lembrava-me de como tinha lavado os dentes no motel com o Jake. Ir dormir lembrava-me de ir dormir no motel, na cama em frente à do Jake. Ver pessoas com livros lembrava-me do livro que o Jake estava a ler quando me aproximei para o interpelar. E assim por diante. Não conseguia escapar-lhe. E talvez isso não fosse assim tão mau.

O meu coração estremeceu só de pensar. Eu não precisava de me transformar no Chuck Norris. Ou na *Pickle*. Podia fazer como a Windy, a aspirante a psicóloga de cães, e aprender a ser feliz. Talvez, só talvez, permitisse que o Jake se juntasse a mim.

Mas as raparigas ainda estavam a falar.

– Comprometido – confirmaram em uníssono.

– Com quem? – indagou o Hugh.

Por um segundo, esperei mesmo que dissessem algo como: «Oh, com uma mulher misteriosa da cidade dele. Está apaixonado por ela há séculos.» Preparava-me para fazer uma expressão desentendida, pronta a negar tudo, quando a Dosie disse:

– Com a Windy. Obviamente.

– Ele está comprometido com a Windy!? – perguntei eu.

- Ela gostou dele desde o início, e agora ele também gosta dela.
- Como é que sabem?
- Temos os nossos métodos.

Estava pronta para contestar, mas depois o Hugh entrou em cena:

- Perfeito. Eles são perfeitos um para o outro.
- Perfeitos parece-me exagerado – retorqui.

O Hugh levantou as sobrancelhas.

– Ele é articulado, e ela também. Ele é bonito à maneira americana, e ela, bem, sejamos francos, ela é *linda*. Desculpem, meninas. Não conseguiam inventar um casal melhor. São ambos magros, bronzeados e atenciosos. Têm umas belas pernas. Ótimos dentes. E ele tem aquele *maxilar*. Não me façam falar do maxilar.

E então apercebi-me: não era que o Hugh fosse calado. Nós só não tínhamos encontrado um tópico de que ele gostasse. Até agora.

- Ambos gostam de velejar – indicou a Uno.
- E ambos têm famílias com casas de verão no Maine.
- E ambos gostam de cães pastores.
- E de batatas fritas.
- Nenhum deles gosta de comida francesa.
- E são os dois melhores do grupo nas técnicas de suspensão.
- Uau – disse eu. – Os dois melhores nas técnicas de suspensão!

Como é que eles ainda não se casaram?

– Boa pergunta – disse o Hugh. – Vamos ter de falar sobre isso esta noite.

Na verdade, não chegámos a falar sobre isso nessa noite. Porque, enquanto caminhávamos, o Hugh fez algo que não devia. Algo que *nenhum de nós* devia fazer. Talvez estivesse distraído. Talvez se tivesse esquecido. Talvez o Beckett nos tivesse avisado tantas vezes sobre tantas possíveis catástrofes que começara a parecer exagero. Qualquer que fosse a razão, o facto permanecia: o Hugh estava a pisar troncos de árvores. E, tal como Beckett nos tinha avisado, se pisássemos bastantes troncos, um deles acabaria por se revelar apodrecido.

Tínhamos chegado a uma secção do trilho repleta de árvores

caídas ao longo do caminho. Era um pedaço de floresta mais soalheiro e desbastado, como se algo – um dilúvio, talvez, ou uma seca – tivesse atingido o local com força, e os corpos das árvores sucumbidas ainda estivessem onde haviam caído.

Perguntei-me o que as teria matado a todas.

No entanto, o Hugh e as Irmãs não estavam a prestar atenção. Estavam a planear o casamento do Jake e da Windy, ao estilo *boho* na natureza selvagem, deliciando-se com cada imagem mental.

– Ele ficaria tão elegante num *smoking* – disse a Uno.

– Ele não vai usar *smoking* – declarou o Hugh, subindo para um tronco e voltando a descer.

– Não seria um *smoking* como os da Al's Formal Wear⁷ – insistiu a Uno, atrás dele, aproximando-se do mesmo tronco e contornando-o, como nos haviam dito. – Seria mais um *smoking* de gola de rebuço. À Cary Grant.

– Não – disse o Hugh, subindo para o tronco seguinte. – Ele é demasiado espantoso para um *smoking*. Vai usar um colete castanho com um laço solto e as mangas enroladas até aos cotovelos.

– Um laço solto?

– Uma gravata solta – corrigiu o Hugh, subindo para o tronco seguinte e depois descendo.

– Eu até gosto de laços – disse a Dosie.

– Se ele quiser um laço, vai usá-lo com suspensórios. Não com um *smoking*. Mas se souber o que é bom para ele, vai preferir uma gravata. Com um nó Windsor.

– O que importa o tipo de nó? – perguntou a Uno.

O Hugh subiu para outro tronco.

– O que importa *seja o que for*? – A verdade é que *o vi* a pisar aqueles troncos, com as Irmãs a contorná-los de perto e eu a evitá-los. Vi-o, mas nunca me lembrei de o corrigir. Quem era eu para dizer ao Hugh o que fazer? Ele tomava as suas decisões e nós tomávamos as nossas. Só que eu ainda não me tinha apercebido de como as decisões de todos nós se interligavam.

Refletindo agora, gostava de me ter sentido um pouco mais mandona naquele dia.

De facto, olhei para o Hugh no momento em que aconteceu.

Consigo ver tudo em câmara lenta na minha memória: ele sobe para o tronco seguinte e, no meio segundo que teria demorado a avançar com o outro pé, a superfície sob ele desfaz-se e o Hugh perde o equilíbrio, lançando-se para diante e aterrando num segundo tronco – que não estava de todo podre – mesmo à sua frente.

O Hugh gritou como eu nunca tinha ouvido ninguém gritar – de uma forma que pareceu remeter a própria floresta a um silêncio chocado. Depois, calou-se e encolheu-se. Ficou caído sobre o segundo tronco num «V» invertido, preso pela mochila.

Eu tirei a minha mochila em segundos, tentando lembrar-me da nossa aula de primeiros socorros. Mas depois congelei.

Não se move alguém que tem um ferimento na cabeça – mas e um ferimento na perna? Há que começar pelo mais importante, continuei a pensar. Mas o que era mais importante? Tinha de escolher. As Irmãs estavam totalmente imóveis, observando em choque o desenrolar do momento. Alguém tinha de assumir o comando, e parecia que esse alguém ia ser eu.

Decidi tirar-lhe a mochila. Desapertei-lhe as alças dos ombros, mas depois, quando lhe passei as mãos por baixo das ancas para desapertar o cinto, o Hugh acordou, aos gritos.

– Não, não! Não faças isso!

Fi-lo na mesma.

A mochila dele caiu para o chão.

– Certo – disse eu, recuando, sem fôlego. – Consegues levantar-te? – Ele empurrou o tronco com as duas mãos durante cerca de um segundo antes de se contorcer de dor.

– Não.

Eis o problema: ele era o mais pequeno dos rapazes, mas, mesmo assim, era muito maior do que eu. Apontei para as Irmãs.

– Tirem as vossas mochilas – mandei. – Temos de o mover.

– Não! – gritou o Hugh.

Estava de cabeça virada para baixo.

– Não podemos deixar-te assim – disse eu.

– Não me toquem! – clamou o Hugh.

– É suposto movermos pessoas feridas? – perguntou uma das

Irmãs, franzindo o sobrolho ao Hugh, mas tirando a mochila na mesma.

– Não sei – respondi. – Mas sei que não o podemos deixar assim, dobrado ao meio.

As raparigas assentiram. Estavam comigo.

– Vocês as duas seguram-lhe os ombros – disse eu. – Eu fico com a parte de baixo. Vamos só virá-lo como uma panqueca e pousá-lo ali mesmo. – Apontei para uma parte do trilho sem troncos. Cada rapariga pegou num ombro, e eu envolvi os dois braços à volta das coxas do Hugh, que não parava de berrar. – Aos três! – gritei. – Um! Dois! Três!

Pensei que os meus tímpanos iam rebentar quando o levantámos, de tão alto que ele gritava. E caramba, ele era pesado. Mas a adrenalina ajudou-nos, e conseguimos puxá-lo para trás num movimento bastante coordenado e deitá-lo o mais delicadamente possível no chão.

A meio da manobra, o Hugh parou de gritar. Desmaiara outra vez.

– Deve doer imenso – observou a Dosie.

Aproveitei o momento para pressionar as minhas mãos contra a coxa e a anca dele. Não sabia ao certo o que procurava. Ossos salientes? Grumos enormes de sangue acumulado? Não só não fazia ideia do que estava à procura como também não fazia ideia do que faria quando o encontrasse. Mas não encontrei nada. Apenas uma perna com uma sensação normal. Talvez não fosse assim tão mau.

Foi então que uma das Irmãs, que se tinha afastado, disse:

– Não parece que uma das pernas dele está mais comprida do que a outra?

Levantei-me para ver. Sim, parecia.

– Isso não pode ser bom – disse a outra Irmã.

Mas o Hugh estava a recuperar a consciência.

– Caluda – avisei-as.

Virei-me para o Hugh.

– Consegues ouvir-me?

– Foda-se, foda-se – praguejou o Hugh.

– Parece que estás consciente.

– Parti alguma coisa – disse ele. – Ouvi um estalido.

– Consegues mexer a perna? – perguntei.

Ele abanou a cabeça.

– Nem sequer vais tentar?

– Estou a tentar – disse ele, e ambos observámos a perna.

Completamente imóvel.

– Está bem – disse eu. – Então talvez seja uma perna partida. Ou a anca. Ou a pélvis. – Fiz-lhe pressão na caixa torácica. Ele gritou outra vez. – Ou talvez costelas.

O Hugh fechou os olhos, ofegante.

– Mas porque é que estavas a pisar aquelas árvores mortas? – atirei, remexendo na minha mochila à procura do *Tylenol*, o analgésico mais forte que tínhamos. – Não viste o Beckett a humilhar-me no primeiro dia por causa disso?

– Ele é tão paranoico – justificou-se o Hugh.

– Bem, agora sabemos porquê.

Obriguei-o a tomar o *Tylenol*, apesar de ele quase se ter engasgado. O Hugh não estava com bom aspeto. O rosto perdera a cor. E, embora tivesse a pele fria, havia pequenas gotas de suor a cobrir-lhe as faces.

– Ele está a entrar em choque – observei.

– Tu não estarias? – rebateu a Uno.

– Quem é que vai pedir ajuda? – perguntei.

– Tu – responderam todos em uníssono.

Não contestei. Embora fosse a pessoa mais competente ali, isso não significava muito. Peguei no mapa e debati se devia levar a minha mochila grande ou apenas a do dia. Decidi que, embora pudesse deslocar-me mais depressa com menos, se me perdesse, ferisse ou fosse atacada por um urso – o que não me parecia impossível –, safava-me melhor com mais. Levantei a mochila grande e estava a encaixá-la nas ancas quando as raparigas me pararam.

– E nós, o que fazemos? – perguntaram.

Abanei a cabeça.

– Não sei. – Mas elas estavam quase tão pálidas como o próprio Hugh, e percebi que tinha de dizer *alguma coisa*. – Mantenham-no

hidratado e quente. Deem-lhe a mão. – Entreguei-lhes o pequeno estojo médico com o *Tylenol* que nos restava. – Mantenham um registo de tudo em que repararem. Falem com ele. Animem-no. Planeiem o casamento.

Comecei a voltar ao trilho, mas a Dosie seguiu-me e agarrou-me na mão.

– E se ele morrer? – sussurrou.

Abanei a cabeça com uma confiança que não sentia.

– O Hugh não vai morrer.

Ela continuava a agarrar-me a mão.

Eu apertei a dela.

– Sê corajosa – encorajei-a. – Voltarei com ajuda.

Ela ficou no trilho a ver-me partir, mas eu mal me tinha afastado quando comecei a reparar que o trilho por onde andava não se parecia nada com o que eu imaginara da última vez que estudara o mapa. Claro que isso tinha sido muito antes de começarmos a analisar o quanto o Jake estava apaixonado pela Windy. Acho que o debate me distraiu mais do que pensara, porque de repente percebi que estávamos a descer uma ravina quando deveríamos estar a caminhar a direito. Parei e abri o mapa para verificar o percurso. E, tal como na aula com o Beckett, consegui visualizar em 3D as características do trilho que devia estar a seguir. E pude ver, com a mesma clareza, que o sítio onde me encontrava não tinha qualquer semelhança com aquele.

Percebi de repente que íamos na direção errada – e já há algum tempo, o que aconteceu muitas vezes nesta caminhada. Os marcadores de trilho eram muito menos frequentes na zona mais selvagem, e muito menos perceptíveis do que provavelmente deveriam ser. Afinal, onde mais poderiam os marcadores ser tão vitais senão nas profundezas da floresta?

Registaria uma queixa nos Serviços do Parque quando chegássemos. Se conseguíssemos sobreviver.

Dei meia-volta e voltei para o outro lado, passando pelas Irmãs e pelo Hugh.

– Estávamos a ir na direção errada – gritei alegremente, usando a minha voz de Mary Poppins.

As raparigas pareceram assustadas.

– Volto assim que conseguir! – gritei, sem abrandar. – Possivelmente amanhã! – acrescentei, quando já estava demasiado longe para que qualquer uma delas tivesse energia para vir atrás de mim.

Vinte minutos mais tarde, estava a contornar a bifurcação e a seguir o caminho certo.

A partir daí, só me faltava apanhar os outros dois grupos. O que levou horas.

Como a caminhada era uma reta em terreno relativamente plano, o Beckett seguira em frente e aumentara a distância. A intenção dele era que o primeiro grupo chegasse ao acampamento por volta da uma da tarde, e que o grupo mais lento – o meu – chegasse por volta das três. Mas tínhamos perdido pelo menos meia hora só a estabilizar o Hugh. Sem contar o tempo que demorara a acalmar as Irmãs – que se estavam a passar, para dizer o mínimo –, ou o desvio de meia hora quando segui o caminho errado, ou os quarenta minutos que demorei a voltar ao percurso certo. Não vou mentir: estava cansada. Mas abrandar não era opção, por isso fingi que era uma máquina a vapor, imaginando os meus braços como aquelas barras de metal que fazem girar as rodas. Por muito disparatado que pareça, ajudou. Tudo o que tinha de fazer era manter-me constante e continuar a descer a pista. Mais cedo ou mais tarde, conseguiria alcançá-los.

«Mais cedo ou mais tarde» acabou por ser às seis da noite. Os outros grupos estavam a jantar quando finalmente cheguei ao acampamento. Assim que o Beckett me viu, levantou-se e veio a correr. O Jake também se levantou – e, apesar de todos os assuntos importantes de vida ou morte que tinha em mãos naquele momento, vê-lo, mesmo do outro lado do acampamento, exerceu um efeito físico em mim. Um dia, liguei um interruptor que devia estar com algum tipo de fuga de corrente e, quando lhe toquei, senti uma descarga elétrica a penetrar-me nos dedos. Não o suficiente para doer – apenas para captar toda a minha atenção. Foi exatamente isso que este momento me fez lembrar – uma corrente elétrica, um cruzamento entre um choque e uma vibração. Só que isto era muito

mais poderoso – o suficiente para eu ter de olhar para baixo para quebrar a ligação. Não conseguia encarar o Jake. Era demasiado.

O que é que *era* aquilo? Acontecera-me muito nesta viagem com o Jake. Lembrava-me bem da sensação das paixonetas que tivera na juventude, mas há anos que não o sentia. Porque tinha de ser tão físico? Como é que um par de olhos a seis metros de distância podia ter um efeito visceral no corpo de outra pessoa? Seria só nervosismo? Ou exaustão emocional de ter lidado com o Hugh? Ou talvez uma variação intensificada daquele fenómeno que ocorre quando alguém está a olhar para nós, e simplesmente o *sentimos*, e viramo-nos na direção dessa pessoa? Sempre me perguntei se isso seria um instinto de manada remanescente das brumas do tempo. Claro que os humanos nunca foram animais de manada. Éramos predadores. Mas até os predadores devem saber, a um certo nível, o que é ser uma presa.

– Onde diabos te meteste? – perguntou o Beckett.

– Errámos uma bifurcação no mapa – expliquei – e demorámos algum tempo a perceber.

– Onde está o resto do teu grupo?

– O Hugh caiu e está ferido.

O Beckett procurou o Jake, que continuava parado, a observar-nos.

– J-Dog – gritou, e fez-lhe sinal. Depois virou-se para mim. – Como é que ele caiu?

– Pisou um tronco de árvore no chão. O pé atravessou-o e ele perdeu o equilíbrio, e depois aterrou noutra árvore caída, uns metros à frente.

– Eu disse-vos para não fazerem isso! Não foi?

Assenti.

– Disseste.

O Jake juntou-se a nós nessa altura e, agora que tivera um minuto para me convencer a fazê-lo, consegui forçar-me a olhar para ele.

– Foi tudo muito rápido – continuei a explicar –, mas acho que ele aterrou com o peso todo na anca esquerda.

– Só do lado esquerdo? – perguntou o Jake.

– Tanto quanto sei – respondi.

O Jake e o Beckett entreolharam-se como se isso não fosse bom.

– A coisa não parece estar boa – concordei com eles em voz alta.

– Acho que o Hugh estava em choque.

Depois, o Jake entrou no seu modo sério de paramédico, a recolher factos.

– Ele estava consciente? – perguntou.

– Sim – respondi. – Quase sempre. Embora tenha desmaiado quando o movemos.

– Porque é que o moveram?

– Ele estava dobrado sobre o segundo tronco, com a cabeça virada para baixo. Não me pareceu uma boa ideia deixá-lo assim.

O Jake assentiu.

– Boa decisão. – Depois perguntou-me se o Hugh conseguia mexer a perna, e eu disse-lhe que não. Perguntou se o Hugh estava a ofegar ou a cuspir sangue, e eu respondi que não. Depois fez uma série de perguntas para as quais eu não tinha resposta: qual era a pulsação dele? (Não me tinha lembrado de a medir.) Consequia mexer os dedos dos pés? (Não tinha verificado nem me tinha lembrado de o descalçar.) Qual era o tempo de preenchimento capilar? (Eu nem sequer sabia o que isso era!)

– Lamento não ter informações mais precisas para te dar.

– Como é que ele estava quando te foste embora?

– Pálido. Suado. Mal.

O Jake olhou para o Beckett.

– Temos de o tirar daqui.

– Hoje à noite?

– Demasiado cedo é sempre melhor do que demasiado tarde.

O Jake tencionava mesmo tentar encontrar o nosso grupo perdido a meio da noite? O que julgava que íamos fazer, segurar-lhe na mão e levá-lo? Ainda nem sequer havia estrelas. Mesmo as pessoas que conseguiam ver estariam a tropeçar nas árvores.

Mas o Beckett olhou para o céu e abanou a cabeça.

– Está demasiado escuro. Se eles estivessem no trilho, eu diria para irem, mas eles estão por aí algures, e não sabemos onde.

Eu sabia onde, mas não disse nada. Estaria a proteger o Jake ao

invés de ajudar o Hugh?

– Não podemos começar uma evacuação até de manhã, de qualquer forma. Mais algumas horas não farão diferença.

Assim, ficou decidido. Esperaríamos pela madrugada para partir.

– Esta noite, ficas com o grupo da Windy – indicou-me o Beckett.

Depois juntou-os, batendo palmas para chamar a atenção de todos, e contou-lhes o que sucedera.

– Isto é sério, pessoal, não é um simulacro. Amanhã vamos fazer uma evacuação. Não vai haver pequeno-almoço. Desmontamos o acampamento às cinco da manhã, sem comida, sem café, e vamos embora. Podem abastecer no local enquanto eu e o Jake tratamos do Hugh. Não se esqueçam de nos guardar alguma coisa para comer. – Depois olhou em volta, examinando as nossas expressões. – O dia de amanhã vai ser um caso sério. Vão para a cama agora e aproveitem cada pitada de descanso que conseguirem.

O grupo com que eu ia ficar já tinha o equipamento montado e foi preciso deslocar as mochilas para arranjar espaço para mim debaixo da lona. Eu teria ido para o outro lado – o mais distante possível do Jake –, mas o grupo abriu espaço dividindo-se ao meio, e eu acabei mesmo ao lado dele.

Toda a gente me pediu mais pormenores enquanto eu me enfiava no pijama dentro do saco-cama, mas não me sentia muito faladora. Como não lhes disse grande coisa, rapidamente seguiram o conselho do Beckett, enroscaram-se e adormeceram. Exceto eu. Não conseguia relaxar. Deitei-me de costas, tentando massajar as palmas das mãos. Estava tão escuro que o teto de lona por cima de mim podia muito bem ser o céu. Não conseguia parar de pensar no Hugh ali ao lado do trilho, com a cara tão cinzenta. Eu tinha feito o melhor que podia com a minha folha de anotações de primeiros socorros. Mas não era o suficiente, e eu sabia-o. Era um sentimento estranho e solitário.

– Estiveste bem, sabes – disse o Jake, bem perto do meu ouvido. Estivera calado tanto tempo em silêncio que parecia impossível que ainda estivesse acordado.

Mas fiquei contente por estar. Fechei os olhos.

– Tenho medo que o Hugh morra.
– Não penses nisso – disse ele. – Vamos fazer tudo o que pudermos. Ele deve ficar bem.

– Deve?

– É possível que as Irmãs o aborreçam de morte.

Ri-me um bocadinho e abri os olhos antes de continuar:

– Não sabia o que fazer – confessei. – Tinha apenas uma folha de apontamentos para me guiar.

– Isso é mais do que qualquer outra pessoa teria.

– Exceto tu.

– Sim, mas eu sou do meio.

– E agora ele está lá. E nós estamos aqui. Não consigo dormir. – Estava genuinamente agitada.

– Mas tens de dormir – advertiu o Jake. – O dia de amanhã vai ser duro.

Ainda assim, não fechei os olhos. Em vez disso, perguntei:

– O Beckett não devia ter vindo à nossa procura quando não aparecemos à tarde? Ele não devia ter percebido que se passava algo de errado?

– Ele tinha decidido voltar e ir à vossa procura depois do jantar.

– Depois do jantar?

– Ele queria abastecer-se primeiro e não, não parecia muito preocupado. Acho que já estava à espera de que o vosso grupo...

– Fosse o pior?

– Isso. – O tom era um pouco sarcástico. – Mas tens razão. Ele não é propriamente um profissional com muito treino.

– Que idade achas que tem?

– Se não soubesse que é obrigatório ter vinte e um, diria que tem dezassete.

– Eu apontava para uns quinze.

– Ele não tem uma idade avançada, isso é certo.

– Embora às vezes me surpreenda.

– Sabes – disse o Jake, virando-se de lado para me encarar –, enquanto esperávamos por vocês esta noite, o Beckett fez-nos fazer o exercício mais lamechas de sempre. Até pediu desculpa por ser tão meloso. Mas contou-nos que o tinha feito no seu primeiro curso da

ESI, e que permanecera com ele para sempre.

Virei-me de lado para o encarar também. Mantive a voz baixa, para não acordar os outros.

– O que era?

– Disse: «Pensem em alguém que vos amou. Ou que vos ama. Alguém que está a torcer por vocês. Que acredita em vocês. Que estaria disposto a sofrer por vocês.»

– O Beckett disse isso?

O Jake assentiu.

– Ele disse que vai chegar um dia em que as coisas serão tão desesperantes que a única maneira de sobrevivermos será voltarmos para a nossa pessoa, seja ela quem for, nas nossas cabeças, para que possamos tirar força dela para continuar.

Observei-o.

– Estás a dizer-me isto agora porque amanhã vai ser um desses dias?

Ele assentiu.

– Isso e porque pareces muito abalada. Talvez queiras recorrer à tua pessoa.

– Quem é a tua pessoa? – perguntei.

– A minha mãe – respondeu o Jake sem hesitar.

– Não é o teu pai?

– O meu pai é ótimo – disse ele. – Mas não é a minha mãe. – Depois perguntou: – Quem é a tua pessoa?

Também não hesitei.

– O meu irmão.

O Jake levantou as sobrancelhas.

– O Duncan? – perguntou. – A sério?

Ei-lo, o momento em que eu podia ter fingido. Podia ter apenas confirmado: «Sim, o Duncan», e ninguém teria percebido, exceto eu. Mas não se tratava do Duncan. Era o meu outro irmão, aquele de quem eu nunca falava. E, no entanto, do nada, numa conversa casual com um rapaz de vinte e dois anos, acabara de o mencionar.

Podia ter sido o silêncio da noite, e nós os dois deitados lado a lado, tão perto um do outro – os únicos acordados no meio do grupo –, a fazer com que parecesse ser a altura certa para partilhar

segredos. Ou o facto de já estarmos a sussurrar. Não sabia. Mas sabia isto: neste momento, podia mentir-lhe ou contar-lhe a verdade e, por alguma razão, de repente, a verdade não me pareceu assim tão má.

– Não, não é o Duncan – respondi então, achando que o fazia em câmara lenta. – O meu outro irmão.

O Jake assentiu, como se já estivesse à espera disso.

– O que perdeste.

– Sim. O irmão que eu perdi. O Nathan.

Desviei o olhar. O Jake continuou fixo em mim.

– Sabes o que lhe aconteceu? – Eu nunca tinha a certeza do quanto Jake sabia sobre o que quer que fosse.

Ele encolheu um pouco os ombros.

– Apenas que vocês eram muito chegados. E que ele morreu no ano anterior ao nascimento do Duncan.

– É verdade. Na verdade, foi *por causa dele* que o Duncan nasceu.

– Ele morreu num acidente, certo?

– Afogou-se. – Ao dizer as palavras, aquele sentimento familiar de tristeza preencheu-me os pulmões.

Podia ter parado ali, mas por alguma razão que não compreendia, queria continuar. Sentei-me de pernas cruzadas, fazendo questão de me manter próxima dele e de falar baixo.

– Estávamos na casa do lago dos amigos dos meus pais. Os adultos estavam todos a beber e a divertir-se. Havia um grande grupo de crianças, e era suposto estarmos a ver um filme, mas o Nathan queria ir para a marina e correr nas docas. Implorou-me que o levasse, mas eu não quis e, sem nos dizer nada, ele foi sozinho. Eu só queria ver o filme e... Sabes o que é engraçado? Nem sequer me lembro que filme era. Seria de esperar que um pormenor como esse me tivesse ficado gravado na memória, mas perdi-o. Por vezes, deito-me na cama e fico a olhar para a ventoinha, a tentar lembrar-me. De vez em quando, penso em entrar em contacto com os outros miúdos que estavam lá nessa noite para perguntar se mais alguém se recorda... Mas depois não o faço. Como é que se telefona a um estranho ao fim de vinte anos e se faz uma pergunta dessas? Não se pode. Por isso, nunca saberei. Será uma das grandes perguntas sem

resposta da minha vida.

O Jake demorou um instante a sentar-se, cruzando as pernas tal como as minhas, de modo que os nossos joelhos se tocassem.

– Silêncio – sussurrei, olhando para as pessoas adormecidas à nossa volta. – Vais acordá-los.

– Estás a brincar? – murmurou ele, olhando em redor. – Uma corneta não os acordaria.

Sorri e olhei para as minhas mãos sobre o colo. Passado um minuto, o Jake disse:

– A culpa não foi tua, sabes.

Desviei o olhar.

– Claro que foi. Eu era a irmã mais velha.

– Não fizeste nada de errado.

– Devia ter ido com ele.

– Tinhas o quê, nove anos?

Assenti. Percebia onde o Jake estava a querer chegar. Compreendia que era complicado, que os irmãos não são a mesma coisa que os pais e que já me devia ter perdoado há muito tempo. Mas não havia como mudar isso e, mesmo sabendo que nenhum arrependimento seria suficientemente forte para mudar o passado, continuava a agarrar-me a ele. Não sei porquê, mas parecia ser a única coisa decente a fazer.

– Lamento – sussurrou o Jake.

– Depois do que aconteceu, a minha mãe ficou descontrolada. Andava desesperada no lago à procura dele. Mesmo depois de o terem encontrado na água, ela continuou descontrolada. Era como se não conseguisse parar de o procurar. Acordava noite após noite e andava de um lado para o outro pela casa. Dois meses depois, engravidou.

– De propósito?

Assenti.

– Acho que sim. Estava a tentar substituí-lo. O problema é que o Nathan era insubstituível.

O Jake abriu um pequeno meio sorriso.

– E foi assim que o Duncan chegou ao mundo.

– Há irmãos e irmãs que não se dão bem – continuei. – Mas eu e

o Nathan éramos amigos de verdade. Ele era um ano mais novo, mas isso não importava. Discutíamos, mas fazíamos sempre as pazes. Brincávamos juntos. Construíamos fortalezas. Íamos à descoberta. Fazíamos desenhos um do outro. Defendíamos-nos um ao outro.

– Portanto, basicamente, o oposto de ti e do Duncan.

Encolhi os ombros.

– Não sei no que a minha mãe estava a pensar. Quando demos por isso, havia um novo bebé, com cólicas, que parecia um porco aos berros, a gritar sem parar dentro de casa. A chegada de um novo bebé a uma família já é uma situação complicada, mesmo nas melhores circunstâncias, mas o Duncan era insuportável. Por isso, o meu pai refugiou-se no trabalho. A minha mãe trabalhava em *part-time* como bibliotecária, mas despediu-se para tratar do bebé, o que era o oposto do que ela precisava. Ficou presa na nossa triste casa com um bebé inconsolável. E eu... – Aqui, hesitei.

– E tu? – perguntou o Jake.

Encolhi de novo os ombros.

– Fui esquecida.

O Jake aproximou-se um pouco mais.

– Os meus pais separaram-se ao fim de um ano – continuei. – O meu pai mudou-se para San Diego e voltou a casar. Agora quase nunca o vejo. Durante dois anos, depois disso, a minha mãe ficou em Evanston, na nossa casa, e tentou criar-me a mim e ao Duncan sozinha, mas não conseguiu. Era uma casa bonita, numa zona agradável da cidade, mas não havia dinheiro suficiente – ou talvez ela não conseguisse gerir tudo. Tínhamos contas em atraso. Estavam sempre a cortar a água e a eletricidade e demoravam dias a voltar a ligá-las. Havia pilhas de roupa por todo o lado, tantas que não se conseguia distinguir o sujo do limpo. Ela passava a vida a chorar e esquecia-se de fazer o jantar. Esqueceu-se tantas vezes de pagar ao jardineiro, que ele deixou de vir, e a relva cresceu um metro e meio. A piscina do nosso quintal ficou cheia de algas. Tentei assumir a responsabilidade: dobrava a roupa e aprendi a aquecer sopa e a fazer tostas mistas, mas um dia, pouco depois de ter feito treze anos, ela levou-nos a casa da avó GiGi e deixou-nos lá.

– É uma sorte que a avó GiGi seja tão espetacular.

Assenti.

– Essa parte foi uma sorte.

– Costumas ver a tua mãe?

Olhei para as sombras da noite.

– De vez em quando, vamos tomar café, e ela fala-me do trabalho dela enquanto eu vou acenando com a cabeça. Agora é *designer* gráfica e instrutora de ioga, e quando me pergunta como estou, digo-lhe que estou bem.

– Porque tu estás sempre bem.

– Exato.

– Ela não esteve no teu casamento, pois não?

Abanei a cabeça.

– O teu pai esteve?

Assenti.

– Eu convidei o meu pai. Acho que estava menos zangada com ele, embora não saiba bem porquê. Talvez as minhas expectativas fossem mais baixas.

– Mas ele não te levou ao altar, pois não?

Abanei a cabeça. Eu não quisera.

– Levei-me a mim mesma.

– Eu lembro-me.

Respirei fundo.

– Então, como vês, perdi toda a gente.

Numa voz calma, o Jake contrapôs:

– Exceto o Duncan.

Olhei para o lado, duvidosa.

– Não perdeste o Duncan. Ele ama-te. Na verdade, «amor» não é uma palavra grande o suficiente. Ele adora-te. Tu mal o toleras, mas ele dava-te a pele das costas dele.

– Eu não quero a pele das costas dele.

O Jake encolheu os ombros.

– Mantenho o que disse.

Respirei fundo e pensei em tudo o que acabara de lhe contar. Depois disse algo que sempre soube, mas que nunca tinha enunciado até àquele momento:

– Acho que ainda não o perdoei por não ser o Nathan. – Foi surreal ouvir-me dizer aquilo.

O Jake olhou para mim.

– Parece-me que tens razão. – Depois, continuou. – Mas o Duncan não pediu para nascer. Ele foi puxado para aquela maldita tempestade da mesma forma que tu. Por acidente.

Parecia tudo tão claro quando eu tinha dez anos: o Duncan *era* o problema. Enterrei a minha culpa pela morte do Nathan e culpei o Duncan por tudo. Ele chegou e o meu pai desapareceu, a minha mãe ficou mais louca e eu fui completamente ignorada. Ele passou de bebé com cólicas a criança extenuante e turbulenta. A avó GiGi adorava-nos, mas a sua tolerância ao caos infantil era baixa e, por isso, acabei por ficar constantemente a tomar conta dele, desde os treze anos até ir para a faculdade. Quando parti, fiquei tão aliviada por estar por minha conta que nunca mais pensei nele. Nunca olhei para trás. Aconteceu, sobrevivi, afastei-me e agora estava bem. A não ser pelo facto de ter um irmão mais novo particularmente irritante de quem não suportava estar perto. Tudo culpa dele.

Mas aqui, a falar com o Jake, voltei a analisar a história da minha vida de um ângulo diferente. Pela primeira vez, vi o Duncan como uma criança sem mãe, sedento de atenção, até da minha parte, e que fazia tudo – inclusive roubar o carro da avó GiGi aos oito anos – para a conseguir. Vi a minha mãe, absolutamente cega de dor, de culpa e de arrependimento – culpando-se pelo que acontecera, despedaçada e sem qualquer ideia de como se recompor –, e o meu pai também, enterrando as mágoas no trabalho, totalmente incapaz de ajudar a minha mãe, a vergar-se sob o peso de tudo aquilo. Eu também me teria ido embora, se tivesse tido a opção. Mas não tive. Fui obrigada a ficar, e a única pessoa no mundo que poderia ter melhorado as coisas era também a única que tinha realmente partido.

O Jake estava a observar-me enquanto eu meditava nisto. Cruzei o olhar com o dele.

– É muita coisa em que pensar – ponderou. – Vai manter o teu cérebro bem ocupado durante a evacuação de amanhã.

A evacuação. Certo.

- Que horas são? – perguntei.
- Nove – disse o Jake.
- A meia-noite dos caminhanes.
- Acho que é melhor irmos dormir.

O Jake virou-se para se instalar novamente de lado, de frente para mim. Eu segui-lhe o exemplo. Deitados lado a lado defronte um do outro, entreolhámo-nos fixamente durante um bom bocado antes de eu dizer:

- Já agora, obrigada.
- Porquê?

Não sabia como enumerar tudo. Por ele ter ficado acordado comigo quando eu estava triste. Por cuidar das minhas bolhas. Por me ter apoiado vezes sem conta quando o Beckett implicava comigo. Por cuidar do Duncan e ser amigo dele. Abanei a cabeça.

- Por tudo.

Estava pronta para que aquela fosse a última palavra, para acabar o dia assim, com gratidão. Fechei os olhos.

Mas depois o Jake disse:

- Helen?

Voltei a abri-los.

- Queria dizer-te uma coisa.

Oh, meu Deus.

- Está bem.

– Lamento imenso... – deteve-se por um segundo – ... a cena do beijo.

Olhei para ele.

- Que cena do beijo?

– Tinha acabado de receber uma má notícia – continuou ele. – E estava a reagir. Na verdade, ainda estou.

Fiquei à espera.

- Não estava propriamente a tomar boas decisões, só isso.

- Que tipo de más notícias?

- Do tipo horrível.

– Não me vais contar? Acabei de partilhar contigo a história da minha vida!

- Na verdade, recebi as más notícias no outono passado, e

durante algum tempo tive esperança de que afinal não fosse assim tão mau... mas depois descobri que era. É. E cerca de três dias antes de acabarmos juntos naquele motel já tinha a certeza.

Estaria a tentar dizer que só me tinha beijado porque queria consolo? Ou para se distrair das más notícias?

– Conta-me.

Ele observou-me como se estivesse a pensar nisso, mas depois abanou a cabeça.

– Bem, isso é pura maldade – disse eu. – Foste tu a tocar no assunto.

– Mas foi só como parte do meu pedido de desculpas.

– Eu não pedi que te desculpasses.

– Nem precisavas. Eu sentia essa obrigação.

– Não me devias nada.

– Só quero que saibas que, se a minha vida fosse diferente, melhor, aquela noite ter-se-ia desenrolado de forma muito diferente.

O que significava aquilo? Quis perguntar-lhe, mas parecia-me demasiado vulnerável admitir que me importava.

– Não interessa – disse eu. – Foi há mil anos.

– Foi na semana passada.

– Bem, tem sido uma semana longa. E tu tens andado muito ocupado entretanto.

Ele franziu o sobrolho.

– As Irmãs falam – expliquei-lhe. – Sei tudo o que andaste a fazer com cada uma das raparigas desta viagem. – Não me tinha apercebido dos ciúmes que sentia até as palavras me saírem boca fora.

– Isso foi um jogo.

– Beijaste mesmo todas as raparigas daqui? – perguntei.

– Não sei.

– Beijaste-as o suficiente para perderes a conta?

– Era um jogo.

– Um jogo como o *Scrabble*?

– Isso foi diferente.

Eu queria que tivesse sido diferente. Queria tanto que tivesse sido diferente que me aterrorizava. E, em resposta ao terror, fiz a

única coisa que me ocorreu.

– Tanto faz. Não quero mesmo saber. – Era completamente o oposto do que eu sentia, e soube tão bem fingir que não me importava, que fui com tudo, acrescentando: – Enquanto estavas a jogar ao «Verdade ou Consequência», recebi um telefonema.

Ele mordeu o isco.

– Que tipo de telefonema?

– Do tipo em que o teu ex-marido anuncia que se recompôs e que tu és a única coisa boa que alguma vez lhe aconteceu. E implora-te para voltares para casa.

Jake ergueu-se nos cotovelos para tentar ler a minha expressão.

– Voltar para casa e fazer o quê? Anular o vosso divórcio?

– Não sei – respondi. – Namorar, talvez.

– Namorar? – disse ele. – Não podes namorar com o teu ex-marido.

– E porque não?

– Isso é fazer o caminho contrário!

– Pelo menos estou a caminhar.

Ele respirou fundo.

– O que é que lhe respondeste?

– Conto-te a minha resposta quando me contares as tuas más notícias.

– Isso não é justo.

– A vida não é justa.

O Jake estudou-me o rosto durante um momento.

– Helen, não podes...

– Posso fazer o que bem me apetecer – disse-lhe. E depois, antes que ele pudesse responder, virei-me no saco-cama para ficar de costas para ele.

Capítulo 11

O Beckett acordou-nos às quatro e meia e desmontámos o acampamento numa escuridão silenciosa. Consegui tropeçar três vezes – num cabo da lona, numa pedra e num ramo partido – antes de o sol sequer pensar em nascer. Quando pusemos as nossas mochilas para partir, esperei que o Beckett levasse os grandalhões e o Jake à frente para avançarem depressa e deixasse o resto de nós a segui-los o melhor que pudéssemos. Mas não foi isso que aconteceu.

– Helen – disse o Beckett, apontando para a frente. – Mostra-nos o caminho.

– O quê? – O Mason virou-se para nós. – Nunca vamos lá chegar.

– Ela prestou os primeiros socorros ao Hugh. Instalou as Irmãs para passarem a noite. Conseguiu voltar ao trilho e encontrou o caminho de volta para nós. Vai ser ela a liderar.

– Mas é a mais lenta do grupo.

Eu levantei um dedo.

– Na verdade, sou a *terceira* mais lenta.

– Beckett... – começou o Mason.

Mas o Beckett apontou para ele.

– Nem mais uma palavra. Hoje, vais para o final da fila. Andor.

Não sabia bem como me sentia em relação a ser a líder. Já tinha marcado a localização do Hugh no mapa, e de certeza que chegaríamos lá muito mais depressa se mandassem os grandalhões à frente, por isso pareceu-me uma perda de tempo precioso para provar um argumento pouco importante. Mas perderíamos ainda mais tempo a discutir, por isso passei para a dianteira e comecei a andar. A Windy veio atrás de mim, e o Jake atrás dela. O Beckett foi para o fim do grupo para ficar de olho nos grandalhões.

Fizemos um bom tempo. A possibilidade de o Hugh estar em perigo de vida aumentou a minha velocidade. Além disso, é incrível como alguém chamar-nos lentos nos pode tornar rápidos. Era bom mover-me com tanta concentração e propósito. Acho que me tinha tornado mais forte sem me aperceber. Às vezes, este tipo de coisas

acontece de repente.

No início, ninguém falava. Ao contrário de outras caminhadas, onde toda a gente cantava, conversava e fazia muito barulho, esta caminhada foi estranhamente silenciosa. O meu cérebro estava sempre a voltar ao dia anterior. Quando me desafiei a encontrar três coisas boas, elas ocorreram-me em segundos: tinha usado o meu treino de primeiros socorros, muito limitado, para ajudar o Hugh. Tinha posto em prática as minhas capacidades mentais de leitura de mapas em 3D. E experienciara um momento crucial acerca da minha relação com o meu irmão – na verdade, de toda a minha vida. Nada mau para um dos piores dias de sempre.

Claro que o meu instinto foi olhar para o passado e ver também as coisas más. A desagradável sensação de ter ficado presa com as Irmãs e os seus mexericos. O horror de ver o pé do Hugh a afundar-se naquele tronco e o pânico subsequente de não saber o que fazer – e de não querer fazer a coisa errada. O terror de ver a situação depender de mim. A frustração de perceber que estávamos no trilho errado e a ir na direção errada.

Mas também sentira prazer em resolver o problema do trilho.

Era uma boa sensação, não havia como negá-lo.

O que me pareceu menos bom foi a ideia da Windy e do Jake juntos. Confesso que era para lá que a minha mente se desviava, a não ser que eu a afastasse de forma consciente. O problema é que eles *seriam* fantásticos juntos. *Era* uma combinação perfeita. Nem sequer conseguia torcer contra eles. A não ser por uma questão: por mais triste, desesperada e velha que pudesse ser, eu queria o Jake para mim.

Estariam as Irmãs certas? Estaria o Jake comprometido com a Windy? Gostaria dela? Teria eu sido totalmente esquecida – como exigira ser? Há pouco mais de uma semana, ele parecia completamente apaixonado por mim. Mas talvez tivesse sido uma farsa, e aquilo fosse apenas algo que ele fazia com as raparigas: usar um falso desejo para as levar a fazer coisas que normalmente nunca fariam. Tinha de admitir que era um truque poderoso. As mulheres querem sempre acreditar no amor; sentir-se vistas, admiradas e desejadas. Mesmo aquelas com mais juízo. Como eu.

Ou talvez ele gostasse mesmo de mim, naquela altura – antes de saber que a Windy existia e que me podia ter. Talvez, agora, o que quer que ele pensasse que sentia por mim tivesse sido eclipsado por sentimentos adoráveis pela adorável Windy. Como podia culpá-lo?

Mas lá estava. Fosse ou não um ardiloso sedutor, conhecia-o bem o suficiente, após uma semana de viagem, para saber que, em todos os outros aspetos, era bom rapaz. Apesar de todos os meus esforços, estava na altura de o admitir: eu gostava dele. Mesmo. Por mais que isso entrasse na categoria de «Coisas Más», fiquei surpresa ao constatar – e a Windy teria ficado tão orgulhosa – que eu também podia tirar uma «Coisa Boa» da situação. Porque, naquela manhã, durante aquela caminhada silenciosa, confessei uma série de coisas a mim própria: sempre que o Jake tocava no meu joelho para substituir as ligaduras, ou me defendia junto do Beckett, ou desviava o olhar quando eu olhava para ele, eu sentia uma onda louca de prazer ansioso. Apesar de ter sentido muita infelicidade quando, por exemplo, descobri que ele estava destinado a casar com a Windy e a ter uma centena de filhos fotogénicos e bondosos, também tinha de reconhecer esses sentimentos. Eram bem diferentes do entorpecimento que experimentara tão profundamente durante o último ano. Ou mais. A palavra que não parava de me ocorrer era *viva*.

Estava a esforçar-me para me sentir grata pela oportunidade de ter um desgosto de amor e por toda a *vivacidade* que isso traria, quando me apercebi de que o Jake e a Windy tinham quebrado o silêncio da manhã e estavam a conversar um com o outro.

– O sistema de *prazer* – dizia a Windy – é modulado por neurotransmissores chamados opioides. Ajudam-nos a apreciar as coisas boas nas nossas vidas e a afastar o desconforto. Mas o sistema do *desejo* é regido pela dopamina, que nos deixa ansiosos e ávidos.

– Portanto, eles anulam-se um ao outro – considerou o Jake, seguindo atentamente o raciocínio dela.

– É isso mesmo. Quando o desejo é elevado, o prazer e a satisfação são baixos. Estão, tipo, em extremos opostos de uma balança.

Eu não fazia ideia do que eles estavam a falar, mas ouvi-me a

mim própria a intervir, mesmo assim.

– É por isso que alguns homens só querem mulheres que não podem ter? Porque confundem prazer com desejo?

– Sim – disse a Windy. – Provavelmente. A questão parece voltar sempre aos neurotransmissores.

– Eles não podem tomar nada para isso? – perguntei.

– Penso que não. Mas as pessoas podem ficar viciadas no desejo. Acabam por gostar mais de desejar do que de possuir.

– Exato! – exclamei. – Isso é corrigível?

Windy pensou por um minuto antes de responder.

– Bem – disse ela –, há muito mais plasticidade neurológica no cérebro do que costumávamos acreditar. Em teoria, tudo é possível. Mas isso é em teoria. O mais importante a reter é que conseguir o que queremos não nos traz felicidade.

– Ah, não? – questionei.

– Não a longo prazo. A felicidade tem mais a ver com valorização do que com aquisição.

– Oh – disse eu. Aquilo deixou-me um pouco perplexa. Sempre achara que conseguir o que se queria era a definição de ser feliz. Parecia que me tinha precipitado.

Quando não fiz mais perguntas, a Windy voltou a concentrar-se no Jake:

– Enfim, foi aí que decidi tornar-me budista. No primeiro ano em Barnard.

– Isso é fantástico – disse o Jake. – Tenho andado para me tornar budista.

– Não é assim tão difícil. Eu posso ensinar-te.

– Claro – disse o Jake. – Ótimo.

A Windy andou em Barnard? E era budista? Era isso que ela tinha de especial – era cheia de surpresas. Nunca era aborrecida. E era, muito abertamente, a sua própria pessoa. Eu nem sequer conseguia não gostar dela.

– Talvez da próxima vez que tivermos um Dia Zero – sugeri a Windy – eu possa dar-te uma aula.

– Está combinado – acedeu Jake.

Ou talvez, na verdade, até conseguisse não gostar dela – só um

bocadinho.

Levámos três horas a chegar até ao Hugh. Ele estava desperto quando chegámos, e a bebericar a sopa que as Irmãs tinham feito para ele.

O Jake começou logo a trabalhar, cortando-lhe as calças e as meias com uma tesoura para avaliar a situação, e mandou a Windy e os grandalhões irem à procura de um ramo qualquer para usar como tala.

– Vais pôr-lhe uma tala na perna? – perguntou o Mason.

O Jake abanou a cabeça.

– Vou pôr-lhe uma tala no corpo todo.

O Beckett reuniu o resto do grupo a alguns metros de distância para começar a preparar a evacuação. Dividiu-nos em dois grupos. Apontou para três pessoas que tinham mochilas com armações externas de alumínio e disse-lhes para as esvaziarem. Quando as mochilas estavam vazias, disse aos proprietários para redistribuírem os seus pertences pelas mochilas restantes. Depois, começou a desmontar as armações.

– O que estás a fazer? – perguntei.

– A fazer uma maca para o Hugh.

Tínhamos cordas de *nylon*, e o Beckett usou várias para entrelaçar as três armações. Juntas, formavam uma maca e uma superfície de tecido para o Hugh se deitar. Quando terminou, o Beckett estendeu um saco-cama por cima, para acolchoar, e depois deitou-se sobre ele.

– Nada mau – disse, olhando para mim do chão. – Não é um colchão de penas, mas serve.

Durante o pequeno-almoço, o Jake informou-nos do estado do Hugh. Estava cheio de nódoas negras da cintura até ao joelho, não conseguia dobrar a perna e aquilo de ter uma perna mais comprida do que a outra fê-lo suspeitar de que o Hugh podia ter fraturado e deslocado a anca. Mas ele estava consciente, o que era ótimo. O Jake desviou o olhar para mim, à frente do grupo todo.

– Ele disse que a Helen é a heroína dele.

– Acertaste em alguma coisa, miúda – disse o Beckett. – É assim

mesmo.

O Beckett assumiu o comando a partir daí, detalhando o plano: metade do grupo, seis de nós, carregaria a maca. A outra metade transportaria todas as mochilas à frente, em grupos. Pelos vistos, eu ia ajudar a carregar a maca. O Jake também.

Íamos até ao início do trilho mais próximo – a cerca de cinco quilómetros de distância – para nos encontrarmos com a ambulância que levaria o Hugh ao hospital.

– Vamos deixá-lo no início do trilho e continuar a andar? – perguntou o Mason.

O Beckett abanou a cabeça.

– Uma administradora da ESI vai encontrar-se connosco no início do trilho. A partir daí, é com ela.

Eram nove e meia da manhã. Era altura de nos pormos a mexer. Cinco quilómetros não me pareciam assim tão longe, pensei para mim. Talvez o dia de hoje não viesse a ser assim tão mau.

Mas foi então que o Beckett se virou para dizer uma última coisa ao grupo.

– Este vai ser o dia mais longo das vossas vidas, pessoal. Por mais miseráveis que se sintam, lembrem-se que é dez vezes pior para o Hugh. Ainda bem que fizemos o nosso pequeno exercício de força interior ontem à noite. Chegou a altura de recorrerem às pessoas que vos amam. Vão precisar delas.

Pareceu-me tudo um pouco dramático. O Beckett soava sempre um pouco dramático. E, no entanto, ele também costumava ter razão. Aproximei-me para ajudar a pôr o Hugh na maca. Os rapazes estavam reunidos à volta dele, prontos para o levantarem e o posicionarem. Tinham um ar ameaçador, mesmo para mim. O Jake deu-lhes instruções para passarem as mãos por baixo do Hugh, como se fossem espátulas.

– Vai doer? – perguntou o Hugh.

Jake confirmou com um aceno.

– Desculpa, pá. Vai doer como o caraças. – Olhou para os rapazes. – Prontos?

– Esperem! – gritou o Hugh. Eles esperaram. Porém, o Hugh estava apenas a empatar. Vi-lhe o terror no rosto com tanta clareza

que avancei, cortei caminho entre o Jake e o Mason e segurei-lhe a mão.

– Aperta-me a mão – instruí, e o Jake aproveitou a distração e gritou:

– Um-dois-três! Levantem!

Nunca na minha vida ouvi alguém gritar como Hugh gritou naquele momento. Se a agonia pudesse falar, era assim que soaria. Quando ele parou, apercebi-me de que tinha desmaiado outra vez.

Enfiámo-lo no saco-cama para o aquecer e proteger. Depois amarrámo-lo à maca, com força, para que não deslizesse.

– Ele também estaria a gritar agora – disse o Jake –, se estivesse consciente.

E assim chegou a altura de ir.

– Vamos embora – indicou o Beckett, enquanto nós, os portadores da maca, ocupávamos os nossos lugares em torno da estrutura. Eu presumira que levantaríamos o Hugh à altura dos nossos ombros, como aquelas pessoas que carregam os caixões, mas o Beckett disse-nos para o levantarmos à altura da anca e para o levarmos com os braços esticados para baixo.

– É mais fácil para vocês – explicou o Beckett –, e mais seguro para ele.

– Mais seguro? – perguntei eu.

– No caso de o deixarmos cair. – E depois, sem olhar para mim: – O que não vai acontecer.

O Beckett tinha atado seis tiras de tecido em redor da borda para que nos pudéssemos agarrar à armação com uma mão e colocar a tira à volta e por cima dos ombros com a outra.

– Enrolem a ponta assim – disse ele, demonstrando –, e endireitem o cotovelo.

Isso vai ajudar, pensei. Mas não muito.

Assim que o Beckett disse: «Levantar aos três... um, dois, TRÊS», e senti o peso real do que iríamos carregar durante os próximos cinco quilómetros, tanto a subir como a descer, os meus músculos clamaram: «Não! Pousa isso.»

Mas não o fiz. Porque mais ninguém o fez, e porque não havia outra hipótese.

– Ele é demasiado magro para ser tão pesado – disse o Mason de seguida.

– Tens de somar o peso da estrutura. E dos sacos-cama.

– Ele deve ter cerca de oitenta quilos – disse o Beckett. – Mais a estrutura, diria que são noventa. Talvez mais.

– Então isso só deve dar uns quinze quilos para cada um. Caramba.

– Não é assim tão mau.

Mas era assim tão mau. Mesmo antes de termos regressado à bifurcação do trilho original, já sentia os ombros abrasados onde a tira se lhes tinha cravado – e tinha a mão roxa e a latejar no sítio onde a enrolara. O Beckett previra que levaríamos a maior parte do dia a chegar ao ponto de partida do trilho, porque os portadores das mochilas iriam percorrer a distância duas vezes – uma com as suas próprias mochilas e outra com as mochilas dos portadores da maca. Nós, claro, iríamos devagar – tanto para o bem do Hugh como para o nosso. Era, sem dúvida, a coisa mais fisicamente extenuante que alguma vez exigira ao meu corpo.

Pensa noutra coisa, tentei obrigar-me. O Beckett aconselhara-nos a recorrer à nossa pessoa. Alguém que vos ama, dissera ele. Tentei imaginar o Nathan à minha frente, a torcer por mim como um espectador de uma maratona. Mas era demasiado difícil, para não dizer disparatado. Não me sobrava energia para a imaginação e até me custava acreditar que o Beckett o tivesse sugerido – quando muito, tentar fazer duas coisas ao mesmo tempo só dificultava as coisas.

Foi então que o Jake iniciou algo que eu não esperava.

Um ritmo militar.

Avançávamos com dificuldade ao longo do trilho, empurrando e puxando a maca cada um à sua maneira, tropeçando, agarrando e resistindo, quando a voz do Jake soou tão alta e firme que nos fez alinhar.

Tão suave e seguro como o ritmo de um qualquer sargento que já se tivesse visto num filme, o Jake começou com:

– Esquerda! Esquerda! Esquerda, direita, esquerda...

E os rapazes, sem mais nem menos, responderam à chamada,

repetindo a batida. Como é que eles sabiam fazer aquilo?

A seguir, o Jake lançou-se na «letra» da canção, se é que se pode chamar-lhe assim:

– *Doem-nos as costas, temos os sapatos muito apertados, passámos a noite agitados.*

E os rapazes acompanharam-no, sem nunca falharem um passo. À medida que as suas vozes entravam no ritmo, os seus pés também o faziam.

O Jake retomou o verso «esquerda, direita, esquerda» e depois continuou para o verso seguinte, que afinal era o refrão:

– *Não sei bem o que dizer. Aquela miúda faz-me estremecer.*

Depois disso, olhou para mim, viu que eu não estava a alinhar com aquilo e disse:

– Fazes parte desta unidade, Helen-com-H.

Os rapazes estavam a responder. Portanto, juntei-me a eles.

O Jake conseguira. Acabou por se tornar numa melodia que oscilava entre descrições de «esquerda, direita, esquerda», destacando o quão difícil a vida podia ser, e esse refrão persistente sobre a rapariga, num ritmo sincopado que, de alguma forma, transformou o ato de carregar o peso inerte de Hugh pela floresta numa espécie de dança.

Gostei mais dos versos sobre a desgraça:

O meu carro avariou, a minha televisão pifou, acabei de acordar na cama de um estranho.

O meu cão morde, os meus pneus não têm ar, pior do que isto não pode ficar.

Já não tenho cabelo, a minha mulher abalou, esta estúpida canção foi tudo o que me sobrou.

Não sei se a música era popular, ou onde o Jake a tinha aprendido, mas passado algum tempo, ele começou definitivamente a inventar letras que se adequassem ao dia:

Não há café, não há o que comer, há só este gajo pesado a valer.

Doem-me as botas, tenho bolhas a arder, sinto que vou morrer.

Cheiro mal dos sovacos, este trilho é custoso, se os Rangers trouxessem um jipe seria mesmo fortunoso.

Não percebia como é que o Jake conseguia fazê-lo. Ele não tinha propriamente um aspeto militar. Mas eu adorei. Continuava em desespero físico? Sem dúvida. Mas o Jake conseguira de certa forma melhorar as coisas? Consequira mesmo.

Perto do fim, acordámos o Hugh, que pestanejou algumas vezes, ouviu-nos durante um minuto e depois anunciou:

– Estou no inferno.

– Não sabes da missa a metade, meu – disse o Mason, mesmo junto à cabeça dele. – Estou com uma vontade de me peidar que nem te conto.

– Propulsão a jato – disse o Beckett, e toda a gente, até o Hugh, se riu.

– Oh, meu Deus, dói-me rir – declarou o Hugh de seguida. – Não digam nada engraçado.

– Nada de piadas sobre peidos – pediu o Beckett, e o Hugh riu-se outra vez.

– Ou é para rir – disse um dos grandalhões – ou é para chorar.

– Ou então não é nada – sugeriu o Hugh. – Que tal nada?

O Beckett estava certo. Só chegámos ao início do trilho às três da tarde. Por um minuto, durante o ritmo do Jake, pareceu que podíamos bater a previsão do Beckett e chegar às duas. Mas depois alcançámos um trilho escorregadio devido a uma chuvada de verão. O chão estava encharcado e cada passo que dávamos deslizava parcialmente colina abaixo na lama – era mais como se estivéssemos a fazer exercício num *StairMaster* do que a caminhar. A meio do percurso, logo após uma pausa para o almoço, chegámos a um rio que tínhamos de atravessar. Os caudais dos rios aumentam sempre durante o dia, quando a neve do topo das montanhas derrete com o ar quente do verão. Este chegava a meio da coxa dos rapazes e à altura da minha anca. Já teria sido complicado se estivéssemos

sozinhos, com as correntes geladas a empurrar e a repuxar-nos as pernas a cada passo, mas foi ainda mais difícil manter a maca do Hugh a uma altura suficiente para se manter fora de água.

– É isso mesmo, pessoal – encorajou o Beckett, enquanto atravessávamos. – Não vamos acrescentar hipotermia à lista de padecimentos do Hugh. – Demorámos vinte minutos a atravessar e, quando o fizemos, tinha as pernas vermelhas de frio e os ombros, ambos com cãibras, pareciam estar a arder.

Na outra margem, pousámos o Hugh, desperto, e eu dobrei-me pela cintura para sacudir os braços e aliviar a tensão. Não resultou.

Quando me levantei, o Jake estava ao meu lado.

– Faz assim – disse ele, dobrando-me o braço para cima e depois para baixo.

Fiquei a olhar para ele.

– São os ombros, certo? – Acenei com a cabeça. – OK – disse ele. – Isto vai ajudar.

Deixei-o fazê-lo. Estava demasiado cansada para recusar. Nunca me sentira tão esgotada em toda a minha vida. Já não tinha energia para protestar contra o que quer que fosse. Perguntei-me se o Jake me iria chatear por causa das bolhas que me tinham rebentado nas palmas das mãos. Mas depois olhei para as mãos dele e estavam iguais. E as de todos os outros também. Até as do Beckett.

Como se conseguisse ler-me os pensamentos, o Hugh disse:

– Obrigado. Por me terem evacuado. Já agora.

Alguns dos rapazes tinham-se deitado na margem do rio. Alguns estavam a estudar o que o Jake estava a fazer aos meus ombros e a tentar copiar. Todos eles murmuraram:

– Sem problema, meu.

Exceto o Beckett.

– Passei a manhã toda com uma dúvida – anunciou, e quando todos nos virámos para lhe dar atenção, ele abanou a cabeça. – Mais alguém deste grupo vai voltar a pisar um tronco caído?

Quando alcançámos a entrada do trilho, a administradora da ESI ainda não tinha chegado. A ambulância também não. O Beckett decidiu que parte do grupo ficaria com o Hugh, e o resto iria

montar o acampamento e fazer o jantar. Anunciou que o Jake, sendo paramédico, devia ficar. Assim como eu.

– Porque é de ti que o Hugh gosta mais.

Olhei para o Hugh.

– A sério?

Ele sorriu para mim e piscou-me o olho.

– Na verdade, não gosto de ninguém – disse ele. – Mas gosto mais de ti do que da maioria.

Já era alguma coisa.

– Preciso de mais um voluntário – disse o Beckett.

A mão da Windy levantou-se como um relâmpago. O que foi engraçado, porque mais ninguém se ofereceu.

– E a Windy é a feliz vencedora – disse o Beckett.

– Sim – aplaudiu Windy, transformando a mão levantada num punho fechado.

O início do trilho era uma visão e tanto. Ao contrário daquele onde nos tinham deixado, este tinha uma casa de banho, máquinas de venda automática e instalações elétricas, o que significava que havia caravanas por todo o lado, famílias a grelhar hambúrgueres e avós a usar *muumuus*⁸.

E lixo. Muito lixo. Assim que chegámos, foi tudo o que consegui ver. Embalagens de *Twinkies*, latas de cerveja e sacos de batatas fritas vazios por todo o lado. Ao fim de uma semana inteira na natureza intocada, a visão foi chocante. Qual era o problema das pessoas? O Beckett parecera-me tão psicótico no outro dia, quando queimara a minha lista de melhorias pessoal. Mas agora, ao olhar em redor do início do trilho, percebi. Quem diabo eram estas pessoas, a invadir a natureza selvagem e a sujar tudo? Quis pegar fogo a cada pedaço de lixo que vi. Possivelmente a todos os seres humanos também.

O Jake e o Beckett decidiram deixar o Hugh amarrado à maca. Deveríamos desmontá-la assim que a ambulância chegasse e levar as armações, juntamente com as nossas mochilas, para o acampamento. Eles avançariam cerca de um quilómetro para o interior da floresta – longe do circo que era o início do trilho – e nós iríamos ter com eles assim que o Hugh partisse. Antes de o grupo

nos deixar, uma das Irmãs perguntou se podia usar a casa de banho.

– Não, raios! – recusou o Beckett. – Vai fazer na floresta como um verdadeiro caminhante. – Confesso: começava a gostar mais dele.

Pusemos o Hugh sob um alpendre e esperámos que a ambulância chegasse. Depois de tudo o que tínhamos feito para o trazer até aqui, pareceu-me incalculavelmente rude que a ambulância o fizesse esperar mais tempo. Não tinha ele já sofrido o bastante? Ofereci umas bolachas ao Hugh e, quando ele adormeceu, anunciei à Windy e ao Jake que também ia fazer uma sesta. Deitei-me para apoiar a cabeça na mochila, fechar os olhos e dormir por alguns minutos.

Mas não consegui adormecer. Estava exausta, sim, depois de ter ficado acordada até muito tarde a falar com o Jake na noite anterior. Não queria literalmente mais nada do que mergulhar num estado de inconsciência entorpecida, mas doía-me tudo. Em vez disso, sem outra escolha, ouvi a conversa da Windy e do Jake, que estavam sentados juntos numa mesa de piquenique próxima.

A Windy estava a contar ao Jake sobre um cientista russo que domesticara raposas selvagens em segredo, e era realmente um assunto fascinante, e durante algum tempo não pude deixar de me divertir a ouvir – até que a Windy ficou sem assunto e disse, de repente:

– Jake. Beija-me.

O Jake não pareceu muito surpreendido.

– Agora?

– Já.

– Achas mesmo que é a melhor altura?

– Acho que é a altura perfeita.

Os meus olhos abriram-se de supetão e não consegui voltar a fechá-los. Devia ter-lhes dado alguma privacidade, no mínimo. Mas era como assistir a um acidente e não consegui desviar o olhar, por mais traumatizante que soubesse que seria. Pelo menos, estavam virados para a direcção da estrada, pelo que havia poucas hipóteses de se voltarem e me verem. Mas não conseguiria desviar o olhar nem que tentasse.

– Não achas que estamos demasiado sujos? – perguntou o Jake.

Ela abanou a cabeça.

– As nossas bocas são as únicas partes limpas ao nosso dispor.

Ela tinha razão. Escovar os dentes era praticamente o único comportamento higiénico que nos fora permitido.

– Não te importas que eu cheire a doninha?

– Nem por isso.

– Vamos fazê-lo agora, então?

Ele estava a empatar, pensei, enquanto a Windy respondia:

– Sim.

Isto não podia estar mesmo acontecer, pois não? Sabia que as Irmãs achavam que o Jake gostava da Windy, mas eu não acreditara nelas verdadeiramente. No fundo, agarrara-me à ideia de que era por mim que ele estava apaixonado. Que tudo o resto não passava de mal-entendidos e de manias típicas dos jovens de vinte e poucos anos. O meu coração estúpido e teimoso continuava a insistir que havia algo genuíno entre nós, mesmo que ninguém soubesse o que era.

Até àquele instante.

O Jake aproximou-se e encostou a boca à dela, e no momento do impacto aconteceu-me uma coisa absurda: por um segundo, não consegui respirar. Tinha de inspirar, mas não o consegui fazer. Era como se estivesse a sufocar ao ar livre. Só quando olhei para o lado é que consegui recuperar o fôlego. Quando voltei a olhar para eles, fiquei aterrorizada com a possibilidade de, naquele pânico, ter feito algum ruído ofegante que os fizesse olhar para mim. Mas não o fizera – ou, se tinha feito, eles não o tinham ouvido. Era como se eu não estivesse lá.

E, assim, selaram os lábios e beijaram-se.

Durante os minutos mais longos de todos.

Depois de ter voltado a olhar, já não consegui desviar os olhos.

– Que pena – disse uma voz.

Assustei-me. Era o Hugh. Acordado, e a observá-los também.

– Sempre pensei, no fundo, que era de ti que ele gostava realmente.

Franzi-lhe o sobrolho.

– Não foi isso que disseste ontem.

– Estava só a brincar – disse o Hugh. Dei-lhe um gole de água, e ele acrescentou: – Ei, lamento tudo isto.

– Eu também. Mas não morras, está bem?

O Hugh dirigiu-me um pequeno sorriso.

– Igualmente.

Quando me atrevi a olhar para trás, para a mesa de piquenique, o Jake e a Windy já se tinham separado. Um pouco atrás deles, uma ambulância dobrou a esquina. Não trazia as sirenes ligadas, mas tinha as luzes a piscar e o condutor soltou um pequeno «tinoni» quando parou em frente ao nosso alpendre.

O Jake desceu da mesa de piquenique e foi ter com os dois paramédicos e com a diretora da ESI, que saltou do banco do passageiro e correu para observar o Hugh. Tinha um rabo de cavalo e óculos de aviador.

– Isto vai sair nos jornais – disse ela. – Como é que aconteceu? – perguntou ao Jake, que parecia, supus, o mais responsável.

O Jake virou-se para mim. Levantei-me e aproximei-me.

– Ele pisou um tronco caído – expliquei –, mas estava podre, e ele caiu.

– O vosso instrutor não vos disse para não fazerem isso?

– Várias vezes – respondi.

A diretora fechou os olhos e suspirou.

– Portanto, não somos responsáveis.

– Mas o pai dele é advogado – disse o Jake, apontando para o Hugh com a cabeça. – Por isso, eu tratava de cuidar bem dele.

– Obrigada – disse ela, como se ele lhe tivesse dado uma excelente dica, enquanto se afastava para ir ter com os paramédicos e pô-los ao corrente da situação.

Demoraram muito tempo a tirar o Hugh da nossa maca improvisada e a pô-lo na carrinha. Tudo o que tínhamos feito, eles tiveram de refazer corretamente. Eu permaneci ao lado do Hugh, apesar de não me deixarem tocar-lhe. Quando ele finalmente foi colocado na outra maca, aproximei-me e dei-lhe um beijinho.

– Sê corajoso.

– Sempre – respondeu ele. A dor deixara-o um pouco ofegante, mas ele fixou o olhar no meu e depois voltou-se para o Jake.

– Até prometia ir ver-te ao hospital quando regressássemos – disse –, mas acho que já lá não vais estar.

– Não – confirmou ele. – Nessa altura já vou estar em Miami Beach.

– Cuida bem de ti – disse eu, com um pequeno aperto na mão do Hugh.

– Só se tu também cuidares de ti – disse ele, apertando de volta.

Larguei-o enquanto o carregavam e acenei até desaparecerem de vista.

– Que raio de partida – disse o Jake quando me virei.

Mas eu só conseguia pensar em como a boca que estava a dizer aquelas palavras acabara de beijar a Windy. Olhei para o chão. Não conseguia falar com aquela boca.

A caminhada de regresso pareceu muito mais distante do que um quilómetro.

A minha exaustão total só era agravada pelo facto de a Windy não parecer nada cansada. Ela e o Jake iam à frente enquanto eu ficava cada vez mais para trás. Como é que ela não estava cansada? As minhas mãos latejavam. O meu pescoço e os meus ombros pareciam de vidro. Sem saber como, conseguira apanhar um escaldão. As minhas botas pareciam blocos de metal cravados nos meus pés.

E depois havia a Windy, na dianteira, com um rabo de cavalo que se balançava atrás dela como se estivesse a dançar. Ela balançava. Saltava. Abrandava o passo para falar com o Jake, conversas que eu não conseguia ouvir. Mas conseguia escutar as gargalhadas. E o barulho que a mão dela fazia no ombro dele quando lhe dava palmadinhas pelas suas respostas escandalosas. Senti que tinha mil anos.

O Jake estava sempre a parar para que eu os alcançasse.

– Não têm de ficar à minha espera – dizia eu, de cada vez que tal acontecia. – Podem ir andando.

– Não te vamos deixar para trás – declarou a Windy, tentando ser simpática, mas empunhando o pronome «nós» como uma faca.

– A sério que não quero saber – retorqui, desejando, acima de

tudo, ser efetivamente deixada para trás.

– Mas nós queremos – recusou a Windy, e tentou dar-me um abraço.

Eu esquivei-me.

– Não vamos parar. Eu não quero descansar. Se parar, não consigo recomeçar.

– Estás com péssimo aspeto – observou o Jake.

«Vai-te catar», era o que eu lhe queria responder. Mas, em vez disso, continuei a arrastar-me. E pronto. Quaisquer que fossem as más notícias do Jake – se é que havia, de facto, alguma – eram suficientes para o impedir de se envolver comigo, mas não para o afastar da Windy.

Em vez de me ignorarem, como qualquer outro casal imprudentemente apaixonado teria feito, andaram propositadamente mais devagar para podermos estar todos juntos. Como uns cretinos. E lá estava eu, a caminhar ao lado deles e a contemplar a confusão que se tinha tornado a minha vida. Ocorreu-me que essa deveria ter sido uma das minhas coisas boas – ter trocado um tipo de desgosto por outro nesta viagem. Pelo menos não era a mesma tristeza que me perseguira o ano inteiro. Tentei obrigar-me a olhar para aquilo como uma bênção. Mas, naquele momento, não me sentia muito capaz de acatar ordens. Nem que fossem as minhas.

O Jake e a Windy. E podia mesmo censurá-lo? Se tivesse de escolher entre a Windy – tão simpática, tão alegre, tão esperançosa, uma apaixonada por cães e que era, literalmente, uma *aprendiz da felicidade* – e o meu eu rabugento, desiludido e cansado de trinta e dois anos, não havia mesmo competição. A culpa não era do Jake. De facto, se era de alguém, era minha.

O problema era este: via tantas coisas boas, bondosas e dignas nele – embora na verdade tivesse demorado seis anos a percebê-lo –, e achava-o tão *digno de amor*, que queria que ele achasse o mesmo de mim. Mas o Jake não tinha de o fazer. Nem sequer era justo pedir-lho. Isso era algo que eu precisava de provar a mim própria.

Sim, pois. Ia mesmo resultar. Era já.

Mais à frente, a Windy e o Jake estavam a conversar. Ele

perguntou-lhe de onde surgira o seu gosto por psicologia positiva.

– Foi quando a minha mãe teve cancro da mama, depois de ter melhorado – explicou. – A minha irmã mais nova começou a fumar e a beber e a meter-se em sarilhos. Eu queria mesmo encontrar uma forma de a ajudar... mas, pelo caminho, ajudei-me a mim própria.

– Precisavas de ajuda? – perguntou Jake.

– Eu não quebrava as regras – disse a Windy. – Pelo contrário, eu segui-as demasiado bem. Tentava ser perfeita em tudo. Sabes, ter as melhores notas, e praticar todos os desportos, e ser a protagonista de todas as peças de teatro.

– E conseguias fazer isso tudo?

– Conseguia – disse a Windy. – Mas era infeliz. Depois comecei a ter alguns distúrbios. Anorexia. E tive um momento em que pensei para mim mesma: *É agora. Se eu não mudar, a minha vida não vai passar disto.*

Oh, Deus. Aquela miúda não me deixava odiá-la.

Estávamos a chegar ao acampamento. Viam-se clarões de casacos polares por entre as árvores.

Era o ponto intermédio da viagem. Dali, a distância para voltar era a mesma que para avançar. Algo nessa ideia me fez querer tentar novamente – ainda mais – ser uma pessoa melhor. Ora então o Jake e a Windy tinham-se beijado. E ele gostava mais dela. Não ia melindrar-me com a Windy por isso. Não perderia tempo com amarguras. Ia crescer com a experiência e tornar-me uma pessoa melhor. Eu gostava da Windy. Torcia por ela. Era uma miúda que passara por dificuldades e conseguira recompor-se. Ela era uma inspiração, caramba! Exatamente aquilo de que eu andava à procura. A Windy não se armara em Chuck Norris quando as coisas tinham ficado difíceis. Ela não se transformara numa *dachshund* de cauda esfolada. Encontrara uma forma de ser corajosa no amor e de cuidar de si e dos outros. Seria justo puni-la por ser simpática? Ou ressentir-me por ela ser bondosa? Ou odiá-la por ser melhor pessoa do que eu? *Se eu não mudar, a minha vida não vai passar disto.*

Não. Ia arrastar-me de volta ao acampamento. E ia dar um abraço à Windy e desejar-lhe tudo de bom. Ao Jake também. E ia respirar fundo, calar a boca e fazer, finalmente, o que viera aqui

fazer.

8 Vestidos largos, típicos do Havai. (*N. do E.*)

Capítulo 12

O dia seguinte deveria ter sido um Dia Zero, uma vez que a seguir a um dia muito duro de caminhada há sempre um dia de descanso, mas o Beckett não queria ter um Dia Zero tão perto do início do trilho e das pessoas que lá acampavam, a quem ele se referia como «os *Ding Dongs*». Ele estava desejoso de nos levar de volta para o meio da natureza, para longe das afrontas da civilização, e tinha em mente o local perfeito – um sítio chamado Prado Pintado. Explicou-nos que era uma caminhada de três dias a partir daquele ponto, mas era o sítio mais bonito de toda a cordilheira, por isso, valeria a pena.

Olhei em volta para o nosso grupo exausto. Todos que tinham carregado o Hugh estavam com as mãos cheias de bolhas e os ombros doridos, e os que tinham levado as mochilas não estavam com melhor aspeto, com as pernas arranhadas e aparência cansada. Ninguém mantinha uma postura ereta.

– Não devíamos descansar depois de um dia intenso de caminhada, Chefe? – perguntou o Mason.

– Tu nem sabes o que é um dia intenso – respondeu o Beckett.

E assim seguimos. Se tudo corresse como planeado, chegaríamos ao Prado Pintado mesmo a tempo do solstício de verão. Teríamos o nosso Dia Zero para descansar e recarregar energias, e faríamos uma festa de solstício. Essa noite também marcaria o fim da nossa segunda semana fora e o momento em que começaríamos a preparar-nos para o grande final da viagem – os Solos.

Mas eu nem conseguia pensar nos Solos. Tudo o que consegui fazer nos três dias que se seguiram foi dar um passo após o outro. Não era que eu apenas *quisesse* descansar, eu realmente *precisava*. Achava que o Beckett estava errado por nos pressionar tanto. Ele, que sempre nos aconselhava a cuidar de nós mesmos no trilho. Não entendia o seu raciocínio e, confesso, não confiava totalmente nele para estar no comando, mas ele era o Chefe. Era ele quem ditava as regras e tinha a alcinha para o provar.

A propósito de alcunhas, foi na primeira manhã desta interminável caminhada de três dias até ao Prado Pintado que finalmente me deram uma: «Demora». No sentido de: «Qual é a demora?»

Sentia-me tão cansada naquele primeiro dia após a evacuação do Hugh, e tão desmoralizada de um modo geral, que não conseguia encontrar forças para caminhar, mesmo quando me arrastava pelo trilho atrás dos outros. Só pensava em como queria ser evacuada e em como gostava que o Hugh aqui estivesse para poder dar-lhe na cabeça por ter causado tantos problemas.

Tudo me incomodava. Tinha alguma coisa na bota. A minha mochila parecia torta. Estava sempre a parar para fazer pequenos ajustes. O rabo de cavalo precisava de ser refeito. O chapéu estava demasiado apertado. Nesse dia, o Beckett caminhava no final do grupo; sempre que eu parava ou abrandava, ele gritava:

– Qual é a demora?

– Desculpa! – respondia eu. – Tinha as cuecas fora do sítio! – Ou qualquer outra treta do género.

Por volta do meio-dia, já tinha sido batizada. O Beckett já nem precisava de perguntar. O que quer que fosse, ele sabia que não passava de um pretexto para parar.

– Demora, toca a andar! – gritava ele. Ou: – Isto não é uma estação de serviço, Demora!

Nessa tarde, quando parámos para montar o acampamento, o Beckett lembrou o grupo de que devíamos encher as nossas garrafas de água.

– Bebam bem, pessoal! Amanhã é outro dia quente! – Depois virou-se, à frente de toda a gente, e apontou para mim. – Demora, isso foi para ti!

E pronto. Pegou. Eles adoraram. Os rapazes, então, começaram a vir ter comigo sem motivo para dizer:

– Porquê a demora, Demora?

Portanto, o meu desejo de ter uma alcunha realizou-se, mas, como tantas vezes acontece com os desejos, não era de todo o que eu esperava.

– Podias encará-la de outra forma – sugeriu a Windy. – Podias

transformá-la numa cena durona, tipo «isto é uma demora». – Fez das mãos pistolas e apontou-as para mim. Depois fez o som de tiros: – Pum! Pum!

– Mas todos sabemos que não é isso – argumentei. – Não sou uma bandida. Sou só uma péssima caminhante.

– Eles esquecem-se – garantiu a Windy.

– Não me parece.

– E se – começou ela, num tom de «pensa comigo» – de cada vez que o Homem das Cavernas se aproximasse de ti e dissesse: «Porquê a demora, Demora?», tu te virasses e lhe desses um tiro? – Voltou a demonstrar. – Pum! Pum!

Depois fez girar as armas e voltou a pô-las nos coldres.

Pensei no assunto.

– Eu nunca conseguiria fazê-lo.

– Aposto que conseguias.

Abanei a cabeça e franzi o nariz.

– Então posso ser eu a fazê-lo? – perguntou ela. – Só para testar?

Encolhi os ombros.

– Está bem.

A partir desse momento, a Windy nunca mais disse a minha alcunha sem transformar as mãos em pistolas. Às vezes, disparava-as para o ar como o Yosemite Sam, gritando:

– Alguém viu a Demora?

Outras vezes, tirava-as dos coldres imaginários, apontava-as à altura da anca para as pessoas e dizia:

– Onde está a minha amiga Demora?

E outras ainda esticava um braço, olhava para alguém pela mira e mandava:

– Vai lá chamar a Demora.

E não é que resultou!? Antes mesmo de chegarmos ao Prado Pintado, a Windy tinha-me transformado numa pistoleira, a Annie Oakley⁹ do nosso grupo de caminhadas. As pessoas começaram a disparar todas as metáforas do Velho Oeste de que se lembravam na minha direção. Quando servi o jantar uma noite, disseram-me: «Bom rancho, Demora.» Quando ajudei nas técnicas de suspensão, foi entre gritos de «Heehaw, Demora! Laça esse sacana!» Se de

manhã andava devagar, o Mason passava por mim e gritava: «Arre, Demora! Dá à sola!» Quando tínhamos de subir uma secção muito íngreme, e eu conseguia chegar ao fim sem parar, o Beckett gritava: «É assim mesmo, Demora! Usa as esporas!» Não tardou que a Windy não fosse a única a disparar armas imaginárias quando falava de ou para mim. O Vegas passava por mim a caminho da cozinha, apontava-me duas pistolas de dois dedos, saudava-me com um aceno de cabeça e dizia: «Demora.» Quando o Homem das Cavernas me chamava a atenção, apontava-me dois dedos e dizia: «Pum! Pum!» E o Jake, também conhecido como J-Dog – e ultimamente como Archer, sabe-se lá porquê –, usava os dedos como uma pistola para inclinar o seu chapéu imaginário.

– Porque te chamam Archer? – perguntei-lhe na última manhã antes de chegarmos ao Prado Pintado.

Ele relaxou os ombros.

– A sério?

– A sério – repeti. – Praticas arco e flecha ou assim?

Ele abanou a cabeça.

– Archer é o meu apelido. Como é que não sabes isso?

– É o teu apelido? Pensei que o teu apelido fosse... – Mas depois não me lembrei de nada, porque nunca soubera o apelido dele, nem tivera qualquer interesse em descobrir.

– Archer – respondeu o Jake. – Jacob Samuel Archer.

– Jacob «J-Dog» Samuel Archer.

– Pois – disse ele, com um abanar de cabeça –, essa não é a minha melhor alcunha.

Então, ele tinha outras. Como é óbvio.

– O que poderia ser melhor do que J-Dog?

Ele olhou para cima.

– O meu pai chama-me «Doc». E há o «Big J», «J-Money», «Jaegermeister», «Cash», «Bonkers», «Ranger», «Matrix», «HalfNelson», «Club Med», «Falcão», «Texugo».

– As pessoas chamam-te Texugo?

– Só as muito especiais.

– Texugo? A sério?

– Não deixes que o nome te engane. Os texugos são

absolutamente cruéis.

– Como é que o Duncan te chama?

– São demasiadas para enumerar. Ele é um génio das alcunhas.

Deve ter umas cem.

– Tipo?

– Tudo. Chama-me tudo o que lhe vier à cabeça. « Andarilho», «Lata de Refrigerante», «Papá Grande», «Max Poderoso». Foi ele que inventou o «Jake Nu».

– Porque estavas sem roupa? – perguntei.

– Sim.

– Que alcunhas tens para o Duncan?

O Jake suspirou e meneou a cabeça.

– Tantas. Nunca lhe chamo Duncan, isso é certo. «Dunk», «Dunkers», «Dunkin Donut», «D-Train», «D-Bag», «D-Lite», «Chuck», «Charles»...

– Porquê Charles?

O Jake encolheu os ombros.

– Porque não é o nome dele.

Assenti.

– Então, basicamente, qualquer palavra ou não-palavra na língua inglesa pode funcionar como uma alcunha por qualquer razão que seja.

Ele assentiu, como se tivéssemos acabado a conversa, mas depois acrescentou:

– Mas temos uma fixa.

– Qual é?

– «Mano».

Aquilo até foi querido.

Mas depois o Jake abanou a cabeça.

– Na verdade, não. Porque «Mano» acaba por se transformar em «Manolo», «Manadão», «Mano a mano», «Maneta», «Manobra», «Maníaco»...

Ele parou, à espera de que eu dissesse alguma coisa.

Um mês antes – ou até duas semanas antes – eu teria abanado a cabeça como se eles fossem idiotas. Mas, agora, ganhara um novo apreço por alcunhas. E pelo Duncan, por acaso. E pelo Jake,

também. Ocorreu-me que cada um desses nomes era um substituto básico e pateta de «amigo». E depois senti-me tão grata por o Duncan ter o Jake. Por eles se terem um ao outro.

– Ele tem sorte em ter-te – disse.

– Ele tem sorte – disse o Jake. Depois transformou o dedo numa pistola, apontou-a para mim e disse: – Mas eu tenho mais.

O Beckett não estava errado sobre o Prado Pintado. Era, de facto, de cortar a respiração. Melhor ainda do que ele tinha descrito, e melhor do que eu teria imaginado antes de o ver com os meus próprios olhos. Era o lugar perfeito para passar um Dia Zero e fazer uma festa de solstício de verão e, quando lá chegámos, fiquei feliz por termos continuado. Mais ou menos.

Eis o que nos esperava quando contornámos o trilho e o Beckett gritou: «Chegámos, pessoal!» Um prado verde soalheiro com erva que nos chegava à barriga das pernas e flores silvestres que se curvavam e esvoaçavam ao sabor da brisa. Borboletas brancas. Em cima, um céu azul brilhante com nuvens de algodão. À nossa volta, os picos das montanhas. O ar estava frio, mas o sol aquecia-nos. À medida que cada um de nós chegava ao prado, estacava perante a vista. Não conseguíamos continuar a andar e contemplá-la ao mesmo tempo.

– Tinhas razão – disse ao Beckett quando ele parou ao meu lado.

– Parece mesmo uma pintura.

– Sim – disse ele –, mas não é por isso que lhe chamam assim.

Olhei para ele.

– Isto foi o local de um massacre Shoshone – explicou o Beckett.

– Foram mortas tantas pessoas que o prado ficou pintado de sangue.

– Não me tinha apercebido de que os Shoshone eram tão sanguinários – comentei, olhando em volta.

Mas o Beckett lançou-me um olhar sério.

– E não eram – confirmou. – Os Shoshone é que foram massacrados.

– Oh!

O Beckett virou-se para o grupo.

– Há um riacho na extremidade leste – disse ele. – Acampamos

lá. E dizem que este sítio está assombrado, por isso, portem-se bem. – Depois olhou em volta com um grande sorriso e, pelo que me pareceu ser a primeira vez, gostei genuinamente dele. – Bem-vindos ao meu lugar favorito nas Absarokas.

O meu primeiro afazer foi trocar as botas por chinelos. Esse simples ato – e tirar a mochila – fez-me sentir cem quilos mais leve. As minhas bolhas já estavam curadas, e a visão da pele tenra e rosada onde elas tinham estado fez-me sentir estranhamente otimista. Tínhamos coisas para fazer naquela tarde – montar o acampamento, fazer o jantar –, mas a perspectiva de podermos desfrutar praticamente de um dia inteiro e exuberante de folga tornou tudo o resto mais fácil. Sorri para toda a gente. Fechei os olhos quando a brisa passou por mim e tentei absorver a sensação na minha pele. Parei para olhar em volta para todas as cores de flores no campo: magenta, azul-bebé, amarelo-manteiga.

Isto, pensei. Isto fez com que valesse a pena. Fez com que todas as humilhações, os ferimentos, as bolhas e a solidão valessem a pena.

Cozinhar o jantar foi uma felicidade. Adormecer nessa noite foi uma felicidade. E o dia seguinte também foi uma felicidade – pelo menos no início.

Acordámos como de costume, fizemos o nosso café, tomámos o pequeno-almoço e desmontámos os nossos acampamentos. Mas, em vez de nos alinharmos para marchar por ainda mais montanhas, podíamos descansar. A manhã estava fria, mas, à medida que o sol foi subindo, a minha pele foi ficando mais quente e acabei por despir a camisola. Não fiz nada o resto do dia. Um nada delicioso. Alguns dos grandalhões foram fazer explorações, e o Vegas e o Jake foram praticar pescar com anzóis no riacho. Algumas das raparigas decidiram «lavar a roupa», o que significava ir buscar água ao rio e levá-la para longe, para o lado mais seco do prado, vertê-la sobre as meias e *T-shirts* sujas e por fim torcer as roupas o melhor possível antes de as pousar sobre uma rocha, para secarem ao sol.

Vi-as a trabalhar, mas não me juntei. Já tínhamos ultrapassado a fase de tentarmos ficar limpos. Em vez disso, estendi-me na minha

própria rocha ao sol. Mais tarde, talvez fosse procurar flores silvestres, prensar algumas no meu diário – uma *castilleja*, uma não-me-toques e uma *coréopsis* – e tentar identificar outras recorrendo ao livrinho que o Mason me emprestara. Podia ajudar a Windy a colher dentes-de-leão e beldroega de inverno para uma salada para o nosso jantar do solstício. Podia aplaudir os rapazes quando trouxessem três peixes (o limite do Beckett) para fritar para o jantar.

Mas, naquela manhã, tudo o que queria fazer era nada. Derreti-me na minha rocha aquecida pelo sol. Com ou sem massacre, hoje, debaixo do sol quente, este lugar era exatamente o que imaginava quando pensava no paraíso: sol, flores silvestres, um prado – e o ar tão límpido como a água, e tão fresco. Por mais estranho que parecesse, aqui, de todos os lugares, sentia-me profundamente próxima do meu irmão perdido, como se estivesse perto dele, de alguma forma. Conseguia imaginá-lo neste campo. Conseguia visualizar o seu eu de oito anos com os joelhos ossudos e os ténis vermelhos a deslizar pela relva alta ou a descer até à margem do rio para ver o que os rapazes crescidos estavam a fazer. Ele teria adorado isto. Ele podia perfeitamente estar aqui, algures longe da vista. Se fingisse o bastante, era como se estivesse.

A ideia encheu-me os olhos de lágrimas. Mas estava tudo bem. Havia demasiada beleza à minha volta, e demasiada tranquilidade, para me sentir verdadeiramente triste. Nunca me sentia realmente tranquila, nunca – e no entanto, aqui, sob o sol quente, que escolha tinha? Disponha de um dia de descanso, uma brisa suave, e estava tão relaxada deitada numa rocha que era como se não tivesse ossos. E esse pensamento fez-me lembrar de um poema que adorava ler aos meus alunos do primeiro ano: «A Balada da Galinha Sem Ossos.» Sorri com a lembrança e percebi que agora, sempre que lesse o poema, lembrar-me-ia deste dia, deste momento nesta grande rocha, e, por essa razão, traria sempre a memória comigo. Na verdade, não tinha outra opção senão ser feliz.

E depois algumas das raparigas vieram juntar-se a mim. A Uno, a Dosie e a Caboose.

Tinham acabado as limpezas e sentaram-se na minha rocha para se aquecerem e secar. A Dosie disse:

– Ei, Demora. Parecees totalmente exausta.

E estava. De uma boa maneira.

– Sim – disse. – Foi de tanto cavalgar.

Elas deitaram-se e dispuseram-se à minha volta na rocha, seguindo o meu exemplo, a apanhar sol, e senti-me tão contente por estarem ali. Habituara-me tanto a estar sozinha durante o último ano que ainda me chocava quando não estava. Fiquei feliz por vê-las. Feliz por ter companhia.

Inicialmente conversaram sobre coisas agradáveis – as bolachas sem cozedura que íamos fazer para a festa, a melhor maneira de alongar um músculo tenso, o *M&M* que a Uno encontrou esquecido na mochila. Gostei de as ouvir e achei que eram como pequenos passarinhos alegres. Surpreendeu-me, mas não pude deixar de pensar que era divertido tê-las por perto. Até que a Caboose disse:

– Vamos planear o casamento.

– Achamos que devia ser aqui – disse a Uno.

– Que casamento? – perguntei, sem abrir os olhos.

– Do J-Dog e da Quebra-Corações – responderam todas em uníssonos.

Eu tinha-me mesmo sentido *tranquila*? Sentei-me.

– Achamos que eles deviam casar-se neste prado – explicou a Uno.

– Já que é aqui – terminou a Dosie – que eles vão ficar noivos.

– De que é que estão a falar?

– Sei de fonte segura – disse a Uno – que o J-Dog vai pedir a Quebra-Corações em casamento aqui. Durante a festa do solstício de verão. Neste prado.

Mas este era o *meu* prado! Meu e do Nathan. Eu fora feliz aqui, raios, por cinco minutos inteiros!

– Podemos usar nomes verdadeiros, por favor? – pedi.

– Vai ter de ser uma cerimónia budista – disse a Uno – porque a QB pratica budismo.

– O que é o budismo? – perguntou a Caboose.

Não. Não era possível haver alguém que não soubesse.

– Uma antiga religião nativa americana – respondeu a Uno, com autoridade.

Portanto, dois alguém.

Abanei a cabeça.

– Ninguém vai ficar noivo hoje. Isso não pode ser verdade.

– Eu nunca me engano.

A sério que ela pensava isso de si mesma?

– Estás completamente enganada em relação ao budismo – atirei.

– Está bem – disse ela, encolhendo os ombros. – Mas nunca me engano em relação ao A-M-O-R.

– Pelos vistos – disse a Dosie –, eles dormem em conchinha todas as noites.

Impossível! Eles nem sequer estavam no mesmo grupo de tendas!

– Onde é que vocês foram buscar isso tudo?

– Não posso revelar as minhas fontes – declarou a Dosie.

Senti um pânico desvairado que não conseguia explicar.

– Em primeiro lugar – disse eu –, eles estão, tipo, no pré-escolar. E segundo, conhecem-se há uma semana.

– Duas, na verdade. A contar com hoje – esclareceu a Uno.

– Às vezes, sabemos e *pronto* – considerou a Dosie.

– Nunca ouviste falar em amor à primeira vista? – indagou a Caboose.

– Estamos todos demasiado nojentos para que alguém se apaixone – declarei. – Eles nem sequer mudaram de cuecas desde o primeiro dia em que se conheceram.

– Que nojo – disse a Dosie, abrindo os olhos para os estreitar na minha direção.

– As pessoas não se conhecem e ficam noivas numa semana – insisti.

– *Duas.*

– Na verdade – interveio a Caboose, levantando a mão como se estivesse na escola –, os meus pais fizeram-no.

– Quando é para ser, é para ser – declarou a Uno.

– Quando é o destino, é o destino – concordou a Dosie.

Respirei fundo e levantei as mãos como quem diz «chega».

– Está bem. – Não podia impedi-las de planejar o casamento, mas não tinha de ficar a ouvir. Levantei-me e fingi espreguiçar-me. – Divirtam-se a planejar a festa. Eu vou dar uma volta.

- Não queres fazer um *brainstorming*? – perguntou a Dosie.
- Talvez faça uma amostra de um buquê de flores silvestres.
- Boa – disse a Uno, e eu assenti como se concordasse.

Dirigindo-me para o prado, o meu prado, demorei um segundo a recompor-me. Isto era um disparate autêntico. Cinco minutos de tranquilidade? Só tinha direito a isso? Um vislumbre do paraíso, só para o ver transformar-se no inferno de um casamento de amor à primeira vista? A ironia não me passou despercebida: o facto de estar aqui estava a roubar-me a tranquilidade que eu viera especificamente procurar. E as únicas duas pessoas com quem eu poderia ter falado sobre o quão infeliz me sentia eram justamente as duas pessoas que me estavam a deixar infeliz.

Fingi colher flores por um bom tempo e depois fui até a margem do riacho para segui-lo de volta ao acampamento. Pensei em pedir emprestado o livro da Windy sobre felicidade. Mas, quando lá cheguei, vi-os aos dois, o J-Dog e a Quebra-Corações, sentados, joelhos com joelhos, junto ao acampamento, de olhos fechados, em meditação, enquanto a Windy ensinava ao Jake tudo sobre a arte *nativa americana* do budismo. Para o casamento que se avizinhava.

Joelhos com joelhos. Era como *eu* me tinha sentado com o Jake! Oh, meu Deus. Estava mesmo a perder o juízo.

Depois, reparei que o Beckett estava por perto, e fiquei assustadoramente feliz ao vê-lo.

– Ei, Chefe – disse, virando-me para ele. – Dá-me alguma coisa para fazer.

Ele olhou para cima.

– Qualquer coisa?

Assenti.

– Qualquer coisa.

Então, ele deixou-me fazer o inventário e reorganizar o estojo de primeiros socorros, classificar e reunir os pacotes de comida, remendar uma lona rasgada e ajudá-lo a tirar uma farpa do polegar direito.

– Estou a gostar da tua ética de trabalho hoje, Demora – disse o Beckett. – É um comportamento digno de um Certificado.

Detesto admitir que aquelas palavras soavam encorajadoras, mas

soavam.

– O que se segue? – perguntei.

O Beckett chupou o polegar.

– Vai apanhar dentes-de-leão para uma salada para esta noite – disse ele, gesticulando para trás em direção ao prado. Depois, olhou na outra direção. – Até te mandava para ali, para ires apanhar amoras, mas não quero interromper os pombinhos.

Três Coisas Boas. Quais foram as três coisas boas de hoje? Na verdade, mesmo estando mal-humorada, conseguia citar muito mais do que três. Facilmente. Acordara sob a nossa lona azul com o som do riacho. Tinha feito um café matinal espetacular, modéstia à parte. Tivera uma manhã inteira de liberdade. Descansara. Tinha-me bronzeado numa rocha quente com o mesmo desinteresse de uma osga. Sentira uma centena de brisas. Estivera num campo de flores silvestres. Vira uma nuvem em forma de coração. Ajudara o Beckett a tirar aquela lasca. Tivera um vislumbre do paraíso – e sentira uma enorme proximidade com a pessoa que mais falta me fazia no mundo como há anos não experimentava.

Um dia notável, no fim de contas. Mesmo que, naquele momento, me sentisse um pouco infeliz.

Enquanto percorria o terreno, colhendo desta vez dentes-de-leão verdadeiros em vez de fingir apanhar flores silvestres, tentei conceber um plano para ser menos infeliz. No início desta jornada, estava determinada a aprender a ser tão forte a ponto de me tornar intocável, mas, em vez disso, acabei por seguir pelo caminho oposto: entreguei-me por completo às emoções. Bem, talvez isso não fosse totalmente mau, porque pelo menos já não estava anestesiada. E trocar a desilusão que sentia em relação ao Mike pela presença do Jake parecia-me uma mudança para melhor. Certamente seria mais fácil superar alguém com quem só estivera uma noite do que um marido legítimo com quem partilhara seis anos de casamento. Ou era essa a minha esperança. «Sê corajosa», dissera-me o Hugh. E a Windy dissera algo como: «*Ter* não traz felicidade; é no *valorizar* que está a diferença.» Talvez não conseguir o que queria me levasse a dar mais valor ao que já tinha. No fim de contas, era uma possibilidade. Tudo o que podia fazer era tentar. E tentar, concluí,

poderia ser por si só um ato de bravura.

Assim, com a salada escolhida, regressei à nossa lona para uma sesta revigorante. Quando acordei, já era o final da tarde e a preparação do jantar estava em pleno andamento. Todos os grupos de tendas tinham unido os seus fogões para a festa. A Windy distribuía ponche de frutas em pó nas garrafas de água de todos, chamando-lhe *mojitos*. Alguém tinha colhido amoras e adicionara-as às flores de dente-de-leão. O Vegas surpreendeu toda a gente ao criar um molho de salada bastante saboroso com tempero de *Dijon* e leite em pó. Os três peixes, já limpos e temperados com orégãos secos e pimenta de alho, estavam a ser grelhados pela Cookie, que demonstrava toda a perícia de uma *chef* de topo.

Esfreguei os olhos, arranjei o meu rabo de cavalo, escovei os dentes e desci para me juntar a eles. Ia encontrar uma maneira de desfrutar desta festa; conquistara o direito de o fazer. Não permitiria que nenhum pedido de casamento me afundasse em melancolia. Havia muito mais na vida do que quem estava ou não para casar. *Conseguir o que queremos não nos traz felicidade*. A início, não compreendera as palavras da Windy, mas agora faziam sentido.

Desenvolvi uma estratégia. Ia concentrar-me primeiro na comida: saborearia cada pedaço ao máximo. Ia sentar-me ao lado do Beckett, por quem estava realmente a começar a sentir simpatia. Participaria de forma entusiástica em todos os rituais patetas que ele quisesse fazer. Mergulharia por completo no momento, sem reservas. Se houvesse cantoria, eu também cantaria. Se houvesse dança, eu também dançaria. Saturaria a minha mente com tanta gratidão por cada pequena alegria à minha volta que não haveria espaço para inveja, solidão ou tristeza. E se, com efeito, o J-Dog pedisse a Quebra-Corações em casamento duas semanas depois de a conhecer – e duas semanas e um dia depois de se ter envolvido comigo –, estaria tão inebriada de felicidade que nem me iria importar.

O cheiro do peixe a cozinhar era delicioso, e o sabor superou todas as minhas expectativas. Permiti que a minha língua explorasse cada pedaço, que saboreasse os sucos fumados. Quando o Jake

trouxe o jantar e se sentou ao meu lado, levantei-me e mudei-me para perto do Beckett. O Jake fez uma careta, como achasse aquilo estranho, mas depois a Windy ocupou o meu anterior lugar e tudo foi esquecido. Enquanto comíamos, brindámos aos pescadores do grupo e agradecemos pelo peixe. Também agradei silenciosamente pela existência da manteiga, sobretudo por ser tão útil em acampamentos longos.

Comemos todos juntos numa grande roda em volta dos fogareiros, que serviam de fogueira. Cantámos canções animadas. Descobrimos que o Vegas era baterista numa banda universitária em Memphis, e ele conseguiu que todos os seus lacaios tocassem ritmos de Run-DMC usando pedras e paus. Com a música, os jovens começaram a dançar. Estavam animados, fosse pela simplicidade do *Kool-Aid*, pelo cansaço ou pela alegria da boa vida. Desviei o olhar do Jake e da Windy, surpreendentemente sentados lado a lado. A Caboose revelou ser uma cantora talentosa graças à sua interpretação de uma música chamada *Cupid Shuffle*, que, ao que parecia, todos conheciam menos eu. Pelos vistos, tinha uma coreografia própria, e todos os jovens se levantaram para a executar.

Foi aí que o Beckett me puxou para dançar e, quando protestei que não conhecia os passos, ele disse:

– Não sejas parva, Demora. É fácil.

Ele não estava errado. A dança era tão simples que o nosso grupo de desajeitados a executou sem música, a mais de trinta quilómetros da civilização, sob as estrelas – eu, a Uno, a Dosie, a Cookie e o Beckett, a dançar na relva como se fôssemos amigos há anos. O facto de eu estar a participar já era surpreendente, mas ainda mais surpreendente foi que o meu plano de esquecer a tristeza funcionou. Diverti-me tanto que me esqueci da tristeza. Até me esqueci de ter cuidado para não olhar para o Jake e a Windy.

Foi então que involuntariamente o fiz. Assim que a Caboose e os bateristas pararam e a dança cessou, antes que eu encontrasse uma nova distração, esqueci-me de resistir à atração e olhei na direção deles – apenas para descobrir, sem querer, que tinham desaparecido.

Olhei em volta. Não estavam a dançar. Não estavam a aquecer-se perto dos fogões. Não estavam à vista. Aquilo causou-me um ligeiro pânico, já que não havia mesmo outro lugar para onde pudesse ter ido. Não podiam simplesmente ir a um bar nas redondezas. A única opção era ficar ali, exceto, talvez, dirigirem-se sorrateiramente para a floresta, pela única razão porque alguém o faz.

Disse a mim mesma para não ficar parada como uma idiota à procura deles, mas, ainda assim, continuei. Foi quando reparei em algo ainda mais interessante do que a ausência do Jake e da Windy.

Flocos de neve.

⁹ Annie Oakley (1860-1926) foi uma artista do famoso espetáculo «Buffalo Bill's Wild West», onde a jovem exibia a sua perícia com armas de fogo. (*N. do E.*)

Capítulo 13

– Ei! – disse eu. – Vejam! Neve!

Toda a gente parou e olhou para mim.

Abanei a cabeça e apontei para o ar.

– Neve! – repeti. Foi aí que eles viram.

Pois era. Neve. Fofos e etéreos flocos de neve, mesmo no solstício de verão. A cair suavemente, iluminados pelas chamas dos fogões do acampamento.

– Hum – disse o Mason. – Não estamos no verão?

– Bem me parecia que esta noite estava muito frio! – disse a Cookie, encantada por estar certa.

Todos olhámos para o Beckett, mas ele estava tão espantado quanto o resto de nós.

– O que fazemos, Chefe? – perguntou o Homem das Cavernas.

O Beckett virou-se para nós com uma expressão confusa no rosto, mas depois, observando as dez pessoas que precisavam que ele tivesse um plano, vi-o mobilizar o cérebro para inventar algo.

– Certo, pessoal – disse, entrando na personagem. – Não há dúvida de que temos alguma neve. – Com isso, começou a dar ordens. Teríamos de limpar o local da festa, mantendo os fogões acesos, e ferver água para chocolate quente, derretendo uma colher de manteiga em cada chávena que bebêssemos.

– Não me importa que seja nojento – disse. – Vão precisar das calorias para se manterem quentes durante a noite.

Retirámos o queijo e cortámos pedaços para comer. Voltámos a amarrar as lonas para fazer uma cobertura grande, para podermos consolidar o calor, juntando-nos. Vestimos os pijamas, mas depois o Beckett fez-nos vestir as outras roupas por cima, incluindo os corta-vento. Vestimos tudo o que não estava molhado, desde luvas e meias extra até às proteções para a cabeça e o pescoço, a que chamavam balaclavas. Depois enfiámo-nos nos sacos de dormir como numa festa de pijama do secundário.

Eu estava determinada a encontrar um lugar para dormir o mais

longe possível do Jake e da Windy, mas houve muita luta por território. No final, acabei entre o Vegas e o Homem das Cavernas, os dois ressonadores mais barulhentos do grupo, e, por muito terrível que isso fosse, pensei que ainda assim era melhor do que o meu cenário mais pessimista. Foi quando senti uns nós dos dedos a bater-me na cabeça como se fosse uma porta e, quando me inclinei para trás para olhar, o rosto do Jake estava a centímetros de distância. O saco-cama dele estava mesmo no topo do meu.

Ele acenou-me.

– Bons sonhos.

A Windy estava mesmo ao lado dele. Ela também acenou.

– Não fiques com ciúmes – disse-lhe, gesticulando para os grandalhões de cada lado. – E nada de trocas.

– É isso mesmo, Demora – disse o Vegas, com um tom de afeto na voz. – Considera-nos os teus sacos de água quente.

Na manhã seguinte, ao abrir os olhos, deparei-me com o vinil azul da lona a poucos centímetros do meu nariz. Tínhamos amarrado a lona mais abaixo, mas não tanto. Durante a noite, ela afundara pelo menos três metros sob o peso da neve. Estendi a mão para lhe tocar e senti-a densa e pesada, como um balão de água. Ao dar um empurrão, um pouco de neve escorreu pela borda da lona. Eu era a primeira a acordar. Levantei os pés, ainda dentro do saco-cama, e dei um pontapé na lona, desencadeando mais uma avalanche no mesmo ponto. De cada vez que removia um bocado de neve, a lona ficava mais leve e afastava-se mais do meu rosto.

Continuei a pontapeá-la até que estivesse alta o suficiente para eu me sentar e olhar em volta, acordando todos ao meu redor com isso. Vi um mosaico de sacos-cama e, mais além, uma floresta tão branca como Nárnia. Estávamos no mesmo sítio de antes, mas o relvado, as flores silvestres e as pedras aquecidas onde nos aconchegáramos no dia anterior tinham desaparecido. Tudo o que não estava protegido pela lona naquela noite estava coberto por um branco puro e sólido. Era um país das maravilhas de inverno, em pleno verão.

A manhã foi surreal. Preparámos o pequeno-almoço sem ter

ideia de como o dia se desenrolaria. Não tínhamos como prever o tempo; não tínhamos como saber o que nos esperava. Restava-nos observar o céu e tentar adivinhar. O Beckett pretendia permanecer se continuasse a nevar. Se aquecesse, achava que deveríamos deslocar-nos para uma cota mais baixa. Ficámos ali ao redor do acampamento, num estado de suspensão, à espera para descobrir.

Ao meio-dia, o céu estava limpo e a temperatura tinha subido. O Beckett sugeriu uma caminhada curta de cinco quilómetros até um sítio chamado Elk Ridge, que oferecia melhor abrigo contra o vento, caso a temperatura voltasse a cair.

Caminhámos toda a tarde. Não foi um desgaste físico devido à profundidade da neve, mas sim porque simplesmente não sabíamos onde estava o trilho. O Beckett fazia-nos parar a cada dez minutos para verificar posições e pontos de referência. Antes de partirmos, ele tinha revisto o percurso no mapa comigo e fizera-me verificar a nossa posição enquanto caminhávamos. Não demorei muito a perceber que começara mesmo a aquecer. A neve também se apercebera disso, porque se ia transformando em lama aquosa sob os nossos pés.

Levámos o resto do dia a percorrer os cinco quilómetros até Elk Ridge. Quando chegámos, já era de noite e grande parte da bela neve tinha derretido.

Na manhã seguinte, depois do pequeno-almoço, o Beckett lembrou-nos de que estávamos a iniciar a nossa terceira e última semana de viagem.

– É isso, pessoal – afirmou. – Próxima paragem: o grande final. – Com «grande final», referia-se aos Solos. Antes de a semana terminar, enviaria cada um de nós em três grupos separados para sobrevivermos durante vinte e quatro horas, completamente sozinhos. Pediu-nos para fazermos uma lista das pessoas que preferíamos ter no nosso grupo.

– Levem isto a sério, pessoal – alertou, erguendo meio sobrolho.
– E cuidado com quem escolhem.

Eu levava aquilo a sério. Adoraria fazer a caminhada com a Windy, mas estava certa de que ela ia pôr o Jake na sua lista – e que o Jake, por sua vez, a ia pôr na dele –, e não queria passar os meus

últimos dias nas Absarokas envolvida em especulações do tipo «vão ou não vão», como se fosse uma adolescente. Um facto básico era evidente: tinha de me afastar dos dois o mais possível.

Tirando isso, não me importava com quem faria o Solo. A sério.

Acabei por escrever: «Qualquer pessoa menos o Jake», circulei duas vezes o nome dele, dobrei o papel e entreguei-o.

Quando o Beckett recolheu todas as listas, enfiou-as no bolso da sua mochila e disse que levaria alguns dias a analisar os nossos pedidos e a formar os grupos.

Entretanto, seguiríamos para uma secção da serra onde o trilho se dividia em três caminhos aproximadamente equivalentes – cada caminho destinado a um grupo Solo diferente. Quando lá chegássemos, depois de revermos os nossos mapas e estratégias, ele iria deixar-nos durante vinte e quatro horas e cruzar os dedos. Durante esse tempo, teríamos de nos orientar no trilho, arranjar água, montar e desmontar os acampamentos e tomar boas decisões consecutivas.

– É para isto que aqui estão, pessoal. É para isto que têm trabalhado. Os Solos. Afundar ou nadar. Matar ou ser morto. Comer ou ser comido. – Depois, sorriu e mexeu as sobrancelhas. – Mas não é para já. Não hoje. Hoje, vamos só fazer uma travessia extremamente difícil chamada «Covil do Diabo».

Três dias depois, após o jantar, o Beckett reuniu-nos a todos para anunciar os grupos dos Solos.

– Lembram-se quando vos pedi para me dizerem quem queriam no vosso grupo? – perguntou.

Assentimos.

– Pois é, esqueci-me de dizer uma coisa. Isso não me interessa. – Levantou as mãos, num encolher de ombros, como quem pergunta: *Pensavam o quê?* – Não me importa de quem gostam ou não, por quem têm uma paixoneta, com quem sonham no vosso saco-cama. Não interessa. Isto não é para se divertirem. É, certamente, uma das poucas coisas na vida que não tem a ver com sexo. Isto é sobrevivência, pessoal. Emparelhei-vos *não com quem querem*, mas *com quem precisam*. Para sobreviver. Competências. Lembram-se

delas? Não vieram para cá aprender competências na natureza? Alguns de vocês prestaram atenção; até tomaram notas – aqui, fez uma pausa para apontar uma arma imaginária diretamente para mim. – Outros desperdiçaram o vosso tempo, e o meu. Mas este é o momento que vos vai levar ao sucesso ou à derrota.

O Beckett mergulhou a mão na mochila e tirou a sua lista.

– Estes são os grupos. Não há negociação. Não venham ter comigo a dizer que não gostam do Vegas ou que o Flash se peida a dormir. Não me interessa! Talvez a Dosie faça piadas nas vossas costas, ou talvez a Quebra-Corações não vos dê atenção. Azar! Estas listas são para a vossa segurança e sobrevivência. Vão aproveitá-las ao máximo e ficar gratos pela oportunidade.

Cruzei os dedos. *O Jake não*, repeti mentalmente. *O Jake não, o Jake não, o Jake não*.

– Jake! – chamou o Beckett. – Vais fazer Solo com... – Consultou a lista novamente. – O Flash, a Dosie e a Calamity Jane¹⁰.

Olhei em volta. Calamity Jane? Quem era essa? Depois percebi que o Beckett estava a apontar para mim com outra pistola imaginária.

– És tu, Demora – disse ele. – Nova alcunha. Habitua-te. Pum!

A Windy acabou por ficar com o Homem das Cavernas, o Cão de Caça e a Caboose. E pôs-se ao meu lado antes mesmo de o Beckett acabar de ler o resto dos nomes.

– Vais ficar com o Jake? – perguntou. – Conseguiu o Jake?

– Eu não *pedi* para ficar com ele – respondi.

– Trocas comigo?

Encolhi os ombros.

– Sim.

A Windy agarrou-me na mão e puxou-me até ao Beckett.

– Podemos trocar? – perguntou. – De grupo Solo?

O Beckett inclinou a cabeça, como quem pergunta: *A sério?*

– Não.

– Mas pensei que não te interessava – disse a Windy.

– Não me interessa quem *tu* queres no teu grupo. Interessa-me quem *eu* quero no teu grupo.

A Windy cruzou os braços à frente do corpo e tentou dirigir um

olhar sério ao Beckett. Depois, por fim, quando não resultou, lançou a sua longa cabeleira loura para o lado e afastou-se. Era o gesto mais juvenil que alguma vez a vira fazer.

Agora era a minha vez de dirigir ao Beckett um olhar sério. Cruzei os braços.

– Eu escrevi «qualquer um menos o Jake» na minha lista.

– Eu sei – disse o Beckett. – E depois ficaste com ele.

– Não tem graça.

– Tem alguma graça.

– Deste-me o Jake porque pedi para não ficar com ele?

Ele inclinou a cabeça.

– Não foi bem isso.

Baixei a voz e aproximei-me.

– Ei! Ao contrário de ti, não venho para as montanhas todos os verões. Esta é uma oportunidade única para mim. Nunca aqui estive e nunca mais vou estar, nem em qualquer outro lugar semelhante. Mesmo estando completamente fora do meu elemento, estou a dar tudo para que isto valha a pena.

– Eu sei – disse o Beckett, acenando com a cabeça. – Consigo perceber.

– Fiz tudo o que pediste. Obedeci a todas as regras. Quando disseste: «Vai buscar água», fui buscar água. Quando disseste: «Carrega com o lixo», carreguei com o lixo. Nunca me recusei. Nunca me contive. Dediquei-me de corpo e alma a esta viagem.

– Também sei disso – disse o Beckett, com a voz agora mais suave.

– E havia uma pessoa, *uma única* pessoa que eu queria evitar durante a última semana que vou passar nestas montanhas. Por que raio me puseste com o Jake?

O Beckett respirou fundo e soltou o ar.

Deu um passo para mais perto e inclinou-se na direção do meu ouvido.

– Pus-te com o Jake porque és teimosa e propensa a acidentes, e ele é o nosso paramédico. Confio nele para tratar de ti. Pus-te com o Jake porque és a melhor leitora de mapas que temos, e ele é quase cego. E pus-te com o Jake porque tu simplesmente não acreditas em

ti mesma, e ele encontra sempre uma forma de acreditar em ti, todos os dias.

Portanto, fiquei com o Jake. E agora era meu dever sentir-me grata pela oportunidade.

Na manhã em questão, o Beckett analisou os percursos de cada grupo no mapa. Depois, despedimo-nos todos com acenos, virando cada um para uma direção distinta e dando início à caminhada. Com sorte, voltaríamos a ver-nos na tarde seguinte. E, por sorte, queria dizer se não fôssemos esmagados por um ramo em queda, se não nos deparássemos com um urso faminto, se não sufocássemos sob uma avalanche, se não ficássemos sem água, se não nos afogássemos num rio gelado, se não nos engasgássemos com um pedaço de queijo ao jantar, se não incendiássemos alguém sem querer com o fogão, se não nos perdêssemos e desistíssemos por completo e nos limitássemos a esperar pela morte.

Tudo isto eram possibilidades reais.

O Beckett dera-me a chocante notícia de que eu era a melhor do grupo a ler mapas, mas não partilhou essa informação com o Flash, também conhecido como Mason, também conhecido como o Carrasco das Montanhas. Eu desenvolvera uma relação bastante pacífica com o Mason, essencialmente mantendo-me fora do caminho dele, mas os que o enfrentavam arrependiam-se sempre no final. Mesmo que conseguissem o que queriam no momento, ele encontraria uma maneira de os punir mais tarde, como dizer à frente do grupo que tinham comida nos dentes. Ou persegui-los quando saíam sozinhos para fazer as necessidades e rosnar como um urso assim que baixassem as calças. Ou, simplesmente, fazê-los tropeçar no trilho. Ele tinha um verdadeiro talento para a humilhação e a crueldade, e eu não conseguia imaginar o que inspirara o Beckett a pôr o Flash, que era incapaz de abrandar, no mesmo grupo que a Dosie, que era incapaz de acelerar. Superficialmente, parecia uma receita para o desastre, mas após a revelação esclarecedora que o Beckett me concedera na noite anterior, escolhi dar-lhe o benefício da dúvida.

Dito isto, quando começámos a caminhar, o Mason arrancou-me o mapa das mãos e declarou:

– Eu fico com isto, obrigado.

Não discuti com ele. Ele parecia ser um caminhante competente, embora não pudesse ter a certeza, já que ele estava sempre fora de vista no trilho. Eu não precisava de ser a estrela, nem de provar a minha habilidade com mapas. Sabia que era boa – agora, de repente –, e isso bastava-me.

A ordem da nossa caminhada não deixava muito espaço para manobras. O Mason ia na dianteira, parando a cada vinte minutos ou assim para esperar pelo resto do grupo como um touro inquieto. A Dosie ficava atrás, gritando: «Espera, Demora!», a cada cinco minutos, quando me perdia de vista. E o Jake e eu caminhávamos mais ou menos ao mesmo ritmo, numa passada agradável e coloquial, juntos.

– Então – disse o Jake. – Que tal está a ser a experiência na natureza selvagem?

– Em toda a minha vida, nunca fiz tantas coisas assustadoras como nas últimas duas semanas e meia.

– Mas sobreviveste.

– Até agora – concordei. – E o medo é muito menos assustador do que costumava ser.

– Tornaste-te destemida.

– Não – disse. – Mas sou *menos* medrosa.

– Tipo o Chuck Norris.

– O quê?

– Tipo todas aquelas piadas sobre o Chuck Norris ser muito destemido. Tu sabes, como: «O Chuck Norris não toma banho. Ele toma *banhos* de sangue.»

– Como é que conheces essas piadas do Chuck Norris?

– Toda a gente as conhece.

– Eu não conhecia. Até recentemente. Mais ou menos.

– Porque és rapariga.

– O meu caderno está cheio de piadas do Chuck Norris – disse. – Ele foi o meu modelo a seguir quando decidir vir para cá. Pensei: *O que faria o Chuck Norris?*

O Jake encolheu os ombros.

– Acho que sou mais: *O que faria o Bill Murray?*

– Mas é isso! – exclamei. – Eu vim para aqui tentar aprender a ser durona e má, mas acabei por escolher outro lado.

– Agora és meiga e doce?

– Não – disse. – Não foi o oposto. Apenas um lado... *diferente*.

– Então, quem é o teu modelo a seguir, agora?

– Não sei – respondi. – Talvez a Annie Oakley.

O Jake levantou um dedo como se fosse uma pistola e disparou para o ar. Tomei uma nota mental para agradecer à Windy pela mudança de alcunha.

Era bom estar outra vez com o Jake. Andava a evitá-lo desesperadamente desde a evacuação, e tinha-me esquecido de como era divertido conversar com ele. Brincámos tanto que, na verdade, nem prestámos atenção ao percurso. Durante a maior parte da manhã, estive tudo bem, mas, por volta do meio-dia, tornou-se evidente que não estávamos no trilho certo. De acordo com o Beckett, o nosso grupo deveria contornar uma colina, mas, a certo ponto, quando alcançámos o Flash, que batia com a bota no chão enquanto esperava que a Dosie nos alcançasse, ele fez uma confissão.

– Parece que o trilho meio que desaparece aqui – disse, apontando para a ausência de um caminho à nossa frente.

– Desaparece? – questionou o Jake.

– O trilho não pode desaparecer – disse eu. Olhei em volta. Tínhamos estado a caminhar por bastante tempo sob a sombra profunda de alguns pinheiros. Não havia muita vegetação aqui. O chão era apenas areia, o que significava que o trilho, mesmo que lá estivesse, podia ser difícil de ver.

Foi então que algo me atingiu.

– Porque estamos a subir uma colina? – perguntei ao Flash. – O nosso percurso não devia passar sobre uma colina.

– Só agora é que reparaste nisso? – perguntou ele. Virou-se para partilhar uma gargalhada com o Jake quando viu que este também só agora reparara naquilo.

Encolheu os ombros.

- Estamos a ir por um atalho.
- Não é suposto usarmos atalhos, Mason – lembrei-o.
- Ninguém disse para não cortarmos caminho.
- Na verdade, o Beckett disse – argumentou o Jake.

Fechei os olhos por uns instantes.

- Quando é que nos desviámos do trilho?

O Mason pensou um pouco.

- Lá para trás, há umas duas, três horas, talvez.

- *Horas!?* – exclamei.

Nesse momento, a Dosie apareceu.

- Esta colina é mesmo íngreme – disse ela, recuperando o fôlego.

Eu ainda estava boquiaberta com a proeza do Flash.

- Então, levaste-nos para fora do trilho assinalado, por um atalho qualquer, e nem disseste nada? – questionei.

- Pensei que, se não estivessem na boa com isso, diziam alguma coisa.

- Não estávamos a prestar atenção! – declarei.

- Bem, essa é a regra número um – comentou o Mason.

Como podia eu contra-argumentar? Ele tinha razão.

- Pensei que fosse demasiado óbvio – explicou o Mason. Tirou o mapa do bolso e mostrou a forma sinuosa do trilho, contornando a meia-lua de uma colina. – Em vez de darmos toda esta volta – traçou a distância com o dedo –, porque não cortar caminho?

- Porque não há trilho! – insisti.

- Mas havia um trilho! Eu segui um trilho.

- Um trilho de veado – corrigi – ou de alce. Talvez. Mas não um trilho humano! Não um trilho do Parque Nacional.

Este era o momento para o Flash admitir: *Uau, sou um completo idiota, desculpa.* Mas, em vez disso, ele conseguiu inverter a situação.

- E porque é que vocês não estavam a prestar atenção? – perguntou ele.

Porque estávamos a conversar! Porque estávamos a namoriscar! Porque o Jake é incrivelmente engraçado e estava a contar-me piadas sobre o Chuck Norris, e não me lembro da última vez que alguém me fez rir!

- Porque – disse eu ao Mason, com a mão na anca para dar

ênfase – tu quiseste ser o líder!

– Tem lá calma – disse o Mason. – Vamos só voltar para trás.

Mas, quando nos virámos, não havia por onde regressar. Cruzavam-se demasiados trilhos de animais pequenos na terra seca. E nenhum dos trilhos grandes, simples e óbvios que conhecíamos.

– Por aqui. – O Mason apontou para sudeste.

– Definitivamente não é por aí – contradisse eu. – Viemos de sudoeste.

– Pensei que tínhamos vindo dali. – A Dosie apontou para oeste. Soltei um suspiro.

– Dá-me o mapa – pedi.

O Mason deu-mo.

– Sabes que o tinhas ao contrário, certo? – indiquei.

O Mason pestanejou.

– Tinha?

– Mason – comecei –, diz-me que estás a gozar.

Mas os olhos dele arregalaram-se ligeiramente, e ele abanou a cabeça devagar. Tirei a bússola do bolso.

– Certo – disse. – Isto é norte. – Então, girei o mapa 180 graus até que a seta «norte» no mapa coincidissem com a seta na minha bússola. – Agora o mapa está na posição correta.

O Mason soltou um longo assobio.

Teria adormecido na aula de leitura de mapas? Admito que mapas topográficos de regiões selvagens exigem um certo sentido de relações espaciais e nem todos gostam disso, mas alinhar duas setas parecia-me bastante básico.

– Levaste-nos para a esquerda quando devíamos ter ido para a direita – disse eu.

– E – acrescentou a Dosie – desviaste-nos do trilho.

– Está bem, está bem – disse eu. – Eis o que sabemos. O trilho passa entre esta colina – circulei-a com o dedo – e aquela colina. – Circulei a outra. – Estamos a subir esta colina. Então, se voltarmos para baixo, a dada altura, devemos encontrar o trilho.

– E se não encontrarmos? – perguntou a Dosie.

– Acredito que vamos encontrar – insisti com convicção.

– E se...

– Dosie! – gritou o Flash. – Não estás a ajudar!

– É melhor verificarmos as garrafas de água – sugeri. Estavam todas a um terço.

– A nossa maior preocupação é essa – disse o Jake. – Água.

– O trilho cruza um riacho aqui em baixo – apontei. – Portanto, se conseguirmos lá voltar, podemos acampar ali.

– Se? – questionou a Dosie.

– Desculpa – pedi-lhe. – *Quando* conseguirmos.

Começámos a descer a colina. Levei a bússola na mão para nos mantermos em linha reta, o que era mais fácil sob as árvores do que quando elas rareavam e o mato ficava mais denso. Uma hora depois, estávamos mesmo a abrir caminho pela vegetação, e tínhamos as pernas arranhadas e ensanguentadas. Todos tínhamos caído algumas vezes, mas o Jake caíra mais, e os seus braços e o rosto também estavam arranhados. Era tentador evitar a vegetação seguindo os trilhos de animais que ziguezagueavam ao nosso redor, mas não queríamos desviar-nos do caminho. A adversidade manteve-nos juntos, e caminhámos como um grupo unificado de quatro.

– E se não encontrarmos água esta noite? – perguntou a Dosie.

– Então procuramos amanhã – respondi.

– Quanto tempo é que o corpo humano aguenta sem água fresca? – questionou a Dosie.

– Três dias – respondeu o Jake. – Bem, pelo menos dois antes de as alucinações começarem.

– Jake... – disse eu.

– É a regra dos três – afirmou o Jake, como se tivesse apenas um interesse empírico sobre o tema. – Aguentamos três minutos sem ar. Três dias sem água. E três semanas sem comida.

– Não estás a ajudar – rematou o Mason.

– Não morreram já pessoas nestas viagens antes? – indagou a Dosie de seguida.

– Agora têm uma nova gestão – retorquimos eu e o Jake em uníssono.

Passaram-se quatro horas antes de retomarmos o trilho. Mas, caramba, foi glorioso alcançá-lo. Sem fôlego e a sangrar, abraçámo-nos mesmo assim. Estávamos salvos.

E no entanto... retrocedemos ligeiramente ao descer a colina e retomámos o trilho num ponto que já tínhamos passado. Se o mapa estivesse certo e eu o estivesse a ler corretamente, ainda faltavam quase dois quilómetros até ao cruzamento do riacho – e já eram cinco da tarde.

Precisámos de mais uma hora para percorrermos esses últimos quilómetros. E quando finalmente chegámos ao cruzamento do riacho, reparámos em algo que não tínhamos visto no mapa. Havia um riacho a cruzar o trilho, tal como eu dissera, mas o riacho ficava no fundo de uma ravina íngreme. Uns trinta metros abaixo, mais ou menos. O trilho servia-se de uma ponte de corda terrivelmente precária para atravessar, como algo saído de um filme do Velho Oeste.

Caminhámos até ao ponto onde a ponte de corda encontrava o trilho e olhámos para baixo. E ocorreu-me de repente que o leito do riacho, depois de tudo o que tínhamos passado, poderia estar seco. Cruzei os dedos. Olhámos para baixo. Tinha água.

Fechei os olhos.

– Graças a Deus – murmurei.

O Jake deu-me um «mais cinco».

– Vai ser complicado chegar lá – comentou –, mas ali está.

E, assim, montámos acampamento. Ao inspecionar mais de perto, vimos um caminho até ao riacho. O Jake ofereceu-se para levar todas as quatro garrafas de água e uma panela até lá para as encher com água, embora, pensando melhor agora, não consiga imaginar o porquê de termos escolhido o tipo com óculos de fundo de garrafa para esse trabalho. A Dosie começou a fazer o jantar, e o Mason e eu fomos montar a lona.

Quando a lona estava pronta, voltei à cozinha e vi que o Jake ainda não tinha voltado com a água. E também começávamos a perder a luz.

Algo estava errado. Eu sabia-o.

– Aposto que é difícil subir aquela ravina com uma panela cheia de água e sem tampa – anunciei para o resto do grupo, mesmo que ninguém estivesse a prestar-me atenção. – Vou ajudar o Jake.

O caminho até à água era íngreme, acidentado e contraintuitivo.

Muitas vezes tive de subir para descer ou caminhar lateralmente para avançar. Além disso, provavelmente cerca de metade das grandes pedras em que pisei no caminho estavam instáveis. Quanto mais avançava, mais começava a preocupar-me se encontraria o Jake inconsciente no fundo do trilho, esparramado na margem rochosa do rio.

Cheguei ao fundo antes de o encontrar. Ele não estava inconsciente, mas parecia que tinha caído. Estava de mãos e joelhos no chão, ofegante e frenético. Quando me ouviu, olhou para cima, mas não me viu. Os olhos estavam vermelhos, como se tivesse estado a chorar.

– Não te aproximes! – disse ele. – Perdi os óculos.

Avancei uns passos.

– Para! – gritou ele. – Vais pisá-los! – Tinha o rosto contorcido em agonia.

– Não os vou pisar – reforcei. – Não são lentes de contacto.

– Estou a falar a sério! Para!

– Está bem – acedi. Ele estava mesmo a falar a sério. E seriamente a passar-se. Assumi o meu tom professoral e falei num tom calmo:

– Eu ajudo-te. Vamos encontrar os teus óculos.

Ele abanou a cabeça. Não estava a prestar-me atenção.

– Já te disse. Perdi-os!

– Vamos encontrá-los – insisti, pondo-me de joelhos e começando a rastejar pela praia em direção a ele. – Estou a ir devagar. De gatas. Vamos encontrá-los.

A respiração do Jake equivalia à de alguém que acabara de correr a maratona.

– Respira fundo – disse-lhe. – Calma.

Ele assentiu e tentou acalmar-se.

Continuei a rastejar na direção dele.

– É a Helen, já agora.

– Eu sei.

– Mas não vês.

– Vejo. Está só desfocado. De qualquer forma, conheço a tua voz. E a tua maneira de andar.

- A minha maneira de andar?
- É bastante única.
- Estás ferido? – perguntei, aproximando-me ainda a rastejar.
- Não muito.
- Vou ajudar-te.
- Está bem.
- Continua a respirar fundo.

Ele fez algumas inspirações e, nesse meio tempo, eu alcancei-o. Assim que cheguei perto o suficiente, ele agarrou-me e puxou-me os últimos centímetros, como alguém que se agarra a uma boia quando está a afogar-se. Envolveu-me com força e encostou o rosto na curvatura entre o meu pescoço e o meu ombro. Sentia o ar contra mim, enquanto ele arfava, tal como quando se está aterrorizado. Não conseguia imaginar o que poderia estar a causar-lhe tanto medo, mas, naquele momento, isso não importava.

Deslizei as mãos para cima e para baixo nas costas dele, tentando acalmá-lo da melhor forma que podia.

- Está tudo bem – repeti várias vezes. – Eu vou ajudar-te.

Ficámos assim durante algum tempo, o céu a escurecer, a temperatura do ar noturno a cair. Enquanto o abraçava, a respiração do Jake abrandou e estabilizou.

Passado algum tempo, disse-lhe:

- Pensei que tinhas uma fita para segurar os óculos.
- Tinha. Mas usámo-la para segurar a bota do Homem das Cavernas quando se desfez durante uma caminhada.

- Não havia mais nada que pudesses usar?

- Não naquele momento.

Abanei a cabeça.

- Sempre o herói.

- Sou tão estúpido – disse ele então, junto ao meu pescoço.

- Não és estúpido – retorquii. – Apenas perdeste os óculos.

- Eu nem devia estar aqui – atirou ele.

Pensei em como falsificara o relatório médico.

- Bem – disse eu –, isso é capaz de ser verdade.

Ele recuou um pouco e olhou para as mãos.

- Lembras-te de como me inscrevi para esta viagem, mas depois

cancelei? E depois voltei a inscrever-me?

– Mais ou menos – disse. Nem por isso.

– Cancelei porque estava com problemas de visão. E depois de vários exames e um monte de testes, descobri que tenho uma doença hereditária na vista que não pode ser corrigida.

– Queres dizer como a cegueira noturna?

– Isso faz parte.

Esperei.

E então, ainda a olhar para baixo, ele confessou:

– Nos próximos anos, vou perder – inspirou profundamente, prendendo o ar, e depois deixou-o sair lentamente antes de concluir – a visão.

Tudo o que pude fazer foi ecoar:

– Perder a visão?

– Tenho algo chamado retinose pigmentar – disse.

– Isso não me soa bem.

Ele abanou a cabeça.

– Todos temos uns recetores nos olhos. Cones e bastonetes. Os bastonetes, que ficam nas bordas, estão incumbidos da visão periférica e de detetar o nível de luminosidade.

Fez uma pausa para garantir que eu estava a entender.

– Certo – disse eu.

– Os cones processam cores e pormenores.

– Certo.

– Esta doença faz com que os bastonetes e os cones comecem a morrer.

Abanei a cabeça como se isso fosse impossível.

– A morrer?

– Um a um, apagam-se.

– Porquê?

O Jake encolheu os ombros.

– Produzem o tipo errado de proteína. É tudo muito científico. Basicamente, vão deixando de funcionar. A maioria das pessoas que tem isto fica definitivamente cega aos quarenta.

– Mas tu não vais ficar! Cego? *Aos quarenta anos?*

– Não – concordou. – Para mim, será muito mais cedo.

– Mais cedo? – Eu parecia um papagaio em negação.

– Os meus recetores parecem estar a morrer muito depressa.

Sentia o coração a martelar no peito. Era a mesma sensação que temos numa emergência e precisamos de perceber o que fazer. Mas não havia nada a fazer.

– Começou com a cegueira noturna, mas era só um bocadinho. Há uns anos. Eram os bastonetes a falhar. No terceiro ano, consegui ignorar, mas no início do último ano da universidade, quando já não conseguia ler para estudar, fui ao médico.

– E passaste a usar óculos.

Ele acenou com a cabeça.

– Para proteger os cones.

– Então, o que podes fazer? Qual é o tratamento?

– Não há tratamento.

Não havia tratamento?

– Estamos no século XXI – disse eu. – Há tratamentos para tudo. Até para coisas que não precisam de ser tratadas.

Ele encolheu os ombros.

– Para isto, não existe.

– As pessoas não ficam cegas e pronto! – Tentei imaginar o Jake, de todas as pessoas, incapaz de ver. E aquele sorriso irónico que ele fazia sempre? Eu adorava-o. Como é que ele ia sorrir daquela maneira se não pudesse ver a pessoa a quem o dirigia?

– A vitamina A supostamente ajuda um bocado – disse ele. – Então, tomo suplementos. Algumas pesquisas indicam que o óleo de peixe pode não ser uma má ideia.

– Óleo de peixe e cenouras? É o melhor que conseguem fazer? Quem é o teu médico, o *Bugs Bunny*?

– Há uma terapia genética experimental – disse, então. – Um rapaz de nove anos fê-la e conseguiu ver o quadro na escola. Uma rapariga fê-la e viu pirilampos pela primeira vez.

– Então porque não estás a fazê-la? Agora mesmo?

– Não é uma cura. É experimental.

– Mas se esses miúdos a receberam, tu também devias receber.

– Não é como tomar um copo de limonada.

– Mas tem de haver...

– Não há!

Calei-me.

– Passei o último ano a usar o meu cérebro pré-formado em Medicina para analisar toda a informação disponível. Se não acreditares em mais nada do que eu disser, acredita nisto: tudo o que posso fazer é esperar que a luz se apague.

Pus a mão sobre a boca. Ele não estava mesmo a brincar. Este rapaz altamente competente e independente estava a perder a visão. Ele sabia-o, e que não havia nada que pudesse fazer quanto a isso, e carregara esse entendimento em todos os passos que tínhamos dado nesta viagem, aqui no meio do nada, com um bando de idiotas, a ouvir, com compaixão, enquanto eles – *enquanto eu* – se queixavam de bolhas a rebentar e de serem incompreendidos e, de um modo geral, tomavam cada uma das bênçãos de que dispunham como garantidas.

Os olhos dele estavam a perder a vida. O que iria enfrentar? Como seria o quotidiano do Jake quando toda a luz desaparecesse? Como escolheria as roupas de manhã? Como faria as compras? Ou como iria de casa para o trabalho? Ou encontraria um livro para ler? Não conseguia conceber um futuro menos adequado para a pessoa a quem estava destinado. Ele desistira da faculdade de medicina... porquê? Como iria manter aquele cérebro intimidante ocupado na escuridão?

Os meus pensamentos fervilhavam. Pensei em todas as coisas bonitas que estavam prestes a desaparecer: luzes cintilantes, fogueiras, o sol do fim da tarde, sombras, folhas a estremecer, nuvens de chuva, sorrisos. Pensei em todas as coisas que ele nunca veria. Nunca saberia como eram os filhos – ou os netos. Apenas lhes ouviria as vozes. A ideia foi suficiente para me retirar todo o ar dos pulmões. Senti-os a esvaziar.

– Estás a matar-me – disse eu, por fim.

E lá estava o sorriso irónico.

– Não digas isso.

– Foi por isso que falsificaste o teu relatório médico.

Ele abanou a cabeça.

– Uma estupidez.

– E é por isso que não vais para a faculdade de medicina.

– Sim.

– Porque é que não me contaste?

Ele abanou a cabeça.

– Não sei como falar sobre isto.

– O teu pai sabe?

– Sim.

– Por isso é que ele não queria que viesses para cá?

– Por isso é que ele não sabe que estou cá.

– Mentiste ao teu pai? Onde é que ele pensa que estás?

– Num retiro de meditação budista nas Berkshires.

– Ainda bem que conhecestes a Windy e ela te ensinou a meditar.

– Vai acabar por dar jeito.

– O que pensa ele?

– O meu pai? O que sempre pensou. Que se fingir que não se passa nada, então, nada se passará.

– Está em negação?

O Jake fingiu ponderar sobre o assunto.

– Sim. Se pesquisares «negação», encontras uma foto do meu pai.

– Achava que isso nem era real.

– A alcunha que ele me deu é «Doc». Quando olha para mim, só consegue ver a pessoa que sempre quis que eu fosse.

– Mas ele há de ajustar-se, não?

O Jake franziu o cenho, tentando encontrar uma forma de me fazer entender.

– O meu pai apenas quis ter um tipo de filho. O exemplar, esforçado, típico melhor aluno.

– Diz-me que isso não corresponde ao teu perfil.

Encolheu os ombros como quem pede desculpa.

– Mas agora é tudo diferente.

Abanei a cabeça, tentando absorver toda esta informação.

– É por isso que não consegues conduzir no escuro?

Ele assentiu.

– E também porque fiquei tão agitado no quarto do motel.

Baixei o olhar. Ele continuou.

– Não tenho sido verdadeiramente eu nos últimos tempos. –

Nesse momento, começou a chover um pouco, uma chuva fina. – Detesto não conseguir ver-te agora mesmo.

– Aposto que consegues – respondi. – Se tentares.

Ele ergueu o olhar e percebi que não tinha a certeza do que eu queria dizer.

Então, peguei-lhe numa das mãos – uma mão arranhada, calejada, suja de terra – e pressionei-a contra o meu rosto. Ele levantou a outra mão, para tocar no lado oposto, e depois moveu as mãos à volta, tocando-me na mandíbula, nas maçãs do rosto, nas sobrancelhas, no nariz. Fechou os olhos, perdido e concentrado. A sensação, a intimidade, deixou-me a respiração trémula.

– Aqui estás tu – disse ele, por fim.

– Aqui estou eu.

Estudei-lhe o rosto enquanto ele se concentrava no meu.

– A propósito, tens a melhor barba do grupo – elogiei.

– Tenho?

– A mais densa, pelo menos.

– Ah, sim. Os homens da minha família conseguem desenvolver barba em praticamente um dia.

– Isso é obra – respondi.

– Uma bênção e uma maldição.

– Imagino.

– Deixei crescer um bigode no meu último ano e dei forma às pontas.

– A barba do Beckett fá-lo parecer um rato – comentei.

– E o Vegas parece que esteve a comer uma maçã caramelizada.

– Mas tu – observei –, tu tens uma floresta densa e negra. Na luz certa, é quase brilhante. Ganhas sem dúvida o prémio da melhor barba. És como o tipo do papel de cozinha *Brawny*.

– Acho que ele não tem barba.

– Bem – disse eu. – Se tivesse.

Ele sorriu por um segundo, mas depois o sorriso desvaneceu-se. Baixando as mãos, disse:

– Não acredito que perdi a merda dos óculos.

Isso deu-me ímpeto. Estávamos a perder a luz.

– Eu vou encontrá-los. – Apontei para ele. – Fica aqui. – Depois

voltei a pôr-me de gatas para começar a rastejar outra vez e, quando o fiz, ambos ouvimos um estalido. Olhei para baixo. Estivera ajoelhada sobre os óculos este tempo todo. – Encontrei-os.

– A sério? – perguntou o Jake.

– Sim – disse eu, pegando nos dois pedaços.

– Partiram-se ao meio? – inquiriu ele, expectante.

– Por acaso, não – respondi. – Uma haste soltou-se. É assim que se chamam? Hastes?

– Mas as lentes estão bem?

Pus-lhe as lentes na mão, ele limpou-as com a camisa e colocou-as na cara.

– Oh, Deus, aí estás tu – disse ele, e apertou-me num abraço de corpo inteiro.

Eu abracei-o de volta.

Depois, sem aviso, ele afastou-se um pouco, passou a barba lustrosa pela minha bochecha e, sem pedir nem sequer pensar nisso, transformou o abraço num beijo.

O beijo que tínhamos dado no motel era como um beijo na bochecha comparado com isto. Foi um beijo intenso, ávido e voraz, e ele levou as mãos ao meu cabelo para me manter perto dele. Parecia um último beijo, de alguma forma. Como uma despedida. Um beijo que eclipsava tudo à sua volta. Há beijos que são consequências – e outros que são apenas verdade.

Não sei como é que ele conseguiu juntar tanta saudade e tanta determinação num momento roubado, mas ali, de joelhos, à chuva, sendo possivelmente as pessoas mais sujas que se beijaram desde os tempos das cavernas, ele conseguiu. Foi como se não existisse mais ninguém. Não me conseguia ter afastado nem que quisesse. E, por sinal, eu não queria. A boca dele estava quente e os seus braços apertavam-me com força. Agora era completamente diferente. Porque agora eu conhecia-o. Ele não era um estranho ou apenas um amigo do meu irmão. Ele era o Jake. O Jake, que tinha uma centena de alcunhas. O Jake, que tornava tudo mais engraçado. O Jake, que encontrava motivos para gostar de toda a gente.

O Jake, que andava enrolado com a Windy.

Ao lembrar-me disso, afastei-me.

– Isto não é boa ideia – disse-lhe.

Ele desviou o olhar.

– Peço desculpa.

Eu ainda estava sem fôlego.

– Não peças.

– Não devia ter feito aquilo.

Pois não. Não foi fixe. *Nada fixe*. Mas eu não estava chateada. Como poderia estar? Até os melhores de nós podem ter um rasgo de estupidez num momento de angústia. Por muito que não quisesse ser o tipo de rapariga que faria algo assim a um amigo, dei-me um desconto, porque não estivera mesmo à espera. Também dei um desconto ao Jake.

– Isto nunca aconteceu – sugeri-lhe. – Está bem?

– Está bem – concordou ele, acrescentando: – Fazemos muitas coisas que nunca aconteceram.

Pensei na Windy. Eles estavam juntos? Namoravam? Teríamos acabado de trair a pessoa mais simpática de sempre? Para o bem de todos nós, esperava que não. Mas podem ter a certeza de que não ia perguntar.

– Sabes que mais? Tiveste um dia difícil. Eu não conto se tu não contares.

O Jake esboçou um sorriso triste.

– Não vou contar.

– Está resolvido, então – declarei. – Fácil. Está apagado. – Apesar de, claro, não estar.

Ajudámo-nos um ao outro a levantar e depois recolhemos as garrafas de água.

– Desculpa ter-te partido os óculos – disse eu quando começámos a percorrer as rochas para chegar ao caminho.

– Ná – disse o Jake, metendo a haste partida no bolso. – Nada que um pouco de fita adesiva não possa resolver.

Naquela noite, depois de um péssimo jantar com vegetais reidratados, água fervida, farinha e sal, fomos para a cama sem dizer uma palavra e dormimos como se o mundo nem existisse. Por algumas horas. Até sermos despertados por veados no cio. Uns

veados muito barulhentos, mesmo ali perto, e muito excitados. Como percebemos mais tarde, no mesmo momento em que descobri que os veados não são propriamente como o Bambi, e são mais como os búfalos do mundo dos cervos. Alguns pesam mais de quatrocentos quilos. Claro, na altura, não sabia nada sobre veados. Só sabia que algo incompreensivelmente grande – e obscenamente próximo – estava a fazer barulhos enormes, insistentes e alienígenas na escuridão. E quando digo «próximo» refiro-me a cerca de um metro de distância. Acordámos instantaneamente com o primeiro som. Foi um guincho longo, agudo e arrepiante, que ecoou pelo vale e me perfurou o cérebro. Parecia uma *banshee*. No início. Depois, pareciam duas. Por fim, soavam talvez a cinco ou seis. A gritar como eu nunca tinha ouvido e a pisarem o chão muito perto da nossa lona. Nunca senti um medo tão paralisante na minha vida. Não me conseguiria ter mexido nem pestanejado, por nada. Se aquelas bestas me quisessem ter pisoteado, eu teria ficado demasiado assustada para fugir. Felizmente, parecia que os veados ficavam demasiado focados nos outros veados quando faziam sons assim. Os chamamentos duraram pelo menos vinte intermináveis minutos, após os quais os veados ou se uniram ou desistiram. Tudo voltou a ficar em silêncio.

– Que raio foi aquilo? – perguntei, quando o meu terror diminuiu o suficiente para me permitir falar.

– Veados – respondeu o Jake.

– A acasalar – acrescentou o Flash.

– Na verdade, não estavam a acasalar – explicou o Jake. – Estavam a bramar. Deve ser a época de cio.

– Acabaste mesmo de dizer isso? – perguntou a Dosie.

– Já fiz muito campismo – disse o Jake.

– O que é bramar? – perguntei.

– Chamamentos de acasalamento – explicou o Jake. – Que não são a mesma coisa que sons de acasalamento.

– Como sabes que estavam a bramar?

– Porque é assim que soa.

– Não pareceu nenhum chamamento de acasalamento que já ouvi – disse a Dosie.

– Talvez não o andes a fazer bem – disse o Flash.

Ficámos à escuta por mais um minuto.

– Acham que já acabaram?

– Podem continuar a noite toda – revelou o Jake.

Não havia mais nada a fazer naquele momento além de tentar voltar a dormir, manter os ouvidos abertos e esperar não ser calcados até à morte, ou forçados a acasalar. Enquanto esperávamos, a Dosie e o Flash voltaram a adormecer. Mas eu não. Ali deitada, tinha a certeza de que nunca mais dormiria.

– Estás acordada? – sussurrou o Jake algum tempo depois.

– Sim.

– Eu também.

– Intuí isso.

– Tens medo?

– Estou totalmente petrificada.

– Ajuda se eu te lembrar de que os veados são vegetarianos?

– Não, não ajuda.

O Jake ficou em silêncio por um momento. Olhámos para o teto da lona. Depois, ele disse:

– Acabamos a dormir juntos muitas vezes, tu e eu.

Virei-me para ele.

– De certa forma.

– É como se o universo continuasse a juntar-nos.

– É mais a atirar-nos um contra o outro.

O Jake ficou calado durante um segundo. Depois, continuou:

– Já agora, desculpa por hoje.

– O que queres dizer com «desculpa»?

– Sei que te estás a esforçar muito para ser feliz nestes dias. Não quero deixar-te triste.

Ele tinha-me mesmo deixado triste. Mas encolhi os ombros.

– Não acho que tentar ser feliz signifique que nunca se possa ficar triste – disse. – Não é?

O Jake concordou com um aceno de cabeça.

– É verdade.

– É a tristeza que dá sentido à felicidade.

– Isso parece-me bastante sensato.

– Não é? Acho que aprendi com a Windy.

– Não. Essa é toda tua.

– De qualquer forma – disse eu, mantendo a voz baixa –, foi um privilégio ajudar-te. E partir os teus óculos.

– Três vivas para a fita adesiva.

– Quero que saibas que lamento muito pelos teus olhos – disse eu.

– Sim – O tom dele baixou ainda mais. – Acho que, acima de tudo, só não quero ficar sozinho.

– Nunca estarias – argumentei. – Não vês como as pessoas te seguem?

– Mas eu não vou ser eu mesmo.

– Vais – garanti-lhe.

Queria dizer: «Talvez não seja assim tão mau. Talvez sejas mais do que tu próprio, de alguma forma. Se alguém pode encontrar algo de bom em tudo isto, és tu.» Mas eu não sabia como dizer nada disso sem soar paternalista. Ou ignorante. Ou excessivamente otimista. Em vez disso, algum tempo depois, disse:

– Então, falsificaste os teus formulários médicos?

– Sim.

– Porquê?

– Em parte porque sempre quis vir aqui e fazer isto, e não ia deixar que os meus olhos me impedissem. Em parte porque era fácil. E em parte porque tu te inscreveste.

– Eu?

– Sim.

– Vieste por minha causa?

– Não totalmente. Mas, sim.

– Porquê?

– Porque me pareceu, além de muito possível, bastante provável que morresses aqui.

– E pensaste que me podias salvar?

– Não, provavelmente não. Só não queria que morresses sozinha. Refleti sobre aquilo.

– O Duncan também pensou em vir – salientou o Jake. – Sabes, como meu ajudante.

– Mas?

– Mas ele está completamente fora de forma. Além disso, não ficaria ninguém a tomar conta da *Pickle*.

– O Duncan sempre soube?

– Sim. E ele tinha mesmo planos sinceros para ser a melhor ama de cães de sempre – disse o Jake.

– Mas depois, em vez disso, deu a melhor festa de sempre.

– A culpa é minha – disse o Jake. – Eu devia tê-lo ajudado a manter-se concentrado.

– A questão é – comecei – que isso não é obrigação tua. Ele devia ser capaz de lidar com as próprias merdas.

– Sim, mas ele teve uma semana difícil – disse o Jake, como se ambos soubéssemos o que isso significava.

Mas eu não sabia. Abanei a cabeça, confusa.

– Por causa da Florida – acrescentou o Jake, como se isso devesse refrescar-me a memória.

Voltei a abanar a cabeça. O Duncan fora à Florida? Fazer o quê?

O Jake franziu o sobrolho.

– A Florida – repetiu ele, mais devagar.

Abanei a cabeça de novo.

– Nunca conhecestes a Florida? A namorada do Duncan? Durante dois anos?

– O Duncan andou com uma rapariga chamada Florida?

– Como é que não sabes isto?

Encolhi os ombros.

– Ele estava loucamente apaixonado. Achava que ela era a tal.

– Ele achava que uma rapariga chamada Florida era a tal?

– Terias gostado dela – disse o Jake. – Era bolseira da Fulbright.

– Chamada *Florida*?

– Enfim... Ela deu-lhe com os pés. O Duncan convidou-a para viverem juntos, e ela recusou. Acabou tudo. Três dias antes da festa.

– Porque é que ela o deixou?

– Coisas normais do Duncan. Demasiado imaturo. Demasiado desarrumado. Demasiado esquecido. As raparigas detestam isso tudo.

– Sim – concordei, em defesa do meu género. – Porque é

muitíssimo irritante.

– Não vejo por que motivo não procuram as coisas boas – refutou o Jake. – Ele é leal. Tem bom coração. É engraçado pra caracas.

Continuei a lista do Jake.

– É imundo. Desorganizado. Cheira a meia de ginásio.

O Jake estudou-me o rosto durante um momento.

– Vais começar a vê-lo com um olhar mais bondoso. Sei que vais.

– Vou?

– Sim – disse o Jake, assentindo. – Assim que te ensinar a vê-lo como eu o vejo, não há volta a dar. – Aninhou-se no saco-cama. – Sobretudo quando eu já não conseguir ver nada. Terás de ver toda a bondade dele por nós os dois.

Foi um golpe baixo, mas talvez lhe fosse permitido. Deixei a ideia assentar durante um minuto. Depois ocorreu-me uma coisa.

– É por isso que vais embora depois disto? Para ires ver todos aqueles lugares?

– Sim. Tenho uma lista de coisas que ainda quero ver.

– Coisas exóticas – disse eu, pensando nos lugares que ele mencionara durante a viagem.

– Alguns exóticos, outros não. Gostava de voltar à minha casa de infância. E há um carrossel num parque onde a minha avó costumava levar-me. Tenho andado a pensar que talvez deva ir ao Texas e ver todas as fotografias antigas que o meu pai tem dos meus bisavós, tias e tios. E a lista também inclui coisas que quero fazer.

Virei-me de lado para o encarar.

– Gostava de fazer mergulho. Conduzir um carro de corrida. Gostava de andar na montanha-russa mais assustadora do mundo.

– Gostavas de fazer festas a uma baleia.

Ele assentiu, satisfeito por eu me ter lembrado.

– Isso foi sorte. Candidatei-me à vaga de assistente de investigação por capricho. Vi o anúncio num quadro de avisos no centro de estudantes e pensei: *Fixe*. Mas, desde que consegui o emprego, tenho pensado que pode ser...

– O destino.

– Bem, eu ia dizer «uma possível nova direção».

– Consigo perfeitamente imaginar-te como um investigador de baleias.

– Tenho pensado nisso. A professora para quem vou trabalhar usa um microfone subaquático e grava os sons delas. As baleias têm uma linguagem muito evoluída, que funciona como um sonar. Têm neurónios especiais chamados células fusiformes. Os humanos também os têm, e estão ligados à autoconsciência, à compaixão e à linguagem. Só que as baleias têm-nos há mais quinze milhões de anos do que nós. – Pausou para refletir. – Eu podia fazer carreira a tentar decifrar o que elas dizem.

– Não seria incrível se as baleias fossem mais inteligentes do que nós?

– Suspeito que sejam.

– E tu podes ser a pessoa que vai descobrir o quanto.

Ele semicerrou um bocadinho os olhos, como se estivesse a pensar nisso.

– Vou ter de ver como corre este estágio – disse. Depois sorriu. – Entretanto, tu vais estar a arrasar naquele *bar mitzvah*.

Oh, meu Deus! Tinha-me esquecido. Temia-o desde que me tinham convidado. Mas agora o regresso à realidade aproximava-se, sorrateiramente.

– Relembra-me porque concordaste em ir? – perguntou o Jake.

– Porque eles me pediram. E eu queria provar que já não estava zangada.

– Zangada com o quê?

– Pensei que soubesses essa história.

Ele abanou a cabeça.

– Só algumas partes.

– Bem – contei-lhe –, o meu namorado do liceu traiu-me com a minha melhor amiga. Depois acabou comigo no baile de finalistas, onde também me pediu que lhe devolvesse o ramalhete. Tive de apanhar boleia para casa com um tipo magricelas que tinha ido sozinho, e ele obrigou-me a ouvir *Bohemian Rhapsody* e tentou pôr-me a língua no ouvido.

– O teu ex pediu que lhe devolvesse o ramalhete!?

– Um ano depois, a minha agora ex-melhor amiga engravidou

sem querer e decidiram casar-se. Aos dezanove anos. Ela converteu-se ao judaísmo por ele. Toda a gente pensou que eles tinham arruinado as suas vidas, mas continuam juntos. Ele é contabilista e tiveram mais dois miúdos. Não sei bem se isso significa que são felizes, mas não creio que sejam mais infelizes do que qualquer outra pessoa. Pelo menos, segundo o perfil deles no Facebook.

O Jake fechara os olhos.

– Toda a gente parece feliz no Facebook.

– Foi com ele que perdi a virgindade, sabes. – O Jake abriu os olhos e fitou-me. – A mãe dele trabalhava num gabinete de planeamento familiar, imagine-se – continuei. – Ele arranjou uma caixa de preservativos, e enchemo-los com água, a fazer de conta que eram balões, só para entrar no ritmo, por assim dizer. – A lembrança dessa noite assomou-me à mente, ainda vívida após tantos anos. – Depois despimo-nos e deitámo-nos na cama dele, meio às apalpadelas. Não tínhamos ideia do que estávamos a fazer. Ele tinha um póster dos Beatles no teto, e lembro-me de me sentir como se nos estivessem a observar.

– Que póster? – perguntou o Jake.

– O do *Sgt. Pepper's* – respondi.

Jake sorriu.

– Desencadeando, é claro, em ti um fetiche vitalício por bandas filarmónicas.

Assenti, como se fosse óbvio.

– Bandas filarmónicas e bigodes de foca.

O Jake acariciou a barba.

Soube-me bem recordar aquela noite, face ao *bar mitzvah* iminente: não me tinha apercebido de que guardava tão ternamente essa memória. Tinha sido divertido. Éramos amigos. Suspeitava de que muito poucas mulheres podiam recordar a sua primeira vez com tanto carinho, e, naquele momento, decidi que ao menos seria sempre grata por aquela noite.

– A mãe dele trabalhava em planeamento familiar e ele, ainda assim, engravidou a tua amiga?

Olhei para o lado.

– Pois.

– Esse tipo era um idiota.
– Provavelmente foi apenas uma falha no controlo de natalidade.
– Não por a engravidar. Por te trair, antes de tudo. – Ouvir aquilo, por incrível que pareça, fez-me bem. Virei-me para encontrar o olhar do Jake.

– Obrigada.
– Quem quer que desconsidere esse tipo de sorte merece o que recebe.

Esfreguei os olhos.

– Ele conseguiu o que queria.

Mas o Jake abanou a cabeça.

– Não.

Franzi o cenho.

– Não?

O Jake encolheu os ombros.

– Porque és esse tipo de mulher.

– Que tipo?

– Do tipo que nunca se esquece.

Desviei o olhar. O Jake não.

– E agora ele convidou-te para o *bar mitzvah* do bastardo.

– Acho que o termo «bastardo» já caiu em desuso.

– Percebes o que quero dizer.

– Acho que tecnicamente o miúdo nem sequer era bastardo, por causa do casamento.

– E tu aceitaste ir.

Assenti.

– Mas depois, assim que o fiz, arrependi-me.

– Porquê?

– Porque agora *tenho* de ir.

O Jake lançou-me um olhar demorado e pensativo.

– Vais surpreender-te e divertir-te imenso – declarou. – Desafio-te a roubar a escultura de gelo.

– Tudo o que quero fazer – respondi – é voltar para casa da GiGi e ver programas de televisão medíocres e tomar uns três banhos por dia e comer gelado diretamente da caixa. Não quero usar saltos altos, nem cinta, nem um sutiã com armação.

O Jake bocejou.

– Nem mais.

Eu também bocejei. Tínhamos estado a falar há demasiado tempo. A minha adrenalina induzida pelo bramar dos veados dissipara-se sem eu dar por isso e, quando me apercebi de quão cansada estava, já passara da fase do cansaço e dormitara. Olhei para o lado, os olhos ainda meio abertos.

– Talvez tenha sido demasiada informação sobre a minha roupa interior.

– Isso não existe – disse ele, fechando os olhos.

Bocejei outra vez e afundei-me mais no saco-cama, e pensei em como não queria mesmo, mesmo nada ir àquele *bar mitzvah*.

– Vem comigo para Baja – sugeriu o Jake, como se estivesse a ler-me a mente. – É uma desculpa legítima.

– Adoro essa ideia – respondi, testando-a enquanto mergulhava no sono. *Lamento muito. Afinal, não posso ir. É a época de desova das baleias cinzentas.*

O segundo dia do nosso Solo foi tão fácil quanto o primeiro havia sido difícil. A embalar as coisas de manhã, era óbvio que tínhamos acampado na «Vila dos Veados». Havia marcas ovais de relva pisada em torno do nosso acampamento. Tínhamos passado a noite rodeados por bestas adormecidas do tamanho de discos voadores. Mas agora não havia sinal delas.

– Madrugadores – comentou o Flash, observando a cena.

A Dosie e o Jake proclamaram-me líder nesse dia, e o Flash não contestou.

– Leva-nos de volta para o rancho, Demora – disse o Flash, enquanto ajustávamos as mochilas.

E assim, conduzi-nos de volta. Foi fácil. Ajudou bastante ter o mapa na posição correta. Mas não disse isso a ninguém. Também ajudou o facto de eu ter uma habilidade mágica para ler mapas, totalmente inútil no mundo real. Conduzi-nos com total confiança. Mantivemo-nos no trilho e juntos, e a única dificuldade ocorreu no início da caminhada, quando não tivemos escolha a não ser atravessar aquela ponte precária – o que foi muito mais difícil para

o Jake, com os óculos remendados com fita adesiva, do que para os outros. A ponte rangeu e balançou, e o meu estômago afundou-se mais vezes do que consegui contar antes de chegarmos todos em segurança ao outro lado.

Fomos o primeiro grupo a regressar, e, ao contarmos a nossa história ao Beckett, ele abanou a cabeça.

– Não acredito. *Ninguém* estava a prestar atenção? – Depois acrescentou: – A não ser a Calamity Jane?

Não pude evitar. Ergui os meus dedos em armas e soprei o fumo dos canos.

Pelos vistos, cada grupo teve uma experiência de quase morte para relatar. No grupo da Cookie, tinham visto um urso, enfrentado uma infestação de mosquitos e torcido um tornozelo. O grupo da Windy fora arrastado durante a travessia de um rio, resultando em quase afogamentos, manobras de reanimação cardiopulmonar e hipotermia. Olhando à volta, parecia um milagre que ainda estivéssemos todos vivos – assumindo, claro, que o Hugh estivesse.

Ninguém o dissera em voz alta, mas, depois de termos passado pelos Solos, não havia mais nada para nos desviar a atenção: esta era a nossa última noite.

Era um sentimento agri-doce acentuado por opostos. Todos nós, incluindo eu, queríamos voltar para casa tanto quanto queríamos ficar. Naquela noite, falámos incessantemente sobre as coisas que mal podíamos esperar para recuperar (pizza, batatas fritas, TV, duches, papel higiénico *Charmin*) e as coisas que nunca queríamos voltar a fazer (comer comida reidratada, cavar um buraco para as necessidades, transportar um homem adulto cinco quilómetros pela floresta). Mas era uma estratégia excessivamente ruidosa e estridente: afastar a tristeza, insistindo que não nos importávamos.

A nossa última tarefa antes de irmos para a cama era votar nos vencedores dos Certificados. O Beckett levava-o muito a sério. Era um processo secreto e totalmente democrático, e todos tinham direito a um voto – exceto o Beckett, que tinha um extra.

– Todos têm direito a um voto e apenas um – reforçou ele. – A não ser que sejam eu. Aí têm direito a dois.

Esperava-se que considerássemos os nossos companheiros de

caminhada sem preconceitos e levássemos em conta a forma como tinham evoluído durante o nosso tempo ali.

– Vocês não são os mesmos idiotas que eram quando chegaram no primeiro dia – disse o Beckett. – Lembrem-se disso.

Os nossos critérios deviam ser: liderança, compaixão, compromisso e virtude. Apenas aqueles que haviam demonstrado consistência nestas qualidades poderiam esperar levar para casa os Certificados.

– Levem isto a sério, pessoal – alertou o Beckett. – Não se trata do mais forte ou mais rápido. Quem prestou atenção? Quem apreciou cada momento? Quem ajudou mais? Quem foi buscar água quando mais ninguém o fez?

– Podemos votar em nós mesmos? – perguntou o Flash. O Beckett ergueu ligeiramente uma sobrancelha.

– É justo dizer que, se és do tipo que votaria em si mesmo, esse será provavelmente o único voto que vais receber.

– E se não conseguirmos decidir? – perguntou a Dosie.

– Não é assim tão difícil – respondeu o Beckett. – Na verdade, não é difícil de todo. Eu sei a quem vou dar os meus dois votos. Há um vencedor óbvio.

Os jovens baixaram as cabeças para os seus boletins. Foi nesse momento que o Beckett ergueu os olhos para os meus. Depois apontou-me um dedo e puxou o gatilho.

10 Calamity Jane (1852-1903) foi uma famosa mulher aventureira do Velho Oeste, conhecida pelas suas habilidades como batedora profissional. Também atuou no espetáculo «Buffalo Bill's Wild West». (*N. do E.*)

Capítulo 14

Na última manhã, acordámos como em tantas outras, preparámos o café, arrumámos as coisas, desmontámos o acampamento – e depois despedimo-nos da natureza selvagem. O Beckett obrigou-nos a fazer um minuto de silêncio ao nascer do sol, em honra da Mãe Natureza. Depois, pediu-nos que déssemos as mãos enquanto proferia uma espécie de oração de despedida.

– Mãe Omnisciente – começou, com a cabeça baixa. – Peço desculpa pela praga que são os seres humanos. Lamento por sujarmos a tua terra e sufocarmos os peixes nos teus oceanos com sacos de plástico. Fomos presenteados com uma beleza incompreensível neste mundo, mas não a conseguimos ver. Andamos por aí irritados, cegos e ingratos. Gostava que fôssemos melhores, a nossa estúpida raça humana, mas não tenho muita esperança de que isso aconteça. O melhor que posso fazer hoje é agradecer por estes milagres. Vamos tentar ser mais gratos. E menos ridículos.

No primeiro dia ou mesmo na primeira semana, teria torcido o nariz e pensado: *Este tipo está mesmo a falar a sério?* Mas agora, ao aproximar-se o fim, comecei a aplaudir. Todos os outros seguiram-me o exemplo e começaram também a bater palmas e a gritar coisas como: «Força, Chefe! Mostra-lhes como é!»

– Tenham lá calma! – disse o Beckett, mas estava a sorrir.

E foi assim. Erguemos as mochilas pela última vez e prendemo-las no lugar. Reunimo-nos pela última vez nos nossos lugares habituais na fila. Estava tudo igual ao de sempre, exceto que cada minuto tinha um toque agri-doce porque era *a última vez*. Era a última oportunidade de o Flash mostrar o rabo ao Vegas. Era a última vez que o Beckett gritava: «Mexam-se, pessoal!» Era a última oportunidade de as Irmãs caminharem devagar no final da fila, a mexericar.

Os jovens passaram a manhã inteira a falar sobre o «próximo ano» e a fazer planos para voltar e repetir tudo, de uma maneira

que me entristecia. Porque sabia que não o fariam. Um ano é uma eternidade, e eles nunca mais voltariam. A vida mete-se de permeio. Talvez um ou dois voltassem uma ou duas vezes nos próximos anos, mas nunca seria o mesmo grupo, neste lugar, nestas circunstâncias. Este era um momento no tempo que já estava perdido.

Eu com certeza nunca iria voltar – mas não por falta de vontade. Apenas porque a vida é assim. Avança demasiado rápido – cada vez mais, à medida que envelhecemos, não importa o quanto desejemos abrandar.

O Jake demorou-se mais antes de pôr a mochila às costas. Após a oração, enquanto todos se abraçavam, choravam e trocavam números de telefone, o Jake ficou à parte na clareira, absorvendo a luz daquele nascer do sol. Mesmo quando começámos a caminhar, o Jake continuava a virar-se para lhe lançar um último olhar.

Depois estávamos entre as árvores, a seguir um trilho que ainda não tinha sido tocado pelo sol. Uma hora mais tarde, chegámos ao ponto final do trilho. O velho autocarro verde e branco da ESI estava à nossa espera, de porta aberta. Não havia mais nada a fazer além de entrar.

Na verdade, três semanas não é assim tanto tempo, se considerarmos o panorama geral. Mas os seres humanos nunca são muito bons a ver o panorama geral e, depois de três semanas sem nunca andar mais depressa do que a passo de caminhada, o andamento daquele autocarro, a sessenta quilómetros por hora, pareceu-me o mesmo que andar numa montanha-russa. Soltámos «uuuhhs» e «aaahhs» em cada colina e em cada curva. Alguns levantaram os braços. Foi emocionante, aterrador e horrível.

Tinha-me sentado atrás das Irmãs, que passariam toda a hora da viagem de regresso ao alojamento a falar sobre quem tinham nomeado para os Certificados e em quem achavam que toda a gente tinha votado.

A Windy sentou-se ao meu lado e, quando ouviu a Dosie dizer: «Acho que o Hugh devia receber um Certificado póstumo», revirou os olhos.

– Sabes que isso significa «morto», não sabes? – perguntou-lhe.

– Oh – disse a Dosie, nunca envergonhada por estar errada. – O

que é quando se recebe um prémio por algo que não se fez?

– Honorário – respondi.

– OK. – Ela assentiu. – Um desses para o Hugh.

Quanto aos outros dois Certificados, a Uno e a Dosie estavam indecisas. O Jake era o favorito, mas a Uno queria que o segundo fosse para o Homem das Cavernas, que a beijara durante a festa do solstício de verão.

– Primeiro – disse a Dosie –, ele estava a trair a namorada quando te deu aquele beijo. Segundo, beijar não é uma habilidade da natureza selvagem.

– Mas foi um beijo muito bom – defendeu a Uno.

– Não – declarou a Dosie. – Devia ir para uma rapariga. – Olhou à volta do autocarro para as candidatas e depois virou-se para a Windy e para mim. – Vou nomear a Demora – disse – por ter sido a que mais se esforçou. – Depois o seu olhar fixou-se na Windy. – E a QB por ser a mais bonita.

Não importava que a sua matemática estivesse errada e que os seus critérios fossem absurdos. Eu também queria que a Windy ganhasse um Certificado. E ela era, de facto, a mais bonita. Assim como a mais simpática. E a mais sábia.

– Quem são as vossas escolhas? – indagou a Uno, inclinando-se para nós sobre os cotovelos.

– Eu escolho o Jake – disse eu – por ser um paramédico espetacular, e por usar aquele chapéu pateta.

A Windy levantou a mão.

– Apoio.

– E escolho a Windy. Por trabalhar arduamente, por acreditar nas pessoas, por ser uma ótima ouvinte, por conseguir ser simultaneamente linda e muito, muito simpática, e por manter a elegância no trilho ao prender o cabelo naquele fantástico coque.

Com isso, a Windy inclinou-se e deu-me um grande abraço e um beijo na cara, dizendo:

– Obrigada, amiga.

A Dosie assentiu.

– E o Hugh, certo? A título póstumo?

Abanei a cabeça.

– Não sei se o Hugh devia receber um Certificado *honorário* – disse. – Ele sabia que não devia pisar aqueles troncos.

A Uno e a Dosie viraram-se uma para a outra, encantadas, como quem pressente um confronto. A Dosie fez dos dedos garras de gato e emitiu um miado maldoso.

– Eu gosto do Hugh – expliquei. – Espero que ele esteja bem, mas não acho que deva receber um Certificado de Comiseração.

– Então quem? – perguntou a Dosie.

Hesitei. Não podia nomear-me a mim mesma. Talvez o Flash e eu nos pudéssemos nomear um ao outro.

A Windy, porém, não hesitou:

– Tu – afirmou, espetando-me com um dedo da arma.

– Ela não se pode nomear a si própria!

– Mas eu posso – disse a Windy. – Ela salvou o Hugh! É uma ninja a ler mapas! Tirava sempre notas durante as lições do Beckett.

– Obrigada – disse eu à Windy.

– És uma aposta ganha, Demora – retorquiu a Windy.

De volta ao alojamento, tomei o banho mais longo da minha vida – mas só depois de tirar as roupas que usara durante semanas e de as deitar para o lixo.

O alojamento estava pronto. Suponho que estavam acostumados a ver autocarros cheios de pessoas sujas a chegar com frequência, porque havia muitos chuveiros e água quente à disposição. Senti-me um pouco culpada por estar a gastar água, mas depois decidi que os vinte banhos que não tinha tomado mereciam alguns minutos extra. Ou trinta.

Lavei o cabelo quatro vezes. E usei condicionador duas vezes. E desembaracei os nós. Esfreguei cada centímetro do meu corpo. Tudo isso enquanto estava debaixo do mais glorioso jato de água quente e vaporoso da história do universo.

Havia um banquete nessa noite, e as raparigas arranjaram-se. Era como se estivessem a tentar vingar-se de toda a falta de produtos a que tinham sido sujeitas. Cada quarto no corredor das raparigas estava cheio de atividades de beleza: raparigas com secadores, raparigas a usar ferros de encracolar, raparigas cheias de rímel,

raparigas a borrifar perfume cítrico. Tanta feminilidade aplicada! Era fascinante vê-las transformadas. Pareciam diferentes, com certeza, mas, no final, não tenho a certeza se estavam melhores. Em vez de rabos de cavalo e bálsamo para os lábios, de repente tinham cabelos volumosos e delineador. Parte de mim sentiu falta dos rostos a que estava habituada.

Confesso que também pus um pouco de rímel e um toque de *gloss* nos lábios, mas não queria exagerar. Prendi o cabelo atrás em dois totós descaídos e vesti um vestido leve e esvoaçante que trouxera. As raparigas mais novas estavam entusiasmadas com a maquilhagem e em parecerem diferentes, mas eu estava entusiasmada por vestir algo leve e esvoaçante e *sentir-me* diferente. A simples diferença entre as minhas botas pesadas e os chinelos que tinha calçado era um universo inteiro.

Deixei a Dosie pintar-me as unhas com pequenas flores pontilhadas e, enquanto ela o fazia, disse-me:

– Gosto do teu cabelo assim. – Depois inclinou a cabeça na minha direção e disse: – Sabes, és mais bonita do que eu pensava.

– Oh – respondi, sem ter a certeza de como reagir. – És mais simpática do que eu pensava.

Ela ergueu os olhos surpreendida, e eu franzi-lhe o nariz. Depois, ela sorriu e voltou à pintura.

Antes do jantar, a Windy apareceu de calças de ganga e um *top* de alças, com o cabelo preso no seu coque característico. Apontou para mim da porta e depois curvou o dedo.

– Preciso de ti – anunciou.

Segui-a pelo corredor até o quarto dela.

– Tenho uma coisa para te dar – revelou. Quando chegámos, apontou para a cama e lá estava uma pequena corrente de margaridas.

– É para o teu cabelo esta noite – disse ela. – Para quando ganhares o teu Certificado.

– Foste tu que fizeste? – perguntei.

Ela assentiu.

– O prado lá atrás está cheio de margaridas. – Ela colocou-a na minha cabeça e encaixou-a no lugar. – Se as secares da maneira

certa, irão durar para sempre.

– Como se secam?

– Na verdade, não me lembro.

– Vamos manter o contacto, certo? – perguntei então.

Ela assentiu.

– Posso ser a tua consultora pessoal da *Pickle*.

– Perfeito – respondi. – Na verdade, és a única pessoa desta viagem com quem espero manter o contacto.

– Tirando o Jake.

– O Jake?

– Já que é amigo do teu irmão.

– Ah! – disse eu. – Ele contou-te?

– Sim – disse ela. – A modos que sim. – Depois percebeu que poderia tê-lo metido em apuros. – Mas eu não partilhei com ninguém! Juro por Deus!

– Está tudo bem – garanti. – Era um segredo tolo, de qualquer forma.

O «banquete» resumiu-se a pizzas da Pizza Hut, trazidas da cidade vizinha, algo por que todos ansiavam, discutiam e fantasiavam desde o primeiro dia. Não era a refeição mais requintada, mas o antigo salão de baile do alojamento, com janelas que se debruçavam sobre o lago e luzes de lâmpadas espalhadas pelo teto, conferia-lhe um toque de sofisticação.

À medida que os rapazes chegavam, um por um, todos com as barbas devidamente aparadas (com exceção do Beckett, que optara por uma versão desalinhada à Yosemite Sam), pareciam quase mais transformados do que as raparigas. Tínhamos um grupo com uma apresentação bastante elegante naquela noite, tinha de admitir. Depois de nos livrarmos de três semanas de suor, sujidade, areia e lama, toda aquela luz do sol e ar fresco irradiavam através de nós. Estávamos bronzeados, cheirosos, limpos e saudáveis, embora com algumas bolhas e as mãos calejadas. Nunca me sentira tão feliz por estar limpa. O Beckett pusera músicas da Steve Miller Band a tocar no sistema de som, e o Vegas e o Homem das Cavernas tinham apimentado a limonada com um toque de vodca. Era uma festa e

tanto.

O Jake foi o último a chegar, não que eu estivesse a tomar nota, e entrou pela porta principal mesmo quando a Windy me puxava naquela direção para ir à procura dele. Ele estava a menos de dois metros quando isto aconteceu e, no momento em que levantou os olhos, juro que o olhar dele se fixou em *mim* primeiro, antes de saltar para a Windy. E jurei ter ouvido um: «Uau!»

Mas não podia ser. Devia ter sido só o som de alguém a arrastar uma cadeira ou o Beckett a brincar com o microfone. Eu não era do tipo que fazia alguém falar assim. Talvez inspirasse expressões como «Cuidado!» ou «Vais comer isso?». Ainda assim, a minha mente ficou a dar voltas àquele momento vezes sem conta durante toda a noite, incapaz de o largar, mesmo à medida que começava a duvidar cada vez mais. Até cheguei a pensar, com uma insegurança paranoica, que podia ter sido eu a falar. Mas pelo menos o meu coração parecia ter uma ideia do que se passara: o Jake vira-me naquele instante, algo o surpreendera, e talvez até o impressionara. Não importava o quão complexada eu pudesse ser, era algo demasiado real para negar.

É claro que, naquele exato momento, eu sentira o mesmo. O Jake aparecera na festa, com um ar irresistível na sua camisa vermelha estilo *guayabera* mexicana, calças caqui gastas e chinelos. Senti o impacto da visão dele como um arrepio visceral no meu corpo. Estava bronzeado, barbeado e cortara o cabelo. Até arranjava alguém para lhe consertar os óculos – agora parecia-se tal e qual o rapaz com quem eu tinha vindo, mas melhor. E lá estava ele, a usar os óculos recém-consertados para focar toda a atenção na Windy.

Era demasiado. A minha única opção era ir-me embora. Nem sequer pedi licença. Virei-me e desapareci. Nem sei se eles repararam.

Lá fora, no terraço com vista para o lago, respirei fundo. *E então?* Estava orgulhosa de mim mesma, raios. Fizera exatamente o que esperava fazer nesta viagem. Tinha triunfado. Tinha regressado. Tinha-me inscrito para um desafio dos diabos e, por uma vez, tinha sido eu a dar-lhe uma tarefa em vez do contrário.

Além disso, vivera uma mudança de paradigma incrível.

Conseguira encontrar coisas boas em cada pessoa que conhecesse, mesmo tendo começado por pensar que os ia detestar a todos. E fizera pelo menos um amigo verdadeiro – alguém que me ensinara a procurar o que queria num lugar inesperado. Depois de um ano a não falar praticamente com mais ninguém além da *Pickle*, e a sentir um desejo constante e insatisfeito por alguma forma de felicidade, quase como se fosse um prêmio a conquistar, finalmente percebera que o truque é mesmo não conseguirmos o que queremos. Porque não conseguirmos o que queremos obriga-nos a valorizar o que já temos.

Acabara por compreender que, se estivermos sempre a desejar alguma coisa, nunca conseguiremos ficar verdadeiramente satisfeitos, e essa percepção atingiu-me como uma autêntica onda de desejo pelo Jake, que se abateu sobre mim e girou à minha volta – talvez tivesse de chegar a esse ponto antes de eu poder realmente entender. Mas, sozinha, à beira do lago, tudo o que podia fazer era inclinar-me, encostar a cabeça na grade e esperar que a sensação passasse.

Decidi que aquilo era bom para mim. Talvez o meu coração precisasse de um pequeno abanão, afinal, apenas para começar a bombear outra vez. Forcei-me a recuperar. *A vida vai derrubar-te vezes sem conta*, lembrei a mim mesma, *e o melhor que podes fazer é aprenderes a levantar-te novamente*. Ia voltar para casa no dia seguinte de manhã com um Certificado – uma prova irrefutável de que não fora derrotada. Isso era importante. Realmente importante.

Atrás de mim, reparei que a Steve Miller Band ficou em silêncio. Depois, um som de batidas nos altifalantes, enquanto o Beckett perguntava: «Isto está ligado?», demasiado alto e demasiado perto, seguido de um chiado do sistema de som.

Achei que era a minha deixa para voltar lá para dentro. Entrei e escolhi um lugar junto à lareira de pedra. O Jake e a Windy estavam juntos, mas mantive os olhos no palco.

O Beckett levantou o microfone novamente, desta vez com mais cuidado, e disse:

– Viva para mais uma viagem bem-sucedida da ESI! Sem afogamentos! Sem decapitações! Muito bem!

A sala aplaudiu.

– Espero que estejam a gostar da piza.

A sala aplaudiu novamente.

– Vamos agora entregar os Certificados, enquanto ainda estão sóbrios.

Outro aplauso.

– Depois disso, a noite é vossa para aproveitarem como quiserem!

Mais palmas.

– Uma notícia rápida: ficarão felizes em saber que o Hugh ainda está vivo.

A sala ficou em polvorosa.

– Foi uma anca fraturada e deslocada, portanto, bastante desconfortável, mas parece que ele vai recuperar totalmente. A Martha na receção tem o endereço dele, caso queiram manter contacto.

– *Huey Lewis!* – gritou o Homem das Cavernas.

Mais aplausos.

– Agora – continuou o Beckett –, para o momento alto do nosso tempo aqui. Tambores, por favor – e o Vegas e o Cão de Caça obedeceram ao pedido. – Como sabem, a ESI atribui Certificados de Mérito aos três melhores alunos de cada curso. Não estamos à procura dos maiores ou dos mais fortes, mas sim daqueles que dão sempre o seu melhor: os que prestam atenção; os que tornaram a nossa viagem uma experiência mais positiva apenas pela sua presença. Todos votaram nos seus favoritos através de voto secreto, e as três pessoas que vamos homenagear esta noite irão alcançar grandes feitos. Os antigos laureados com os Certificados da ESI lideram empresas e expedições e, em geral, fazem a diferença no mundo. Estes são os verdadeiros mestres da natureza selvagem, pessoal!

Nova salva de palmas.

– A Martha da receção fez a contagem dos votos e está pronta para anunciar os resultados. E agora, com prazer, apresento-vos: Martha!

Uma mulher na casa dos sessenta, com uma postura rija e direta,

juntou-se ao Beckett no microfone.

– Estou aqui para anunciar os agraciados com o Certificado do Curso nas Absarokas deste mês de junho. – Desdobrou um pedaço de papel e colocou os óculos de leitura.

Semicerrou os olhos.

– O primeiro agraciado é... – O Beckett fez um rufar de tambores na mesa de piza. Senti uma picada de nervosismo. – Jacob Samuel Archer.

A sala explodiu em aplausos. A Windy agarrou no Jake e deu-lhe um abraço apertado. Os rapazes gritaram «J-Dog!» e «Jaegermeister!» e, sabe Deus porquê, «Juice!».

O Jake aproximou-se e fez uma vénia.

A Martha entregou-lhe um Certificado, mas também tinha uma medalha num laço vermelho para ele, como se estivéssemos numa competição olímpica. Ele inclinou a cabeça enquanto ela lha colocava ao redor do pescoço.

A Martha recuou até ao microfone.

– O segundo agraciado é... – Outro rufar de tambores. – Windy Anne Sky!

Eu aplaudi com todos, mas também pensei: *Windy Sky? Então, a irmã dela era Stormy Sky? Oh, Califórnia.*

A Windy aproximou-se do microfone e quase derrubou a Martha com um abraço apertado. Recebeu o Certificado e a medalha, virou-se, abraçou o Jake e deu-lhe um beijo nos lábios.

Desviei o olhar.

– E o nosso terceiro e último agraciado – prosseguiu a Martha –, e um favorito do público...

Último rufar de tambores.

A Windy apontou as «armas» para mim no palco.

– Pum! Pum!

– Hugh Edmund Davenport!

A multidão enlouqueceu.

Levantei as sobranceiras, esbocei um sorriso de faces contraídas e dei uns saltinhos, gritando: «Boa, Hugh!», tal como toda a gente.

– Agora – disse a Martha, quando os aplausos abrandaram –, por razões óbvias, teremos de enviar o Certificado do Sr. Davenport pelo

correio. Parabéns a todos. Excelente trabalho!

Mas a sua voz foi silenciada. Os aplausos, os empurrões e a festa também se tornaram abafados. O que tinha acabado de acontecer? Tinham mesmo atribuído o Certificado ao Hugh? O Jake era uma escolha certa: nenhuma surpresa aí. E a Windy era irresistível. E talvez a pessoa rabugenta, julgadora e distante que eu fora no início desta coisa não conseguisse vencer o Hugh, mas isso era o antigo eu. O novo eu tinha-se conectado a estes miúdos, não tinha? Eu já não era a Helen – nem sequer a Ellen. Eu era a Demora! Eu tinha pistolas nos dedos! Sabia ler mapas como uma ninja! Finalmente conquistara o respeito do Beckett e tornara-me na escolha pessoal dele, acima de todos. Não era?

Mas nada disso me levou ao palco. Olhei em volta. Era assim que funcionava, e nada havia a fazer: eu aqui em baixo na multidão, a ser empurrada entre o Vegas e o Homem das Cavernas enquanto eles se atiravam uns contra os outros em celebração. E o Jake e a Windy – olímpicos em beleza e simpatia – lá em cima, no palco, com as suas medalhas e Certificados, a pairar na adoração.

A Windy olhou para mim do palco, visivelmente desconcertada. Ergueu os braços, como quem pergunta: *Que raio aconteceu aqui?*

Senti um aperto no peito, mas respondi com um encolher de ombros, como quem diz: *Não importa! Estou bem!* Pelos vistos, o Hugh tinha ganhado o voto da simpatia. Sem dúvida que ele passara por um mau bocado. Depois, fiz um gesto desinteressado com as mãos, como se a incentivasse: *Vai! Sê feliz!*

Ela abanou a cabeça, como se argumentasse: *Não posso ser feliz se te prejudicaram.*

Então, dirigi-lhe um encolher de ombros de «é a vida» e acenei-lhe com a mão, como quem anuncia: *Vou-me embora. Aproveita a tua noite.*

E ela acenou de volta, como quem diz: *Compreendo perfeitamente.*

Enquanto os matulões começavam a entoar: «Discurso! Discurso! Discurso!», escapei despercebida em direção à porta lateral. Funcionou bastante bem, exceto que parei um segundo a mais ao lado das Irmãs enquanto estas admiravam o Jake e a Windy no palco.

– Oh, meu Deus! – exclamou a Dosie. – Não são os mais queridos?

A Uno concordou plenamente.

– São como os Kennedys do mundo mochileiro.

Logo a seguir, esbarrei contra o Beckett ao afastar-me e, quando me virei para lhe pedir desculpas, ouvi-o dizer:

– Devias ter sido tu, miúda. Tiveste os meus dois votos, sem dúvida. Escolheram a Windy só porque é mais bonita.

Inspirei fundo, lancei um último olhar àquela parte da minha vida e decidi: *Está na hora de ir para casa, raios.*

Consegui atravessar o átrio até ao fundo da escadaria sem voltar a ser intercetada, e pensei que estava livre até ouvir a voz do Jake atrás de mim.

– Helen! Espera!

Respirei fundo, sustive a respiração e virei-me.

Ele vinha a correr na minha direção com aquela sua forma fantástica, a medalha a saltitar-lhe contra o peito.

– Bela camisa – observei.

– Não acredito que não te deram o Certificado – disse ele.

Eu ainda estava a suster a respiração.

– Não tem importância.

– Foste roubada!

– Estou feliz por vocês – disse eu. – Agora são os Rambos da natureza selvagem. Até o Hugh.

Ele lançou-me um olhar sério.

– Ele sabia que não devia pisar aquele tronco.

Dirigi ao Jake um sorriso e um pequeno encolher de ombros, como quem diz: *Lá nisso tens razão.*

O Jake olhou à volta.

– Estás... de saída?

– Sim – confirmei, esforçando-me tanto por parecer casual que acabei por soar estrangulada. – Pensei em ir dormir.

– Claro. – Ele assentiu. – A viagem amanhã vai ser longa.

Concordei com a cabeça.

– Muito longa. E não vou parar.

- O quê, entre aqui e a casa da GiGi?
- Acho que são quinze horas, se acelerar.
- Mas tu não andas depressa.
- Às vezes ando.
- E se adormeceres ao volante?
- Inventaram uma coisa fantástica chamada café. Eu fico bem.
- Mas porquê a pressa?
- Estou pronta para ir para casa. – E, enquanto o dizia, apercebi-me de como era verdade.
- A propósito – disse ele. – Sei que não queres que eu peça boleia até Denver.

Fiquei perfeitamente imóvel. Ele estava certo. Não queria que ele pedisse boleia para lado nenhum. Não havia filmes suficientes sobre os perigos de pedir boleia a desconhecidos? Tínhamos mesmo de voltar a falar nisso? Bem, talvez não fosse preciso. Talvez ele me fosse pedir boleia. E assim que isso me ocorreu, soube que adoraria fazê-lo. Só a ideia bastava para aliviar a dor no meu coração. Podíamos comer chocolate, ouvir música e psicanalisar todos os tipos malucos da viagem. Ia adorar ouvir a opinião dele sobre o Beckett. Além disso, tinha alguns podres sobre as Irmãs que sabia que o fariam rir. Então, do fundo da minha memória, sobreveio uma conversa a meio da noite em que, meio a dormir, o Jake me convidara a ir com ele para Baja. Fora uma brincadeira, claro. Provavelmente. Mas atçou o meu fogo. A hipótese de viajarmos juntos sozinhos era tão apelativa que, ainda antes de ele me fazer qualquer pergunta, eu disse logo:

– Sim.

O Jake franziu o sobrolho.

– «Sim» o quê?

– Sim, eu levo-te a Denver para poderes apanhar o teu voo para a lagoa das baleias. Ou para onde quer que seja.

Ele olhou para mim boquiaberto.

– Levas?

– Sim.

Ele abanou um pouco a cabeça.

– Mas não é para lá que vais. Vais perder o *bar mitzvah*.

Encolhi os ombros.

– Posso faltar.

– Mas depois vão pensar que te acobardaste.

– Não me interessa mesmo nada.

De repente, a conversa pareceu-me demasiado nua. Pareceu-me provável que a próxima pergunta dele fosse: «Porquê?» E depois, o que iria eu dizer? Invasa por uma onda de medo, tentei disfarçar:

– Se pedires boleia na rua, vais ser assassinado e cortado em pedacinhos. Se fores assassinado, a vida do Duncan ficará arruinada, e, se a vida dele ficar arruinada, ele vai certificar-se de que a minha também fica.

O Jake pestanejou.

– É o efeito dominó. – Encolhi os ombros.

– Mas era isso que eu te vinha dizer – retorquiu o Jake. – Não tenho de pedir boleia. Já arranjei.

Levantei as sobrancelhas como uma pessoa feliz faria.

– Oh! Ótimo!

– Acontece que os pais da Windy têm outra casa de férias em Crested Butte. Ela vai alugar um carro em Riverton e partimos amanhã.

É possível que tenha começado por me concentrar na informação errada ao perguntar:

– Os pais da Windy têm duas casas de férias?

O Jake encolheu os ombros.

Depois, voltei ao cerne da questão.

– A Windy vai dar-te boleia para Denver?

O Jake assentiu, tentando ler-me o rosto. Senti-me forçada a sorrir sob o escrutínio.

– Fantástico – disse. – Então estou safa.

Confesso que mantivera a esperança de que tudo não passasse de um estranho mal-entendido. Que, apesar do que toda a gente dissera vezes sem conta, a Windy e o Jake podiam não estar destinados um ao outro. Que, de alguma forma, apesar de todas as impossibilidades, esta noite, esta viagem – a minha vida – poderia reescrever-se diante dos meus olhos.

Até àquelas palavras.

O Jake ia para as Montanhas Rochosas. Com a Windy. E eu ia a um *bar mitzvah*. Sozinha.

Limitei-me a anuir. Foi tudo o que consegui fazer. Ele enfiou as mãos nos bolsos.

– Bem – comecei, sentindo que o oxigénio me fugia –, procura-me quando voltares. Adoraria ouvir sobre essas baleias.

– Claro – assegurou.

Já estava na altura de ele voltar à festa, mas não se foi embora.

– Aposto que vai ser um alívio teres o teu carro só para ti, não vai?

Forcei outro sorriso.

– Sim. Posso finalmente ouvir os meus álbuns dos ABBA.

Ele acenou na direção da festa.

– O Beckett vai fazer de DJ. Acho que ele tem lá ABBA.

Seria um convite? Limitei-me a abanar a cabeça.

– Bem – disse ele então, olhando para baixo. – Obrigado pela boleia, de qualquer maneira. Diverti-me imenso.

– Eu também.

– E fico contente por não teres sido morta na natureza selvagem.

Assenti.

– Igualmente.

– E desculpa por todos os beijos.

– Não precisas de pedir desculpa. – Comecei a sentir-me tonta. Disse a mim mesma para respirar. Ele estava prestes a ir para as Montanhas Rochosas, e eu não sabia quando o voltaria a ver. A minha vida, de repente, parecia um tema de John Denver: sentia que devia haver algo que eu pudesse dizer para mudar o curso das coisas, mas não fazia ideia do quê.

Decidi então olhar uma última vez para o Jake – absorver a imagem dele barbeado e bronzeado, naquela camisa de algodão impecável. Uma fotografia mental. Uma recordação.

Ele olhou para cima, os nossos olhares encontraram-se – e voltei a senti-lo: aquele pulsar, aquele tremor elétrico no meu peito. Por um segundo, questionei-me se o Jake também o sentia. Parecia que estava a prender a respiração tanto quanto eu.

Aproximou-se de mim.

– Helen...

Mas foi nessa altura que as portas da sala do banquete se abriram com um estrondo, e o Mason e os seus lacaios saíram a correr – embriagados com limonada e com a emoção do regresso à civilização. Vieram direitos ao Jake e, assim que ele virou a cabeça, puseram-no aos ombros.

– Uh-uuu! – gritavam os lacaios.

– Onde vais, Rei do Baile? – perguntou o Mason. – Ainda temos assuntos pendentes!

Pelas portas abertas, vi que tinham sentado a Windy numa cadeira no topo da mesa do banquete – e que uma cadeira vazia esperava pelo Jake.

Com isso, carregaram-no, os lacaios a gritar: «Rei do Baile! Rei do Baile!» O Jake virou-se para trás como se fosse tentar dizer-me qualquer coisa aos gritos, mas depois as portas fecharam-se e eles desapareceram.

Permaneci imóvel durante vários minutos. Olhando em redor, esperei, contra toda a esperança, que o Jake voltasse a sair. Mas tal não aconteceu. Quando se tornou demasiado patético ficar ali, virei-me e subi os degraus – tentando a todo o custo pensar em Três Coisas Boas para o dia, mas sem conseguir arranjar uma que fosse.

Capítulo 15

Parti nessa noite e regressei a casa da avó GiGi no dia seguinte. Não, não conduzi as quinze horas sem parar – e sim, fiquei no mesmo motel onde o Jake e eu tínhamos ficado na viagem de ida, e, por coincidência, exatamente no mesmo quarto. E sim, senti-me tão sozinha com o contraste dessas memórias que mal consegui dormir.

À noite, deitei-me na cama em que o Jake dormira, na escuridão do quarto, perguntando-me se a escuridão dele seria assim, quando finalmente chegasse. Com as pesadas cortinas do motel fechadas e todas as luzes apagadas, a obscuridade era tão espessa como algodão. Abri os olhos o mais que pude, esforçando-me por encontrar uma réstia de luz, mas nada mudou. De certa forma, senti-me mais próxima do Jake por estar ali deitada e imaginar que estava a ver através dos seus olhos futuros. Era um desafio estúpido, mas eu não conseguia parar, e depois de demasiado tempo – uma hora? duas? – à espera do sono, a vontade de falar com ele acabou por ser tão forte que remexi a minha mala até encontrar o telemóvel. Procurei o número dele e carreguei em LIGAR.

Estava a pensar em confessar-lhe tudo. Que interessava se era embaraçoso? Que importância tinha ele ter encontrado alguém? Não podia continuar a esconder-me.

Mas depois carreguei em DESLIGAR antes do primeiro toque. Falar com ele seria demasiado humilhante. Não se tratava de um miúdo que nunca mais veria. Era o melhor amigo do Duncan. Íamos continuar a encontrar-nos – no Dia de Ação de Graças, no Natal, no Ano Novo e no aniversário do Duncan – possivelmente para o resto da vida. Os erros que cometera com o Jake iriam perdurar para sempre. E eu já cometera muitos.

Convenci-me a esperar pela luz do dia. Se ainda quisesse telefonar-lhe de manhã, fá-lo-ia então. Nunca ligue a alguém por quem tenhas uma paixoneta depois das dez da noite. É uma regra basilar das *Paixões para Principiantes*.

Por isso, não lhe liguei. Fiquei deitada na escuridão e pensei em

como o Jake era corajoso e em como era bom a tirar o melhor partido das coisas. Por fim, acabei por ceder e permiti-me sentir a falta dele, a sensação das suas mãos, o calor e a pressão do seu corpo, e a forma como algo no seu olhar me fazia sentir profundamente, comovidamente, *não sozinha*.

Até que, por fim, a sós na cama que fora dele, adormeci.

Quando cheguei a casa da GiGi na noite seguinte, mesmo a tempo do jantar, estava completamente desorientada, com uma *overdose* de cafeína e rouca de tanto cantar Aretha Franklin. Ao tentar largar a mala na mesa da cozinha, acabei por tocar só na borda, e todo o conteúdo – batom, carteira, o meu telemóvel ranhoso – espalhou-se pelo chão.

A GiGi estava na cozinha, a preparar a refeição. Virou-se ao ouvir o estrondo e sorriu ao ver-me.

– Já voltaste?

– Sim – respondi, agachando-me atrás da mesa para apanhar o que deixara cair.

Adivinhem o que mais estava naquele saco? O poema do Jake que tinha guardado no sutiã. Talvez devesse tê-lo queimado com o resto das minhas roupas. Prometera que não o leria, mas agora que tudo tinha finalmente acabado, essa pequena promessa já não parecia fazer muito sentido. Então, sem pedir permissão e sem hesitar, ali, no chão da cozinha da GiGi, desdobrei o papel e li-o.

Não sabia bem o que esperar, mas era exatamente o que o Jake tinha dito que era. Um poema de Pablo Neruda. Na verdade, apenas um excerto. Mas foi o suficiente para me fazer tapar a boca com a mão enquanto lia.

*Só não te esqueças, se eu acordar a chorar,
é porque no meu sonho sou uma criança perdida,
caçando entre as folhas da noite as tuas mãos*¹¹

A GiGi veio procurar-me atrás da mesa.

– Estás bem? – perguntou quando me encontrou.

– Nem por isso – confessei, dobrando o poema e deslizando-o de

volta para o sutiã, onde pertencia.

Levantei-me e fui ter com ela para um abraço.

Ela afastou-se para me ver melhor.

– Querida, estás deslumbrante.

– Dificilmente.

– *Estás*. Aquele ar da montanha fez-te maravilhas. Estás radiante.

– Não me sinto radiante.

Mas ela não desistiu. Tinha uma maneira de constatar a realidade que era tão exaustiva quanto inspiradora.

– Aconteceu-te alguma coisa. Estás diferente.

– Aconteceram-me muitas coisas – disse. – Quase fui morta umas dez vezes.

– Refiro-me a alguma coisa boa.

Assenti.

– Coisas boas e más, na mesma medida.

– Conta-me as boas – pediu, virando-se para tirar o salmão do forno.

Eu já era boa a relatar coisas boas. Era fácil.

– Vi beleza que nunca imaginei. Enfrentei desafios impossíveis e sobrevivi. Deixei-me surpreender pelas pessoas. Escapei a uma tempestade de neve. Fiz uma amizade verdadeira. Revi a estrutura da minha vida.

Ela acenou em aprovação.

– Muitas coisas boas.

– E outra coisa – disse. – Vi o Nathan.

Ela preparava-se para mexer a salada, mas parou, virou-se e olhou para mim.

– Ou... quase – disse. – Recordei-o, pelo menos. Mais claramente do que nos últimos anos.

– Bem – disse a GiGi, com uma expressão mista de felicidade e tristeza –, isso é qualquer coisa.

Confidenciei-lhe tudo. Não tentara desviar a conversa do Jake ao falar-lhe sobre a experiência no Prado Pintado, mas, durante o jantar, ao responder às suas perguntas sobre a viagem, ocorreu-me que poderia funcionar. Rever o Nathan poderia, potencialmente, ser a diferença que ela pressentira na minha energia. Pelo menos,

parecia plausível. Finalmente descobrira uma maneira de colmatar o vazio que ele deixara na minha vida. Um momento de cura como esse poderia certamente alterar uma rapariga.

A GiGi serviu mais vinho e comentou, num tom que indicava o fim da nossa conversa:

– Achava que esta ideia de acampar era de facto a pior que já tinhas tido. Mas parece que realmente lhe deste um bom uso.

– Tentei. – Assenti, pensando que tínhamos encerrado o assunto.

Não queria que ela me lesse o coração como se fosse um mapa. Nem eu mesma queria desvendá-lo. Estava prestes a mudar de tema quando a GiGi se antecipou.

– E então? Conta-me sobre o Jake.

Mantive uma expressão neutra ao erguer o copo de vinho.

– O Jake está bem – afirmei.

Ela inclinou a cabeça.

– Irritou-te até à exaustão durante a viagem?

– Não. – Encolhi os ombros. – Foi bastante útil.

– Andou atrás de ti como um cachorrinho?

Não tinha percebido que ela tinha uma perceção tão clara da nossa dinâmica.

– Pedi-lhe que mantivesse a distância – expliquei.

– E ele conseguiu?

Anuí.

– Bastante bem até.

– Que bom para ele – comentou a GiGi. – Talvez tenha ultrapassado a paixoneta.

Alguma coisa nas suas palavras me fez baixar o olhar. Brinquei com a salada no prato.

A GiGi parou de mastigar. E, nesse momento, ela soube. Colocou o garfo no prato e fitou-me até eu a encarar.

– E? – perguntou.

– E o quê?

– Apaixonaste-te por ele?

Tossi ligeiramente.

– Era suposto?

Ela encolheu os ombros.

– Porque não?

– O Jake é um miúdo.

Ela olhou-me por cima dos óculos.

– Está longe disso.

Ela tinha razão.

– Tem dez anos a menos do que eu.

– Eu tinha dez anos a menos do que o teu avô – lembrou ela – e vivemos momentos incríveis.

– Isso é diferente – argumentei. – Ele era homem.

Ela arqueou uma sobrancelha, só uma.

– Não sejas tão puritana. Sabes que isso não interessa.

Sim, sabia. Sempre soubera. Baixei a cabeça, apertei os olhos cansados e esfreguei-os.

A GiGi fitou-me.

– Vamos falar de coisas reais ou continuamos com desculpas? Eu podia estar a ver *Sarilhos com Elas*¹².

– Está bem – acedi. – Apaixonei-me por ele. Apaixonei-me estupidamente por ele.

– Agora, sim, estamos a chegar lá – afirmou a GiGi, recostando-se na cadeira.

Seria um bom momento para parar, mas optei pelo oposto. Após semanas a conter-me, finalmente, desabafei.

– Apaixonei-me pelo cabelo dele, pela barba, pela forma como os olhos dele se franzem quando sorri, pelas camisas havaianas ridículas, pela atitude positiva, pela maneira como põe pensos. Apaixonei-me pela forma como leu montanhas de livros, pela atenção que nos dá quando falamos, por se lembrar do que dizemos. Pelo conhecimento incansável sobre o oceano e as criaturas que nele habitam. Apaixonei-me pelos antebraços, pelos músculos das pernas, pelos dois dentes da frente ligeiramente mais compridos. E as covinhas. A forma como canta. Como me observa, prestando atenção de uma maneira que os homens nunca, nunca fazem, e parece captar algo essencial sobre mim que eu nem sequer percebo.

– Quando parei, estava sem fôlego. – Era isto que querias ouvir?

A GiGi deu-me um sorriso satisfeito.

– Maravilhoso.

Suspirei profundamente.

– Não é nada.

– Como raios é que ele conseguiu, afinal?

– Ele... beijou-me.

– Beijou-te?

– Sim. Fizemos uma aposta. E eu perdi. E ele beijou-me.

– Aposto que beija muito bem.

– Pois beija.

A GiGi ficou a observar-me enquanto eu refletia sobre isso.

– Enfim – disse eu. – Depois fomos interrompidos. Pelo Mike.

– Quem? – perguntou a GiGi.

– O Mike, o meu ex-marido.

Ela fez uma careta como se o tivesse esquecido.

– Ah, esse.

– Ele estava a ter uma noite difícil.

– Nem sabia que ainda estavam em contacto.

– Não estávamos – respondi. – Até então. Assim que o ambiente ficou estranho, o Jake sugeriu que parássemos. Fiquei irritada com ele, disse-lhe para não falar mais comigo e tentei ignorá-lo durante o resto da viagem.

A GiGi assentiu como se aquilo fosse perfeitamente razoável.

– E conseguiste?

Suspirei.

– Sim, mais ou menos. Na verdade, não. E depois ele beijou-me outra vez.

– Interessante.

– Mas, desde o início, o estrago já estava feito.

– Não me parece nada estragado.

– Ele sabotou o meu processo de cura!

– Duvido que tenha feito de propósito, querida.

– Não interessa.

– Hã... interessa um bocadinho.

– Ele foi egoísta – afirmei. – Ele próprio o admitiu. E arruinou tudo. Duas vezes!

– Nem tudo. Pelo menos ganhaste competências para sobreviveres na natureza.

– Não me interessam nada essas competências!
– Bem – insistiu ela –, é um progresso.
– Ele mexeu com a minha cabeça.
– E com o teu coração, parece.
– Também.
– Ainda bem que o coração é tão resistente.
– O meu não é.
– Oh, querida – disse ela, fazendo uma pausa para me olhar nos olhos. – Acredita que é.

Dei um gole de vinho.

– E podes censurá-lo? – continuou a Gigi, abanando a cabeça. – Está apaixonado por ti há tanto tempo.

Engoli em seco.

– Ele contou-te?

– Nem foi preciso. Dava para perceber. Em cada almoço de feriado, se estivesse na cozinha a preparar puré, ele estava lá a lavar a loiça. Se precisasse de ir ao mercado, oferecia-se para ir contigo. Tu dizias: «Não preciso de ajuda para carregar um saco de arandos», mas ele insistia. Mudava sempre os lugares à mesa para ficar ao pé de ti...

– Pensei que fosses tu.

– Não. Mas torci por ele. Estava tão óbvia e encantadoramente apaixonado!

– Não me pareceu assim tão óbvio.

– Porque não estavas a prestar atenção.

Estiquei a mão para esfregar o ombro.

– E depois! – continuou a GiGi. – Ele conseguiu levar-te sozinha numa viagem de carro! E agora estás solteira! É incrível como não te devorou como o Lobo Mau.

– GiGi!

– Parece que foi um verdadeiro cavalheiro.

– Não foi propriamente perfeito.

– Coitadinho – disse ela. – Estragaste-lhe a vida.

– Ele é que estragou a minha! – disse eu. – Ele já me esqueceu.

Na viagem. Já seguiu em frente com outra pessoa.

– Então é por isso que estás chateada.

– Não! – disse eu. – Estou chateada porque não consegui o que queria. Queria transcender todas estas palermices humanas. Queria fazer algo incrível! Queria ser transformada! Queria estar completamente imersa!

– Parece-me que estavas bem imersa.

– Não é isso que quero dizer.

– Apenas te digo isto: eras um fantasma de alguém quando partiste. Agora, és novamente de carne e osso.

– Foram as caminhadas! E o ar da montanha! E o sol!

– Se tu o dizes.

– Estou a dizer-te que o Jake gosta de outra pessoa.

– Não acredito nisso nem por um segundo.

– Foram juntos para o Colorado. Ela é incrível.

– E tu também.

– Nem por isso.

– Tu não te valorizas o suficiente. Nem ao Jake, aliás. – A GiGi fez uma pausa, segurando o garfo no ar. – Lembras-te de quando ele trouxe aquela loura para o Dia de Ação de Graças? Como é que ela se chamava? Pippi? Piper?

– Não faço ideia – respondi.

– Foi há uns anos. Ainda estavas casada. E a tal miúda, seja lá qual for o nome dela, era adorável! Encantadora! E adivinha?

– O quê?

– Ele trocou os lugares à mesa na mesma.

Prendi a respiração até não poder mais.

– Isto é um desastre.

Ela deu um gole no vinho.

– O amor é sempre um desastre, querida. É o que o torna divertido.

– Fui dura com ele. Fiz com que se afastasse.

Ela abanou a cabeça.

– Tens sido dura com ele há muitos anos.

Ocorreu-me uma ideia.

– Talvez ele tenha uma queda por mulheres difíceis. Talvez só consiga gostar de mim se eu for assim.

Desta vez, a GiGi sorriu como se eu fosse hilariante.

– Ele não gosta de ti por seres difícil – disse. – Ele gosta de ti apesar disso.

– Não sabemos. Ele pode estar completamente desorientado. Ela sustentou-me o olhar.

– Mas não está.

Pois não, não estava.

– Ele gosta mesmo de ti. Sempre gostou. Vê todas as coisas boas em ti. Tem esse dom, aqueles olhos maravilhosos e afetuosos.

– GiGi – disse então, quebrando a confiança do Jake, mas sem conseguir parar. – Ele está a perder a visão.

Pensei que teria de continuar e explicar tudo sobre bastonetes e cones para ser clara, mas ela ergueu a mão.

– Eu sei.

Franzi a testa.

– Como?

– O Duncan contou-me. Ele conta-me tudo.

O Duncan contava-lhe *tudo*?

– O Jake ainda vai ter a visão, sabes – disse ela então. – Mesmo que não consiga ver.

Concordei. Ela tinha razão, claro.

– Porque é com o coração que ele vê, querida.

Com estas palavras, os meus olhos encheram-se de lágrimas. Limpei-as depressa, mas era tarde de mais. Outras se seguiram. Pensar no Jake e no que ele estava a enfrentar, e como o estava a enfrentar, fez-me sentir envergonhada. Os meus problemas pareciam ridiculamente pequenos. Eu estava novamente a lastimar-me, a ser egocêntrica e autoindulgente. Não admirava que ele tivesse fugido para bem longe.

– Desculpa – pedi.

– Não peças desculpa – opôs-se ela. – Gosto mais de ti quando estás um caos.

– Ah, gostas?

Ela anuiu, falando num tom mais suave:

– Vai correr tudo bem.

Mas esse «bem» parecia estar tão longe!

– Não tenho a certeza se sei lidar com isto.

A GiGi inclinou-se sobre a mesa, segurando-me em ambas as mãos.

– Nunca te interessaste pelos rapazes que gostavam de ti. Sabes disso, certo?

Abanei a cabeça.

– Sempre os ignoraste, em prol daqueles que não demonstravam qualquer interesse por ti.

– Isso não é verdade!

– E o Dave do secundário? Ele trocou-te pela tua melhor amiga.

– Ele gostava de mim!

– Mas não o suficiente. E na altura tinhas aquele rapaz poeta que te escrevia sonetos, mas o que fizeste?

– Ignorei-o.

– Pois foi. E o mesmo aconteceu na faculdade, quando tiveste de escolher entre o jogador de *rugby* e o rapaz com o carro ridículo.

– Um *Dodge Dart*.

– Devias ter apostado no *Dart*! Ele adorava-te. Mas o que fizeste em vez disso?

– Fui aos jogos de *rugby*.

– Exato – concordou. – Era como se só quisesse os que não demonstravam interesse em ti. Como se precisasses do desafio de conseguir a atenção deles.

Ela não estava errada.

– E depois casei com o Mike. O alcoólico.

A GiGi assentiu.

– Que te amava...

– Mas amava mais a bebida.

A GiGi assentiu novamente.

Ela estava certa. Deixei a informação assentar.

– Porque é que nunca falámos disto?

Ela abanou a cabeça.

– Não podemos dizer às pessoas como viver as suas vidas.

Fechei os olhos.

– Porque elas têm de perceber sozinhas.

– Nem mais – concordou a GiGi. – E agora percebeste.

– Mas é tarde de mais.

– Quebraste um padrão – observou ela. – Isso conta para alguma coisa. Talvez tenhas perdido o Jake. Talvez ele nunca mais volte. Talvez até case com essa tal miúda e tenham cem filhos...

– Está bem, chega.

– Mas está tudo bem. Ele ensinou-te algo. Mostrou-te como deixares que alguém te ame um bocadinho. Essa lição, por si só, basta para mudar a tua vida.

Algo naquela possibilidade trouxe uma nova onda de lágrimas. Talvez a GiGi tivesse razão. Talvez mudasse a minha vida, talvez me saísse melhor no amor e, talvez, quando a próxima pessoa aparecesse, eu finalmente acertasse. Mas eu não queria a próxima pessoa. Só queria o Jake.

Deixei escapar uma gargalhada. Depois, enxuguei os olhos com a bainha da minha *T-shirt*.

– Não interessa. Só tenho de sobreviver ao *bar mitzvah*, ir para casa, ver a minha cadela, reerguer-me e começar uma vida nova e melhorada. – A perspetiva de tudo aquilo parecia-me bastante sombria. Então, um minuto depois, acrescentei: – Talvez comece a ter aulas de dança.

A GiGi assentiu.

– Que excelente ideia, querida – disse, como se essa ideia tivesse o poder de resolver tudo. – Sempre foste uma dançarina incrível.

Deixámos aquele plano pairar no ar por algum tempo enquanto eu digeriria tudo o que tínhamos acabado de discutir. Por fim, após uma longa pausa, soltei:

– Com que então, o Duncan conta-te tudo?

– Tudo – respondeu, com um ligeiro revirar de olhos. – Bem mais do que eu gostaria de saber.

– Achas que isso te faz gostar mais dele do que gostarias de outra forma? Ou menos?

– Mais – afirmou. – Seguramente.

– Não tenho a certeza se daria a mesma resposta.

– Vais acabar por lá chegar – garantiu. – Continua a trabalhar nisso. – Depois, cruzou o olhar com o meu e acrescentou: – Ele é sempre melhor a tentar do que a conseguir.

– É uma característica de família.

A GiGi sorriu.

– Mantém isso em mente quando ele te mostrar a geleira.

Franzi o cenho.

– Que geleira?

Mas ela limitou-se a abanar a cabeça e levantou-se para levar o prato até ao lava-louça.

– Não estou autorizada a dizer.

Na manhã seguinte, acordei tarde. A GiGi estava na cozinha, a preparar café, ela própria mal desperta. Era o dia do *bar mitzvah*, o dia em que teria de encarar o meu futuro e o meu passado no mesmo evento. Tinha de ir cortar o cabelo, escolher uma roupa e arranjar uma maneira de convencer toda a gente, incluindo eu própria, de que, apesar de todas as evidências em contrário, a minha vida tinha corrido bem.

Devia ter saltado da cama, tomado um duche rápido e saído para tratar de diversos afazeres. Mas, sinceramente, só queria mesmo ficar por ali no meu roupão.

A GiGi olhou para mim enquanto bebíamos o café.

– Deixa-me pintar-te – pediu-me ela, por fim.

Franzi o cenho.

– Não me apetece fazer de modelo.

– Por favor – insistiu ela. – Podes enrolar-te no sofá verde e contar-me mais sobre a tua viagem. E eu vou capturar-te em *amor*. – Fez um gesto em direção à minha aura.

– Mais em agonia.

– É praticamente a mesma coisa.

O que podia dizer? Quando se tem uma avó de oitenta e três anos a querer pintar-nos o retrato, deixamos.

Ela mantinha todas as suas tintas, pincéis e telas no alpendre. Pintava-me frequentemente quando era mais nova, mas depois, quando fui viver com ela, passou a fazê-lo menos vezes. Parece que as avós que não têm de criar os netos têm mais tempo para esse género de projeto. A única exceção foi o retrato que fez de mim antes do meu casamento, com o meu vestido de noiva, que pendurara sobre a lareira. Aquele era o meu quadro favorito. Ela

capturara-me na perfeição, mas, de alguma forma, tornara-me muito mais bonita do que na vida real. Pedi-lhe várias vezes para mo dar, mas ela recusou sempre.

Por isso, lá estava eu, sentada no sofá verde de veludo, no alpendre, a saborear o meu café e a contar-lhe tudo sobre a aventura na natureza selvagem e o que aprendera nas montanhas. Falei-lhe da tempestade de neve, da evacuação do Hugh e de me perder no Solo. Fui sincera sobre limpar-me com pinhas e ficar a cheirar a doninha. Disse-lhe que, no início, me sentia aterrorizada e tímida, mas que acabei por encontrar uma forma de fazer amigos. Surpreendi-me a mim mesma. Fui corajosa de todas as maneiras possíveis.

– Sempre foste corajosa – disse ela. – Eras a minha valente.

– A sério?

Ela confirmou.

– E o Duncan era o meu medroso. Assim como a tua mãe.

Franzi o cenho.

– A minha mãe, medrosa?

A GiGi fez que sim com a cabeça.

– Ela tinha medo de tudo. Ainda tem.

– Mas ela é instrutora de ioga!

A GiGi assentiu.

– Acho que isso ajuda. Parece acalmá-la.

Nunca tinha pensado na minha mãe como uma pessoa medrosa.

– Eu não a vejo assim – disse eu.

– Bem, as crianças só conseguem ver os pais com clareza quando crescem.

– Do que é que ela tem medo?

– Oh, de tudo, praticamente. Cães. Pessoas. A vida.

Inspirei fundo.

– Foi por isso que nos deixou?

A GiGi ficou imóvel, movendo apenas os olhos para me fitar.

– Em parte, suponho.

Então eu disse:

– Na viagem, o Jake perguntou-me sobre o que aconteceu naquela época. Eu disse-lhe que éramos demasiado para ela.

Deixou-nos contigo e nunca mais voltou. Mas ele achou que isso não podia ser toda a história.

– O Jake é esperto.

– Então, não é a história toda?

– Existe alguma história no mundo que possa ser contada em duas frases?

Todos sabíamos o que acontecera – pelo menos o básico –, mas de repente percebi que estava confusa quanto aos pormenores.

– Conta-me – pedi.

– Bem – disse a GiGi, continuando a pintar com cuidado –, naquele dia, ela deixou-vos para passarem a noite comigo. Não sei se pretendia voltar ou não. Perguntei-me muitas vezes o que se passaria na cabeça dela quando vos disse adeus.

– Ela disse que nos veria de manhã.

– Sim, disse. Mas acho que sabia que não o faria. Demorou-se um bocadinho de mais agarrada a vocês.

– Sabias que ela não ia voltar?

– Não! Eu ia fazer-vos panquecas de manhã, deixar-vos em casa e depois seguir para uma reunião.

– E então, o que aconteceu?

– Bem, ela foi-se embora. Eu fiz-vos esparguete e depois era hora de ir para a cama. Mas o teu irmão tinha-se esquecido da mantinha. Como é que ele chamava àquilo?

– *Fofinha*.

– Isso! Ele tinha-se esquecido da *Fofinha*. Quando percebeu que era hora de dormir e que não a tinha consigo, começou a chorar como se estivesse num velório.

– Eu lembro-me – disse eu. Ele tinha três anos na altura. Usava aqueles pijamas às riscas com pezinhos.

– Pensei que ele acabasse por desistir e adormecer, mas depois de cerca de uma hora e meia, vieste até mim como a pequena cuidadora que eras e disseste: «Mais vale ires a casa buscar a *Fofinha*, GiGi. Ou ele vai passar a noite acordado.»

– Não me vejo como cuidadora – disse eu.

– Eras, para o Duncan – disse ela. – A tua mãe estava a passar por uma fase bastante difícil. O Duncan, de muitas maneiras, era

como uma criança sem mãe. Mas tu assumiste esse papel. Mudavas-lhe as fraldas. Deitava-lo. Embalava-lo.

– Não me lembro disso. Só me lembro de me ressentir da presença dele.

– É natural! Nunca pediste essa responsabilidade! Mas, mesmo assim, fizeste o teu melhor. Sabias que havia muita coisa em falta e deste-lhe tudo o que podias.

– No que estava ela a pensar, para ter tido outro bebé?

– Já me fiz essa pergunta mil vezes. O teu pai já estava quase a bater com a porta antes mesmo de o Duncan nascer.

A GiGi continuou a pintar. Ainda tinha aquela expressão facial de quando estava a trabalhar, como se estivesse meio neste mundo e meio na pintura, mas agora estávamos no limite. A GiGi olhou para o quadro e largou o pincel num jarro de água. Tirou o avental, veio sentar-se ao meu lado no sofá verde e pegou-me na mão.

– Isto deve ser importante – disse eu – se estás a deixar o pincel de lado.

– Naquela noite – continuou ela –, o teu irmão tinha-me deixado os nervos em farrapos com tanto choro. Quando me disseste para ir a casa buscar-lhe a *Fofinha*, agradei por ter uma pausa. Conduzi até lá e entrei. Foi então que encontrei a tua mãe.

– O que queres dizer com «encontrei»?

A GiGi apertou um pouco mais as minhas mãos.

– Ela tinha tomado um frasco de analgésicos e estava deitada na cama com o ursinho de peluche do Nathan.

Levei a mão livre à boca.

– Encontrei-a a tempo, e isso é tudo o que precisas de saber. Quando cheguei a casa vinda do hospital, às quatro da manhã, estavas a dormir no sofá, vestida, e o teu irmão estava deitado na cama como um anjo. Não sei como te safaste sem a *Fofinha*, mas conseguiste.

Tive de dizer as palavras em voz alta.

– Ela tentou suicidar-se.

A GiGi acenou, mas apenas ao de leve.

– Depois disso, arranjei um lugar para ela, onde podia tentar melhorar. Mas «melhorar» é... um termo complicado. Ela ficou seis

meses lá. No entanto, mesmo depois de regressar a casa, estava demasiado frágil para vos levar de volta. Convenci-a a vender a casa e a começar uma nova vida da melhor forma possível. Ela encontrou um apartamento pequeno, só com um quarto. Era tudo o que conseguia pagar. Falava incessantemente sobre voltar a ter-vos, e eu fingia concordar. Mas, na verdade, estavam melhor aqui. E ela estava melhor lá.

Percebi que estava a tremer.

– Nunca nos contaste.

– A história não era minha para a poder contar.

– Era! Era a nossa história. A história da nossa família.

– Achas mesmo que querias que eu tivesse voltado a casa e te tivesse contado? Tu, com o mundo nos ombros? Tu, com o teu pai desaparecido, ainda a sofrer tanto pela perda do Nathan? Imagina aquela miúda a dormir no sofá de ténis calçados. Querias que entrasse na sala de estar, a acordasse e lhe contasse o que realmente aconteceu?

Abanei a cabeça.

– Nunca te teria colocado nessa posição.

– Mas mais tarde? – insisti. – Quando já éramos crescidos?

Ela abanou a cabeça.

– A tua mãe pediu-me para não o fazer.

Parecia-me incompreensível. Tanta coisa teria sido diferente se nos tivessem contado a verdade.

– Porquê? – sussurrei.

– Acho que tinha vergonha.

– Eu pensei que ela não nos queria.

A GiGi puxou-me para perto e envolveu-me com os braços.

– É melhor isso do que a verdade.

Mas não tinha assim tanta certeza que fora mesmo melhor.

Ela segurou-me durante muito tempo antes de acrescentar:

– Sempre senti que vocês os dois tinham percebido que algo estava errado naquela noite. Talvez tenha sido apenas coincidência. Mas a verdade é que garantiram que eu lá voltava. Não consigo vê-lo de outra forma. Vocês salvaram-na.

Ao almoço, a GiGi preparou uma *frittata* com cogumelos e cebolinho. Acomodei-me à mesa, na minha cadeira preferida, e deixei a minha mente absorver cada palavra do que ela tinha partilhado. Tinha de repensar toda a narrativa da minha vida. Ser filha de alguém que não nos quer é uma coisa, mas sê-lo de uma mãe que não podia ficar connosco é algo completamente diferente.

– Talvez ligue à mãe enquanto estou na cidade – disse por fim.

– Aposto que ela ia gostar disso.

– Posso dizer-lhe que me contaste?

– Sim. Sempre lhe disse que o faria se me perguntassem.

– Achas que ela vai ficar chateada?

A GiGi virou-se para abanar a cabeça.

– Acho que vai ficar aliviada.

– *Eu* estou aliviada – admiti. Havia uma questão crucial na minha vida que eu nem sequer sabia que existia. Agora, estava respondida. Claro que as respostas traziam sempre mais perguntas, mas pelo menos já sabia o que questionar. E a quem. À medida que a revelação ganhava raízes dentro de mim, senti o meu corpo relaxar, como se tivesse estado tenso, sem dar por isso, durante anos.

– Isto explica muita coisa, não é? – comentou a GiGi.

Assenti, mas depois hesitei sobre o que estava a concordar.

– Como o facto de teres tanto receio de permitir que as pessoas te amem.

Parei de assentir. Seria verdade?

– Talvez tenhas decidido, há tanto tempo que nem te recordas quando, que fazia mais sentido estar sozinha.

– Mas eu odeio estar sozinha – desabafei.

A GiGi estendeu a mão para me acariciar o cabelo.

– Precisamente.

Depois do almoço, obriguei-me a começar a preparar-me para a festa. Tinha unhas para pintar, cotovelos para hidratar e cabelo para aparar. Tinha uma lista considerável de coisas adiadas a resolver. O *bar mitzvah* seria ao final do dia, e não conseguia perceber como é que aceitara ir. No entanto, lá fui avançando pelas horas como um

robô, riscando afazeres da minha lista. Quando finalmente terminei as tarefas mais chatas, a GiGi já tinha ido dormir a sesta, e era hora de começar a preparar-me.

Mas «preparar-me» soa muito mais fácil do que na realidade é. Enquanto tomava banho, senti um aperto no estômago. Vestir-me para uma ocasião como esta era sempre complicado. Regra geral, quando não vemos o ex-namorado que nos trocou pela nossa melhor amiga há catorze anos, o ideal é estarmos no nosso melhor, se possível. No entanto, eu nunca fui do tipo de beleza óbvia. Quando estava bonita, era geralmente de uma forma subtil, não daquela maneira sexy que salta à vista. Na verdade, isso obrigou-me a ser interessante. E estava tudo bem. Já tinha idade e experiência suficiente para saber que é sempre melhor ser uma rapariga interessante do que atraente.

Exceto numa noite como esta.

Numa noite como esta, teria trocado de bom grado todo o meu «interessante» por um toque de «atraente». Trouxera uma mala cheia de roupas para escolher, sabendo que precisaria de várias opções, e experimentei tudo pelo menos duas vezes antes de me decidir por um pequeno vestido rosa sem mangas estilo anos cinquenta e um par de sandálias de salto alto brancas. Fiz duas tranças, depois torci-as em coques e roubei dois minipauzinhos da GiGi para enfeitar. Quanto à maquilhagem, decidi arriscar: delineador retro bem marcado nas pálpebras superiores, rímel e um batom vermelho-escuro.

Fiquei pronta demasiado cedo. Sobrestimara o tempo necessário para ficar apresentável, e agora teria de andar de um lado para o outro até ser hora de sair. Olhei-me ao espelho. Pareceria que me estava a esforçar demasiado? Queria transmitir uma imagem fabulosa, mas de uma forma descontraída. Se é preciso esforço para ser fabulosa, então não vale a pena. Queria parecer o oposto da minha versão desleixada dos tempos do liceu. Queria deixar claro a toda a gente o quão distante me encontrava do passado. Talvez na época tivesse sido uma *hippie* olvidável de cabelo frisado e sandálias, mas já não era essa rapariga. Já não era a pessoa que alguém traía e deixara por outra. Tinha crescido e tornara-me

incrível, caramba! Tornara-me na rapariga inesquecível.

Estava ali a ponderar se devia escovar os dentes e usar fio dental uma última vez, só por precaução, quando a campainha tocou. Nos segundos antes de descer a correr para abrir a porta, tive a certeza de que só podia ser o Jake. Ele voltara por mim! Como por magia, pressentira o quão fantástica eu estava, acabara por se separar educadamente da Windy, sem ressentimentos, e arranjava forma de vir ter comigo! Enquanto caminhava em direção à entrada, senti-me algo culpada. Não queria partir o coração à Windy. Mas, mesmo assim, havia pequenas faíscas de antecipação a percorrerem-me o corpo, e preendi a respiração ao abrir a porta.

Mas não era o Jake.

Era o Duncan. Trazia uma geleira nas mãos, inclinando-se para trás para equilibrar o peso. Estava prestes a perguntar-lhe o que era aquilo quando ele cumprimentou:

– Olá – disse, inclinando a cabeça. – Estás gira.

Mil pontos para o Duncan.

– Não estou nada – respondi, ajuntando um sorriso.

Ele encolheu os ombros.

– Como queiras.

Abanei a cabeça.

– O que estás aqui a fazer?

– Vim fazer-te uma visitinha.

– E o que trazes aí na geleira?

– Cenas.

– Porque é que tocaste à campainha?

– Perdi a chave.

E eis um momento em que, em qualquer outra altura das nossas vidas, eu teria revirado os olhos e dito: «Claro que perdeste.» Mas, desta vez, não o fiz. Limitei-me a acenar com a cabeça, o que me pareceu um sinal de crescimento pessoal.

Afastei-me para o deixar entrar. Ele ultrapassou o limiar e pousou a geleira com um «Ufa!» antes de voltar para apanhar a sua mala de viagem. Depois virou-se e fez uma expressão animada.

– Então, mana! – exclamou, puxando-me para um abraço. – Como foi a natureza selvagem?

- Boa – respondi, assentindo.
- Viste algum urso?
- Não.
- Quase morreste?
- Várias vezes.
- O Jake conseguiu que te apaixonasses por ele?
- Nem pensar.

Olhei para ele, vestido com umas calças *cargo* e uma *T-shirt* larga. Evitei pensar quanto tempo se teria passado desde a última vez que lavara aquela roupa. E nem dei muita atenção ao facto de ele ter largado todas as suas coisas à entrada da casa da GiGi, como se os empregados fossem aparecer a qualquer momento para arrumar tudo. Em vez disso, saudei-o com um:

- É bom ver-te.
- A sério?
- Pensei bastante em ti durante a viagem.
- Mesmo?
- Como tens lidado com a situação da Florida?

Franziu o cenho por um momento, até perceber que o Jake devia ter partilhado aquilo comigo.

– Estou a aguentar-me – afirmou. – Tenho passado pelo restaurante onde ela trabalha. Mas não ao estilo *perseguidor psicopata*, apenas ao estilo *deprimente*.

Podia ter perguntado: «Há diferença?», mas achei melhor não.

– Ela estava completamente fora do meu alcance.

– O Jake também acha.

– E o Jake, como é que ele está? – quis saber o Duncan, animando-se ao pensar num tópico mais agradável.

– Acho que está bem – disse eu, como se o assunto não me interessasse muito. – Foi para o Colorado com uma rapariga muito gira.

O Jake franziu a testa.

- Isso é estranho.
- Porquê?
- O Jake não liga muito a raparigas giras. Ele gosta é de ti.
- Obrigadinha.

- Ele sempre foi assim. É como uma doença.
- Bem – respondi –, agora parece estar curado.
- Devia ter-vos mandado para o meio do mato há anos.

Ele estava a tentar arrancar-me uma gargalhada, mas só consegui soltar um suspiro.

– Então – retomou o Duncan, depois de uma pausa –, ele não se magoou nem nada?

Referia-se à perda de visão do Jake. O Duncan sabia, mas não sabia se eu estava a par.

- Por causa da cegueira? É isso que me estás a perguntar?
- Então tu sabes? – questionou o Duncan.

Limitei-me a assentir.

- E tu também.
- Claro! Ele é o meu melhor amigo.
- E não me contaste.

Ele pareceu intrigado.

- Porque haveria de te contar?

Era uma boa pergunta. Há um mês, nem me teria importado.

– Então, ele safou-se bem? – insistiu o Duncan. – Não se magoou?

– A certa altura perdeu os óculos – disse. – E depois eu parti-os. Mas conseguimos remendá-los com fita adesiva.

Ele assentiu.

- Grande fã de fita adesiva.

Era estranho rever o Duncan após semanas a ouvir o Jake a elogiar-lhe todos os pontos positivos, mas era ainda mais estranho agora que sabia o que a GiGi me contara sobre a nossa mãe. De certa forma, mesmo que não mudasse nada, mudava tudo. Andara o dia todo a tentar decidir se contava ou não ao Duncan. Uma parte de mim achava que ele nunca devia saber, e outra parte, tão vocal quanto a primeira, achava que ambos devíamos ter sabido desde o início. De repente, a indecisão cessou: apenas sabia que tinha de lhe contar, e, ali, no corredor da nossa infância, na única casa de que o Duncan tinha memória, as palavras saíram-me assim que senti a necessidade de as dizer. Fiquei quase tão surpreendida como ele ficou ao ouvi-las.

– A mãe tentou suicidar-se – afirmei.

Ele empalideceu.

– O quê?

– Não hoje! – disse. – Quando éramos crianças.

Ele ficou a olhar-me fixamente.

– O dia em que ela nos deixou aqui e não regressou? Foi porque tentou suicidar-se.

– Não me lembro desse dia.

– Eu lembro-me.

– Foi a GiGi que te contou isso?

Acenei afirmativamente.

– Hoje?

Voltei a confirmar com um aceno.

– Porquê agora?

– Porque eu lhe perguntei.

O Duncan passou as mãos pelo cabelo.

– Sempre achei que a mãe se tinha ido embora porque eu era um pestinha.

– Mas a questão é mesmo essa! – disse eu. – Ao seres um pestinha, salvaste-a!

Ele fez uma expressão confusa.

– Ela esqueceu-se de pôr a *Fofinha* na mala. Choraste tanto, durante tanto tempo, que a GiGi acabou por ir a casa buscá-la para ti. Foi aí que encontrou a mãe. Ela tinha tomado uns comprimidos. Estava encolhida na cama com o urso de peluche do Nathan.

O Duncan fechou os olhos por um momento, depois abriu-os e perguntou:

– E foi por isso que ela nunca mais voltou?

Fiz que sim com a cabeça.

– Acho que preferia quando era tudo por minha culpa.

– Nunca foi por tua culpa. – Ao dizê-lo, percebi que era mesmo verdade.

– Pensava que ela apenas não gostava de nós.

– Muda tudo, não é?

De certo modo, foi reconfortante saber que ambos carregávamos a mesma versão errada das nossas vidas – que eu não tinha sido a

única. Foi aí que percebi: embora me tivesse sentido sozinha todos estes anos, o Duncan sempre estivera lá comigo. Tínhamos estado sozinhos juntos.

Falámos sobre isso por mais algum tempo, ali, parados na entrada, a analisar a informação que eu recebera. Ele ficou surpreso por a GiGi não me ter dado mais pormenores, mas eu disse que não teria querido.

– Às vezes – considere –, o panorama geral é suficiente.

No final, ele perguntou se podia ir comigo quando fosse visitar a nossa mãe, e eu respondi-lhe que ficaria imensamente grata pela companhia.

– Desculpa ter despejado isto em cima de ti assim que entraste – acrescentei.

Ele meteu as mãos nos bolsos.

– Por mais estranho que pareça, faz-me sentir melhor, não sei porquê.

Assenti. Entendia-o.

– E também pior.

– Pois – concordou. – Muito pior.

À medida que o assunto esmorecia, os nossos olhos começaram a vaguear em direção à geleira.

Por fim, tive de perguntar.

– O que trazes aí? – indaguei. – A GiGi disse-me para não ficar chateada.

O Duncan apontou para mim.

– Tenho mesmo de te contar. Mas, antes, preciso de ir à casa de banho e de ir buscar uma bebida ao frigorífico.

Encolhi os ombros.

– Está bem.

– Que coisa estranha, estar aflito e ao mesmo tempo com sede – disse ele, afastando-se. – Era de pensar que uma necessidade compensasse a outra.

– Pois é – respondi, a pensar nisso.

Depois ele parou e virou-se.

– Promete que não vais espreitar dentro da geleira.

– É alguma coisa para mim?

– De certa forma.

– Está bem, prometo que não vou espreitar.

– Fixe – disse o Duncan. Depois voltou atrás para pegar na mala e colocou-a em cima da geleira, como se fosse uma barreira, só por precaução.

– Vai lá à casa de banho! – enxotei-o.

Enquanto ele foi, fiquei à espera no corredor. A que se referira a GiGi? O que teria o Duncan trazido na geleira? Uma cerveja gelada de uma marca esquisita? Um jantar de marisco do meu restaurante preferido no Bairro Norte, mas já não seguro para ser comido? Um pote do meu gelado favorito que derreteria? Devia ser algum tipo de mimo de boas-vindas relacionado com comida que não corra bem, certo? Tirei um momento para valorizar o meu irmão. Ele era bem mais querido do que eu pensava.

Ele voltou, a beber uma *Coca-Cola*.

– Duncan, fico mesmo sensibilizada por me teres trazido um...

Mas ele levantou a mão para me calar. Depois soltou um arrote, parecido com uma buzina.

– Desculpa – pediu. – Gás.

Não queria ser uma irmã mais velha ranzinza. Mas os meus braços cruzaram-se involuntariamente.

– Ouve – disse o Duncan. – Sobre a geleira...

– Sim. Quero agradecer-te...

Ele aproximou-se.

– É mais uma daquelas situações de boas e más notícias. Só que...

Olhei para a geleira.

– Só que não há boas notícias.

– Oh!

– Queria ter-te contado logo. Mas depois começaste a falar da mãe...

– Diz lá de uma vez. Esperar só piora as coisas.

– Certo – concordou ele. No entanto, ficou em silêncio. Respirou fundo, mas não disse nada.

Dei uma olhadela às horas.

– Na verdade, tenho um compromisso, então...

– É sobre a *Pickle*! – exclamou ele de repente.

Os meus olhos arregalaram-se.

– A minha cadela?

Ele inspirou profundamente, encarou-me e declarou:

– Ela morreu! Está morta.

Tudo o que consegui fazer foi ficar a olhar para ele.

– Ficou gravemente doente – continuou, como se estivesse a recitar um discurso ensaiado. – E depois morreu.

A minha mente estava às voltas. Como é que um cão morre no veterinário?

– Ela tinha uma condição chamada «torção» – prosseguiu o Duncan. – Na verdade, o termo técnico é DVG, Síndrome da Dilatação Volvo-Gástrica. O estômago vira-se sobre si, enche-se de gás e, basicamente, implode. É comum em cães grandes de peito profundo.

Abanei a cabeça.

– Mas ela é uma cadelinha pequena com o peito estreito!

O Duncan confirmou com a cabeça.

– Também é comum em cães-salsicha.

Não consegui juntar as peças.

– Não podiam fazer nada por ela?

O Duncan abanou a cabeça.

– É letal se não for detetada numa hora.

A minha voz estava a aumentar.

– Mas porque é que não detetaram isso no veterinário?

Apercebi-me da expressão do Duncan. Ele não estava a brincar. O irmão que acabara de entrar a arrotar *Coca-Cola* tinha desaparecido. Agora, a sua cara estava contorcida de preocupação.

– Esta é a parte em que me vais odiar. – Com estas palavras, as lágrimas caíram-lhe copiosamente. – A *Pickle* não estava no veterinário.

– *Estava*, sim – insisti. – Eu deixei-a lá.

– Sim – confirmou o Duncan, em voz baixa. – Mas depois eu fui buscá-la.

Os meus olhos arregalaram-se.

– O quê?

– Não queria que ela passasse um mês enclausurada! A ideia era trazê-la para minha casa, ensinar-lhe truques e tomar bem conta dela, tal como me tinhas pedido. Queria fazer-te uma surpresa! Desta vez, estava determinado a corresponder às expectativas. E tivemos momentos incríveis juntos! Até lhe comprei uma plaquinha tilintante para a coleira, com o nome dela escrito em *strass*! Ela devorou o meu exemplar de *À Espera no Centeio*! E, claro, ensinei-lhe aquele truque clássico de dar a pata!

– Ela já sabia dar a pata – comentei.

Isso deixou-o meio atordado.

– Éramos mesmo amigos, a sério! Ela estava bué feliz comigo. Mas, um dia, cheguei a casa e ela estava ofegante.

– Chegaste de onde?

– Do trabalho! Consegui arranjar emprego.

– A fazer o quê?

Ele coçou a nuca.

– Ironicamente, comecei a trabalhar na clínica veterinária.

– Qual clínica?

– A da *Pickle*! Enquanto estava lá a tratar dos papéis para a levar, vi um anúncio para assistente técnico. Candidatei-me, fui aceite e tenho estado lá a trabalhar desde então. Até me safo bem.

– Estavas na clínica da *Pickle* enquanto ela definhava no teu apartamento?

O Duncan fechou os olhos e caíram-lhe mais lágrimas.

– Quando a encontrei, não pude levá-la de carro porque tinham bloqueado o meu lugar de estacionamento – continuou. – Então, peguei na bicicleta, com ela ao colo, e pedalei os vinte e dois quarteirões até ao trabalho. Quase fomos atropelados por um autocarro. E durante todo o trajeto, eu conversava com ela e dizia: «Só precisamos de te levar ao Dr. Sampson. Ele vai resolver isto. Vais ficar bem.» Mas, quando lá cheguei, era tarde de mais. Ela morreu-me nos braços.

Agora até eu já estava a chorar.

– Ela dormia comigo todas as noites – confessou. – Enfiava-se debaixo da minha manta da *Budweiser*.

– Ela adorava fazer isso – concordei.

Depois de um momento, o Duncan sussurrou:

– Lamento tanto...

– Mataste a minha cadela.

– Tentei salvá-la! Teria dado tudo para a salvar!

– Mas ela morreu.

– Era uma cadela muito boa – disse o Duncan.

– Era uma cadela horrível – corrigi.

– Comigo não – disse, mal conseguindo proferir as palavras. – Eu adorava aquele focinho de rato.

E, naquele momento, percebi que era verdade. Aproximei-me e puxei-o para um abraço.

– Eu também – disse-lhe.

E ali, naquela tarde de loucos, pelo que me pareceu a primeira vez nas nossas vidas, tivemos algo bom em comum.

Só mais tarde, à mesa da cozinha, depois de assaltarmos a despensa da GiGi à procura de *Oreos*, é que me lembrei de lhe perguntar qual era a ligação com a geleira.

– Ainda não adivinhaste? – perguntou ele, com um bigode de leite.

Abanei a cabeça.

– É a *Pickle*.

Quase deixei cair o copo.

– O quê?!

Ele assentiu, todo sério.

– Trouxe-a para ti.

– A *Pickle*? – perguntei, ainda a tentar perceber. – Está na geleira?

O Duncan fez que sim com a cabeça.

Rodeei a esquina da cozinha até à entrada para a observar.

– Há quanto tempo é que ela está lá dentro?

– Cinco dias.

– Cinco dias!

– Não te preocupes – disse ele. – Está em gelo.

O meu olhar alternava repetidamente entre a geleira e o Duncan.

– Dentro de um saco preto.

– Meteste-a num saco preto?

O Duncan anuiu.

– Envolvi-a bem com fita adesiva.

– Qual é vossa cena com a fita adesiva? – Então, um pensamento irracional surgiu e saiu-me pela boca. – Mas ela vai sufocar!

O Duncan falou com delicadeza.

– Helen, ela não pode sufocar. Já está morta.

Mas depois lembrei-me da história da Martha Washington, que ouvira quando era miúda – como tinham desenterrado o caixão dela e encontrado arranhões na tampa.

– Talvez ela não estivesse completamente morta. Talvez a tenhas matado duas vezes!

O Duncan foi compreensivo com o meu estado. Abanou a cabeça.

– A *Pickle* estava morta.

– Podia estar apenas inconsciente, sabes, com um batimento cardíaco muito lento.

Mas o Duncan abanou a cabeça.

– Confia em mim. Podia tê-la usado como bastão de basebol quando a pus no saco. Ela está mesmo morta.

E, assim, tornou-se oficial. Não havia como contrariá-lo. A *Pickle*, o pior animal de estimação do mundo, e também o meu favorito, morrerá.

Não sabia mais o que fazer a não ser dirigir-me à porta das traseiras.

– Onde vais? – perguntou o Duncan.

Parei e olhei para trás.

– Enterrá-la – disse eu. – Vai buscar a geleira.

Foi assim que acabei a cavar uma sepultura no quintal da minha avó, envergando um vestido cor-de-rosa e sapatos de salto alto. O Duncan permaneceu ao meu lado, a agarrar o corpo da *Pickle* envolto em fita adesiva, o rosto a reluzir de lágrimas. A camisa dele estava molhada com a água do gelo que envolvia a *Pickle*. Se fôssemos minimamente sensatos, o Duncan, de ténis sujos, teria sido o responsável pelas escavações. Mas não foi o caso.

Escolhemos um local mesmo ao lado do sítio onde enterráramos

a nossa buldogue de infância, a *Costeleta*. A ideia era pô-las juntas para que pudessem ser amigas no paraíso.

Estava a meio da escavação, com uma grande pilha de terra preta ao meu lado, quando o Duncan disse:

– Não acertes na *Costela*.

Eu parei e virei-me para ele.

– *Costeleta*.

– Foi o que eu disse.

– Disseste *Costela*.

– Não, não disse.

– Lembras-te sequer?

– Sim. Claro que sim. Era um buldogue.

– Era *uma* buldogue.

– E morreu ao engolir um ramo de árvore tão comprido como o seu corpo.

Sem correções a fazer. Aquela parte era verdade.

Quando o buraco ficou fundo o suficiente, um dos meus coques já se tinha desfeito, tal como os sapatos, com os saltos partidos e sujos de lama. O Duncan ajoelhou-se para colocar o pequeno pacote com a nossa amiga na cova, e, enquanto ele voltava a enchê-la com terra, tirei os sapatos estragados e corri para o meu quarto para ir buscar a coroa de margaridas que a Windy me tinha feito. Coloquei-a sobre a cova. Dissemos algumas palavras de despedida, e o Duncan pôs-me o braço em volta dos ombros enquanto regressávamos a casa.

Só quando estávamos de novo na cozinha é que percebi que o Duncan tinha um *pack* de cervejas na outra mão. Pousou-o no balcão e depois tirou uma lata para me oferecer.

E caiu-me a ficha:

– Diz-me que essa cerveja não estava na geleira – disse.

Ele congelou, com os dedos na anilha.

– O quê?

– Nem penses. – Apontei para a porta. – Leva isso lá para fora.

– Um dia destes, e não posso tomar uma cerveja?

– Não uma mergulhada em sumo de cão morto – disse, virando-me para o lava-louça, a eliminar a lama das mãos.

– Ela estava dentro de um saco resistente.

– Lá para fora! – ordenei, com o meu ar mais mandão de irmã mais velha. – Já!

O Duncan obedeceu.

Quando voltou, comentei:

– Podes beber cerveja no *bar mitzvah*.

– Que *bar mitzvah*? – perguntou ele.

Virei-me para o encarar.

– Não podes chegar aqui com a minha cadela mumificada e ainda esperar que eu vá sozinha ao *bar mitzvah* do filho do meu ex-namorado de liceu!

Ele abanou a cabeça, resignado.

– Não.

– Vai arranjar algo para vestir – ordenei.

O Duncan encaminhou-se para o quarto dele.

– O que é que se veste quando nos estamos a infiltrar num *bar mitzvah*?

– Algo elegante! – gritei. – Com uma gravata!

Então levantei um pé sujo e enlameado e lavei-o também.

Depois de me limpar, tive de retirar toda a maquilhagem borrada, pôr um saco de gelo sobre o rosto inchado durante alguns minutos e começar do zero. O meu vestido tinha umas manchas de lama, mas ainda dava para o gasto. Quanto aos saltos, foram diretamente para o lixo, e acabei por calçar sabrinas vermelhas. Tinha acabado de refazer o meu coque e o delineado nos olhos quando o Duncan apareceu no meu quarto. Tinha arranjado uma gravata preta estreita, vestira as calças formais que usara no meu casamento (agora cinco centímetros mais curtas) e uma camisa *Oxford* branca que, em tempos, fizera parte do seu uniforme escolar. Parecia um empregado de mesa.

– Estás muito elegante – disse-lhe, contudo.

Será que alguma vez lhe tinha dirigido um comentário tão simpático? Ele pareceu surpreendido.

– Obrigado – respondeu. – E tu pareces um rebuçado.

Virei-me para o espelho e encarei o meu rosto inchado e manchado.

– Na verdade – admiti –, estou com tão mau aspeto que estou a ponderar não ir.

– Não ires não é opção – opôs-se o Duncan. – Se o fizeres agora, vão achar que te acobardaste.

O Jake tinha-me dito o mesmo.

– E vão achar que nunca ultrapassaste o que aconteceu no liceu.

– Estás a dizer que tenho mesmo de ir?

O Duncan encolheu os ombros, como quem diz «basicamente».

– Podes sentir-te mal – explicou ele –, mas não pareces mal. Como consegues cavar uma cova num minuto e parecer tão bem no minuto seguinte é algo que nunca vou entender.

Aquilo tocou-me. A doçura daquelas palavras fez-me rir.

– O que é? – perguntou o Duncan.

Levantei-me, pronta para sair.

– Vem cá – chamei-o, e abracei-o pela segunda vez naquele dia, e também na última década. – Obrigada pela conversa motivacional.

Ele abraçou-me de volta, um pouco tenso.

– Pensei que me odiarias para sempre quando te contasse da *Pickle*.

Mas não o odiava. Se sentia alguma coisa, era o oposto. O que era estranho. Há um mês, tê-lo-ia esmurrado por tudo isto. Há um mês, teria considerado esta situação do meu cão morto numa geleira como a prova irrefutável de que tinha um irmão inútil, irremediável e terminantemente irritante, com o qual nunca seria capaz de me relacionar, ou de me importar, ou de gostar. Mas um mês pode ser muito tempo. Antes, só via todas as formas pelas quais o Duncan continuava a *falhar*. Mas agora, finalmente, eu sabia demasiado sobre ele – e até, de facto, demasiado sobre mim –, para pensar no meu irmão de forma tão obtusa. Agora, o que via eram todas as formas pelas quais ele se *esforçava*. E conseguia identificar-me com isso. Fazia toda a diferença.

– Fizeste o teu melhor – disse eu. – Sei que fizeste. Agora vamos lá dar cabo de um miúdo de treze anos.

un niño perdido / que busca entre las hojas de la noche tus manos», «Soneto XXI». (N. do E.)

12 *The Golden Girls* no original, foi uma *sitcom* americana transmitida entre 1985 e 1992, sobre quatro mulheres mais velhas que partilhavam casa em Miami, Florida. (N. do E.)

Capítulo 16

A primeira pessoa, literalmente, que me saltou à vista quando entrámos no salão de bailes do último andar do histórico Hotel Mercer, em Chicago, foi o David «Dave-O» Hoffman. Primeiro namorado, primeira experiência sexual e a primeira (mas não a última) desilusão amorosa que me deixou de rastos. E a boa notícia era que, nos catorze anos desde a última vez em que o tinha visto, ele ficara careca que nem uma noz. Não era por acaso que o *Scooby-Doo* era a sua foto do perfil no Facebook.

Ele estava mesmo ao pé da porta, num fato de tamanho acima, a cumprimentar os convidados e a parecer muito mais envelhecido do que qualquer ex meu tinha direito a parecer. Fui direta a ele e acenei-lhe.

– Olá, Dave.

Ele virou-se, estendeu-me a mão e cumprimentou-me com um «Olá!» tão alto e excessivamente animado que deu logo para perceber que ele não fazia a mínima ideia de quem eu era.

– Sou a Helen – disse, tocando na clavícula. – Carpenter. Do liceu.

Vi o reconhecimento toldar-lhe o rosto.

– Helen! – E depois, como se as palavras se tivessem soltado por si próprias: – Ficaste mais bonita!

– E tu ficaste careca – retorqui, tão rápido como um reflexo. Ups! Demasiado maldosa! Desnecessário! – Desculpa.

O Dave endireitou-se.

– Em algumas culturas, a calvície é sinal de virilidade.

Fiz um menear de cabeça exagerado de entusiasmo.

– Sim! Já ouvi dizer. Boa observação.

Era a vez dele. Mas ele não disse nada. Limitou-se a suster a respiração, a pensar em como conduzir a conversa daí em diante. Por fim, optou por:

– Como tens estado?

– Ótima – disse. – Estou ótima. Melhor do que ótima. – Voltei-me

para o Duncan. – Qual é a palavra para «melhor do que ótima»?

O Duncan baixou a voz cerca de uma oitava e disse, com sotaque espanhol:

– *Excelenté*.

Voltei-me para o Dave.

– Estou *excelenté*.

Agora, estava tudo a voltar-lhe à memória. Franziu o nariz.

– Soube do teu divórcio.

– Soubeste? – disse eu, afundando-me um pouco. Suponho que foi merecido, pela história da careca. – Bem – ouvi-me a explicar –, já superei isso, de tal maneira que o meu ex me ligou a semana passada e implorou-me que voltasse para ele, mas eu não quis. Bom, na verdade, fiquei sem bateria antes de lhe poder responder, e depois fui para o meio do nada durante umas semanas, então, tecnicamente, ainda não lhe respondi, mas *vou*, enfaticamente, na próxima oportunidade.

O Duncan inclinou-se para mim.

– A sério?

Assenti.

– O Mike implorou-te que voltasses para ele?

Tornei a assentir.

– Sabes que o Jake e eu te amarrávamos antes de permitirmos que voltasses para aquele idiota.

Com isso, o Dave virou-se para o Duncan e perguntou:

– Quem é este?

– Este é o meu irmão, Duncan – expliquei.

O Duncan acenou e cumprimentou-o:

– Olá, Dave-O.

O Dave soltou uma gargalhada.

– Oh! – disse ele. – Achei que era o teu namorado. Uma situação estilo Harold e Maude.¹³

Queria mesmo era dar-lhe um estalo e atirar-lhe com um: «Mas eu sou o quê, uma velha de noventa anos?» Porém, optei por dizer:

– Não! É só o meu irmão mais novo.

O Dave franziu o cenho.

– Não me lembro de teres um irmão mais novo.

– Ele era um bebé na época.
– Na verdade, tinha uns oito anos – interrompeu o Duncan.
– Ei – disse o Dave, virando-se de frente para mim, como se lhe tivesse ocorrido algo. – Sempre quis pedir-te desculpas por ter sido um idiota contigo no liceu.

Aquilo surpreendeu-me.

– A sério?

– Nem acredito que te pedi o ramalhete de volta.

– É isso que te preocupa? – perguntei. – O ramalhete?

O Dave sorriu.

– Está bem. – Encolheu os ombros. – Não acredito que fiz tudo o resto também.

– Devias ter tido mais juízo! A tua mãe trabalhava em planeamento familiar!

– Devia ter tido mais juízo acerca de muitas coisas.

Fiz um gesto com a mão, desconsiderando.

– Não passavas de um miúdo – acrescentei. – Os miúdos são estúpidos.

– Na verdade – interrompeu o Duncan –, os adultos também são estúpidos.

– Concordo – disse, apontando para ele. – A raça humana é um bando de estúpidos.

Voltei-me para o Dave.

– Enfim – disse. – Desculpas aceites.

– Fixe. – Estendeu-me o punho para um toque.

Não consegui pensar em mais nada a não ser corresponder. Depois, o Duncan intrometeu-se.

– Grande noite, hã? O miúdo passa a ser homem? *Mazel tov*, já agora.

O Dave acenou com a cabeça.

– Está tudo um caos, porque o animador cancelou. Gastroenterite.

– Animador? – perguntei.

– É alguém que vai às festas e põe todas as crianças a dançar. São especialmente úteis nos *bar mitzvah*, que estão cheios de adolescentes desajeitados. E avós. Sem álcool.

O Duncan deu-me um toque.

– *Sem álcool*. Deves-me uma cerveja.

O Dave apontou para a sala cheia de crianças pouco à vontade.

– É de fazer doer – comentou.

Observei a situação.

– Então, o animador ajuda os miúdos a descontraírem?

O Dave confirmou com a cabeça.

– Apostamos tudo na animação. Sabes, algumas pessoas alugam um cruzeiro ou contratam as *cheerleaders* dos Bulls. Mas nós escolhemos o animador.

– Que está com uma gastroenterite – acrescentou o Duncan.

– A Darcy está a perder a cabeça – disse o Dave, revirando os olhos. – Está há vinte minutos ao telemóvel a tentar arranjar um substituto.

Enquanto o dizia, a Darcy aproximou-se, com o telemóvel encostado à orelha, vestindo um fato cor de lavanda.

– Aqui está ela – anunciou o Dave, mas ela fez sinal para ele se calar.

Todos esperámos que ela acabasse a conversa. Quando finalmente o fez, virou-se para o Dave.

– Está tudo ocupado. Não há ninguém. Em toda a cidade. Eu sabia que isto ia acontecer.

– Darce – disse o Dave, então. – Olha quem está aqui.

Ela olhou primeiro para o Duncan e, quando ele não reagiu, virou-se para mim. Eu reagi.

– Helen! – exclamou, aproximando-se para um abraço.

Retribuí o abraço. Estava tudo bem.

– Fico feliz que tenhas vindo – disse ela, sem me soltar.

– Eu também – respondi.

Depois afastou-se.

– Lamento muito o comportamento idiota que o Dave teve contigo no liceu.

Franzi o cenho. Na verdade, sentira-me mais traída por ela. Acho que, de alguma forma, esperamos mais de uma amiga do que de um namorado.

– Ele não foi o único.

– Ainda nos sentimos terríveis por isso. – Aquele «nós» pareceu-me um pouco passivo-agressivo. – Gostávamos de te levar a almoçar para pedirmos desculpas devidamente.

Levantei as mãos num gesto que significava «para». Não conseguia pensar em nada que desejasse menos do que passar um almoço inteiro a ouvir os pedidos de desculpa do Dave e da Darcy.

– Não é preciso.

Ela inclinou-se.

– Nem acredito que te pediu o ramalhete de volta. Só soube disso mais tarde.

– O ramalhete, na verdade, foi o de menos.

– Claro, eu também desempenhei um papel – acrescentou a Darcy.

De repente, o Duncan intrometeu-se.

– Um papel para maiores de dezoito, pelo que ouvi dizer. – Depois, balançou as sobrancelhas na direção do Dave. – Estou certo, meu?

E pronto. Definitivamente, eu adorava-o.

A Darcy endireitou-se.

– E quem é este?

– Este é o meu irmão mais novo, o Duncan.

A Darcy semicerrou os olhos como se estivesse a perscrutar as brumas da memória.

– O miudinho que costumava atear fogo aos teus tampões?

– Oh, raios – soltou o Duncan, inclinando a cabeça ao recordar-se. – Isso era incrível.

– Sim – respondi, ignorando-o. – Mas ele acabou por se tornar...
– Procurei a palavra certa.

– *Excelenté* – ofereceu Duncan.

– Isso mesmo – concordei, encontrando o olhar dele e acenando com a cabeça.

Outra pausa, que tentámos preencher olhando em volta para a sala. Estava, de facto, lotada de alunos do sétimo ano. E idosos. Não pude deixar de reparar como ambos os grupos pareciam ter sido fechados nos seus corpos como se usassem disfarces de Halloween. Mas também era giro ver como todos se tinham arranjado com fatos

e vestidos, os rapazes com gravatas e algumas raparigas até de sapatos de verniz *Mary Jane*. Sentia pena deles. Não voltaria a ter treze anos por nada deste mundo. A pista de dança era como um buraco negro pulsante. A bola de espelhos girava sobre o vazio, e as luzes piscavam em torno do nada. Os miúdos de um lado, os idosos do outro. Não havia como negar. Era um desastre titânico.

Foi então que me ocorreu uma ideia.

– Darcy – soltei, sem pensar muito. – Tu danças muito bem. Talvez consigas animá-los.

Ela abanou a cabeça.

– Não, não. Eu sou a mãe. Sabes o quão embaraçosas as mães podem ser? Se o fizesse, o meu filho morria de vergonha. Entrava em colapso de tanta humilhação.

Nunca tinha pensado nisso.

Mas, agora, a Darcy estava a olhar para mim como se a minha ideia tivesse desencadeado uma possibilidade ainda melhor.

– O que foi? – perguntei.

– Tu também danças muito bem – afirmou ela, a sua expressão séria a dar lugar a uma nova esperança.

– Oh, não...

– Eles nem sabem quem és! – As sobrancelhas dela arquearam-se, os olhos brilhavam.

– Não...

– És jovem!

– Sou três meses mais velha do que tu.

– Mas *pareces* jovem! Não foste envelhecida pela amamentação e pelas boleias para lá e para cá! E esse teu penteado maluco. Consegues perfeitamente passar por uma pessoa fixe!

O Duncan meteu-se na conversa.

– Ela *é* uma pessoa fixe.

– Obrigada, meu – resmunguei.

– Até te pagaríamos por isso! – ofereceu a Darcy.

– Não quero que me paguem.

– São trezentos dólares – informou o Dave.

– Pagamos o dobro! – exclamou a Darcy. – Oh, por favor!

Começou a saltar para cima e para baixo, e de repente parecia de

novo a amiga que eu adorara tantos anos atrás.

– Este é o pior *bar mitzvah* de sempre. Vai parar ao livro dos recordes *Guinness* se não o salvares. És a única que o pode fazer!

Abanei a cabeça. Eu até sabia dançar – em certas situações. Com amigos. Quando estava descontraída. Mas não numa sala cheia de desconhecidos. Consequia sentir a minha timidez habitual a oprimir-me.

– Não te lembras das festas de dança que costumávamos fazer no décimo ano? Aumentávamos o som na sala de jogos do sótão e íamos à loucura? Tenta recordar-te! Estamos na década de noventa, e a vida real ainda está a uma eternidade de distância. E mesmo que o meu pai batesse no chão do sótão com o taco de golfe e nos dissesse para baixarmos o som, nós não queríamos saber.

Eu lembrava-me. Era verdade que tinha sido há uma vida, mas lembrava-me.

– Já não sou essa rapariga – afirmei, abanando a cabeça. – Nem conheço nenhuma coreografia. – A não ser que o *Cupid Shuffle* servisse. Mas nem sequer ouvira a música original.

– Inventar qualquer coisa! – insistiu a Darcy. – Eles também não conhecem nenhuma.

Mas eu abanei a cabeça.

– Não dá. Desculpa, não consigo.

A Darcy suspirou resignada, enquanto o rosto dela retomava a expressão infeliz.

– Claro. Nem devia ter perguntado.

Realmente, *não devia*.

– Bem – disse o Dave, depois de um tempo, pronto para ir à sua vida. – Muito obrigado por teres vindo. Estás mesmo muito melhor do que no liceu.

Fiz uma careta.

– Obrigada.

Chegara a vez da Darcy, mas ela já estava virada para o telemóvel.

– Da próxima vez que estiveres na cidade, vamos tomar café.

– Ótima ideia – concordei, embora ambas soubéssemos que nunca aconteceria. Deram-nos um último abraço, um de cada vez.

E então acabou. Estava livre para me ir embora. Já tinha feito a minha aparição, confrontado o meu passado, visto a reluzente careca do Dave – podia finalmente ir para casa e descansar.

Olhei para o Duncan.

– Pronto para ir?

Ele assentiu.

– Não acredito que ela te pediu aquilo!

– Nem eu.

– No que é que ela estava a pensar?

Abanei a cabeça.

– É só uma mãe a tentar ajudar o filho.

– Claro – concordou o Duncan. – Se bem que, se o quisesse fazer, não por ela, claro, mas por ti, devias saber que eu sou um dançarino incrível.

Olhei para ele.

– És?

Como resposta à pergunta, o DJ começou a tocar *Cupid Shuffle*. Não reconheci de imediato, mas, quando percebi, virei-me para a pista de dança vazia.

– Helen? – perguntou o Duncan.

– Conheço esta dança – disse.

Ao ver-me, o Duncan percebeu o que eu estava a pensar e sorriu. Depois, piscou-me o olho.

– Está na hora de entrarmos no ritmo *funk*, Menina H?

Rendi-me com um encolher de ombros, como quem diz: *Oh, que se lixe.*

Durante anos, depois daquele fiasco na noite do baile com o Dave e a Darcy, alimentara fantasias de vingança. Imaginara, por exemplo, que todos nós, coincidentemente, nos encontraríamos num cruzeiro, e que o navio afundaria. Eu tentaria remar até eles num bote salva-vidas, mas os tubarões captar-lhes-iam o cheiro. Apesar dos meus esforços heroicos, seria forçada a assistir impotente enquanto eram ambos despedaçados.

Esta noite, porém, não tinha de os salvar. Nem sequer tinha de tentar. Tinha todas as razões legítimas do mundo para abandonar aquele navio a afundar-se e simplesmente dar-me ao luxo de ir para

casa. Mas, na beira daquela pista de dança, tive uma pequena epifania. Eu realmente adorava dançar. Se conseguira fazê-lo tendo como música paus e pedras, e com pessoas chamadas Homem das Cavernas e Caboose, também o podia fazer aqui.

Assim, lá me vi a avançar pelo meio daquela pista vazia, sozinha, rumo a uma dança da qual nem sequer conhecia a música, usando os braços para chamar os adolescentes e os avós a juntarem-se a mim. Ninguém se mexeu, mas, pouco depois, o Duncan apareceu para me entregar um microfone sem fios.

– Ei, pessoal – disse eu, a minha voz de repente tão alta que até eu me assustei. Todos se viraram na minha direção, incluindo o Dave e a Darcy. Ao ver-me, a Darcy largou o telemóvel. – Eu sou, hum, a Irmã Mais Velha, e este é o meu parceiro... – Virei-me para o Duncan.

– Bilbo Baggins – apresentou-se ele.

Cobri o microfone e dei-lhe um olhar, como quem pergunta: *Estás louco?*

– Não. Não podes ser o Bilbo Baggins.

Recomecei.

– E este é o meu parceiro, D-Dog. Estamos aqui para vos ensinar umas danças, por isso, venham para a pista. Onde está o Sean Hoffman?

Com isso, uma versão de treze anos não careca do meu ex-namorado de liceu levantou a mão.

– Bem, quem sai aos seus não degenera! *Mazel tov*, Sean! Vem cá. E traz alguns amigos. Ou séniores.

O Sean Hoffman não era nada senão obediente.

– Onde estão as senhoras? – perguntei eu no microfone. – Meninas, venham cá também!

Uma avó avançou e dirigiu-me um grande polegar erguido.

– Muito bem, pessoal. A dança mais fácil do mundo. A sério. Quando a música disser «para a direita», deem um passo para a direita. Quando disser «para a esquerda», deem um passo para a esquerda. O que acham que devem fazer quando disser «agora, pontapé»?

Os miúdos olharam para mim sem perceber nada. Cheguei o

microfone à boca.

– O que devem fazer quando a música disser «pontapé»? – repeti.

– Dar um pontapé? – respondeu por fim o Sean.

Apontei para ele.

– Certíssimo! Cem pontos! – Foi quando encontrei o ritmo. Afinal, era professora. Podia não saber muito, mas sabia mais do que aqueles miúdos. Sabia como dar uma aula. Treze anos ainda são só treze anos, e toda a gente tem de começar por algum lado. Olhei para a multidão. Mais miúdos começavam a juntar-se. A segurança dos números. Agradei aos céus que a música fosse contagiante.

Comecei. O Duncan juntou-se a mim. Fizemos o DJ passar a música mais três vezes e, no final, já quase todos tinham aprendido. As crianças começaram a relaxar. Já tínhamos ultrapassado a barreira do terror. O deles e o meu.

– Agora, vamos variar – disse, finalmente indicando ao DJ que mudasse a música. – E o D-Dog vai exemplificar. Isto é o Passo-Aplauso. Dão um passo para o lado e, quando juntam os pés, aplaudem. Depois, vão para o outro lado. É a base da dança. – Do Passo-Aplauso, passámos para o Giro, o Requebro, o Abanar do Rabiosque, o John Travolta, o Oito e o Uchie. Inventei-os todos na hora. Era improvisado de dança, e eu saía-me bem, mas o Duncan era ainda melhor. Acabámos a revezar, e as contribuições dele foram o Guarda-Chuva, o Comboio, o Honky Tonk, a Marilyn Monroe, o Desliza, o Dónute, a Casca de Banana e o Fala Prá Mão.

A questão é: eles alinharam. Aceitaram a nossa autoridade. Acreditaram que éramos os animadores da festa. Raios, até nós quase acreditávamos. Não tardou que até os avós estivessem na pista. Incluindo, de repente e do nada, a avó GiGi, num fato vermelho fabuloso.

– O que estás a fazer aqui? – gritei quando me aproximei o suficiente.

– Fui convidada – disse, sem perder o ritmo. – Com direito a acompanhante.

– Porque é que foste convidada? – perguntei.

– Eles adoram-me! – exclamou ela. – Também fui ao casamento.

Parei de dançar.

– Foste ao casamento deles?

A GiGi acenou-me um dedo, fazendo a sua versão do «oh não, não fizeste isso».

– Fui, sim.

– Foste ao casamento do meu ex-namorado traidor e da minha melhor amiga mentirosa?

Ela encolheu os ombros.

– Eram uns miúdos simpáticos.

– Para mim não foram!

– Ainda estás chateada com isso?

Claro que ainda estava chateada. Tinham-me magoado! Terrivelmente! Tinha o direito a estar chateada para sempre se quisesse. Mas foi então que percebi que já não queria.

No entanto, isso não desculpava a atitude da minha avó.

– Estou chateada retroativamente – declarei. – Foste ao casamento deles sem me dizeres! E nem me avisaste que vinhas cá.

– Não terias gostado de saber – respondeu ela.

– Podes crer que não!

Ela enviou-me um beijo pelo ar.

– A vida é confusa, querida.

– Mas não sabias que me ias encontrar aqui?

– Apostei que te ias acobardar.

– Mas não me acobardei!

A avó GiGi sorriu para mim como se estivesse muito orgulhosa, e depois assentiu.

– É isso mesmo, querida. Sê corajosa. Nada de bom vem de teres medo. – Depois rodopiou para a pista de dança, onde chocou com um velho cavalheiro de laço amarelo, e vi-o a tomá-la nos braços, afastando-se.

Estavam todos a dançar. De repente, separaram-se em duas filas e cada um deles começou a passar pelo meio delas enquanto dançava. A sala vibrava de energia. Já não precisavam de mim. O meu trabalho estava feito. E, assim, estava pronta para sair. Chamei o Duncan e aponte para o relógio. Ele estava no meio da pista, a arrasar como um louco, e ergueu a mão para indicar «mais cinco minutos».

Mas abanei a cabeça.

– Vou andando! – gritei-lhe. E apontei para a GiGi. – Depois leva a GiGi!

– Está bem! – gritou ele, erguendo o polegar. Antes de me afastar, exclamou: – Espera! Promete-me uma coisa!

– O quê?

– Nunca mais me chames nada além de D-Dog!

Apontei-lhe os dedos como se fossem pistolas imaginárias.

– Feito!

O Duncan estava decidido a ficar e aproveitar ao máximo um *bar mitzvah* cheio de desconhecidos. Há um mês, eu teria arranjado maneira de usar isso contra ele. Mas claro, há um mês, ele nem sequer estaria aqui comigo.

Pensei em parar na mesa do Dave e da Darcy a caminho da saída, para que eles pudessem agradecer-me e dizer o quão magnífica eu era, mas depois decidi que não precisava de o ouvir. Afinal, não o fizera por eles. Além disso, gostava da ideia de desaparecer de repente, como se fosse uma espécie de super-heroína animadora de festas.

Mas, à medida que me afastava da pista de dança, com a música a pulsar atrás de mim, senti aquela familiar dor de isolamento a assomar novamente. Para onde ia agora? O que me esperava? A música pareceu esmorecer à medida que os risos e conversas daqueles estranhos se elevavam. Eu não pertencia aqui, o que não teria qualquer problema se conseguisse convencer-me de que havia algum outro lugar – qualquer outro lugar – onde eu pertencesse. O resto da noite estendia-se à minha frente como se eu estivesse dentro de um tanque de isolamento. Iria para o elevador sozinha, descê-lo-ia sozinha, passaria pelo átrio e pelo estacionamento sozinha, conduziria o meu carro sozinha de volta à casa da GiGi, despir-me-ia no meu quarto de adolescente, sozinha, e depois deitar-me-ia. Sozinha.

Senti um aperto na garganta, como se fosse chorar. Inclinei-me para a frente e acelerei em direção à saída, a preparar-me para o meu próprio futuro como se fosse um vento frio de inverno. Queria sair antes que o Dave ou a Darcy me vissem em qualquer estado que

não fosse o de triunfo.

É quase só disso que me lembro: uma festa animada com uma multidão na pista de dança, unida pela bola de espelhos e pelo DJ, e eu a afastar-me, como sempre parecia fazer em relação a tudo o que poderia oferecer-me conforto, alegria ou pertença. Sei que estava a usar um vestido festivo cor-de-rosa, mas, na minha memória, ao fugir da sala, sobrepõe-se a imagem de outra cena: uma rapariga com um casaco e um cachecol desgastados de inverno, abraçando-se para se aquecer, e atravessando uma tempestade de neve turbulenta, de cabeça baixa e corpo enregelado. Estava na hora de me voltar a levantar. Estava na hora de prometer a mim mesma que acordaria de manhã e reconstruiria a minha vida – melhor e mais forte desta vez, mais sábia por causa de toda a luta. Estava na hora de voltar a encarar o futuro e dizer: *Ele que venha*.

Mas não conseguia. Sentia-me como se estivesse a atravessar aquela mesma tempestade interminável a vida inteira. E agora, por fim, estava demasiado enregelada e cansada para continuar.

Mas continuei, claro. Mantive os olhos no chão e passei por entre mesas e convidados da festa. A saída não estava longe. Talvez me sentisse melhor assim que estivesse fora da sala.

Antes que o pudesse fazer, no entanto, esbarrei contra o peito de alguém com um baque abafado. Poderia muito bem ter sido um avô com um andarilho ou um miúdo do sétimo ano com comida no aparelho, mas não. Era o Jake.

O meu Jake. O Jake que tinha ido para o Colorado. Com a sua Windy.

Estaquei. Lá estava ele outra vez, com os seus óculos fixos, todo barbeado. Vestia uma camisa *Oxford* e uma gravata estreita estilo *hipster*. Nunca o tinha visto com uma gravata, nem mesmo no meu casamento, e ele parecia aprumado e adulto. E mais bonito do que me lembrava, o que era um exagero, realmente, porque a sua beleza habitual já era mais do que suficiente.

Depois de lhe embater no peito, recuei rapidamente, quase como se tivesse batido numa parede invisível. Ele segurou-me pelos ombros, e, juro, foi aí que a tempestade passou. O céu cinzento abriu-se de repente para um azul-meia-noite nítido, e o vento

agitado transformou-se em calma. Senti que, à nossa volta, devia estar a tocar música de festa, mas, sinceramente, não ouvi um único som.

Ficámos os dois assim parados durante uns segundos, de olhos fixos um no outro. O meu cérebro estava às voltas. Eram tantos os motivos pelas quais ele não podia possivelmente estar ali.

Por fim, ele esboçou um sorrisinho.

– Olá, Demora.

Atirei-lhe o primeiro nome que me veio à cabeça:

– Olá, Texugo.

Naquele momento, pareceu aperceber-se de ainda me estar a segurar os ombros. Soltou-me, sobressaltado, e deu um passo atrás.

– Estás incrível.

Olhei para baixo, para o meu vestido cor-de-rosa. Afinal não precisava mesmo do casaco velho. Abanei a cabeça e ergui o olhar.

– Mas que raio estás aqui a fazer?

– A GiGi trouxe-me. Como seu acompanhante.

– Vieste com a GiGi?

Ele confirmou com a cabeça.

– Excelentes passos de dança, já agora.

– Viste aquilo?

Ele encolheu os ombros.

– O meu preferido é o Saloio de Beverly.

Abanei a cabeça.

– Porque é que vieste?

– Bem – disse o Jake –, primeiro o Duncan deixou-me uma mensagem de pânico no telemóvel, a contar-me toda a trapalhada com a *Pickle*.

– Isso já está resolvido – informei.

– Ele estava mesmo com medo de não sobreviver para ver a luz da manhã.

Voltei-me para a pista de dança, de onde podia ver o Duncan a dançar como o *Animal* dos *Marretas*.

– Como podes ver, fui misericordiosa.

– Depois passei lá por casa para ver como ele estava, e dei de caras com a GiGi, toda produzida. Convidou-me para ser o seu par

porque o original teve de fazer uma cirurgia de urgência.

No corredor atrás dele, ouvi o elevador a tocar, e um grupo de avós saiu.

– E mais – acrescentou –, vou ficar por cá. No hotel. Consegui arranjar um quarto quando cheguei.

– Neste hotel?

Ele acenou com a cabeça.

– Não te podes dar ao luxo de um quarto aqui – comentei.

– Claro que posso.

– Não, se não tiveres dinheiro.

– Porque é que achas que não tenho dinheiro?

– Porque tiveste de ir à boleia até ao Wyoming.

Ele ponderou sobre isso.

– Foram circunstâncias especiais – explicou.

– Parecias estar nas lonas. Não estás?

Ele abanou a cabeça.

– Não, não estou. A minha mãe deixou-me uma poupança.

O meu cérebro estava prestes a explodir.

– Mas disseste que estavas com pouco dinheiro.

– Provavelmente estava. Naquele momento.

Sobre o que estávamos a falar mesmo? Ele tinha respondido à minha pergunta?

– Então – disse eu, tentando resumir –, é por isso que estás aqui esta noite? Vieste salvar a vida ao meu irmão, arranjaste um quarto neste hotel chique e decidiste sair com a minha avó?

O Jake olhou-me nos olhos.

– Não exatamente por essa ordem, mas sim.

– Está bem – disse eu. Esperava algo mais, alguma indicação de que eu significava alguma coisa para ele, tal como ele significava para mim.

Mas nada.

Por fim, cansei-me de esperar. Se eu significasse alguma coisa para ele, ele já me teria dito, com a mesma naturalidade que aplicava a tudo. Recuei. Era inútil esperar e desejar. Não havia nisso antecipação possível, apenas tortura. Já sofrera o suficiente. O meu pobre coração cansado não aguentava mais.

Nas costas dele, fora do salão de bailes e do outro lado do corredor, o elevador fez um som e abriu-se novamente, mesmo quando senti aquela pontada no peito que precede o choro.

– Tenho de ir – declarei. Naquele momento, só queria chegar até ao elevador e que as portas se fechassem atrás de mim, com o Jake do lado de fora.

Mas ele seguiu-me.

– Ei!

Continuei a andar, mas ele alcançou-me e agarrou-me pelo braço antes de eu chegar ao elevador, que fechou e se afastou sem mim.

– Onde vais? – perguntou-me.

Virei-me e ele viu-me as lágrimas nos olhos.

– Para qualquer lugar que não aqui.

Ele franziu o cenho.

– O que se passa?

Não faço a mínima ideia porque é que lhe contei a verdade. Talvez desconfiasse de que ele já sabia. Endireitei-me, tentando parecer mais corajosa. As mãos tremiam-me – na verdade, o corpo todo – e enfiei-as nos bolsos, cerrando os punhos. Depois, respirei fundo, olhei para o teto do corredor para não deixar as lágrimas caírem e disse:

– Quando te vi, pensei por um segundo que tivesses voltado por mim.

Mantive o olhar fixo nos painéis acústicos lá em cima. Sabia que assim que desviasse o olhar, as lágrimas iriam cair.

Quando o Jake falou a seguir, a voz saiu-lhe mais suave.

– Eu voltei mesmo por ti.

Aquilo fez-me baixar o olhar. As lágrimas caíram como previsto, e, com elas, escapou-se-me um soluço.

– Voltaste? – Levantei uma mão trémula para enxugar os olhos.

O Jake anuiu.

– Porque não disseste isso antes? – perguntei.

A voz dele era terna como nunca a ouvira.

– Não me deixaste acabar – respondeu com um encolher de ombros.

Com isso, avançou um passo, pôs os braços à minha volta e

encostou o queixo à minha cabeça. Pressionou a lateral do meu rosto contra a sua lapela, e ficámos ali, não sei por quanto tempo. O suficiente, no entanto, para o mesmo elevador soar, deixar sair outra multidão de convidados da festa, fechar e desaparecer novamente.

– Na noite do banquete – continuou, passado um tempo –, depois de saíres, a Windy fez-se a mim.

– E?

– Tivemos de ter uma conversa.

Fiquei quieta.

– Porquê?

– Porque ela *gostava* de mim.

Recuei para o fitar.

– É claro que ela gostava de ti! Vocês eram um casal!

O Jake estava prestes a dizer algo, mas aquilo deteve-o. Franziu o cenho e enfiou as mãos nos bolsos.

– Não éramos um casal.

– Eram, sim.

– Acho que eu saberia.

– Eram um casal! Um par perfeito! Ambos têm casas de férias no Maine e gostam de manteiga de amendoim, ou lá o que é. Quase a pediste em casamento no Prado Pintado. E eu vi-vos aos beijos, com os meus próprios olhos, no início do trilho, durante a evacuação do Hugh.

O Jake estremeceu.

– Viste aquilo.

– Sim. E foi um beijo dos diabos.

– Mas não foi a sério.

– Pareceu-me muito a sério.

– Não foi um beijo *beijo*.

– Não quero saber – disse eu. – Não interessa.

– Interessa-me a mim.

Desviei o olhar.

– Foi no «Verdade ou Consequência» – disse ele. – Deram-lhe a consequência de me beijar três vezes durante aquele jogo estúpido, mas ela adiou.

– Não se podem adiar beijos.

– A Windy pode. E depois, na caminhada, disse-me que queria combiná-los. Em vez de três beijos rápidos, queria só um beijo gigante.

– Bem – disse eu. – Certamente que lho deste.

– Sim, pois. Prometi que o faria.

– Porque me estás a contar isto?

– Para que saibas o que realmente aconteceu. – Passou a mão pelo cabelo. – E, a propósito, nunca mais jogo «Verdade ou Consequência».

Levantei as sobrancelhas.

– Beijaste todas as raparigas da viagem nessa noite.

Queria que ele dissesse que não, mas ele encolheu os ombros.

– Provavelmente. Perdi a conta.

Franzi-lhe o nariz.

– Os nossos beijos nem tinham tido tempo de arrefecer.

– Para ser claro, esses beijos nunca aconteceram. Se te recordas, éramos completos estranhos na altura. Por insistência tua.

– E então? Viste-me aí a beijar toda a gente na cidade?

– Não sei. Talvez.

– Não, não viste. Fiquei sozinha a sentir-me miserável, como uma pessoa normal.

– No início, aquilo foi só o típico jogo de «Verdade ou Consequência». Mas depois as raparigas começaram a desafiar-se umas às outras para me beijarem. Só a mim. Foi aí que a coisa começou a descambar.

– Então, beijaste-as todas mesmo sem queres?

– Mais ou menos. De certa forma. Não dava para beijar uma e depois ignorar as outras.

– Claro que dava! Dava perfeitamente.

Ele encolheu os ombros.

– Depois de começar, até foi uma distração fixe.

– Distração de quê?

Ele encarou-me.

– De ti.

Fiquei sem saber como reagir, por isso virei-me e carreguei no

botão do elevador, só para fazer alguma coisa.

Depois de um minuto, o Jake perguntou:

– Achavas que eu e a Windy estávamos juntos?

Voltei-me.

– Toda a gente achava que tu e a Windy estavam juntos. Até começaram a planear o vosso casamento *hipster* e boémio no meio da natureza, caramba.

– Ficaste com ciúmes?

O elevador soou e as portas abriram-se. Entrei. O Jake seguiu-me. Mas nenhum de nós se lembrou de escolher um piso.

– Tinham todos ciúmes! – respondi. – Ganhaste *imensos* pontos Quebra-Corações por causa disso. Como é que não sabias que ela gostava de ti?

– Sabia mais ou menos. Mas pensei que fosse só uma cena para passar o tempo, do tipo: «Não tenho nada melhor para fazer.»

– Não – disse, agora chateada por causa da Windy. – Era mais: «Encontrei o meu futuro marido!»

O Jake olhou em volta, como se só agora tivesse percebido que estávamos no elevador.

– Para onde estamos a ir, já agora? – perguntou.

Carreguei no botão do átrio.

– Para baixo – disse.

Ele encolheu os ombros.

– Depois de perceber o que ela queria, disse-lhe que não gostava dela assim.

Senti-me protetora.

– Não gostavas dela assim? O que há para não gostar? Ela é adorável! E incrível! E súper sábia para a idade dela! Todos os rapazes nesta viagem tinham uma queda pela Windy. Ela escolhe-te e tu não a queres? Não parece um bocado ingrato?

– Eu não pedi para ela me escolher.

Carreguei outra vez no botão do átrio.

Mas o elevador não se mexia. Carreguei várias vezes. Nada. Depois, pressionei o botão para abrir as portas, que teimaram em continuar fechadas.

– Acho que estamos presos neste elevador – disse.

– Boa – alegrou-se o Jake.

Fiz-lhe uma careta.

– Não é nada bom.

– Agora estás presa a mim – disse o Jake.

– Já estava presa a ti antes.

Os olhos dele cintilaram com aquilo.

– A sério?

Mas eu semicerrei os meus.

– E a Windy? Não te percebo. És viciado em dopamina?

– Porque é que ainda estamos a falar da Windy?

– Só queres o que não podes ter?

– Eu não quero só o que não posso ter.

– Porque o meu ex-marido era assim, e isso não é maneira de levar a vida. Valoriza o que tens! Fica satisfeito com o que a vida te dá!

– Estou a *tentar*! – exclamou, batendo com a palma da mão na parede do elevador. E, nesse momento, o elevador desceu uns bons centímetros.

Nos segundos que se seguiram, ambos ficámos paralisados, agachados, à espera de que algo mais acontecesse. Mas nada.

– Isto foi estranho – murmurei.

– Fui eu que causei isto? – perguntou o Jake. – Talvez tenha sido apenas coincidência.

Agora, o elevador captara-lhe a atenção. Estendeu lentamente a mão para pressionar o botão que abriria as portas, mas estas não se moveram. Tentou o botão do átrio, mas nada. Pressionou todos os botões ao mesmo tempo, sem sucesso. Então, decidiu carregar no botão de alarme.

Uma voz surgiu do altifalante.

– Precisam de ajuda?

– Parece que ficámos presos no elevador – disse ele.

– Ups – respondeu a voz.

Olhei para o Jake.

– Ele acabou de dizer «ups»?

– Pareceu-me.

Depois a voz regressou.

– Lamentamos imenso. Pensávamos que estava resolvido. Alguém vai a caminho para abrir as portas.

– E isso vai ser quando? – perguntou o Jake, mas a voz já tinha desaparecido.

Em silêncio, o Jake recuou um passo, apoiando-se na parede atrás dele.

Eu também recuei um passo, encostando-me a outra parede.

– O que quer isto dizer? – perguntei. – «Pensávamos que estava resolvido»? – A imagem de um cabo, tipo corda, a desfiar até ficar quase invisível surgiu-me na mente.

O Jake abanou a cabeça.

– E agora, o que fazemos? – perguntei.

– Acho que esperamos. E ficamos muito quietos.

– E tentamos não bater nas paredes.

Examinei o chão. O Jake examinou-me a mim.

– Então, a Windy partiu para o Colorado – disse eu, por fim, sem levantar os olhos.

– Ficou bastante chateada – disse ele.

– E o que fizeste depois?

– Fiquei com o Beckett durante algum tempo. Ele mora em Riverton, então não é muito longe. Sabias que ele está numa banda de *reggae*?

– Isso levanta mais dúvidas do que respostas.

– Há um tipo na banda que restaura veículos *Land Rover* antigos. Constrói-os do zero. Tem um celeiro cheio deles, todos para vender. Então, comprei um.

– *Compraste um Land Rover antigo?*

Ele assentiu.

– Em Riverton. É laranja.

– Deve ser uma bela de uma poupança.

O Jake encolheu os ombros.

– Então, ficaste sem boleia, mas compraste um carro – revi. – Porque é que não foste para Denver?

– É isso que tenho estado a tentar explicar-te.

Olhei para o painel do elevador.

– Certo. Vamos lá ouvir.

– Bem – disse o Jake –, parei para passar a noite a caminho de Denver quando o meu telemóvel tocou.

– Quem te ligou?

– Tu.

Abanei a cabeça.

– Eu não te liguei.

Ele assentiu.

– Ligaste.

Abanei a cabeça novamente.

– Eu *realmente* não te liguei.

– Não me ligaste *de propósito* – disse ele. Foi então que percebi.
Os meus olhos arregalaram-se.

– Não...

Ele assentiu.

– Foi sem querer.

– Aquele raio daquele telemóvel!

– Pois é.

– Diz-me que ouviste apenas estática.

– Não.

– Então, o que ouviste? Diz-me!

– Eras tu. A cantar.

Fora depois do jantar. Eu estava a lavar a louça e a cantar naquele estado de abandono que só empregamos quando ninguém nos está a ouvir. Fechei os olhos com força e bati com a cabeça na parede do elevador.

– Cuidado – avisou o Jake, olhando em volta como se eu pudesse fazer-nos cair.

– Quanto tempo durou isso?

– Um bom bocado.

Tapei os olhos.

– Eu desafinei?

– Muitas vezes. Mas foi fofo.

Espreitei por entre os dedos.

– No começo, foi a *Proud Mary*. Mas não conseguias mesmo atingir aquelas notas mais agudas, então mudaste para uma mistura de coisas. Um pouco de Dean Martin. Os Beatles. Earth, Wind &

Fire. A dada altura, comecei a ouvir o «Weird Al» Yankovic?

Endireitei-me um pouco, como que a demonstrar autoridade.

– Está bem, a *Eat It* é melhor do que a *Beat It*.

Ele inclinou a cabeça para me contradizer.

– «Arranja um ovo e bate-o»¹⁴? Por favor. É genial.

Ele encolheu os ombros.

Eu franzi a testa.

– Não devias ter ficado a ouvir. Devias ter desligado.

– Não conseguia. Era demasiado incrível.

Olhei para ele, como quem diz: *Tem dó*.

– A sério, não consegui desligar. Não quis. Percebi que preferia ouvir-te a fazer praticamente qualquer outra coisa no mundo. Mesmo que não me suportes e que mereças alguém mil vezes melhor, e mais saudável do que eu, e mesmo que a única coisa decente a fazer fosse deixar-te em paz, não tive escolha senão vir atrás de ti. Na manhã seguinte, o meu *Land Rover* quase que veio em piloto automático até aqui.

Hesitei.

– E as baleias?

– Ainda vou. É só daqui a três dias.

– Vais conduzir de volta para Denver?

– Claro. Daqui a um ou dois dias. Mas tinha de falar contigo primeiro.

Acima das nossas cabeças, o elevador fez um tipo de barulho baixo e trémulo. Ambos olhámos para o alto até parar. Encostei-me um pouco mais contra a parede.

– Tinha tudo planeado. Até ensaiei o que ia dizer assim que te visse, mas depois, quando realmente te vi, quando estavas mesmo ali, acobardei-me.

– Tu nunca te acobardas – admirei-me.

Ele encolheu os ombros.

– Uma vez na vida, sim.

– O que é que tinhas para me dizer?

A voz dele saiu baixa.

– Tu sabes.

A minha voz mal passava de um sussurro.

– Diz-me, então.

Ele inspirou fundo.

– Ia dizer-te que nunca gostei da Windy. Naquela viagem, não pensava em mais ninguém, não me preocupava com mais ninguém, não queria estar perto de mais ninguém a não ser de ti.

Permaneci muito imóvel.

– Não tenho problemas em querer o que não posso ter. O meu problema é que te quero a ti. Só a ti. Tu és o meu problema. Não sou viciado em dopamina, sou viciado em ti, Helen. E parece que não consigo parar. – Ele pausou. – Estou apaixonado por ti há *seis anos*. Tu nem sequer te apercebias da minha presença, mesmo, e ainda por cima eras casada. Nem sequer podia, sei lá, convidar-te para um café. Mas lidei com isso. Estava bem.

– Ainda bem – disse eu, contente por ele.

– Mas, depois, divorciaste-te. Lembras-te daquele dia em que te ajudei a levar o sofá novo para o teu apartamento? Dois lanços de escadas?

Vasculhei a memória. Não. Espera, sim! Ele ajudara-me com isso.

– E porque é que não foi lá o Duncan? Onde é que ele estava?

– O Duncan estava nas aulas. Nem lhe disse que ia passar por lá – admitiu o Jake.

– Não?

Ele abanou a cabeça.

– Ia confessar tudo, a começar pelo dia em que te conheci e até àquele exato momento. Tens noção do que quis fazer contigo naquele sofá?

Abanei a cabeça. Depois o dia voltou-me à memória.

– Eu estava um caco.

Ele assentiu.

– Choraste o tempo todo que estive lá.

Recuei na memória.

– Não era o momento ideal para uma declaração de amor. – Ele abanou a cabeça. – Não, não era. Mas ia voltar a tentar. Ia convidar-te antes que alguém o fizesse. Mas, antes que pudesse fazê-lo, fui comprar óculos e descobri, em vez disso, que estava a ficar cego.

Olhei para baixo.

– Então nunca mais tentaste?

– Tudo mudou depois disso.

– Mas não tinhas a certeza...

– Não. Não tive a certeza até pouco antes do Wyoming. Tive de passar por várias fases: negação, negociação. Muitos testes para compreender a gravidade da situação. Mas nem sequer pensei em convidar-te para sair depois disso. Pois se tu nem reparavas em mim com uma visão perfeita!

– Sabes que isso não me importa, não sabes?

Ele abanou a cabeça.

– Assim que tive a certeza, não conseguia respirar, comer. O meu futuro estava a desfazer-se. Tudo o que queria, ser médico, ter filhos, aprender a fazer mergulho, desapareceu. Ainda por cima, aconteceu na véspera de apareceres na festa com a *Pickle*.

O Jake parou.

– O quê?

E olhou para o teto.

– Tinha um bilhete de avião para o Wyoming quando te vi. Ia daí a dois dias. Mas, depois de te ver, dois dias tornaram-se demasiado.

– Tinhas bilhete?

Ele olhou-me nos olhos e assentiu.

– Disseste-me que não. – Aliás, ele até dissera que a boleia fora ideia do Duncan.

O Jake anuiu.

– É verdade.

– Porquê?

Ele abanou a cabeça.

– Tive a sensação louca de que podias salvar-me.

Percebi que estava a sustentar a respiração e deixei-a finalmente escapar.

– Nem me consigo salvar a mim mesma.

– Mas salvaste. Conseguiste. – Abanei a cabeça. – Gostar de ti deu-me algo por que ansiar. Mesmo quando parecia impossível.

– Não precisava de o ser – disse eu.

– Preferias que te tivesse enganado para ires para a cama comigo?

– Porque é que não me perguntaste diretamente?

O Jake abanou a cabeça como se nem ele soubesse.

– Em algum momento nos próximos anos, os meus olhos vão perder a capacidade de ver. Toda a luz vai desaparecer do mundo. É um facto, e não há nada que o possa mudar. Se eu fosse uma pessoa melhor, deixava-te em paz. Mas não consigo... Desculpa, *não consigo*. É mesmo por isso que estou aqui. Para ganhar coragem e, finalmente, te contar tudo.

Estava completamente errado que estivéssemos em lados opostos do elevador naquele momento. Quando um rapaz nos diz algo assim, devemos estar ao alcance dos seus braços, no mínimo. *Raios partam o elevador*, pensei.

Mas logo a seguir, como se em resposta, o elevador voltou a cair mais um pouco. Meio metro? Mais? O chão simplesmente desapareceu sob nós, e depois caímos, e aterrámos no chão, ambos de cara no tapete.

Assim que pôde, o Jake rastejou até mim.

– Estás bem?

Fiz que sim com a cabeça.

– Vamos morrer?

– Não – disse o Jake. – Vamos apenas ficar presos por algum tempo entre os pisos catorze e doze.

– O que aconteceu ao treze?

– Não há treze.

– O piso acima do doze não é o treze?

– É – disse ele –, mas não lhe chamam assim.

– Porquê?

– Não sabes? Toda a gente sabe! Porque dá azar.

– Então o décimo quarto piso é o décimo terceiro piso.

– Não – disse ele. – O décimo terceiro piso simplesmente não existe. E isso é bom, porque precisamos de toda a sorte que pudermos ter agora.

Ficámos assim, durante algum tempo, à espera de ouvir uma voz tranquilizadora pelo altifalante ou o som dos bombeiros a forçarem a porta. Qualquer ruído que viesse do mundo lá fora. No entanto, acabou por ser o meu telemóvel a tocar.

Enquanto estendia a mão para a minha mala, comentei:

– Talvez seja o hotel. Sabes, com informações sobre o elevador.

– E como é que eles têm o teu número?

Bem visto. Não era o hotel. Era o Mike.

Recusei a chamada.

O Jake observou a imagem do Mike a desaparecer no ecrã.

– Vais mesmo recusar? – questionou.

Assenti.

– Não tens curiosidade em saber porque é que ele te está a ligar?

– Eu sei porque é que ele me está a ligar.

– Porquê?

– Para me implorar que volte.

– Então, não gostas que te implorem?

Abanei a cabeça levemente.

– Ele não.

O Jake semicerrou os olhos, num tom brincalhão.

– Quem gostarias que te implorasse?

Mas eu limitei-me a sorrir.

– Então – disse o Jake, a olhar para mim. – Acabei de confessar o quanto te amo loucamente.

Fiz que sim com a cabeça.

– O que achas disto tudo?

Ali, suspensos sobre a nossa morte iminente, não me pareceu boa ideia ser evasiva. Olhei-o nos olhos e disse, sentindo que o fazia em câmara lenta:

– Também te amo loucamente.

Ele abanou a cabeça, incrédulo.

– Mas como? Quando é que isso aconteceu?

Ponderei sobre isso.

– Na verdade, pode ter começado quando quase fizeste chichi naquela garrafa.

Ele sorriu e anuiu.

– Resulta sempre.

– Ou – continuei – pode ter sido quando soletraste a palavra «lascivo». Ou quando te esqueceste de secar as clavículas e deixaste escorrer todas aquelas gotas de água. Ou quando caíste durante a

técnica de suspensão.

– Essas coisas resultam com as mulheres?

– Ou – continuei, pensando – pode ter sido a forma como continuaste a salvar-me do Beckett, mesmo quando não o merecia. Ou como as tuas mãos eram ternas ao pôr-me o penso no joelho. Ou a maneira como fazes sempre a coisa certa, corajosa e bondosa em todas as situações, não importa o quê. Ou talvez seja apenas o facto de eu sempre, invariavelmente, me sentir mais feliz quando estou perto de ti.

– Pensei que me odiavas.

– Odiava. Daquela forma como se odeiam as pessoas por quem estamos apaixonados.

– Durante a viagem também?

Acenei com a cabeça.

– O tempo todo?

Acenei com a cabeça.

– Conseguiu disfarçar bem.

– Pensava que gostavas da Windy.

– Mesmo quando te beijei no riacho?

– Julguei que estávamos a trair a Windy. O que me fez sentir terrivelmente culpada.

– E eu, que me estavas a beijar por pena.

Abanei a cabeça.

Ele incluiu toda esta informação nova na memória daquele beijo.

– Se soubesse que não me odiavas, teria feito um trabalho melhor.

– Fizeste um trabalho incrível, na verdade.

O Jake olhou para mim, incrédulo.

– Não me odeias.

– Muito pelo contrário.

– Então, se te beijasse outra vez, não te importavas?

– Não me importava nada – declarei. – Mas estamos prestes a morrer, por isso, mais vale fazê-lo já.

E com isto, ele beijou-me novamente. Sem truques. Sem jogos. Apenas ele e eu, como se nada mais importasse, no tapete de um elevador avariado, preso num piso inexistente de hotel.

13 Personagens do filme *Ensina-Me a Viver*, de 1971, que conta a história do romance entre o jovem Harold e da idosa Maude. (N. do E.)

14 «*Get yourself an egg and beat it*», frase da letra de *Eat It*, lançada em 1984 por «Weird Al» Yankovic, e que é uma paródia a *Beat It* (1982), de Michael Jackson. (N. do E.)

Epílogo

Todas as histórias têm de ter um princípio e um fim. Olhando para trás, podia tê-la começado em qualquer ponto, ou ter-me demorado num ou noutro pormenor. Podia tê-la começado no dia em que conheci o Mike, por exemplo, e terminado no dia em que o deixei. Podia ter começado com o dia em que perdemos o Nathan e terminado com o dia em que quase perdemos a minha mãe. Podia ter-me alongado nas mágoas. Podia ter pintado o retrato de um casamento em ruínas, ou de uma família atingida pela dor. Está tudo lá.

Mas não é essa a história que quero contar. Não é sobre esses momentos da minha vida que me quero debruçar. Aconteceram. Foram importantes. Deixaram as suas marcas. Mas as coisas que recordamos são aquelas a que nos agarramos, e aquilo a que nos agarramos torna-se na história das nossas vidas. Só temos uma. E eu estou determinada a fazer da minha uma história boa.

Afinal, a vida vai dar-nos a todos a nossa quota-parte de desespero, perda e sofrimento – e depois ainda mais. Isso é certo. Mas é igualmente certo que também nos dará fatias de bolo de chocolate, dias soalheiros de vinte e dois graus e brisas que agitam as árvores. As coisas boas são tão fáceis de ignorar, mas isso não as torna menos *presentes*. Uma canção esquecida vai tocar na rádio. Um estranho vai ajudar-nos a mudar um pneu. Uma senhora que passa por nós vai adorar o nosso lenço vermelho. Um erro revelar-se-á uma bênção. Um velho amigo irá perdoar-nos. Um novo amigo vai fazer-nos rir.

E assim, tendo em conta todos os momentos que poderia escolher, termino a minha história aqui, no elevador, com a memória a que recorro sempre que preciso de pensar na felicidade e lembrar-me de como ela é. É a imagem que mais me ocorre quando estou a sonhar acordada. Ou quando não consigo dormir. Levo-a comigo como um poema de amor enfiado no sutiã. Já nem preciso de o ler, de tantas vezes que olhei para ele. Mas leio-o na mesma e

deixo que os meus olhos acariciem todos os pormenores que, de outra forma, poderiam desaparecer. É tão difícil recordar-me de um momento sem me lembrar de todos os outros instantes que conduziram a ele, mas às vezes tento. Fecho os olhos e vejo-nos aos dois, tão ofegantes no início da nossa vida juntos.

Eis o que eu sei agora que aqueles dois não sabem: haverá desgostos, tristezas e problemas no caminho. Mas, aconteça o que acontecer, enfrentaremos melhor cada coisa difícil estando juntos do que separados. Cada uma delas. Mas não o sabemos na memória. Na memória, ouvimos um conjunto de ruídos do lado de fora, algumas raspagens e estrondos metálicos – e as portas do elevador abrem-se. Estamos bastante abaixo do nível do chão, e olhamos para cima para ver três bombeiros – e um corredor cheio de alunos do ensino básico – a olhar para nós os dois emaranhados.

Os bombeiros afastam a multidão e descem uma escada.

– Estão todos bem aí dentro? – pergunta um.

– Estamos bem – digo eu.

– Estamos ótimos – reforça o Jake.

– Prendemos o elevador no lugar – indica o bombeiro. – Podem sair em segurança.

Ao subir para o átrio, vejo toda a multidão. O Dave e a Darcy estão lá, e a avó GiGi e o seu novo amigo de laço amarelo. O Duncan também, de mangas arregaçadas e o colarinho aberto. Ele aplaude-me e depois grita um: «Muito bem, J-Town!» especial para o Jake.

Depois, a multidão rebenta em aplausos. O Jake ajuda-me a levantar, e nós acenamos e fazemos uma vénia. O Duncan põe as mãos em concha e grita por cima do barulho:

– Beija-a, meu! Mereceste-o!

E mal tenho tempo de registar as expressões de choque à minha volta antes de o Jake fazer uma saudação rápida com uma mão e estender a outra para me puxar para um beijo tão intenso e exuberante que toda a sala fica em silêncio, ou parece ficar. Naquele momento, não penso em todos os alunos do sétimo ano a olhar, ou no facto de o meu irmão e a minha avó estarem a ver, ou mesmo que o Dave e a Darcy estão mesmo ali, a assistir a tudo como se

estivessem no cinema. Não. Não consigo pensar. Sobre nada. Tudo o que posso fazer é sentir a boca quente do Jake e a sua mão na minha nuca até que tudo o resto se desvaneça. Talvez querer algo não possa ser o mesmo que tê-lo. E talvez conseguir o que se quer não nos traga felicidade. Mas digo-vos uma coisa: se a emoção que inunda o meu corpo neste momento não é felicidade, então, não faço a mínima ideia do que seja.

Quando o Jake se afasta, olha-me nos olhos e diz:

– Foi bom, não foi?

Tudo o que posso fazer é assentir.

A meia hora seguinte é um borrão. Sem me dar conta, a multidão dispersa, o paramédico declara-nos ambos ilesos e o rececionista oferece ao Jake 50 % de desconto na tarifa do quarto. Não é que o Jake precise, pelos vistos.

Por falar no quarto do Jake, é no sétimo andar. O sete é um número de sorte. É para lá que vamos a seguir, por fim, deixando todos os outros para trás.

Só que, claro, vamos pelas escadas.

Agradecimentos

Porque o meu querido marido ficou com a dedicatória desta vez, o meu primeiro agradecimento vai para a minha incrível mãe, Deborah Detering, que é verdadeiramente uma fonte de paciência, apoio, *babysitting* e transporte. É a ela que eu recorro para desabafar sobre qualquer coisa, seja na vida real ou na ficção, e é também a minha heroína pessoal. Obrigada, mãe! Vou tentar sempre retribuir toda a tua bondade.

Um enorme agradecimento também ao meu maravilhoso marido, Gordon, que torna tudo mais divertido. Obrigada por seres tão engraçado, por veres sempre o melhor em todos e por cuidares tão bem de mim, das crianças e do nosso amiguinho de quatro patas!

Quero expressar muita gratidão à minha incrível agente, Helen Breitwieser, cujo nome adoro, e às minhas duas editoras na St. Martin's Press – primeiro, a Kate Ottaviano, e agora a encantadora Brenda Copeland. Sou verdadeiramente grata à Jen Enderlin, à Laura Chasen e a todas as maravilhosas pessoas na St. Martin's Press pelo apoio e entusiasmo.

Um caloroso agradecimento também à minha querida amiga de infância – e praticamente irmã – Katherine Weber. Muito obrigada, Kath, pela tua ajuda nas ideias, entusiasmo e encorajamento.

Dois livros de não-ficção que eu estava a ler por prazer no verão em que escrevi *Felicidade para Principiantes* acabaram por influenciar a história. Muitos dos pensamentos sobre cães da personagem Windy – especialmente a questão de como um dos principais inimigos do homem poderia ter evoluído para «o melhor amigo do homem» e a ideia da «sobrevivência do mais amigável» foram inspiradas pelo fascinante e envolvente livro *The Genius of Dogs: How Dogs Are Smarter Than You Think*, de Brian Hare e Vanessa Woods. A Windy também absorveu muita sabedoria sobre a felicidade, sobre o que é e como abordá-la, de um livro muito ponderado de Richard O'Connor intitulado *Happy at Last: The Thinking Person's Guide to Finding Joy*. A ideia da Windy de

reconhecer Três Coisas Boas todos os dias veio daí.

Agradeço também à minha família, apenas por serem incríveis! Ao meu pai, Bill Pannill. Às minhas irmãs, Shelley Stein e Lizzie Fletcher. E sempre, sempre aos meus adoráveis, amados e deliciosos filhos, Anna e Thomas.